

## **RESUMO**

O presente estudo faz uma abordagem acerca da relação família, escola e comunidade, baseado num projecto de intervenção comunitária, desenvolvido no Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira, pertencente ao Concelho de Vila do Conde, em parceria com o Contrato Local de Desenvolvimento Social, a Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti e a Comissão Social Interfreguesias Norte do Ave.

O fundamento deste estudo surge da necessidade de revitalizar a Associação de Pais do Agrupamento de Escolas da Junqueira, o que levou à implementação de um trabalho junto das Associações de Pais Encarregados de Educação “activas” do Agrupamento, com o intuito de compreender o que é uma APEE, sua organização e dinâmica, bem como o tipo de iniciativas que podem ser criadas, com vista à sua sustentabilidade e que envolvam directamente os pais.

O estudo empírico é de natureza qualitativa, usando como técnicas a observação e a aplicação de entrevistas que permitiram compreender a perspectiva que os dirigentes associativos, enquanto pais/encarregados de educação, têm acerca da escola e como vêem a participação dos pais na vida da escola.

Este trabalho reconhece que a intervenção comunitária constituiu uma prática e foi um meio facilitador para a reconstrução e dinamização da Associação Pais Agrupamento Escolas da Junqueira, na medida em que possibilitou um conhecimento global da realidade, permitiu a integração, facultou o trabalho de parceria e fomentou a co-responsabilização de todos os agentes envolvidos no estudo, particularmente os pais/encarregados de educação

Palavras-chave: relação escola-família, intervenção comunitária, parceria, envolvimento parental.

## **ABSTRACT**

The present study shows the relation between family, school and community, based on a community intervention project, developed in the Junqueira's Vertical Schools Group, from the municipality of Vila do Conde, in association with the Local Development Social Contract, the School of Education Paula Frassinetti and the North Ave Interparish Social Commission.

The purpose of this study arises from the need to revitalize Parents' Association from Junqueira's Schools Group, which led to the implementation of a work with the “most dynamic” Parents' Associations of the group in order to understand what is a Parents' Association, its organization and dynamics as well as the type of initiatives that can be created in order to promote their sustainability and a direct involvement of parents.

This is a qualitative empirical study, using techniques such as observation and interviews that allowed to understand the perspective that the association leaders, as parents /educators have about the school and how they see parents participation in school life.

This study recognizes that Community action established a practice and enabled the reconstruction and promotion of Parents' Association of Junqueira's Schools Group, that conduced to a global knowledge of reality, allowed the integration, provided the partnership work and encourage the co-responsibility of all actors involved in the study, particularly parents /educators.

Keywords: school-family, community intervention, partnership and parental involvement.

## **AGRADECIMENTOS**

Muitos foram aqueles que tornaram possível a realização deste trabalho de investigação e a todos agradeço do fundo coração. Contudo á agradecimentos que quero expressar quer pelo apoio, pelo interesse, pela disponibilidade, pela confiança, pela amizade.

Começo por agradecer ao orientador, Dr. Adalberto Dias de Carvalho e co-orientadora, Mestre Florbela Samagaio, pela dedicação que demonstraram, por me ouvirem, orientarem e incentivarem.

Uma palavra de agradecimento e valorização para os elementos da equipa do Centro Investigação Paula Frassinetti e professores que contribuíram para a minha formação académica, pessoal e social.

Agradeço aos participantes no estudo, em particular aos entrevistados pela sua disponibilidade e tempo dedicado a esta investigação.

Uma palavra de apreço para com a Direcção do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira e a Equipa do Contrato Local de Desenvolvimento Social, em particular à Dra. Daniela Almeida, pela forma agradável com que sempre fui recebida, pela atenção e pelo apoio prestado.

Agradeço a todos os amigos e colegas que de alguma forma deram o seu contributo na realização deste trabalho, em especial à Carla e à Alina.

Agradeço às pessoas com mais significado na minha vida, ao meu marido, à minha mãe, ao meu pai, à minha irmã, aos meus sogros e cunhadas que sempre me incentivaram, acompanharam e apoiaram a vários níveis nos momentos bons e nos mais difíceis deste percurso.

Um agradecimento em especial para o meu filho porque foi a minha força, embora tenham sido muitos os momentos de ausência.

Um obrigado muito especial ao meu avô porque foi uma referência na minha vida e ensinou-me o valor da palavra Família.

Por último, o reconhecimento para com todos aqueles que directa ou indirectamente contribuíram para que este trabalho fosse possível. Muito obrigada!

## ÍNDICE

Resumo .....	1
Abstract.....	2
Agradecimentos .....	3
Índice .....	4
Índice de Quadros.....	6
Índice de Anexos .....	7
Lista de Abreviaturas .....	8
Introdução.....	9
Capítulo I - Abordagem Comunitária na promoção da relação Família, Escola e Comunidade.....	12
1.1. A Comunidade e a importância da Intervenção comunitária.....	12
1.1.1. Intervenção Comunitária vs Desenvolvimento Comunitário.....	15
1.1.2. Papel do Interventor Social.....	17
1.2. Família .....	20
1.2.1. Ciclo Vital da Família .....	22
1.2.2. Famílias com filhos na Escola.....	23
1.2.3. Funções da Família .....	25
1.3. A Escola.....	26
1.3.1. Funções da Escola .....	27
1.3.2. A Escola como comunidade educativa .....	29
Capítulo II - Família, Escola e Comunidade uma relação de complementaridade.....	32
2.1. A relação família, escola e comunidade .....	32
2.1.1. Família e Escola – Contextos Facilitadores do Desenvolvimento Saudável .....	35
2.2. O Envolvimento e a Participação dos Pais na vida da Escola .....	36
2.2.1. Os benefícios do envolvimento parental na escola.....	37
2.2.2. Tipologias do envolvimento e participação dos pais .....	39
2.3. A relação família e escola na Legislação.....	43

2.3.1. Constituição da República Portuguesa .....	43
2.3.2. Lei de Bases do Sistema Educativo.....	45
2.3.3. Estatuto do Aluno.....	47
2.3.4. Lei do Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos Públicos da Educação Pré-escolar e dos Ensinos Básico e Secundário.....	48
2.3.5. Lei sobre Gestão e Autonomia das Escolas – Representantes de Turma.....	49
2.3.6. Lei das Associações de Pais e Encarregados de Educação .....	50
Capítulo III - Trabalho de Intervenção – Revitalização de uma APEE .....	53
3.1. Opções metodológicas .....	55
3.2. Caracterização do meio e do contexto educacional em estudo.....	57
3.2.1. Breve caracterização de Vila do Conde e da Zona Norte do Ave .....	58
3.2.2. Breve caracterização Agrupamento de Escolas da Junqueira - AVEJ62	
3.3. Apresentação e Análise dos Resultados .....	66
3.3.1. Participantes no Estudo - Amostra.....	66
3.3.2. Estabelecimento de contacto com os participantes .....	67
3.3.3. Entrevista .....	69
3.3.4. Análise de Conteúdo.....	70
3.3.4.1. Entrevista ao Subdirector do Agrupamento (SD) - representante da Escola .....	70
3.3.4.2. Entrevistas aos dirigentes associativos das AP, enquanto representantes dos pais/famílias.....	77
3.3. Projecto de Intervenção Comunitária - Revitalizar a Associação de Pais do Agrupamento de Escolas da Junqueira – APAEJ .....	88
3.4. Articulação dos resultados com as hipóteses formuladas .....	89
3.5. Resposta à Pergunta de Partida .....	91
Considerações Finais .....	94
Bibliografia .....	97
Anexos	

## **ÍNDICE DE QUADROS**

Quadro 1 - Características dos contextos facilitadores do desenvolvimento saudável.....	36
Quadro 2 - Número de Alunos ano lectivo 2010-2011 .....	63
Quadro 3 - Situações problemáticas/prioritárias .....	65
Quadro 4 - Identificação dos participantes no estudo.....	67
Quadro 5 - Associações de Pais.....	71
Quadro 6 - Associações de Pais no AVEJ.....	71
Quadro 7 - Relação com o Agrupamento .....	73
Quadro 8 - Actividades .....	74
Quadro 9 - Estratégias de intervenção .....	76

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

Anexo 1 – Funções da Escola;

Anexo 2 – Diário de Bordo;

Anexo 3 – Cartas enviadas aos Representantes das APEE;

Anexo 4 – Guiões das entrevistas;

Anexo 5 – Transcrição entrevista a “SD” do AVEJ;

Anexo 6 – Análise de Conteúdo entrevista efectuada a “SD” do AVEJ;

Anexo 7 – Transcrição das entrevistas efectuadas aos Representantes das APEE;

Anexo 8 – Análise de Conteúdo das entrevistas efectuadas aos Representantes das APEE;

Anexo 9 – Registo de Reunião;

Anexo 10 – Sessão de Sensibilização sobre “A Importância da Participação dos Pais na Vida da Escola”

- Planificação e Avaliação da Actividade;

- Cartaz de divulgação;

- Panfleto;

- Folha de Avaliação;

- Ficha para os Pais;

Anexo 11 – Auto de Tomada de Posse da APAEJ.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

- AP – Associação de Pais;
- APEE – Associação de Pais e Encarregados de Educação;
- APAEJ – Associação de Pais do Agrupamento de Escolas da Junqueira
- APEEA - Associação de Pais e Encarregados de Educação de Arcos;
- APEEB - Associação de Pais e Encarregados de Educação de Bagunte;
- APEET - Associação de Pais e Encarregados de Educação de Touguinha;
- AVEJ – Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira;
- CLDS – Contrato Local de Desenvolvimento Social;
- CONFAP – Confederação Nacional das Associações de Pais;
- CRP – Constituição da República Portuguesa;
- DC – Desenvolvimento Comunitário;
- EE – Encarregados de Educação;
- ESEPF – Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti;
- FAPCONDE - Federação Concelhia das Associações de Pais e Encarregados de Educação do Concelho de Vila do Conde;
- IC – Intervenção Comunitária;
- LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo.

## INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho tem por referência a “Família, Escola e Comunidade - o papel das Associações de Pais no Agrupamento Vertical da Escola da Junqueira”, foi escolhido por ser um assunto de grande relevo e pertinência nos dias de hoje, na medida em que é muito mediatizado, mas pouco reflectido e aprofundado, necessitando, frequentemente, da intervenção de técnicos especializados e exteriores ao contexto familiar e escolar, a fim de ajudá-los a encontrar estratégias pró-activas que promovam relações de maior proximidade e fomentem o desenvolvimento de acções conjuntas.

Embora esta temática tenha já sido alvo de estudo por parte de diversos investigadores, ela continua a despertar interesse em diversos intervenientes do processo educativo, na medida em que o diálogo assume um papel de destaque na relação da escola com a família e vice-versa. Das investigações efectuadas sobre a importância da relação família-escola, em geral, todas corroboram a ideia de que o diálogo, a participação e o envolvimento familiar na vida da escola tem um reflexo positivo quer nos alunos, nos encarregados de educação, nos professores, nos estabelecimentos de ensino e na própria sociedade. Dos estudos efectuados relacionados com esta temática destaca-se o de Davies (1987,1989)<sup>1</sup>; Epstein (1984, 1987, 1992)<sup>2</sup>; Davies, Marques e Silva (1993)<sup>3</sup>; Diogo (1998)<sup>4</sup>; Stoer e Silva (2005)<sup>5</sup>; Montadon e Perrenoud (2001)<sup>6</sup>; Silva (2001, 2003, 2009)<sup>7</sup>.

O presente estudo desenvolveu-se no contexto territorial de Vila do Conde, designadamente na freguesia da Junqueira e apostou numa abordagem comunitária, actuando em parceria com o Contrato Local de Desenvolvimento

---

<sup>1</sup> Efectuou um estudo a nível nacional sobre a ligação das escolas aos pais, realçando os obstáculos e benefícios do envolvimento.

<sup>2</sup> Desenvolveu uma tipologia sobre a colaboração entre família, escola e comunidade.

<sup>3</sup> Investigadores que desde há muitos anos se dedicam ao estudo e à divulgação do envolvimento dos pais no processo educativo e à aproximação das escolas à família. Escreveram um livro baseado em estudos sobre a colaboração possível entre professores e famílias.

<sup>4</sup> Realizou um estudo sobre a parceria escola-família e a importância de uma educação participada.

<sup>5</sup> Apresentam artigos sobre a relação escola-família, vendo-a como um processo em reconfiguração.

<sup>6</sup> Apresentam uma análise sociológica acerca das interacções entre família-escola e a importância de uma comunicação eficaz.

<sup>7</sup> Realizou um estudo etnográfico, anos 90, em três comunidades educativas do 1º ciclo no centro-litoral do país. Abordou a relação escola-família enquanto relação armadilhada.

Social existente no concelho. A essência deste trabalho prende-se com a promoção de uma relação de cooperação entre família, escola e comunidade, tendo por referência as Associações de Pais e Encarregados de Educação (APEE) existentes no Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira (AVEJ).

Quando abordamos questões ligadas com a família e a escola, emerge a necessidade de uma intervenção efectiva, que se deseja responsável e, acima de tudo, multidisciplinar e bastante empenhada. Neste sentido, o trabalho desenvolvido junto do AVEJ, além de fomentar uma relação de cooperação entre família-escola, pretende aprofundar as representações que os pais têm acerca da escola, analisar a importância que eles atribuem à sua integração e participação no meio escolar, conhecer as APEE existentes no Agrupamento, sua organização e dinâmica, assim como identificar iniciativas que dêem sustentabilidade às associações de pais (AP) e que envolvam directamente os pais/família.

Este trabalho além de promover uma relação de colaboração entre família, escola e comunidade pretende encontrar respostas concretas e sustentáveis, que através da mobilização das APEE e a implicação da Direcção do Agrupamento, potenciem a revitalização da Associação de Pais do Agrupamento de Escolas da Junqueira (APAEJ), além de demonstrar que “a intervenção comunitária constitui uma prática facilitadora na reconstrução e dinamização APAEJ”.

Este trabalho é constituído por três capítulos, sendo que o primeiro e segundo capítulo apresentam o enquadramento teórico do objecto de estudo e o terceiro incide sobre a vertente prática do trabalho.

No primeiro capítulo começamos por fazer uma abordagem sobre a intervenção comunitária na promoção da relação família, escola, e comunidade. Ao longo deste capítulo são explorados, sobre diferentes perspectivas, os conceitos de comunidade, intervenção comunitária, desenvolvimento comunitário, bem como o conceito de família e escola. Face ao contexto familiar e escolar este capítulo realça:

- ao nível da família: o ciclo vital, em particular as famílias com filhos na escola, além de identificar as suas funções;

- ao nível da escola: as suas funções e tenta compreendê-la do ponto de vista de uma comunidade, ou seja, como comunidade educativa.

No segundo capítulo, debruçamo-nos sobre a relação de complementaridade entre família, escola e comunidade. Damos especial relevo à relação entre família e escola e tentamos perceber as características que fazem delas contextos facilitadores do desenvolvimento saudável. Destacamos a importância do envolvimento e participação dos pais na vida da escola, analisamos os seus benefícios e explicamos as tipologias de envolvimento baseadas nos princípios de Joyce Epstein (1997)<sup>8</sup>. Este capítulo culmina com uma breve apresentação acerca dos direitos e deveres dos pais, com base em diversos documentos normativos legais, sendo exemplo a Lei de Bases do Sistema Educativo, Estatuto do Aluno e a Lei das Associações de Pais.

No terceiro capítulo focamos a vertente prática deste trabalho, fazendo referência aos objectivos que lhe estão subjacentes, método e técnicas utilizadas na recolha de dados e à caracterização do contexto em estudo e da amostra. Posteriormente, apresentamos os dados e fazemos uma articulação destes com as hipóteses teóricas e a pergunta de partida.

Salientamos que este estudo não pretende ser conclusivo, mas constituir um ponto de partida para outros trabalhos mais aprofundados quanto à relação família, escola e comunidade.

---

<sup>8</sup> Joyce Epstein - investigador que desenvolveu uma tipologia sobre a colaboração escola-família-comunidade, composta por seis tipos de envolvimento.

# CAPÍTULO I - ABORDAGEM COMUNITÁRIA NA PROMOÇÃO DA RELAÇÃO FAMÍLIA, ESCOLA E COMUNIDADE

*“A intervenção no domínio do trabalho social tornou-se, nos nossos dias, uma prática profissional extraordinariamente exigente, não só pela natureza das fracturas pessoais e sociais com que confrontamos, como pela exigência que dimana das próprias sociedades no seu conjunto: enquanto de radicalizam os mecanismos que conduzem à dualidade destas sociedades, crescem igualmente no seu seio exigências acrescidas que impõem, no mínimo, o acompanhamento das situações de ruptura que fustigam vidas e projectos”.*<sup>9</sup>

## 1.1. A Comunidade e a importância da Intervenção comunitária

Sentir a comunidade como actor social é algo de fundamental nos dias de hoje, principalmente no que respeita à intervenção comunitária. No entanto, o conceito de comunidade é algo de complexo, além de diversificado devido às diferentes interpretações existentes.

Nas palavras de Gómez, Freitas e Callejas (2007) comunidade:

*“designa uma entidade social e espacial determinada por um território e pelos seus habitantes, por uma estrutura social e códigos culturais singulares. É um espaço de vida onde se concretizam os problemas, as necessidades, os projectos e as esperanças de um amplo grupo de pessoas que, a partir da sua organização em diversas instituições, pretendem dar resposta aos desafios do seu meio”.*<sup>10</sup>

Desta citação, depreendemos que a comunidade enquanto espaço de vida é um campo delimitado, envolvendo aspectos territoriais, geográficos, sociais e culturais. Os mesmos autores defendem também que a comunidade pode ser vista como um suporte, suporte de unidade, entre o familiar e o social que se particulariza por uma convivência e uma visão particular e partilhada acerca da vida e do mundo.

Ander-Egg (1982), relativamente ao conceito de comunidade, afirma que ela *“é uma unidade social cujos membros participam de algum interesse, elemento*

---

<sup>9</sup> CARVALHO, Adalberto Dias de, “Prefácio”, in Ana Maria Serapicos, Daniela Gonçalves, Florbela Samagaio Gandra, Gabriela Trevisan, Paula Medeiros (Org.), *Actas do Encontro de Intervenção Social Saberes e Contextos*, Porto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2006, pág. 9;

<sup>10</sup> GÓMEZ, José António Caride, FREITAS, Orlando Manuel Pereira de, CALLEJAS, Germán Vargas, *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local – Perspectivas Pedagógicas e Sociais de Sustentabilidade*, Maia, Profedições, Outubro 2007, pág. 132;

ou função comum, com consciência de pertença, situados numa determinada área geográfica, na qual a pluralidade de pessoas interactua mais intensamente entre si do que noutro contexto”.<sup>11</sup> Na mesma linha de pensamento, Caride (1997:226, cit. por Gómez, Freitas e Callejas 2007) indica que “a comunidade é (...) uma área da vida social que se singulariza pela adesão que mantêm os seus integrantes, com um sentido de pertença que não se entende sem a presença de níveis mínimos de solidariedade e intercâmbio de significados, características psicológicas e culturais”.<sup>12</sup> Tendo em consideração os elementos presentes em cada uma das definições depreendemos que existem características que identificam uma comunidade e que vão além dos aspectos defendidos por Tonnies “a) uma unidade ou base territorial, b) crenças ou valores comuns; c) relações sociais”.<sup>13</sup> Das características, destacamos:

- População que representa o conjunto humano que constitui a estrutura social da comunidade. Nela está representada a interacção e os laços estabelecidos entre as pessoas e a forma como estas organizam-se para dinamizar a sua cultura a partir das necessidades e interesses, quer sejam de índole particular ou grupal;

- Território é o suporte geográfico da comunidade e uma fonte de recursos onde se cultiva a identidade através das práticas comunicativas, educativas e desenvolvimentais. É o espaço onde se geram laços de solidariedade, pertença e unidade geográfica e sociocultural;

- Organizações sociais são as entidades que dão um sentido de unidade à comunidade. Estas organizações apresentam interesses comunitários e objectivos comuns. Com a presença das entidades a comunidade alcança uma identidade diferente dando razão à sua existência como colectividade social.

- Interacções são uma exigência central para a estruturação da comunidade. Ela engloba vivências do passado e do presente, bem como as projecções futuras que são fundamentais para o fomento da comunicação e dos laços de

---

<sup>11</sup> ANDER-EGG, Ezequiel, *Metodología y Práctica del Desarrollo Comunitario*, Buenos Aires, Humanitas, 1982, pág. 21;

<sup>12</sup> GÓMEZ, José António Caride, FREITAS, Orlando Manuel Pereira de, CALLEJAS, Germán Vargas, *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local – Perspectivas Pedagógicas e Sociais de Sustentabilidade*, Maia, Profedições, Outubro 2007, pág. 132;

<sup>13</sup> SILVA, Pedro, “Crianças e comunidades como actores sociais: uma reflexão sociológica no âmbito da interacção entre escolas e famílias”, in Teresa Sarmiento (org.), *Infância, Família e Comunidade – As crianças como actores sociais*, Porto, Porto Editora, 2009, pág. 28;

amizade e solidariedade. Estando as interacções ligadas pela proximidade e semelhança de interesses fazem com que o grupo tenha uma identidade singular;

- Pertença é um sentimento de índole individual e colectivo assente na participação e identidade, este baseia-se nas relações comunicativas o que facilita a integração e suscita a segurança nas pessoas;

- Interesses comuns são uma qualidade de toda a comunidade e implica a partilha de interesses, de tal forma que fomentam a criação de acções comuns e institucionais com vista a regular a convivência e fortalecer a identidade social;

- Comunicação sendo a capacidade humana de entendimento serve de meio para o intercâmbio/partilha de ideias e uma utilização comum de significados que propiciem a construção do sentido de comunidade.

A comunidade sendo um espaço de vida social, nela estabelecem-se relações e interacções entre pessoas e colectividades alicerçadas na solidariedade e no intercâmbio de significados próprios relacionados com o território, a língua e a cultura. O objectivo é que os alicerces tenham uma continuidade no tempo como defende Carmo (2007) quando indica que na comunidade existe um “alto grau de intimidade pessoal, relações sociais afectivamente alicerçadas, compromisso moral, coesão social e uma continuidade no tempo”.<sup>14</sup>

Quando pensamos em comunidade devemos ter em consideração que nela existem funções que fazem parte da sua natureza. Segundo Gómez, Freitas e Callejas (2007) as funções da comunidade baseiam-se “a) na socialização, transmissão e prática das normas culturais; b) no controlo social dos membros do grupo; c) na promoção da participação social e a integração dos indivíduos; d) na formação de uma identidade colectiva; e) na consolidação de laços de solidariedade que assegurem a

---

<sup>14</sup> CARMO, Hermano, *Desenvolvimento Comunitário*, Lisboa, Universidade Aberta, 2007, pág. 81;

estabilidade e a vivência das pessoas e da comunidade; f) a produção, distribuição e consumo de bens”.<sup>15</sup>

### **1.1.1. Intervenção Comunitária vs Desenvolvimento Comunitário**

Conhecer a comunidade e a sua forma de organização é importante para o interventor social, mas reflectir sobre a comunidade implica que nos debrucemos também sobre os conceitos de intervenção comunitária (IC) e desenvolvimento comunitário (DC) que, embora parecem iguais, são ligeiramente diferentes.

A IC é um conjunto de práticas que leva o indivíduo a compreender o seu meio nos aspectos social, cultural, político e económico, ajudando-o a tomar consciência dos problemas existentes e dos meios que necessita para os resolver. Neste sentido, podemos afirmar que quando a intervenção surge das necessidades da comunidade e da consciencialização que os indivíduos têm acerca dos problemas que os afectam, contribui para que haja motivação, participação e coesão, tornando-os, assim, interventores no seu próprio processo de mudança. Deste modo:

*“a intervenção comunitária infiltra-se na inter-relação entre o território, a população e as suas exigências e recursos, que directa ou indirectamente determinam e condicionam a vida das comunidades e regulam os processos humanos e sociais que nele se desenrolam [...] as intervenções na comunidade esclarecem as possibilidades esclarecem as possibilidades da administração local de agir eficazmente no desenvolvimento local por poder utilizar de formais mais global e coordenada os múltiplos recursos e serviços públicos, privados e voluntários no desenvolvimento de um projecto sustentável”.*<sup>16</sup>

A IC tem como fundamento o conhecimento global da realidade e a promoção de práticas que envolvam a integração, parceria e a co-responsabilização de todos os que nela estão envolvidos. Ela também promove práticas de inclusão que apostam em valores comunitários, como podemos verificar em Fernández (2009):

---

<sup>15</sup> GÓMEZ, José António Caride, FREITAS, Orlando Manuel Pereira de, CALLEJAS, Germán Vargas, *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local – Perspectivas Pedagógicas e Sociais de Sustentabilidade*, Maia, Profedições, Outubro 2007, pág. 134;

<sup>16</sup> Ibidem, pág. 134;

*“o trabalho comunitário ou a intervenção comunitária potencia práticas de inclusão que não só respondem a necessidades de sobrevivência, mas também a valores comunitários, como a cooperação, co-gestão, co-participação, comunicação, contestação do consumismo, solidariedade e participação”<sup>17</sup>.*

De um modo geral, podemos afirmar que as linhas orientadoras da IC, seguindo a perspectiva de Marchioni (1999, cit. Gómez, Freitas e Callejas 2007: 124) apostam na melhoria contínua das condições de vida, engloba o protagonismo dos elementos comunitários fundamentais (população, administração local e recursos técnicos, profissionais e científicos), enfatiza as relações abertas e democráticas, valoriza o uso equilibrado e coordenado dos recursos comunitários e passa pela execução de um projecto colectivo. No entanto, a elaboração de um projecto de intervenção na perspectiva de Menezes (2010) *“envolve um processo de planeamento que implica, em conjunto com a comunidade, analisar o contexto e os problemas aí sentidos, aprofundar a forma como esses problemas são definidos e quais os recursos existentes para os resolver, identificar prioridades e grupos-alvo”<sup>18</sup>.*

Relativamente ao DC Ornelas (2008) refere que ele *“é um processo que parte da participação activa da comunidade e procura criar condições económicas, sociais, políticas e ambientais satisfatórias para todos os seus membros, partindo da mobilização das capacidades e recursos da comunidade”<sup>19</sup>.* Salaria também que o desenvolvimento comunitário tem na sua base cinco conceitos fundamentais – capital social, sustentabilidade, empowerment, construção de capacidades e o desenvolvimento de novos recursos, sendo uma metodologia de trabalho que acredita e aposta na mobilidade de pessoas e entidades existentes no meio, a fim de resolverem os seus próprios problemas e desenvolverem capacidades de intervenção sobre a própria realidade. Assim, a forma mais eficaz de melhorar as condições de vida das populações *“passa pela criação de organizações locais participativas, pela existência de governos locais responsáveis, pela melhoria das condições habitacionais e de emprego, pela existência de recursos recreativos e de lazer*

---

<sup>17</sup> FERNÁNDEZ, Xosé Manuel Cid, “Intervenção Comunitária e Práticas de Inclusão”, *Saber & Educar*, N.º14, 2009, pág. 1;

<sup>18</sup> MENEZES, Isabel, *Intervenção Comunitária: Uma Perspectiva Psicológica*, Oliveira de Azeméis, Livpsic, 2010, pág. 51;

<sup>19</sup> ORNELAS, José, *Psicologia Comunitária*, Lisboa, Fim do Século, 2008, pág. 248;

*diversificados, de espaços públicos limpos e seguros e pela promoção do sentimento de vizinhança*<sup>20</sup>.

Segundo Chistenson, Fendley e Robinson (1989, cit. por Ornelas 2008:248) existem seis condições fundamentais para o sucesso do desenvolvimento comunitário, sendo elas: existência de líderes informados e com ligações fortes externas ao seu contexto; compreensão das condições económicas específicas e das suas interdependências com as economias globais; uma participação pública significativa; identificação dos nichos de uma comunidade a nível local, estatal e global; abertura para a inovação e aceitar possíveis alternativas; e organizar e maximizar o capital humano e financeiro.

Em suma, trabalhar com a comunidade implica que a intervenção efectue-se de forma organizada e que tenha em consideração as necessidades e interesses da própria comunidade para que, posteriormente, seja aplicada uma metodologia onde esteja implícita a planificação, preparação, conhecimento e participação dos cidadãos em actividades educativas contextualizadas com a realidade social e cultural que caracteriza a comunidade. Por sua vez, existem palavras-chave que devem estar presentes no decurso de todo o processo e ser proferidas por todos os intervenientes, sendo de referir *“o diálogo, a abertura, a flexibilidade e o convite”*.<sup>21</sup>

### **1.1.2. Papel do Interventor Social**

*“A intervenção comunitária implica disponibilidade para trabalhar com as pessoas e as comunidades – e não em vez delas ou apesar delas – a flexibilidade e abertura são características dos profissionais, juntamente com a disposição para improvisar”*.<sup>22</sup>

Aos profissionais que dirigem acções no âmbito da intervenção social/comunitária é exigida uma contínua reflexão e um conhecimento profundo acerca das pessoas e do meio sobre o qual dirigem a sua acção,

---

<sup>20</sup> Ibidem, pág. 248;

<sup>21</sup> GÓMEZ, José António Caride, FREITAS, Orlando Manuel Pereira de, CALLEJAS, Germán Vargas, *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local – Perspectivas Pedagógicas e Sociais de Sustentabilidade*, Maia, Profedições, Outubro 2007, pág. 141;

<sup>22</sup> MENEZES, Isabel, *Intervenção Comunitária: Uma Perspectiva Psicológica*, Oliveira de Azeméis, Livpsic, 2010, pág. 51;

reconhecendo que o fundamental é trabalhar com as pessoas e ajudá-las no processo de mudança, fomentando a coesão e a participação activa.

Segundo Carmo (2007) o interventor deve deter um conhecimento abrangente acerca do grupo com o qual actua, nomeadamente ao nível cultural como das suas especificidades; de si próprio e exercer, frequentemente, um posicionamento autocrítico sobre o seu desempenho, pois só assim é que consegue evitar determinados preconceitos e estereótipos; dos elementos que integram o ambiente da intervenção – nível político, económico, social e cultural, bem como, das ameaças e das potencialidades existentes; e dos elementos que figuram a interacção social, principalmente o sistema de comunicações, quer seja presencial ou à distância.

O facto de integrar equipas multidisciplinares e trabalhar junto de profissionais de diferentes áreas do saber é uma mais-valia, para todo o interventor social, na medida em que fomenta o trabalho em rede/equipa e possibilita a troca de conhecimentos, metodologias e práticas.

O interventor social tem que ter a capacidade de reconhecer que o seu trabalho comporta desafios e escolhas e que é nesse mundo de “aventura e risco” (Carolyn Swift 2000, cit. por Menezes 2010) que estão presentes os quatro ofícios da intervenção comunitária que Menezes (2010) identifica de “ofício da relação (vs. o ofício da récita), ofício do pluralismo (vs. o ofício da verdade), o ofício de se tornar irrelevante (vs. o ofício de ser insubstituível) e o ofício de “fazer política por outros meios” (vs. o ofício de “não tomar partido)”<sup>23</sup>

**Ofício da relação (vs. o ofício da récita)** - O estabelecimento de relações de proximidade e confiança entre profissionais e cidadãos são fundamentais na IC. É na relação com os outros que a intervenção ganha “legitimidade e eficácia”, além de constituir, ao mesmo tempo, “estratégia e contexto de intervenção”, pois é através da relação que se propiciam condições “para que os problemas, objectivos e projectos sejam expressos e (re)formulados”.<sup>24</sup> É importante que os interventores não trabalhem unicamente para mostrar resultados, mas que tenham paciência e evitem a pressa no decorrer de todo o processo, evitando as récitas. Os resultados devem ser apresentados e

---

<sup>23</sup> Ibidem, pág. 105-110;

<sup>24</sup> Ibidem, idem, pág. 106;

divulgados quando fizerem sentido para os intervenientes, de tal modo que não interfirirem na construção da relação.

**Ofício do pluralismo (vs. o ofício da verdade)** - A IC reconhece que o seu trabalho envolve muitos agentes e que estes têm perspectivas diferentes. Neste sentido, torna-se pertinente escutar, perceber e compreender os diversos pontos de vista que os agentes envolvidos têm sobre os problemas e as formas de os resolver, em vez de buscar unicamente a verdade. Segundo Menezes (2010) o importante neste processo é *“reconhecer, legitimar e valorizar as dissensões e os conflitos ao invés de exercer pressão para a criação de consensos à custa da diversidade e do pluralismo”*.<sup>25</sup>

**Ofício de se tornar irrelevante (vs. o ofício de ser insubstituível)** - Deste ofício destacam-se dois aspectos fulcrais, o primeiro indica que o interventor social deve intervir no sentido da promoção da autonomia e do empoderamento das pessoas, grupos e instituições da comunidade, actuando como suporte e sendo catalizador no processo de mudança, em vez de querer ser visto eternamente como o salvador. O segundo aponta para o papel do profissional e nas implicações directas, reconhecendo a necessidade de criar uma rede de suporte que envolva outros profissionais para que, em conjunto, possam afrontar questões que vão surgindo na prática, dito de outra forma, é importante criar espaços de partilha onde os profissionais podem expressar as suas dúvidas e através do questionamento e do envolvimento, resulte a reconstrução de saberes e formas de actuação.

**Ofício de “fazer política por outros meios” (vs. o ofício de “não tomar partido”)** - Segundo Francesco e Tomai (2001), Prado (2002) (cit. por Menezes 2010) o *“trabalho da intervenção comunitária é um trabalho comprometido: comprometido com a promoção do bem-estar e da justiça social e, por isso, inevitavelmente político”*.<sup>26</sup> Assim, torna-se pertinente que os profissionais que actuem ao serviço da intervenção comunitária fomentem a igualdade, a autonomia, o bem-estar e a justiça social junto das pessoas, grupos, instituições e comunidades, deixando de lado a desumanização.

---

<sup>25</sup> Ibidem, idem, pág. 107;

<sup>26</sup> Ibidem, idem, pág. 109;

Em suma, é necessário que os profissionais observem e compreendam as pessoas e comunidades através dos seus contextos, reconhecendo que elas contêm valores e propósitos que devem ser tidos em consideração na construção de processos de mudança que se desejam sustentáveis. O princípio colaborativo assume assim um papel de destaque, na medida em que os interventores sociais devem ter capacidade de construir uma relação de trabalho e confiança com os diferentes participantes, fomentando a sua colaboração e envolvimento quer na definição e compreensão do problema, bem como na criação de soluções.

Culminada a abordagem sobre a comunidade e a IC, passaremos a reflectir sobre a família e a escola, enquanto contextos de intervenção, compreendendo a sua importância, papel e função para que, numa fase seguinte, nos debrucemos sobre a relação existente entre eles.

## **1.2. Família**

*“Família é contexto natural para crescer.  
Família é complexidade.  
Família é a teia de laços sanguíneos e, sobretudo, de laços afectivos.  
Família gera amor, gera sofrimento.  
A família vive-se. Conhece-se e reconhece-se”.*<sup>27</sup>

A família é o primeiro agente de socialização da criança e pensamos nela como o lugar onde nascemos, crescemos e morremos, embora no decorrer deste percurso, possamos ter mais do que uma família. É no espaço familiar onde se desenvolvem as aprendizagens mais significativas quer no campo das interacções como das vivências. Segundo Alarcão (2000) na dimensão das interacções privilegia-se *“os contactos corporais, a linguagem, a comunicação, as relações interpessoais”*<sup>28</sup>, enquanto na dimensão das vivências subsistem *“relações afectivas profundas: a filiação, a fraternidade, o amor, a sexualidade... numa trama de emoções e afectos positivos e negativos que, na sua elaboração, vão dando corpo ao sentimento de sermos quem somos e de pertencermos àquela e não a outra família”*.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> RELVAS, Ana Paula, *O Ciclo da Família – Perspectiva Sistémica*, Porto, Edições Afrontamento, 1996, pág. 9;

<sup>28</sup> ALARCÃO, Madalena, *(des)Equilíbrios Familiares*, Coimbra, Quarteto, 2000, pág. 35;

<sup>29</sup> *Ibidem*, pág. 35;

Quando falamos em família devemos vê-la como um todo, em vez de a reduzir à soma dos seus indivíduos. Analisar a família no seu todo implica ter um olhar abrangente e descentrado dos problemas e desequilíbrios que lhe estão inerentes, pois através de uma visão global centrada na sua estrutura (dimensão espacial) e no seu desenvolvimento (dimensão temporal) é que compreendemos *“o que a torna uma e única”*.<sup>30</sup> Ribeiro (2003) apresenta-nos a família indicando que cada família enquanto sistema é um todo, *“mas é também uma parte integrante de contextos mais vastos como a comunidade e a sociedade”*.<sup>31</sup>

Hoje existe uma diversidade de modelos familiares que, segundo Gimeno (2003), estão relacionados com a história e com a cultura, mas *“que torna difícil atingirmos um consenso de definição única de família, mesmo que, intuitivamente, todos tenhamos em mente uma concepção e até uma atitude básica em relação a ela”*.<sup>32</sup> Neste contexto, passaremos a apresentar algumas definições baseadas na perspectiva sistémica e alguns componentes que lhe estão inerentes, sendo exemplo termos relacionados com sistema, tempo e mudança. Maxler e Mishler (1978, cit. por Gimeno 2003) descrevem família *“como um grupo primário, um grupo de convivência intergeracional com relações de parentesco e com uma experiência de intimidade que se prolonga ao longo do tempo”*.<sup>33</sup> Nesta descrição a palavra tempo assume um papel de destaque, na medida em que é uma dimensão importante para compreender a realidade familiar, na qual Gottman (1982, cit. por Gimeno em 2003) engloba *“as expectativas de futuro e a história de um passado comum que configuram o grupo familiar, diferenciando-o de outros grupos primários, dando-lhe identidade e constituindo-o como o ponto-chave da análise da família no presente”*.<sup>34</sup>

Burgess (1979, cit. por Gimeno 2003) define família como *“uma unidade de pessoas em interação”*.<sup>35</sup> Neste contexto, Gimeno (2003) ressalva que o termo

---

<sup>30</sup> Ibidem, idem, pág. 37;

<sup>31</sup> RIBEIRO, Teresa de Jesus Reis Laranja Strecht, *Relação Escola-Família – Uma Comunicação Essencial*, Porto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti Complemento de Formação em Comunicação Educacional e Gestão da Informação, 2003, pág. 15;

<sup>32</sup> GIMENO, Adelina, *A Família – O Desafio da Diversidade*, Lisboa, Instituto Piaget, 2003, pág. 39-40;

<sup>33</sup> Ibidem, pág. 40;

<sup>34</sup> Ibidem, idem, pág. 40;

<sup>35</sup> Ibidem, idem, pág. 40;

de unidade deve ser compreendido na sua totalidade, na medida em que as pessoas que formam o sistema não funcionam isoladamente, visto que qualquer mudança num elemento causa mudanças internas nos restantes membros e modifica o sistema no seu conjunto.

Andolfi (1981, cit. por Alarcão em 2000) descreve família como um sistema entre sistemas e destaca o quanto é importante a exploração das relações interpessoais. Ele refere que a família é:

*“sistema de interacção que supera e articula dentro dela os vários componentes individuais [...] a família é um sistema entre sistemas e que é essencial a exploração das relações interpessoais, e das normas que regulam a vida dos grupos significativos a que o individuo pertence, para uma compreensão do comportamento dos membros e para a formulação de intervenções eficazes.”<sup>36</sup>*

Diogo (1998) interpreta família como *“lugar em que as pessoas se encontram e convivem, a família é também o espaço histórico no qual e a partir do qual se desenvolve a divisão do trabalho, dos espaços, das competências, dos valores, dos destinos pessoais”*.<sup>37</sup> Assim, a família torna-se um espaço privilegiado de construção social da realidade, uma vez que é um espaço onde as pessoas encontram-se, convivem e relacionam-se, além de definirem papéis e desenvolverem competências e valores.

### **1.2.1. Ciclo Vital da Família**

A família é um sistema em evolução e ao longo do tempo vai sofrendo transformações na sua organização, modificações que, pela sua sequência, denominam-se de ciclo vital. O ciclo vital é *“o caminho que a família percorre desde que nasce até que morre”*<sup>38</sup> e comporta duas inter-faces desenvolvimentais: indivíduo/grupo familiar e família/meio sociocultural. Estas inter-faces integram de forma interactiva *“factores como a dinâmica interna do sistema, os aspectos e características individuais e a relação com os contextos em que a família se insere, nomeadamente a sociedade e os seus outros sistemas”*.<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> ALARCÃO, Madalena, *(des)Equilíbrios Familiares*, Coimbra, Quarteto, 2000, pág. 38;

<sup>37</sup> DIOGO, José, *Parceria Escola – Família. A caminho de uma escola participada*, Porto, Porto Editora, 1998, pág. 37;

<sup>38</sup> SILVA, Luísa Ferreira da, *Acção Social na Área da Família*, Lisboa, Universidade Aberta, 2001, pág. 48;

<sup>39</sup> *Ibidem*, pág. 48;

A primeira classificação das etapas do ciclo vital da família surge, nos anos cinquenta com o sociólogo Duvall, que usa como critério para a delimitação dos estádios a presença das crianças e a idade do filho mais velho. Este identifica oito etapas, sendo elas: casal sem filhos, famílias com recém-nascidos, família com criança(s) em idade pré-escolar, família com criança(s) em idade escolar, família com filho(s) adolescente(s), família com jovem(ns) adulto(s), casal na meia-idade, envelhecimento.

Relvas (1996) refere que “ *a entrada na escola e a adolescência dos filhos colocam à família questões bem diferenciadas, não tanto em termos do sentido das mudanças, que será sempre a separação, mas em função do grau, qualidade e efeitos da própria mudança*”.<sup>40</sup> Neste contexto Relvas propõe um esquema do ciclo vital um pouco diferente dividindo-o em cinco etapas: formação do casal, família com filhos pequenos, família com filhos na escola, família com filhos adolescentes e família com filhos adultos.

Face ao ciclo vital apresentado por Relvas, a terceira etapa é aquela que maior importância detém neste trabalho, visto que a intervenção foi direccionada, como podemos verificar no capítulo III, para famílias com filhos na escola e a relação existente entre os dois contextos educativos.

### **1.2.2. Famílias com filhos na Escola**

Com a entrada da criança na escola a família tem que se adaptar a uma série de transformações e lidar com a abertura ao mundo extra-familiar.

Relvas (1996:120) refere que a escola é um sistema social organizado e hierarquizado, mas mais vasto e complexo que a família, na medida em que possui uma estrutura integrada e estável, dotada de dispositivos auto-reguladores e com um considerável grau de autonomia. Possui ainda um conjunto de regras que influenciam a sua estrutura e funcionamento e que, tal como a família, tem por função assegurar a coesão e a estabilidade dos elementos em interacção. Por sua vez, estas regras integram um código que, no meio escolar, é constituído:

---

<sup>40</sup> RELVAS, Ana Paula, *O Ciclo da Família – Perspectiva Sistémica*, Porto, Edições Afrontamento, 1996, pág.21;

*“por leis escritas que definem as finalidades gerais da escola e sua organização (leis que regulamentam o sistema educativo como obrigatoriedade da escolaridade, definição dos conteúdos programáticos, etc.), tradições (que se referem à concepção do papel da escola na transmissão de valores culturais) e mitos (a escola vista, por exemplo, como trampolim para o êxito social, o sucesso escolar considerado como sinónimo de inteligência, ou ainda, como sucedâneo de um bom meio familiar)[...] o código influencia todos os níveis hierárquicos no seio da própria escola concebida como macrossistema. Vai igualmente influir na gestão das relações da escola com o exterior, nomeadamente com a(s) família(s).”<sup>41</sup>*

A criança, quando inserida na escola, fica em contacto com este código que lhe vai ser imposto pelo novo contexto que integra e transportá-lo-á para o espaço familiar, dando origem a uma transferência destas normas com as vivências familiares e para as suas próprias regras. Por sua vez, quando os dois códigos não se conciliam, ou seja, quando se verifica que apresentam divergências ou até incompatibilidade entre as regras e os valores que os caracterizam, a família poderá sentir-se perturbada não sabendo como integrar essas novas normas ou não sabe até que ponto deverá fazê-lo. Para Relvas (1996):

*“O código da instituição escolar não se limita a influenciar largamente os processos comunicacionais que se desenrolam no interior da comunidade escolar entre as pessoas que a compõem – professores, alunos, gestores e funcionários. A complexidade das relações escola-família aumenta consideravelmente tendo em conta que a escola é realmente um sistema com características muito diferentes do sistema família, particularmente quando se pensa nela como organização ou grande sistema.”<sup>42</sup>*

Nesta perspectiva, denota-se que a complexidade das relações existentes entre escola-família aumenta consideravelmente quando verifica-se que “o sistema sócio-político em que ambas se inserem coloca a família numa posição hierarquicamente inferior à da escola”.<sup>43</sup> Com efeito, quer queiram quer não, as famílias terão que enviar os seus filhos para a escola e, segundo Ana Paula Relvas (1996:122) sujeitá-los às aprendizagens que ela transmite – conhecimentos, valores, normas sócio culturais e educativas. Terão que aceitar os limites de tempo que ela impõe como adequados à evolução da criança e à realização das suas tarefas individuais. Terão também que se adaptar aos seus horários de funcionamento e aceitar como válidos os conteúdos programáticos estabelecidos, além de se confrontarem com a avaliação e a hierarquização

---

<sup>41</sup> RELVAS, Ana Paula, *O Ciclo da Família – Perspectiva Sistémica*, Porto, Edições Afrontamento, 1996, pág.120-121;

<sup>42</sup> Ibidem, idem, pág. 121;

<sup>43</sup> Ibidem, pág. 122;

que a escola efectiva em relação aos seus educandos em termos de capacidade/incapacidade, sucesso/insucesso.

### 1.2.3. Funções da Família

No desempenho das suas funções, Relvas (1996) indica que o desenvolvimento da família processa-se através de duas funções e tarefas. As funções abarcam o desenvolvimento e protecção dos membros (função interna) e a socialização, adequação e transmissão de determinada cultura (função externa). Mas, para que a família consiga alcançar as funções de protecção e socialização é necessário resolver com sucesso duas tarefas: *“a criação de um sentimento de pertença ao grupo e a individualização/autonomização dos seus elementos”*.<sup>44</sup>

Gimeno (2003) relativamente às funções da família categoriza-as por desenvolvimento pessoal dos filhos e a socialização, destacando:

*“o desempenho destas metas básicas dinamiza a vida familiar e leva a que em cada etapa a família mude e assuma tarefas diferentes que activam recursos e lhe permitem atingir um desenvolvimento pessoal adequado, uma socialização activa dos seus elementos, ao mesmo tempo que mantém a sua própria identidade familiar”*.<sup>45</sup>

Para Gimeno (2003) a função ligada ao desenvolvimento pessoal assenta em três aspectos fundamentais: a individualização, a auto-realização e nas diferenças associadas ao sexo, enquanto a função de socialização reporta ao *“processo através do qual o indivíduo interioriza as normas do seu meio sociocultural, se integra e adapta à sociedade convertendo-se num membro da mesma e sendo capaz de desempenhar funções que satisfaçam as suas expectativas”*.<sup>46</sup> Segundo Gimeno (2003):

*“embora a família não seja o único agente de socialização, já que também a escola, os amigos, grupos formais e informais, e, sobretudo, hoje em dia, os meios de comunicação socializam, a sua função socializante mantém-se, e de uma forma bastante estável, durante grandes períodos de tempo [...] é a família quem desenvolve na pessoa um sistema de valores, atitudes e crenças, reportados aos aspectos mais importantes da vida: trabalho, família, humanidade, sociedade, cultura, amizade, natureza, transcendência, de forma definitiva é ela quem*

---

<sup>44</sup> Ibidem, idem, pág. 17;

<sup>45</sup> GIMENO, Adelina, *A Família – O Desafio da Diversidade*, Lisboa, Instituto Piaget, 2003, pág. 54;

<sup>46</sup> Ibidem, idem, pág. 60;

*contribui decisivamente para criar um modo de perceber a realidade física e social e um modo de se entender a si mesma”.*<sup>47</sup>

A função socializante “pressupõe que a família tenha projectos, vínculos e compromissos que vão para além do biológico, para além dos que derivam do parentesco”<sup>48</sup>, apostando numa mediação com o social, mas primeiro a família tem que se adaptar ao meio e ser capaz de se envolver no alcance das suas metas internas, de tal modo que, posteriormente, possa assumir tarefas e funções de índole comunitária.

Para o alcance e cumprimento das suas funções a família tem que manter a sua identidade e coesão, mas para que se mantenha coesa é necessário harmonizar a identidade pessoal e familiar, de modo a criar aproximação, ligação e a união de todos em oposição ao distanciamento.

### 1.3. A Escola

Segundo o Observatório de Vida das Escolas<sup>49</sup>:

*“as conturbações e conflitualidades que perturbam hoje o mundo das escolas e a complexidade que o caracteriza justificam a necessidade de um olhar atento e sistemático sobre a realidade educativa; mas um olhar portador de sentidos que se explicitem; capaz de simultaneamente possibilitar a escuta das especificidades dos contextos educativos e dos sujeitos que os constituem e de restituir à comunidade educativa uma interpretação teoricamente informada desse mesmo olhar; uma interpretação que permita dar a conhecer realidades múltiplas e heterogéneas e potenciar a transformação dos contextos educativos formais.”*<sup>50</sup>

A escola enquanto entidade que vive e interage tem objectivos que lhe estão inerentes, como o instruir, educar e intervir no meio e um papel fundamental que é o de “*formar cidadãos com vista a um determinado perfil nas dimensões pessoal, social e cultural*”.<sup>51</sup>

A escola, enquanto organização existente no meio actua como um sistema, um sistema que possui uma certa autonomia e uma organização educativa, na medida em que compreende um conjunto de elementos estruturados que visam

---

<sup>47</sup> Ibidem, idem, pág. 61;

<sup>48</sup> Ibidem, idem, pág. 62;

<sup>49</sup> O Observatório de Vida das Escolas integra o Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). O observatório incide a sua actividade na “observação” dos jardins-de-infância e das escolas dos ensinos básico e secundário integrados na área geográfica da Direcção Regional de Educação do Norte, embora sempre que se revela necessário, o âmbito geográfico do observatório é alargado a todo o país.

<sup>50</sup> <http://www.fpce.up.pt/ciie/obvie/projecto.htm>, 22 de Setembro de 2011;

<sup>51</sup> ANTUNES, Lara Carmélia de Sousa, *A Família e a Escola – Dissertação de Mestrado em Sociologia da Infância*, Braga, Universidade do Minho, 2009, pág. 37;

certos fins determinados pela sociedade que estão apoiados em estratégias e táticas. A organização educativa é determinada pelas orientações da sociedade onde está inserida, bem como pelas normas, regras e leis. Assim, uma das finalidades deste tipo de organização assenta na concretização destas orientações traduzindo-as em práticas. Bertrand e Valois (1994) defendem:

*“as relações entre a sociedade e a educação têm um duplo sentido [...] a organização educativa pode [...] contribuir para a modificação das orientações da sociedade. Ela possui uma certa autonomia e pode intervir nas suas próprias orientações, fixadas pela sociedade, quer aceitando-as, adaptando-as ou contestando-as”.*<sup>52</sup>

Bertrand e Valois (1994) concluíram que toda a organização educativa possui características fundamentais que se reflecte na concretização de objectivos e certos fins que lhe são indicados pelo meio social; engloba um conjunto de actividades ou processos que se desenvolvem no tempo e que concretizam a mudança organizacional; possui uma estrutura e actores; e exerce as suas funções num ambiente e meio.

### 1.3.1. Funções da Escola

Carneiro (2000) face às funções da escola indica-nos que outrora a escola era entendida como:

*“um espaço onde se adquiriam saberes e competências fundamentalmente de natureza académica [...] a educação escolar providenciava os instrumentos e saberes indispensáveis ao acesso ao conhecimento, aceitando-se que os aspectos mais ligados à formação pessoal, cívica, moral e ética seriam da responsabilidade da acção educativa das famílias. Actualmente, e na sequência das mudanças sociodemográficas que se têm manifestado, verifica-se que a estrutura familiar tem vindo a sofrer alterações profundas que têm consequências importantes nas funções educativas, quer da instituição escolar, quer da instituição familiar.”*<sup>53</sup>

Perante estas modificações e devido a outras transformações que ocorreram na sociedade, como o facto de a mulher ter uma actividade profissional e os fenómenos da mobilidade despoletados pela procura de melhores condições de vida nas grandes cidades, deram origem a uma diminuição significativa da

---

<sup>52</sup> BERTRAND, Yves, VALOIS, Paul, *Paradigmas Educacionais – Escola e Sociedade*, Lisboa, Instituto Piaget, 1994, pág. 14;

<sup>53</sup> CARNEIRO, Roberto (dir.), “Ajudar a Aprender”, *Educar Hoje – Enciclopédia dos Pais*, Volume II, Novembro de 2000, pág. 70;

família alargada e a um aumento das famílias nucleares, além de um crescimento substancial das famílias monoparentais. Estas novas realidades trouxeram à escola um grande desafio, na medida em a escola teve que se confrontar com novas funções educativas, designadamente a *“necessidade de vir a responsabilizar-se por ministrar uma formação mais abrangente, concretamente a formação pessoal e social dos jovens”*.<sup>54</sup>

A escola tem uma organização social. Enquanto agente de socialização ela cria condições ao aluno para que tenha acesso ao conhecimento e à aquisição de competências fundamentais, como a educação para a cidadania e a futura inserção social.

A obrigatoriedade da formação escolar levou à presença de uma heterogeneidade cultural e social no espaço escolar, o que para muitos é visto como positivo, enquanto outros vêem-na como algo negativo. Face aos aspectos referidos *“importa promover diariamente e de forma consistente laços entre as diferentes culturas, assumindo a escola e os professores a responsabilidade de construir pontes e derrubar barreiras”*.<sup>55</sup> Face a esta perspectiva tanto a escola como a família assumem um papel de destaque, nomeadamente na relação existente entre si. É através desta relação fomentada na participação e numa presença regular que permite à escola conhecer o universo cultural e social dos alunos, vivências e características e aos pais conhecer melhor as culturas existentes na escola e a ajudar os filhos a promover atitudes de tolerância e respeito face à diferença.

Relativamente às funções da escola Ribeiro (1989:33, cit. por Antunes 2009:38) refere que existem quatro funções sociais do sistema educativo que se articulam entre si, a função cultural, a social, a económica e a político-institucional<sup>56</sup>. Por sua vez, Carneiro (2000:72-73) apresenta uma reflexão acerca das funções da escola e denomina-as por função técnica, social, ética e a estética<sup>57</sup>.

A escola, além de constituir um local de aprendizagem, tem vindo gradualmente a afirmar-se como um local de convivência, proporcionando um

---

<sup>54</sup> Ibidem, idem, pág. 70;

<sup>55</sup> Ibidem, idem, pág. 71;

<sup>56</sup> Anexo 1 – Funções da Escola;

<sup>57</sup> Ibidem.

conjunto de circunstâncias e relações que influenciam os que com ela interagem. Neste sentido, a aprendizagem e a convivência são elementos complementares na formação do indivíduo. A aprendizagem poder-se-á considerar como a aquisição de conhecimentos e aptidões, culminando na capacidade de estabelecer relações, aprendendo a pensar. A convivência consistirá na aquisição de hábitos sociais onde o indivíduo irá aprendendo a viver.

### **1.3.2. A Escola como comunidade educativa**

Abordar a educação e a socialização implica ter em consideração que não é só a família e a escola que estão envolvidas neste processo de aprendizagem, pois a comunidade local também exerce uma importância significativa. Daí que estes três intervenientes – família, escola e comunidade devam ser encarados como pontos de referência em qualquer política educativa.

Nas palavras de Lourenço (2008) *“uma comunidade é uma sociedade dinamizada e reunida pela comunicação em torno de interesses comuns partilhados de uma forma interactiva. O crescimento de uma sociedade democrática é realizado em função da extensão do número de interesses compartilhados”*.<sup>58</sup> A escola enquanto comunidade educativa diz respeito a todos os que estão interessados pela educação escolar e que situam-se no sistema de interacções com a escola, na medida em que ela não é apenas um espaço que presta um serviço, mas um lugar que envolve a participação da comunidade, numa concepção de democracia própria da escola que é reforçada pela representatividade e a participação.

Hoje em dia, a visão que se tem da escola já não é a de um espaço restrito e fechado, mas a de um espaço aberto a todos os interessados no processo educativo, que envolve a direcção, pessoal docente e discente, os alunos e os encarregados de educação, e a comunidade local (representantes das autarquias e dos interesses económicos e culturais que colaboram na elaboração do projecto educativo da escola). Lourenço (2008) defende que a

---

<sup>58</sup> LOURENÇO, Livia Patrícia Rodrigues, *Envolvimento dos Encarregados de Educação na Escola: Concepções e Práticas*, Lisboa, Universidade de Lisboa - Faculdade de Ciências Departamento de Educação, Setembro de 2008, pág. 31;

escola enquanto comunidade educativa *“pressupõe uma escola com autonomia, ou seja, com poder para tomar decisões nos domínios estratégico, pedagógico, administrativo, financeiro e organizacional, no quadro do seu projecto educativo e em função das competências e dos meios que lhe estão consignados (artigo 3.º, capítulo I, Decreto-Lei n.º 115/A-98).”*<sup>59</sup>

Uma das grandes transformações ao nível da escola deu-se com a reforma do sistema educativo que despoletou a descentralização na tomada de decisão e o reforço da participação da comunidade educativa na vida das escolas, aliada a uma maior autonomia e uma direcção e gestão mais participada. Ver a escola desta forma é valorizar a emancipação, a participação e a negociação entre os diferentes actores sociais em torno de um projecto construído e negociado, com vista ao desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

As Associações de Pais Encarregados de Educação (APEE) também fazem parte da comunidade educativa. Estas associações devem ter uma atitude de colaboração e diálogo permanente com a escola e apresentar uma postura de parceria e acompanhamento. Torna-se fundamental que os pais tenham uma voz activa e estabeleçam relações de proximidade e presença com o meio escolar, daí o fundamento da sua participação. Segundo Formosinho (1999):

*“o principal fundamento da participação dos pais (e encarregados de educação) na escola é o facto de serem os pais, por direito natural, os principais responsáveis pela educação dos filhos. Mas no seio dos pais perpassam consensos e dissensos quanto à educação, correspondentes aos que existem no todo social. (...) Se pais se associam a pais para defender certos valores concretos e promover actividades específicas já não o fazem apenas como pais, mas também como cidadãos (...) a eficácia das acções dos pais como primeiros responsáveis pela educação dos filhos implica a sua associação e a sua intervenção como público”.*<sup>60</sup>

Uma escola aberta à comunidade local deve ser encarada como uma estratégia de mudança que aposte na aproximação, na criação de laços e no envolvimento. Caso contrário, a desconfiança, relativamente ao exterior dificulta a abertura da escola e a ligação com o meio. Para Antunes (2009):

*“a escola não pode ser um mundo estanque, isolado da comunidade, pois os alunos são a própria comunidade dentro dela. De facto, já não se pode dizer que o ensino é um processo que decorre isoladamente dentro de quatro paredes, sem ter algum contacto com os contextos sociais envolventes. A escola, por ser uma instituição educativa formal ao serviço da comunidade deverá ser o núcleo*

---

<sup>59</sup> Ibidem, pág. 31;

<sup>60</sup> FORMOSINHO, João, “De serviço do Estado a Comunidade Educativa: uma nova concepção para a Escola Portuguesa”, in Formosinho, João (ed.), *Comunidades Educativas – Novos Desafios à Educação Básica*, Braga, Minho Universitária, 1999, pág. 58;

*fundamental da mudança para estabelecer um fio condutor, dar significatividade ao que ocorre na comunidade e ser potenciadora da integração global dos elementos humanos e físicos da colectividade, promovendo a formação integral de todos os seus elementos”.*<sup>61</sup>

Resta salientar que, a educação é responsabilidade de toda a sociedade. Neste sentido, deve-se procurar estabelecer relação com a comunidade, conhecendo as realidades naturais e sociais e valorizar experiências. Esta aproximação favorece a criação de redes de apoio, promove o trabalho multidisciplinar entre os diversos agentes educativos e o meio, além de proporcionar actividades de carácter social, cultural e recreativo. As propostas que advêm do exterior devem ser vistas como, enriquecedoras e desafiadoras para as escolas, de modo a que ultrapassem o isolamento e a rotina que caracterizam, ainda hoje, a vida de muitos estabelecimentos escolares.

---

<sup>61</sup> ANTUNES, Lara Carmélia de Sousa, *A Família e a Escola – Dissertação de Mestrado em Sociologia da Infância*, Braga, Universidade do Minho, 2009, pág. 47;

## **CAPÍTULO II - FAMÍLIA, ESCOLA E COMUNIDADE UMA RELAÇÃO DE COMPLEMENTARIDADE**

### **2.1. A relação família, escola e comunidade**

*“A interação entre os pais e os professores tem por finalidades a socialização da criança, a sua iniciação da vida em sociedade e a preparação do seu futuro, pelo que é tempo de compreender melhor a relevância das relações entre a escola e as famílias”.*<sup>62</sup>

Hoje em dia, tanto a família como a escola estão muito dependentes das características da sociedade que as rodeia e, como a sociedade, está em constante transformação, exige que a família e a escola se vejam confrontadas com dilemas no que respeita à educação. Os pais, cada vez mais, sentem que a vida em família tornou-se vulnerável e muito frágil e, por vezes, delegam na escola e nos professores a função de educar. Todavia, a escola também é alvo de adversidades, sofrendo com a influência do meio, que muitas vezes, não é favorável à própria escola. Neste sentido, família e escola devem unir esforços, a fim de levar a cabo a difícil tarefa de educar e de preparar as crianças/jovens para o futuro.

A escola deve ser vista como o prolongamento da família e, ambas, devem actuar em sintonia e intervir apostando numa abordagem sistémica que assente num trabalho de parceria. No entanto, o que se verifica é que tanto a família como a escola têm critérios, normas e valores, por vezes, diferentes o que dificulta a relação e o estabelecimento de parcerias entre ambas.

No que concerne à parceria, Christenson e Sheridan (2001, cit. por Costa e Matos, 2006) referem que existe um processo para criar uma parceria entre família-escola, o processo dos “*Quatro AS – abordagem, atitudes, atmosfera e acções*”.<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> DIOGO, José, *Parceria Escola – Família. A caminho de uma escola participada*, Porto, Porto Editora, 1998, pág. 59;

<sup>63</sup> COSTA, Maria Emília, MATOS, Paula Mena, *Abordagem Sistémica do Conflito*, Lisboa, Universidade Aberta, 2007, pág. 110;

No que respeita à **abordagem** os autores referem que ela assenta na questão de como promover a parceria e apresentam alguns exemplos de como ela pode ser efectuada, passando pela necessidade de ver a participação dos pais como algo essencial, em vez de algo desejável; tomar consciência de que só através de uma relação de colaboração, com uma estrutura consistente, onde são partilhadas expectativas e aprendizagens, através do apoio mútuo e confiança é que se consegue um trabalho conjunto para o desenvolvimento do aluno; promover uma harmonia entre a escola e a família respeitando as especificidades de cada um dos sistemas; e a existência de comportamentos de colaboração que desenvolvam a comunicação bidireccional.

Relativamente à **atitude**, os autores destacam a importância da colaboração e o facto de esta envolver igualdade (saber ouvir, respeitar e aprender com o outro) e a paridade (partilha de conhecimentos, competências e ideias) onde através de um compromisso de interdependência, tanto os pais como os professores dividem responsabilidades e direitos. Segundo Christenson e Sheridan (2001), as atitudes são as formas mais poderosas para uma parceria eficaz, no entanto torna-se fundamental que exista uma abordagem conjunta dos problemas, evitando assim juízos e conclusões precipitadas; é necessário promover uma ideia positiva acerca dos pais e dos professores, pois ambos são co-professores e co-aprendizes; é indispensável apresentar uma visão sistémica dos problemas onde a tríade pais, alunos e escola fazem parte do problema; e torna-se imprescindível estimular os pais para que tenham um envolvimento mais activo durante a idade escolar – informando-os, convidando-os e incluindo-os.

Quanto à **atmosfera** ela aposta na criação de um clima facilitador e no estabelecimento de uma relação de confiança entre pais e professores onde existe um código comunicacional comum que dê sentido ao quanto se é importante para a escola, podendo este expressar-se na criação de eventos ou encontros formais e informais, que sejam potenciadores de uma relação mais próxima e que dilua barreiras. O fundamental é que os pais e professores se sintam acolhidos, próximos, optimistas, respeitadores e detentores de poder na

resolução de problemas e busquem consenso, assumindo a comunicação um papel de abertura e honestidade.

Por último, temos as **acções** em que os autores indicam que elas têm por base a política escolar e defendem que esta deve ser “flexível, apoiante e securizante”<sup>64</sup> necessitando, muitas vezes, de um mediador ou actor social, podendo caber, muitas vezes, esse papel aos interventores comunitários que têm uma visão global acerca do território. Neste sentido, torna-se fulcral constituir equipas de trabalho onde estejam presentes elementos da escola e da família; desenvolver acções potenciadoras de competências para a resolução de problemas e a parceria; desenvolver a comunicação e a relação; que os conflitos sejam identificados e abordados de forma sistémica; e por último, mas não menos importante o apoio às famílias.

Para que haja uma interacção entre o sistema familiar e escolar é fundamental que se promova a comunicação. Por sua vez, o que prevalece em muitas das escolas é que os pais só são chamados quando os filhos têm mau comportamento. A escola deve comunicar com os pais e pô-los ocorrentes de tudo o que se passa, quer no contexto escolar quer com os seus filhos, pois só assim é que os pais sentir-se-ão como elementos integrantes da orgânica escolar. Neste contexto, Perrenoud (2001) defende que “família e escola são duas instituições condenadas a cooperar numa sociedade escolarizada”.<sup>65</sup>

A escola não deve substituir a família, mas a família também não pode demitir-se das suas funções e fazer da escola um local de “depósito” ou “armazém”. O fundamental é que se promova hábitos de interacção e cooperação entre os dois agentes educativos. Para Dourém (1996, cit. por Antunes, 2009):

*“a escola é, hoje, chamada a cumprir a sua missão em estreita colaboração com os pais, com vista a facilitar o processo de inserção social dos filhos. De facto, quando a escola valoriza a criança, valoriza ao mesmo tempo, o trabalho empreendido, de início pelos pais. Isto mostra como é importante o papel de reforço desempenhado pela escola perante práticas familiares em educação: a escola consagra ou elimina o sentido profundo da obra empreendida no seio da família. Daqui resulta que as competências de uns e de outros, pais e professores*

---

<sup>64</sup> Ibidem, pág. 112;

<sup>65</sup> PERRENOUD, Philippe, (2001). Entre a Família e a Escola, a Criança Mensageira e Mensagem – O go-between, in Montadon, Cléopâtre & Perrenoud, Philippe. *Entre pais e professores, um diálogo impossível?*, Oeiras, Celta Editora, 2001, pág. 30;

*devem ser reexaminadas enquanto forças a mobilizar no sentido de uma cooperação activa”.*<sup>66</sup>

As relações estabelecidas entre a escola e a família assumem características muito diversas que podem variar de acordo com os grupos sócio-culturais que frequentam a escola, como também pelo tipo de posição que os professores e a escola assumem no âmbito das suas acções. A relação pais/escola é fundamental e a colaboração entre ambos os contextos não pode estar confinada a contactos pontuais ou a aspectos negativos da relação, aqui supõem-se a partilha de responsabilidades educativas, numa relação de carácter sistémico que tem que ser interiorizada. Segundo Antunes (2009), a relação entre pais/escola e vice-versa deve *“ser autêntica, exigente, que corresponda a uma acção educativa comum dos pais e da escola em todas as dimensões da pessoa. Aos pais não compete apenas ouvir e informar, cumpri-lhes decidir em comum com os outros actores educativos sobre o presente e o futuro da educação”*.<sup>67</sup>

### **2.1.1. Família e Escola – Contextos Facilitadores do Desenvolvimento Saudável**

Em cada etapa do desenvolvimento da criança e do adolescente existem especificidades que englobam a necessidade de adaptação por parte dos pais. Por sua vez, desta adaptação surge a interacção entre pais e filhos e a interacção destes com o meio físico e social, sendo exemplo a escola.

Segundo Barros, Pereira e Goes (2008), a família e a escola são contextos facilitadores do desenvolvimento saudável durante a infância e adolescência, havendo entre eles características que *“aplicam-se tanto à família, como principal contexto de desenvolvimento, como à escola, um contexto central durante a idade escolar e adolescência, que deve complementar a família e, quando necessário, compensar algumas das lacunas e vulnerabilidades da família”*.<sup>68</sup>

---

<sup>66</sup> ANTUNES, Lara Carmélia de Sousa, *A Família e a Escola – Dissertação de Mestrado em Sociologia da Infância*, Braga, Universidade do Minho, 2009, pág. 41;

<sup>67</sup> *Ibidem*, pág. 42;

<sup>68</sup> BARROS, Luísa, PEREIRA, Ana Isabel e GOES, Ana Rita, *Educar com Sucesso – manual para técnicos e pais*, Lisboa, Texto Editores e EPIS – Empresários Pela Inclusão Social, 2008, pág. 85;

Face ao exposto, apresentamos no quadro que se segue as características inerentes aos contextos facilitadores do desenvolvimento saudável, segundo Eccles e Gootman (2001, cit. por Barros, Pereira e Goes, 2008:85-86):

Quadro 1 - Características dos contextos facilitadores do desenvolvimento saudável	
Característica	Descrição
<i>Segurança física e psicológica</i>	Instalações seguras e promotoras de saúde, práticas que encorajam a interacção segura com os pares e diminuem interacções inseguras ou agressivas.
<i>Estrutura apropriada</i>	Estabelecimento de limites, regras e expectativas claras e consistentes, controlo e continuidade, limites claros e monitorização adequada à idade.
<i>Relações de apoio</i>	Calor, proximidade, sentido de pertença, boa comunicação, afecto, apoio, orientação, vinculação segura e responsividade.
<i>Experiência de relações de pertença</i>	Oportunidades para a inclusão significativa, tais como a inclusão social, integração e compromisso social; oportunidades para a formação da identidade social.
<i>Normas sociais positivas</i>	Regras de comportamento, expectativas, injunções, modos de fazer, valores morais e obrigação de prestar algum serviço a outros (família, comunidade).
<i>Promoção da auto-eficácia</i>	Práticas que apoiam a autonomia e permitem “ser levado a sério”: atribuir responsabilidade e criar desafios adequados, práticas avaliativas centradas no aperfeiçoamento e não em níveis fixos de realização.
<i>Desenvolvimento de competências</i>	Oportunidades para aprender competências físicas, intelectuais, psicológicas, emocionais e sociais; exposição a experiências intencionais de aprendizagem; oportunidades para adquirir competências de comunicação, literacia cultural e proficiência no uso dos <i>media</i> e das novas tecnologias e preparação profissional.
<i>Integração dos esforços da família, escola e comunidade</i>	Concordância, coordenação e sinergias entre família, escola e comunidade.

Fonte: in Eccles e Gootman (2001, cit. por Barros, Pereira e Goes, 2008:85-86), “Educar com Sucesso – manual para técnicos e pais”.

## 2.2. O Envolvimento e a Participação dos Pais na vida da Escola

O envolvimento e participação dos pais nos cenários que constituem a mundo da criança permite-lhes ter um conhecimento acerca dos seus papéis e competências para ajudar os filhos a crescer de forma saudável.

Relativamente à escola, o envolvimento e a participação dos pais caracteriza-se por uma parceria educativa que se baseia no respeito mútuo e

na negociação, aliada à troca de informação, confiança, aptidões e na tomada de decisão.

Segundo Marujo (1998) “*o envolvimento dos pais na educação dos filhos é um direito, tanto como uma responsabilidade e um valor*”.<sup>69</sup> Deste modo, os pais devem acompanhar os filhos na vida escolar, pois são elementos que podem contribuir de forma significativa na dinamização da escola, favorecer a dinâmica social, contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e sucesso escolar, além de ajudar a construir uma sociedade mais democrática.

A relação família-escola contempla vários objectivos. Para Marques (1993) “*um dos objectivos mais importantes da relação escola-família é aumentar o número de famílias que se envolvem na educação dos seus filhos*”.<sup>70</sup> Este envolvimento integra uma comunicação que inclui um diálogo aberto entre pais/filhos e pais/professores, além de englobar a ajuda ao estudo, apoio à escola, trabalho voluntário e a participação na tomada de decisão.

### **2.2.1. Os benefícios do envolvimento parental na escola**

Em Portugal, o primeiro estudo efectuado nesta área remete à década de 80, sendo realizado por Don Davies.<sup>71</sup> Este estudo indica-nos que o envolvimento dos pais nas escolas portuguesas era escasso, independentemente do estrato social. No entanto, apesar de revelar um baixo índice de participação dos pais na escola, o envolvimento e a participação pareciam estar intimamente relacionados com o nível económico e cultural das famílias.

O envolvimento parental na escola tem efeitos positivos na criança, mas apresenta também benefícios para os pais, os professores/escola e a sociedade. Todavia, o fundamental é que os pais identifiquem esses benefícios e reconheçam o quanto eles são importantes para si e para o desempenho da parentalidade.

---

<sup>69</sup> MARUJO, Helena Águeda, NETO, Luís Miguel e PERLOIRO, Maria de Fátima, *A Família e o Sucesso Escolar*, Lisboa, Editorial Presença, 1998, pág. 11;

<sup>70</sup> MARQUES, Ramiro, *A Escola e os Pais - como colaborar?*, Lisboa, Texto Editora, 1993, pág. 107;

<sup>71</sup> DAVIES, Don, *As Escolas e as Famílias em Portugal – realidades e perspectivas*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989;

Davies (1989) defende que o envolvimento dos pais oferece benefícios, mas também apresenta obstáculos, ou seja:

*“o envolvimento dos pais proporciona múltiplos e diversos benefícios: para o desenvolvimento e aproveitamento escolar das crianças, para os pais, para os professores e as escolas e para o desenvolvimento de uma sociedade democrática [...] o acesso a esses benefícios é altamente dependente do “status” social e do rendimento familiar [...] os obstáculos incluem as limitações do capital cultural por referência à cultura da escola, os conflitos entre as funções da família e as funções da escola e as características organizacionais das escolas.”<sup>72</sup>*

Relativamente aos benefícios dos pais, Davies (1989), destaca os seguintes aspectos: *“maior apreço pelo seu importante papel, fortalecimento das redes sociais, mais informação e mais materiais [...] aumento dos sentimentos de auto-estima e aumento da eficiência e da motivação para continuarem a sua própria educação”*.<sup>73</sup> No que respeita aos professores/escola indica que *“o trabalho do professor pode ser mais fácil e satisfatório se receber ajuda e cooperação das famílias e os pais assumirão atitudes mais favoráveis aos professores se cooperarem com eles e de uma forma positiva”*.<sup>74</sup> Como forma de aprofundar a sociedade democrática salienta que o envolvimento deve ser visto como uma força contrária à tendência de reprodução das desigualdades, apostando no princípio da igualdade.

Para Barros, Pereira e Goes (2008) os benefícios do envolvimento parental na escola situam-se, principalmente, ao nível da criança/jovem e da família. Quanto à criança/jovens os autores destacam como vantagens:

*“resultados escolares mais positivos [...] os benefícios não se resumem ao domínio cognitivo sendo também evidentes no domínio comportamental e afectivo [...] maior consistência entre a família e a escola relativamente a objectivos e normas comportamentais está associada a menos problemas comportamentais e de indisciplina [...] os pais transmitem aos seus filhos a importância que a escola tem para si, facilitando nos jovens o desenvolvimento de uma atitude mais positiva relativamente à escola [...] quando os pais estão envolvidos na escola, o jovem é, com mais facilidade, alvo de uma atenção mais individualizada por parte dos professores, que, conhecendo melhor a família, conhecem também melhor o aluno.”<sup>75</sup>*

Face aos benefícios da família os autores referem:

*“pais estão mais envolvidos na escola, conhecem melhor os professores e o seu trabalho, e podem, com maior facilidade, reconhecer o papel dos professores e*

---

<sup>72</sup> DAVIES, Don, *As Escolas e as Famílias em Portugal – realidades e perspectivas*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989, pág. 37;

<sup>73</sup> *Ibidem*, pág. 39;

<sup>74</sup> *Ibidem*, *idem*, pág. 39-40;

<sup>75</sup> BARROS, Luísa, PEREIRA, Ana Isabel e GOES, Ana Rita, *Educar com Sucesso – manual para técnicos e pais*, Lisboa, Texto Editores e EPIS – Empresários Pela Inclusão Social, 2008, pág. 134;

*desenvolver atitudes mais positivas face ao pessoal escolar e à escola [...] comunicação mais frequente com o director de turma possibilita também um maior conhecimento dos progressos e dificuldades do filho e respostas mais atempadas às dificuldades [...] relação de parceria entre a escola e a família, mais concretamente, entre pais e director de turma, os pais podem, de forma articulada e eficaz, dar resposta às necessidades dos filhos e desenvolvem atitudes mais positivas de si enquanto educadores [...] atitude de parceria tem de ser traduzida em acções concretas dos pais no quotidiano, na forma como falam e permitem ao filho que fale da escola e dos professores e funcionários, acompanhada de uma atitude geral de respeito pela instituição e pelo trabalho dos profissionais que a integram [...] mostrem interessados e disponíveis para participar nas actividades escolares e resolver os problemas que vão surgindo ao longo da vida escolar do filho”.<sup>76</sup>*

Neste sentido, é importante ajudar os pais para que reconheçam o seu papel, assim como as consequências negativas das suas atitudes mais irreflectidas face à escola, ajudando-os a descobrir estratégias de proximidade e formas de serem parceiros críticos, mas construtivos, perante a escola.

### **2.2.2. Tipologias do envolvimento e participação dos pais**

*“As escolas devem ser promotoras de políticas/estratégias que possibilitem um maior envolvimento das famílias na vida escolar do filho. Os pais podem ser envolvidos de diferentes formas, cabe à escola proporcionar uma diversidade de modalidades de envolvimento parental na escola”.<sup>77</sup>*

Joyce Epstein (1997) desenvolveu uma tipologia de colaboração escola-família-comunidade, composta por seis tipos de envolvimento, que pretende ajudar as escolas e as famílias a levar a cabo as suas responsabilidades partilhadas de educação e desenvolvimento da criança/jovem. Esta metodologia é considerada um importante instrumento de reflexão e acção para auxiliar professores, escolas e os agrupamentos a desenvolverem programas de envolvimento parental composto por desafios, desafios em que os resultados da colaboração estabelecida são diferentes para os alunos, os pais e a escola. No entanto, torna-se importante analisar em que medida a escola proporciona o envolvimento em cada uma das modalidades e reflectir se estas estão de acordo com as necessidades da escola e das famílias.

Segundo Marques (1994) os tipos de envolvimento parental defendidos por Epstein são:

---

<sup>76</sup> Ibidem, pág. 134-135;

<sup>77</sup> Ibidem, idem, pág. 148;

*“Tipo 1 – Ajuda da escola às famílias;  
Tipo 2 – Comunicação escola-família;  
Tipo 3 - Ajuda da família à escola;  
Tipo 4 – Envolvimento da família em actividades de aprendizagem em casa;  
Tipo 5 – Participação na tomada de decisões e na direcção da escola;  
Tipo 6 – Colaboração e intercâmbio com a comunidade”<sup>78</sup>*

**Ajuda da escola às famílias:** compreende as funções parentais e tem como finalidade ajudar as famílias a estabelecer as condições (alimentação, saúde, segurança...) que são requisitos básicos para a aprendizagem, a desenvolver práticas educativas adequadas às necessidades das crianças e a compreender o desenvolvimento e as necessidades das crianças e adolescentes em cada período do desenvolvimento. Estas acções podem ser concretizadas através de acções de formação/informação para pais, do aconselhamento individual aos pais, de informação escrita e na prossecução de processos de encaminhamento para outros técnicos e instituições da comunidade.

**Comunicação escola-família:** diz respeito à comunicação estabelecida entre escola-família e vice-versa e traduz-se na troca de informações relativas aos programas escolares, à situação escolar dos alunos e às actividades desenvolvidas pela escola. Os canais de comunicação podem ser diversos e englobam as reuniões de pais, reuniões individuais com a família, contactos telefónicos, caderneta do aluno, boletins da escola e, mais recentemente, o envio de emails.

**Ajuda da família à escola:** engloba o envolvimento da família em actividades de voluntariado na escola. Estas acções contribuem para facilitar o contacto entre pais, professores e alunos, promovendo um melhor conhecimento entre todos. Algumas das actividades possíveis a ser realizadas para e com os pais passam pela organização e participação em acontecimentos festivos, colaboração em visitas de estudo, supervisão de recreios, no apoio à biblioteca e sala de estudo, dinamizar actividades de acordo com as suas profissões e os seus talentos, organização da ocupação educativa dos tempos livres e pela angariação de equipamentos, meios humanos e financeiros para a escola.

---

<sup>78</sup> MARQUES, Ramiro, “Colaboração Família-Escola em Escolas Portuguesas: Um Estudo de Caso”, *Inovação*, Volume 7, Nº. 3, 1994, pág. 374;

**Envolvimento da família em actividades de aprendizagem em casa:** compreende actividades em que a escola ajuda os pais a melhorar as suas competências de acompanhamento ao estudo dos filhos, aprendendo a monitorizar e a apoiar o seu trabalho escolar. Neste tipo de envolvimento a escola pode colaborar falando sobre a organização do local de estudo e factores de distração a eliminar, além de ajudar a organizar um horário de trabalho/estudo, explicando as regras a que deve obedecer. Por sua vez, os trabalhos de casa e a realização dos mesmos devem incentivar os alunos a discutir e a interagir com a família sobre o que estão a aprender, mantendo as famílias informadas sobre as aprendizagens que os filhos vão realizando.

**Participação na tomada de decisões e na direcção da escola:** engloba as actividades em que os elementos das famílias não agem apenas relativamente aos seus educandos, mas como representantes dos pais, como acontece com as associações de pais ou os representantes dos encarregados de educação de uma turma. Nesta linha de pensamento Barros, Pereira e Goes (2008) indicam que:

*“As famílias devem ser envolvidas nos processos de tomada de decisão, quer através da representação dos pais nos organismos da escola em que esta representação já está prevista, quer em grupos de trabalho criados para a resolução de problemas que visem a melhoria da escola. Isto pode ser concretizado se as escolas ajudarem na formação e manutenção das Associações de Pais (facilitando espaço físico, dando informações sobre os procedimentos necessários à sua formação, alertando para a sua importância, promovendo reuniões de coordenação com a direcção da escola, divulgando a sua existência), se procurarem cativar pais de todas as níveis socioeconómicos, etnias e diferentes grupos profissionais presentes na escola a fazerem parte das Associações e criarem grupos de reflexão sobre problemáticas-chave (por exemplo, problemas de falta de recursos, problemas de indisciplina, etc.), onde incluam representantes dos pais e também dos alunos.”<sup>79</sup>*

**Colaboração e intercâmbio com a comunidade:** está relacionada o envolvimento da comunidade, assim é fundamental que a escola procure partilhar as suas responsabilidades e recursos com diferentes instituições e organismos locais (Câmara Municipal, Junta de Freguesia, Centro de Saúde, Instituições de Solidariedade Social e Associações recreativas e culturais), com o intuito de estabelecer parcerias. Para Barros, Pereira e Goes (2008) é importante manter as famílias e os alunos informados acerca das actividades e

---

<sup>79</sup> BARROS, Luísa, PEREIRA, Ana Isabel e GOES, Ana Rita, *Educar com Sucesso – manual para técnicos e pais*, Lisboa, Texto Editores e EPIS – Empresários Pela Inclusão Social, 2008, pág. 157;

recursos que podem encontrar junto da comunidade, como actividades de tempos livres, actividades culturais e recreativas, serviços sociais e de saúde; colaborar com diferentes entidades de forma a promover actividades de formação/sensibilização aos pais e aos alunos; desenvolver programas de ajuda comunitária; e promover a integração e transição dos alunos para outras instituições de ensino ou trabalho.

Face ao envolvimento e participação dos pais na escola, importa sublinhar que os programas de envolvimento parental devem iniciar pelo fortalecimento de laços comunicacionais. Alguns estudos comprovam que quando escola e família comunicam de forma eficaz:

*“os pais têm mais probabilidades de estabelecer uma relação de confiança e um clima de cooperação com o professor e com a escola, as interações entre a escola e a família aumentam, os pais percebem a escola e os seus profissionais de forma mais positiva, entendem melhor as políticas da escola e a acção dos professores, acompanham melhor os progressos da criança”.*<sup>80</sup>

Carneiro (2001) sustenta que os pais devem ter uma participação mais activa na escola, só que:

*“Não há fórmulas mágicas para mobilizar os pais para as questões que dizem respeito à educação e ao ensino e aumentar a sua participação em quantidade e qualidade na vida da escola. o direito de participação, como qualquer outro direito, acarreta um dever, o dever de participar. A democracia participativa não é algo para «os outros», mas para cada cidadão, ainda que seja «incómoda» para o próprio e possa «incomodar» terceiros”.*<sup>81</sup>

Face ao exposto, o autor apresenta algumas iniciativas promotoras de uma maior participação e envolvimento dos pais na escola, destacando: desenvolvimento de espaços para que as autoridades ligadas à educação reconheçam a contribuição dos pais na escola, através de legislação apropriada, de referências públicas continuadas na comunicação social e de consideração pelo papel dos representantes das associações; concertação entre os pais e a escola no que se refere aos horários que melhor se adequem à participação de um maior número de pais; presença dos pais como parceiros, desde o primeiro momento, seja na elaboração do projecto educativo da escola, seja nas acções destinadas à sua concretização; assunção de

---

<sup>80</sup> CANAVARRO, José Manuel de Albuquerque Portocarrero, “Envolvimento Parental na Escola e Ajustamento Emocional e Académico – um estudo longitudinal com crianças do ensino básico”, Projecto financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian – Projectos de Pesquisa Educativa no País – 2002, <http://www.eese-jdeus.edu.pt/projectoepe/sug/sugestoes.html>, 16 de Junho de 2011;

<sup>81</sup> CARNEIRO, Roberto (dir.), “Aprender a Participar”, *Educar Hoje – Enciclopédia dos Pais*, Volume III, Janeiro de 2001, pág. 61;

responsabilidades pelos pais, com valorização do seu contributo; divulgação das boas notícias sobre o comportamento escolar ou educativo; colaboração para resolver situações menos agradáveis em relação aos filhos e à disciplina escolar; contribuição nas diversas áreas da sua actividade sócio-económica, cultural e política e testemunho sobre as suas vivências e perspectivas; e a deslocação à escola, a fim de apreciarem os trabalhos ou representações dos seus filhos (peças de teatro, exposições, torneios desportivos, convívios em dias festivos), sendo desejável e eficaz o envolvimento dos próprios pais nessas actividades, ao lado dos filhos.

### **2.3. A relação família e escola na Legislação**

Aos pais/famílias estão consagrados direitos e deveres, entre os quais o dever de participar na educação dos filhos e dos membros do agregado familiar. Dada a sua natureza, os direitos e deveres dos pais/famílias, relativamente à educação, estão presentes em diversos documentos normativos legais, destacando a Constituição da República Portuguesa (CRP), Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), o Estatuto do Aluno, Lei do Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos Públicos da Educação Pré-escolar e dos Ensinos Básico e Secundário e a Lei sobre Autonomia e Gestão das Escolas.

#### **2.3.1. Constituição da República Portuguesa**

A Constituição da República Portuguesa (CRP) declara no artigo 67.º, n.º 2, alínea b) e c) que *“incumbe, designadamente ao Estado para protecção da família: promover a criação e garantir o acesso a uma rede nacional de creches e de outros equipamentos sociais de apoio à família [...] e cooperar com os pais na educação dos filhos”*.

Esta cooperação entre Estado e pais, leva a que as famílias tenham o direito de escolher o projecto de educação que querem para os filhos e sujeita o Estado a criar condições para concretizar os projectos educativos.

O reconhecimento da missão dos pais enquanto principais e primeiros responsáveis pela educação dos filhos é também objecto de garantia Constitucional, quando no artigo 68.º, n.º1, da CRP afirma que *“os pais e as mães têm direito à protecção da sociedade e do Estado na realização da sua insubstituível acção em relação aos filhos, nomeadamente quanto à sua educação, com garantia de realização profissional e de participação na vida cívica do país”*.

Por sua vez, a CRP, em defesa dos direitos da criança determina no artigo 68.º, n.º4, que *“a lei regula a atribuição às mães e aos pais de direitos de dispensa de trabalho por período adequado, de acordo com os interesses da criança e as necessidades do agregado familiar”*.

Além dos direitos fundamentais assegurados aos pais, a CRP relativamente à política de ensino, no artigo 74.º, n.º1, estipula que *“todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escola”* e que, artigo 74.º, n.º2, na realização da política de ensino incumbe ao Estado: *“a) assegurar o ensino básico universal, obrigatório e gratuito; b) criar um sistema público e desenvolver o sistema geral de educação pré-escolar; c) garantir a educação permanente e eliminar o analfabetismo; d) garantir a todos os cidadãos, segundo as suas capacidades, o acesso aos graus mais elevados do ensino, da investigação científica e da criação artística; e) estabelecer progressivamente a gratuitidade de todos os graus de ensino; f) inserir as escolas nas comunidades que servem e estabelecer a interligação do ensino e das actividades económicas, sociais e culturais; g) promover e apoiar o acesso dos cidadãos portadores de deficiência ao ensino e apoiar o ensino especial, quando necessário”*.

Estes artigos não são mais do que um conjunto de deveres atribuídos ao Estado, definidos no sentido que cada cidadão possa superar um conjunto de desigualdades de cariz económico, social e cultural, através das habilitações que a escola proporciona. Destaca-se aqui, a *alínea f)* onde é evidenciada a educação como um processo localizado, o que implica a construção e implementação de uma escola inserida no meio, que seja comunidade educativa.

A CRP faz também referência à participação democrática do ensino onde no artigo 77.º, n.º2, indica que *“a lei regula as formas de participação das associações de professores, de alunos, de pais, das comunidades e das instituições de carácter científico na definição da política de ensino”*. Por sua vez, esta norma remete-nos para outra norma constitucional mais ampla, artigo 9.º, alínea c), quando declara que uma tarefa fundamental do Estado é *“defender a democracia política, assegurar e incentivar a participação democrática dos cidadãos na resolução dos problemas nacionais”*.

### **2.3.2. Lei de Bases do Sistema Educativo**

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) estabelece o quadro geral do sistema educativo e corresponde à Lei n.º46/86, de 14 de Outubro. A primeira alteração à Lei n.º46/86, de 14 de Outubro surge com a Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro, seguida da Lei n.º 45/2005, de 30 de Agosto.

A LBSE define o sistema educativo como *“conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade”* (artigo 1.º, n.º2).

Explicita ainda que a educação integral do aluno deve ser considerada um objectivo estratégico, ao estabelecer, no artigo 3.º, que o sistema educativo organiza-se de forma a *“b) Contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico [...] d) Assegurar o direito à diferença [...] g) Descentralizar, desconcentrar e diversificar as estruturas e acções educativas de modo a proporcionar uma correcta adaptação às realidades, um elevado sentido de participação das populações, uma adequada inserção no meio comunitário e níveis de decisão eficientes”*.

Relativamente ao acesso à educação, a LBSE, garante a todos os portugueses o direito à educação e à cultura, a uma justa e efectiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares. Artigo 2.º, n.º3, ressalva *“no acesso à educação e na sua prática é garantido a todos os portugueses o respeito pelo princípio da liberdade de aprender e de ensinar com tolerância para com as escolhas possíveis, tendo em conta, designadamente, os seguintes princípios: a) O Estado não pode atribuir-se o direito de programar a educação e a cultura segundo quaisquer directrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas; b) O ensino público não será confessional; c) É garantido o direito de criação de escolas particulares e cooperativas”*.

Quanto aos pais/famílias e às APEE, a LBSE, estabelece;

- O sistema educativo organiza-se de forma *“assegurar o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projectos individuais da existência, bem como da consideração e valorização dos diferentes saberes e culturas”*. (artigo 3.º, alínea d);

- O sistema educativo contribui *“para desenvolver o espírito e a prática democráticos, através da adopção de estruturas e processos participativos na definição da política educativa, na administração e gestão do sistema escolar e na experiência pedagógica quotidiana, em que se integram todos os intervenientes no processo educativo, em especial os alunos, os docentes e as famílias”*. (artigo 3.º, alínea l);

- *“A administração e gestão do sistema educativo devem assegurar o pleno respeito pelas regras de democraticidade e de participação que visem a consecução de objectivos pedagógicos e educativos, nomeadamente no domínio da formação social e cívica”*. (artigo 43.º, n.º1);

- *“O sistema educativo deve ser dotado de estruturas administrativas de âmbito nacional, regional autónomo, regional e local, que assegurem a sua interligação com a comunidade mediante adequados graus de participação dos professores, dos alunos, das famílias, das autarquias, de entidades representativas das actividades sociais, económicas e culturais e ainda de instituições de carácter científico”* (artigo 43.º, n.º2).

### 2.3.3. Estatuto do Aluno

A Lei n.º30/2002, de 20 de Dezembro corresponde ao Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário. A primeira alteração dá-se com a Lei n.º 3/2008, de 18 de Janeiro, seguida da Lei n.º 39/2010, de 2 de Setembro.

No que diz respeito ao papel dos encarregados de educação, a Lei n.º 39/2010, no artigo 6.º, ponto 1, reconhece aos encarregados de educação a *“especial responsabilidade, inerente ao seu poder-dever de dirigirem a educação dos seus filhos e educandos, no interesse destes, e de promoverem activamente o desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos mesmos”*.

Ainda no mesmo artigo, ponto 2, nos termos da responsabilidade referida no número anterior, refere os aspectos que competem aos encarregados de educação, designadamente:

- “a) Acompanhar activamente a vida escolar;*
- b) Promover a articulação entre a educação na família e o ensino escolar;*
- c) Diligenciar para que o seu educando beneficie efectivamente dos seus direitos e cumpra rigorosamente os deveres que lhe incumbem de correcto comportamento e empenho no processo de aprendizagem;*
- d) Contribuir para a criação e execução do projecto educativo e do regulamento interno da escola e participar na vida da escola;*
- e) Cooperar com os professores no desempenho da sua missão pedagógica, em especial quando para tal forem solicitados;*
- f) Contribuir para o correcto apuramento dos factos em procedimento de índole disciplinar instaurado ao seu educando e, sendo aplicada a este medida correctiva ou medida disciplinar sancionatória, diligenciar para que a mesma prossiga os objectivos de reforço da sua formação cívica, do desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa e do seu sentido de responsabilidade;*
- g) Contribuir para o correcto apuramento dos factos em procedimento de índole disciplinar instaurado ao seu educando e, sendo aplicada a este medida correctiva ou medida disciplinar sancionatória, diligenciar para que a mesma prossiga os objectivos de reforço da sua formação cívica, do desenvolvimento*

*equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa e do seu sentido de responsabilidade;*

*h) Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e psicológica de todos os que participam na vida da escola;*

*i) Integrar activamente a comunidade educativa no desempenho das demais responsabilidades desta, em especial, informando-se, sendo informado e informando sobre todas as matérias relevantes no processo educativo dos seus educandos;*

*j) Comparecer na escola sempre que julgue necessário e quando para tal for solicitado;*

*k) Conhecer o estatuto do aluno, o regulamento interno da escola e subscrever, fazendo subscrever igualmente aos seus filhos e educandos, declaração anual de aceitação do mesmo e de compromisso activo quanto ao seu cumprimento integral”.*

O mesmo artigo indica ainda que *“os pais e encarregados de educação são responsáveis pelos deveres de assiduidade e disciplina dos seus filhos e educandos”* (ponto 3).

#### **2.3.4. Lei do Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos Públicos da Educação Pré-escolar e dos Ensinos Básico e Secundário**

Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril, refere-se ao regime de autonomia, administração e gestão escolar e indica que este regime orienta-se pelos princípios da igualdade, da participação e da transparência.

No capítulo I, Artigo 3.º, ponto 2, alínea c) indica que um dos objectivos principais passa pelo *“assegurar a participação de todos os intervenientes no processo educativo, nomeadamente dos professores, dos alunos, das famílias, das autarquias e de entidades representativas das actividades e instituições económicas, sociais, culturais e científicas, tendo em conta as características específicas dos vários níveis e tipologias de educação e de ensino”*.

A mesma lei salvaguarda a participação dos pais ao nível dos órgãos de gestão, destacando no capítulo III, Artigo 10.º, ponto 2, alínea a) e c) que a administração e gestão são asseguradas por órgãos próprios, designadamente *“O conselho geral; [...] O conselho pedagógico”*. Relativamente ao conselho geral o capítulo III, artigo 12.º, n.º 2, indica que *“na composição do conselho geral tem de estar salvaguardada a participação de representantes do pessoal docente e não docente, dos pais e encarregados de educação, dos alunos, do município e da comunidade local”*.

Face ao conselho pedagógico diz-nos no artigo 31.º que ele é *“o órgão de coordenação e supervisão pedagógica e orientação educativa”* e que na sua composição que haver *“representação dos pais e encarregados de educação”* (artigo 32.º, ponto 1, alínea c) e que os *“representantes dos pais e encarregados de educação são designados pelas respectivas associações e, quando estas não existam, nos termos a fixar pelo regulamento interno”* (artigo 32.º, ponto 4).

### **2.3.5. Lei sobre Gestão e Autonomia das Escolas – Representantes de Turma**

Hoje em dia, os encarregados de educação são responsabilizados a desempenharem um papel mais activo no percurso escolar dos seus educandos. Assim, o Decreto-Lei n.º 115-A/98, de 4 de Maio, com alterações da Lei n.º 24/99, de 22 de Abril, define a participação activa dos pais/encarregados de educação, quer nos órgãos de gestão da escola, quer nas estruturas de orientação educativa, numa cultura de responsabilidade partilhada, como contributo para o aumento da qualidade do ensino e da educação.

Neste documento, no capítulo IV, secção I, artigo 36.º, ponto 1, alínea c), é referido que *“em cada escola, a organização, o acompanhamento e a avaliação das actividades a desenvolver com as crianças ou com os alunos pressupõem a elaboração de um plano de trabalho, o qual deve integrar estratégias de diferenciação pedagógica e de adequação curricular para o contexto da sala de actividades ou da turma, destinadas a promover a melhoria das condições de*

*aprendizagem e a articulação escola-família, sendo da responsabilidade do conselho de turma, nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e no ensino secundário, constituído pelos professores da turma, por um delegado dos alunos e por um representante dos pais e encarregados de educação”.* Assim, ao nível de cada turma, está considerado o direito de representação colectiva dos encarregados de educação por um representante. Esse direito está consagrado e determina que do conselho de turma fazem parte professores, um delegado dos alunos e também um representante dos pais e encarregados de educação. Portanto, o representante dos encarregados de educação participa na organização, acompanhamento e avaliação das actividades a desenvolver com os alunos e na elaboração de um plano de trabalho. Os pais e encarregados de educação apenas não participam nas reuniões destinadas à avaliação sumativa dos alunos (capítulo IV, secção I, artigo. 36.º, ponto 3).

O Decreto-Lei n.º 115-A/98 estabelece ainda, no capítulo V, artigo 40.º, que *“aos pais e alunos é reconhecido o direito de participação na vida da escola”.*

### **2.3.6. Lei das Associações de Pais e Encarregados de Educação**

Os direitos e deveres dos pais em relação à sua participação na escola encontram-se previstos em diversos normativos legais como já referimos anteriormente. No que respeita às APEE, a Lei das Associações de Pais está inscrita no Decreto-lei n.º 372/90, de 27 de Novembro, alterada pelo Decreto-Lei n.º 80/99, de 16 de Março e Lei n.º 29/2006, de 4 de Julho.

Segundo o artigo 2.º as AP *“visam a defesa e a promoção dos interesses dos seus associados em tudo quanto respeita à educação e ensino dos seus filhos e educandos que sejam alunos da educação pré-escolar ou dos ensinos básico ou secundário, público, particular ou cooperativo”,* além de gozarem *“de autonomia na elaboração e aprovação dos respectivos estatutos e demais normas internas, na eleição dos seus corpos sociais, na gestão e administração do seu património próprio, na elaboração de planos de actividade e na efectiva prossecução dos seus fins”* (artigo 4.º).

As AP aquando da sua constituição *“devem aprovar os respectivos estatutos”* (artigo 5.º, ponto 1), para que após aprovação *“os estatutos devem ser depositados na Secretaria-Geral do Ministério da Educação, acompanhados de uma lista dos respectivos outorgantes, com identificação completa e morada de cada um, e de certificado de admissibilidade da denominação da associação, emitido pelo Registo Nacional de Pessoas Colectivas”* (ponto 2). Posteriormente o *“Ministério da Educação remeterá cópia dos documentos referidos no número anterior à Procuradoria-Geral da República para controlo de legalidade, após o que promoverá a respectiva publicação gratuita no Diário da República”* (ponto 3). Estas podem *“agrupar ou filiar em uniões, federações ou confederações, de âmbito local, regional, nacional ou internacional, com fins idênticos ou similares aos seus”* (artigo 8.º).

Os direitos das AP estão presentes no artigo 9.º e estes podem ser a nível de estabelecimento ou agrupamento ou a nível nacional, regional ou local. Ao nível de estabelecimento ou agrupamento o ponto 1 do artigo 9.º sublinha:

a) *Participar, nos termos do regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário na definição da política educativa da escola ou agrupamento;*

b) *Participar, nos termos da lei, na administração e gestão dos estabelecimentos de educação ou de ensino;*

c) *Reunir com os órgãos de administração e gestão do estabelecimento de educação ou de ensino em que esteja inscrita a generalidade dos filhos e educandos dos seus associados, designadamente para acompanhar a participação dos pais nas actividades da escola;*

d) *Distribuir a documentação de interesse das associações de pais e afixá-la em locais destinados para o efeito no estabelecimento de educação ou de ensino;*

e) *Beneficiar de apoio documental a facultar pelo estabelecimento de educação ou de ensino ou pelos serviços competentes do Ministério da Educação”.*

No que respeita às reuniões com os órgãos de administração e gestão estas *“podem ter lugar sempre que qualquer das referidas entidades o julgue*

*necessário” (artigo 12.º, ponto 1), assim como “pode a associação de pais solicitar aos órgãos de administração e gestão do estabelecimento de educação ou de ensino que sejam convocados para as reuniões outros agentes do mesmo estabelecimento” (ponto 2). Por sua vez, face aos órgãos de administração e gestão existe ainda o dever de colaboração (artigo 14.º).*

*As AP podem ter o estatuto de utilidade pública e tem um reconhecimento especial usufruindo de benefícios ao nível da “a) organização de actividades de enriquecimento curricular no âmbito do prolongamento de horário e da escola a tempo inteiro; b) Organização de actividades de apoio às famílias” (artigo 15.º A, ponto 2, alínea a) e b)). Por último, importa ainda referir que o artigo 17.º ressalva que as AP “regem-se pelos respectivos estatutos, pelo presente diploma e, subsidiariamente, pela lei geral sobre o direito de associação”.*

## **CAPÍTULO III - TRABALHO DE INTERVENÇÃO – REVITALIZAÇÃO DE UMA APEE**

Este capítulo apresenta uma reflexão acerca da intervenção realizada, no Concelho de Vila do Conde, sobre a temática Família, Escola e Comunidade – O papel das APEE do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira, dando a conhecer as diversas etapas de actuação que levaram à concretização do objectivo final - a revitalização da Associação de Pais do Agrupamento de Escolas da Junqueira - APAEJ.

O trabalho de investigação/intervenção integrou o protocolo de colaboração existente no âmbito do Contrato Local de Desenvolvimento Social - CLDS, a Escola de Ensino Especial do Movimento Apoio ao Diminuído Intelectual - MADI, a Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti – ESEPF (Centro de Investigação de Paula Frassinetti – CIPAF e o Departamento de Educação Social), a Comissão Social Interfreguesias Norte do AVE – CSIFNA e o Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira – AVEJ. Este protocolo visa promover e regular a intervenção de diversos actores junto de famílias vulneráveis e/ou em risco de exclusão social no território de Vila do Conde e que estão abrangidas pelo CLDS, designadamente as famílias com crianças a frequentar o AVEJ.

O protocolo de colaboração estabelecido tem a duração de três anos, iniciando em Novembro de 2009 e decorrendo até Março de 2012

Da análise documental e do trabalho desenvolvido com a Equipa da ESEPF e do CLDS, resultou um trabalho de colaboração e parceria, onde surgiu a necessidade de desenvolver um estudo aprofundado, com início em Janeiro de 2011, acerca das APEE do Agrupamento, apostando numa actuação inspirada na lógica participativa, tão defendida pela intervenção comunitária. Neste sentido, desenvolver um estudo que apostasse na intervenção comunitária e que envolvesse agentes educativos (encarregados de educação, professores/educadores, entre outros interventores) tornou-se fundamental, na medida em ambicionávamos:

- Compreender a relação existente entre família-escola-comunidade;
- Perceber a organização e dinâmica das Associações de Pais e Encarregados de Educação pertencentes ao Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira - AVEJ, visto que a informação que detínhamos era a existência de cinco Associações, das quais três estavam inactivas (Rio Mau, Arcos e Junqueira);
- Incentivar os pais e encarregados de educação para a aproximação ao meio escolar, fomentando a participação e o envolvimento.

Reconhecendo que a escola, enquanto comunidade educativa, necessita da participação de todos os intervenientes no processo educativo, em particular os pais/EE, o problema central deste estudo focalizou-se nas interações entre família e escola e através dela pretendeu-se saber se **“a intervenção comunitária constitui uma prática facilitadora na reconstrução e dinamização da APAEJ”**.

A abordagem ao problema central foi facilitada pela colocação de duas hipóteses teóricas, sendo elas:

- *“O envolvimento parental, no contexto escolar, funciona como um meio facilitador no desenvolvimento de práticas educativas de/para o sucesso.”*
- *“A existência de uma Associação de Pais e Encarregados de Educação activa, na comunidade educativa, desperta os pais e/ou encarregados de educação para a participação e um maior interesse por iniciativas que fomentem a relação família-escola.”*

Assim, com o intuito de conhecermos a perspectiva das famílias/pais desenvolveu-se um trabalho de investigação-acção, junto das APEE existentes no Agrupamento que demonstraram disponibilidade e abertura em colaborar e ser elementos activos no decorrer de todo o processo. A partir do trabalho desenvolvido com o Subdirector do Agrupamento e os dirigentes associativos foi possível entender os problemas que afectam as relações existentes entre os dois agentes educativos - família e escola, bem como as representações que existem entre eles, além de percebermos as causas que levam ao surgimento

de comportamentos/attitudes baseados no afastamento ou quase inexistente estabelecimento de relações entre ambos.

Neste estudo, como em qualquer investigação os investigadores foram orientados por determinados objectivos operacionais. *Promover uma relação de cooperação entre família, escola e comunidade* foi considerado o objectivo geral e dele advieram uma série de objectivos específicos, designadamente:

- *Conhecer as Associações de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento, sua organização e dinâmica;*
- *Conhecer as representações que os pais, que integram a APEE, têm acerca da escola;*
- *Analisar a importância que os pais, enquanto dirigentes associativos, atribuem à sua integração e participação no meio escolar;*
- *Criar iniciativas que dêem sustentabilidade à Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento e que envolvam directamente os pais.*

### 3.1. Opções metodológicas

*“A aplicação dos conhecimentos teóricos, em diferentes dimensões do saber, e em estreita articulação com as metodologias e experiências associadas à prática profissional, conduzem à concepção e desenvolvimento de projectos de investigação/intervenção”.*<sup>82</sup>

Toda a pesquisa tem como objectivo a obtenção de dados que possibilitem chegar a respostas concretas para um determinado problema, daí o seu objectivo centrar-se na descoberta de respostas para os problemas mediante a aplicação de diversas técnicas e metodologias.

Considerando que o problema da investigação remete-nos para o estudo acerca do envolvimento parental na escola, os modos de envolvimento praticados e os factores facilitadores do envolvimento, pareceu-nos que o método de investigação, mais eficaz, seria o método qualitativo, apostando numa abordagem predominantemente interpretativa. Quanto às técnicas, encaramos que aquelas que podiam constituir um suporte metodológico

---

<sup>82</sup> [http://www.esepf.pt/a\\_2ciclo/docs\\_intcom/descr\\_int\\_com\\_09\\_v5.pdf](http://www.esepf.pt/a_2ciclo/docs_intcom/descr_int_com_09_v5.pdf), 12 de Janeiro de 2011;

enquadrador das hipóteses teóricas eram as técnicas de recolha de informação não documental como a participação e a observação, diário de bordo<sup>83</sup> e a entrevista, tendo sido aplicada dois tipos de entrevista – a exploratória e a semi-directiva.

No decorrer do trabalho de investigação/intervenção foram realizadas leituras que permitiram conceptualizar a problemática teórica através da perspectiva de diferentes autores/investigadores. Foi consultada e analisada bibliografia de natureza diversa, desde artigos científicos, teses de mestrado/trabalhos de investigação para a obtenção de grau académico, particularmente as dissertações de mestrado, além da internet e a análise de documentos secundários. Para a redacção final do trabalho de investigação/intervenção utilizamos todas as informações registadas ao longo do trabalho empírico, resultantes da análise e discussão dos resultados.

Neste estudo, o termos optado pela investigação qualitativa prendeu-se com o facto de em educação esta assumir muitas formas e poder ser conduzida em múltiplos contextos, além de que os dados recolhidos, designados por qualitativos, serem *“ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico”*.<sup>84</sup> Segundo Bodgan e Biklen (1994: 47-51) a investigação qualitativa, possui cinco características fundamentais:

- *“A fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal”* - o investigador recolhe os dados tendo em atenção o contacto directo com os sujeitos e os contextos naturais, pois entende que as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente natural;

- *“É descritiva”* - os resultados escritos assumem particular relevância, na medida em que contêm citações fulcrais de grande complexidade e “riqueza”. O fundamental é que a recolha dos dados seja principalmente descritiva acerca das pessoas e das situações. Os dados podem incluir transcrições de

---

<sup>83</sup> Anexo 2 – Diário de Bordo;

<sup>84</sup> BODGAN, Robert, BIKLEN, Sari, *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*, Porto Editora, 1994, pág. 16;

entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais;

- *“Interesse focalizado mais no processo do que nos resultados ou produtos”*.

As estratégias qualitativas preocupam-se com as actividades, procedimentos, interacções do quotidiano e focam-se no modo como as definições se formam;

- *“A análise dos dados tende a ser feita de forma indutiva”*. Vai-se construindo um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam os dados, e as abstracções são construídas à medida que os dados recolhidos vão sendo agrupados;

- *“O significado é de importância vital na abordagem qualitativa”*. Esta privilegia a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos participantes, os investigadores “estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas”<sup>85</sup> e no perceber “aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo em que vivem” (Psathas, 1973, cit. Bogdan e Biklen, 1994: 51).

Importa referir que neste estudo, para melhor conhecer e interpretar as interacções entre família e escola e toda a sua complexidade, foi necessário dar “voz” aos pais e à escola para, posteriormente, analisarmos a perspectiva de cada um dos intervenientes. Este facto levou a que o investigador tivesse que integrar o mundo dos agentes envolvidos, com o intuito de dar-se a conhecer, tentar conhecê-los e ganhar a sua confiança.

### **3.2. Caracterização do meio e do contexto educacional em estudo**

Para um conhecimento mais aprofundado acerca do terreno empírico do trabalho de investigação/intervenção, foi efectuado um estudo prévio acerca do Concelho de Vila do Conde e do Agrupamento, a fim de conhecer a realidade, obter dados concretos e detectar necessidades. A recolha destes elementos tornou-se fundamental para medir os efeitos directos e imediatos do projecto,

---

<sup>85</sup> Ibidem, pág. 50;

assim como verificar o impacto que ele poderia vir a produzir. Esta primeira fase do trabalho designou-se de diagnóstico.

Do diagnóstico preliminar e da análise documental efectuada a diversos documentos referenciados pelo CLDS, designadamente Plano de Desenvolvimento Social da Rede Social de Vila do Conde, o Diagnóstico de Freguesias do CLDS e o Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas da Junqueira, detectou-se uma necessidade de intervenção no âmbito das famílias, nomeadamente das famílias “ausentes da escola”. Após identificação do campo de acção este permitiu perceber que o caminho da intervenção passava por qualificar a relação entre família, escola e comunidade, potenciando o sucesso das famílias e trabalhando competências do agregado familiar em distintos níveis e eixos de intervenção. Assim, passaremos a apresentar os dados recolhidos na fase de diagnóstico que permitiram ter a noção do contexto e das pessoas e comunidade alvo da intervenção.

### **3.2.1. Breve caracterização de Vila do Conde e da Zona Norte do Ave**

Segundo o Diagnóstico Social de Vila do Conde (2007) o diagnóstico é um:

*“instrumento de planeamento para o desenvolvimento [...] permite um conhecimento mais aprofundado e cientificamente fundamentado da realidade social do Concelho e contribui para a [...] identificação dos problemas e das potencialidades dos grupos populacionais em relação a padrões de qualidade de vida, considerados a partir dos direitos de cidadania num sentido mais amplo de combate à pobreza e exclusão social.”<sup>86</sup>*

Vila do Conde situa-se a noroeste de Portugal, na costa do Oceano Atlântico, estando circunscrita pelos municípios da Póvoa do Varzim, Vila Nova de Famalicão, Trofa, Maia e Matosinhos. O concelho de Vila do Conde integra o distrito do Porto e pertence à Grande Área Metropolitana do Porto (GAMP), na NUT III do Grande Porto e na NUT II da Região Norte.

Este Concelho ocupa uma posição privilegiada, na medida que integra um eixo territorial dinâmico quer ao nível demográfico, quer económico. A sua posição geográfica constitui uma mais-valia para o desenvolvimento e a competitividade, devido às acessibilidades, à proximidade com o mar e à

---

<sup>86</sup> Diagnóstico Social de Vila do Conde, Rede Social de Vila do Conde, Junho, 2007, pág. 2-3;

vertente turística e de lazer. A grande ameaça centra-se na proximidade de dos centros urbanos de Porto e Viana do Castelo, que sendo dinâmicos, tendem a segregar para o seu território as populações mais próximas.

No que respeita ao território, Vila do Conde é um dos concelhos mais vastos da Grande Área Metropolitana do Porto contando com uma área de 148,97km<sup>2</sup>, por sua vez, apresenta uma das mais baixas densidades populacionais com apenas 509,94 habitantes /km<sup>2</sup>.<sup>87</sup> Do território fazem parte trinta freguesias – Arcos, Árvore, Aveleda, Azurara, Bagunte, Canidelo, Fajozes, Ferreiró, Fornelo, Gião, Guilhabreu, Junqueira, Labruge, Macieira, Malta, Mindelo, Modivas, Mosteiró, Outeiro, Parada, Retorta, Rio Mau, Tougues, Touguinha, Touguinhó, Vairão, Vila Chã, Vila do Conde, Vilar e Vilar do Pinheiro. A maior densidade populacional reside na sede do concelho com 25731 habitantes e na zona litoral, designadamente na freguesia de Árvore (4271 habitantes), Mindelo (3402 habitantes) e Vila Chã (2957 habitantes).<sup>88</sup>

Uma das particularidades do concelho de Vila do Conde prende-se com o facto de albergar o maior número de empresas ligadas com o ramo da agricultura e da pesca. As empresas direccionadas ao comércio por grosso e a retalho, construção, indústrias transformadoras, alojamento e restauração, também estão presentes e revelam a existência de um grande dinamismo económico. No entanto, são as explorações agrícolas que assumem um papel de destaque devido às características do concelho.

No que concerne a problemas sociais, Vila do Conde, é uma zona que revela a existência de diversos problemas e dificuldades em que os estrangulamentos e as potencialidades são diferentes entre freguesias. Os principais problemas do concelho centram-se no *“crescente envelhecimento e regressão populacional, tecido empresarial e produtivo muito frágil, mão-de-obra desqualificada, elevadas taxas de desemprego e baixos índices de escolarização”*.<sup>89</sup> Perante este cenário a Rede Social tem vindo a apostar na *“Constituição de um Território Plural”*<sup>90</sup> e, para uma melhor detecção dos problemas, constituíram grupos de freguesias, sendo o grupo de freguesias em

---

<sup>87</sup> Ibidem, pág. 17;

<sup>88</sup> Ibidem, idem, pág. 24;

<sup>89</sup> Ibidem, idem, pág. 41;

<sup>90</sup> Título dado ao Capítulo II do Diagnóstico Social de Vila do Conde, pág. 10;

estudo, o referente à zona *Norte do Ave* – composta por Arcos, Bagunte, Ferreiró, Junqueira, Outeiro Maior, Parada, Rio Mau, Touguinha e Touguinhó.

Relativamente às problemáticas sociais existentes nas freguesias a Norte do Ave, o Diagnóstico da Rede Social de Vila do Conde indica: *“isolamento dos idosos e desertificação; falta de estruturas de apoio social (creches e centros de dia; ausência de mecanismos de fixação da população juvenil; insuficiência de transportes públicos para acesso à sede do Concelho; ausência de habitação/terrenos para construção e reduzida habitação o que se traduz na saída da população jovem; abandono escolar e fenómenos de dupla ocupação escola/trabalho; e existência de jovens com necessidades educativas especiais com falta de perspectivas de integração – ausência de oferta de estruturas de emprego protegido”*<sup>91</sup>.

O diagnóstico efectuado pelo CLDS de Vila do Conde, também deu possibilidade de conhecer e compreender a realidade da zona em estudo, através das entrevistas e dos contactos efectuados com diversos serviços centrais. As **entrevistas aos Presidentes de Junta de Freguesia**, permitiram constatar que as freguesias dispõem de serviços que são dinamizados pelas Juntas de Freguesia, sendo evidenciada a *“forte presença da resposta das novas oportunidades em praticamente todas as juntas”*, o transporte escolar, serviços de apoio à comunidade e o posto de multibanco. No que respeita aos *recursos humanos as Juntas dispõem de pessoal diferenciado, embora “nenhuma disponha de recursos técnicos (com excepção das técnicas dos Gabinetes de Inserção Profissional - GIPs que asseguram os serviços na área do emprego) ”*. Ao nível dos equipamentos estas têm espaços desportivos, designadamente *“ringues, polidesportivos, campos de futebol”*.

No que respeita às Associações e Instituições locais prevalece os grupos de danças e cantares (ranchos folclóricos) e as associações desportivas em que a maioria centra-se no futebol, sendo *“poucas as associações que dinamizam diferentes modalidades desportivas”*. A presença de Instituições Particulares de Solidariedade Social – IPSS (Junqueira e Touguinha), Escuteiros (Arcos e Junqueira), Grupo de Teatro (Ferreiró), Conferência Vicentina (Bagunte) e

---

<sup>91</sup> Diagnóstico Social de Vila do Conde, Rede Social de Vila do Conde, Junho, 2007 pág. 44-46;

Escola Música (Arcos) existem na Zona Norte do Ave, mas não têm representatividade em todas as freguesias.

Relativamente aos problemas e potencialidades foram identificados:

- Problemas - alcoolismo e violência doméstica (Arcos); 1ª infância/ATL (Arcos, Bagunte e Outeiro Maior); terceira idade (Arcos, Bagunte, Outeiro Maior e Rio Mau); falta de transporte (Outeiro Maior e Touguinha); desemprego (Junqueira e Rio Mau); e toxicodependência (Bagunte e Junqueira).
- Potencialidades - turismo rural (Arcos e Bagunte); agricultura (Arcos); empresas empregadores (Ferreiró e Touguinha); atrair habitantes (Ferreiró, Parada e Touguinha); acessos (Rio Mau e Touguinha); potencialidades naturais (Bagunte e Touguinha); novos equipamentos (Ferreiró, Junqueira e Touguinhó); centralidade (Junqueira); e boa rede de transportes (Parada).

Na **entrevista ao representante do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira**, verificou-se que *“são identificadas carências a vários níveis, nomeadamente económicas (alimentares, vestuário) e afectivas, bem como a dupla ocupação das crianças principalmente durante os períodos de férias escolares”*; o agrupamento *“realiza actividades com as famílias – conferências, visitas, concursos, arraiais e, apesar disso, todos reconhecem as dificuldades de articulação e comunicação com as mesmas – existe sempre um grupo de famílias ao qual parece que a escola não consegue chegar”*; e existem respostas educativas diferenciadas como *“clubes, CEF, apoio ao estudo, intercâmbios com o exterior”*.

Como problemas foram apontados *“a falta de respostas para as crianças deficientes (pós idade escolar), carências formativas do pessoal não docente, pobreza escondida de muitas famílias, o alcoolismo, o desemprego claramente crescente, a má alimentação de muitas crianças, a baixa escolaridade das famílias, a falta de espaços, a dificuldade de transporte dos alunos, a existência de algumas freguesias mais problemática, a falta de envolvimento das famílias, a identificação de vários casos de crianças sinalizadas á CPCJ”*.

Como potencialidades *“a boa articulação entre ciclos, melhores condições de funcionamento do ensino especial, a boa relação entre docentes, uma maior abertura para a participação dos pais nas actividades propostas pelo Agrupamento”*.

No **contacto** com os **Serviços Centrais** foram identificados diversos problemas, destacando-se:

- Educação - *“falta de envolvimento dos pais”*;
- Segurança Social - *“desemprego, a deficitária rede de transportes do Concelho e a deficitária cobertura de respostas sociais de algumas freguesias, em especial 1ª infância e idosos [...] problemas de competências familiares, alcoolismo, sendo sugerido que a intervenção actuasse como forma preventiva [...] problemas decorrentes da muito baixa escolaridade da população”*;
- Saúde - *“falta de articulação [...] importante aproveitar as alterações verificadas nas respostas na área da saúde (USF, Agrupamentos de centros de saúde, criação do conselho da comunidade, unidades de cuidados à comunidade) iniciar um trabalho mais sistemático”*.
- Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ) - *“a necessidade de trabalhar a relação família – escola e trabalhar sobre a problemática do alcoolismo e violência doméstica”*.

### **3.2.2. Breve caracterização Agrupamento de Escolas da Junqueira - AVEJ**

A caracterização do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira tem por base o Projecto Educativo<sup>92</sup> e a análise de alguns documentos de caracterização facultados pela Direcção do Agrupamento, além de informações relativas ao CLDS e documentos da equipa da ESEPF.

O AVEJ é composto por onze Jardins-de-infância (J.I), dez Escolas Básicas do 1º ciclo (EB1) e uma Escola Básica do 2º/3º ciclos (EB2/3). No ano lectivo

---

<sup>92</sup> Segundo o Projecto Educativo da AVEJ – *Por uma Cidadania com Sucesso (2009-2013: pág. 5)*, o projecto educativo *“é o documento que estabelece as linhas orientadoras e os objectivos a atingir por um Agrupamento, apresentando-se a toda a comunidade educativa como um conjunto de linhas de orientação e actuação, que definem e conferem identidade à instituição que representa”*;

2010-2011 acompanhou 1346 crianças/adolescentes, sendo que o número mais significativo correspondeu ao Pré-escolar com 224 crianças e ao 1º Ciclo com 450 alunos.

<b>Quadro 2 - Número de Alunos ano lectivo 2010-2011</b>			
<b>Pré-escolar</b>	224	13	11 J.I.
<b>1º ciclo</b>	450	24	10 Escolas
<b>2ºciclo</b>	270	12	1 Escola
<b>3º ciclo</b>	334	16	
<b>CEF's</b>	68	5	
<b>Total</b>	1346	Turmas 70	22 Edifícios

*Quadro de elaboração própria*

Os estabelecimentos de ensino do Agrupamento localizam-se em nove Freguesias - Arcos, Bagunte, Ferreiró, Junqueira, Outeiro Maior, Parada, Rio Mau, Touguinha e Touguinhó, sendo aquelas que integram a Zona Norte do Ave.

A filosofia de trabalho do Agrupamento assenta na mudança e aposta na *“lógica de inclusão e participação de todos os seus membros”*<sup>93</sup>, sem esquecer a exigência, o humanismo, o trabalho, a responsabilidade e o respeito pelas normas, ou seja *“educar para a cidadania”*<sup>94</sup>.

Relativamente à caracterização da comunidade escolar a maioria dos alunos advém das Freguesias mais afastadas do litoral, com excepção dos de Touguinha. São alunos que revelam traços de ruralidade *“detectáveis numa postura algures entre o acanhamento ... atavismo... e numa postura de alheamento (...) face a questões cívicas mais mobilizadoras em meio urbano”*<sup>95</sup>. Todavia os traços de urbanidade também são evidentes revelando-se no vestuário, nos hábitos alimentares e no lazer.

<sup>93</sup> Projecto Educativo do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira, “Por uma Cidadania com Sucesso”, Quadriénio 2009-2013, pág.5;

<sup>94</sup> Ibidem, pág. 10. O Educar para a cidadania visa alargar os *“âmbitos do Saber que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes de saber fazer, bem como, desenvolver capacidades na área da expressão e comunicação”*.

<sup>95</sup> Ibidem, idem, pág. 9;

Muitos alunos evidenciam vários tipos de carências que vão desde “as alimentares às de vestuário, passando pelas afectivas”. O contexto familiar, de muitos desses alunos, revela a existência de:

*“famílias com fracos recursos económicos, de trabalhadores por conta de outrem ou pequenos proprietários rurais; famílias com um reduzido grau de alfabetização e, por vezes, com problemas de integração social no seu seio”, além de muitos dos alunos “terem que contribuir, após as aulas e nos períodos de interrupções, com a sua frágil força de trabalho para o avolumar dos magros orçamentos familiares.”<sup>96</sup>*

A existência de alunos com dificuldades de aprendizagem é um problema que revela grande preocupação para o Agrupamento devido ao:

*“elevado número de alunos com Dificuldades Graves de Aprendizagem oriundos de um meio sociocultural desfavorecido, pobre em estimulação, escasso em oportunidades [...] com reduzidas expectativas parentais, baixo nível de escolaridade dos pais, reduzido envolvimento dos pais em termos de hábitos e regras de estudo”<sup>97</sup>*

Daí a necessidade de intervir precocemente, se possível desde o pré-escolar, com vista à detecção de possíveis percursos de insucesso e efectuar-se um acompanhamento célere com vista à implementação de instrumentos de intervenção adequados a cada caso.

O AVEJ dispõe de um Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) que além de intervir junto dos alunos que expressam dificuldades efectua avaliação psicológica e acompanhamento, atende os pais, apoia e desenvolve sistemas de relações interpessoais entre escola e comunidade, desenvolve o Programa Pais na Escola, articula com instituições e entidades locais e dinamização as Associações de Pais no sentido de desenvolverem actividades na escola.

No Agrupamento existem cinco APEE, sendo elas: APAEJ (inactiva); APEE Arcos (inactiva); APEE Rio Mau (inactiva); APEE Touguinha; e APEE Bagunte (criada recentemente).

O Projecto Educativo permitiu uma visão acerca das situações problemáticas/prioritárias no Agrupamento, sendo estas apresentadas, no quadro que se segue, dando relevo àquelas que envolvem directamente a relação família, escola e comunidade e respectivos grupos-alvo.

---

<sup>96</sup> Ibidem, idem, pág. 10;

<sup>97</sup> Ibidem, idem, pág. 14;

<b>Quadro 3 - Situações problemáticas/prioritárias</b>	
<b>Grupo alvo</b>	<b>Situações</b>
<b>Jardim-de-infância</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Envolver as famílias e a conseqüente ligação do jardim-de-infância à comunidade local;</li> <li>- Fomentar a participação activa da comunidade educativa;</li> <li>- Ampliar os saberes básicos relacionados com a vida social, aprendendo valores que promovam condutas socialmente correctas (higiene, saúde, segurança, respeito e ambiente).</li> </ul>
<b>1º Ciclo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Alunos com elevadas carências afectivas e/ou emocionais;</li> <li>- Existência de agregados familiares em situação de pobreza mais ou menos assumida;</li> <li>- Ausência de hábitos de higiene;</li> <li>- Ausência de normas básicas de comportamento dentro e fora da sala de aula;</li> <li>- Baixa expectativa em relação à escola;</li> <li>- Falta de apoio por parte dos pais e baixa escolaridade por parte dos mesmos;</li> <li>- Meio ruralizado;</li> <li>- Poucos estímulos ou experiências culturais;</li> <li>- Ausência de hábitos e métodos de estudo.</li> </ul>
<b>2º/3º Ciclos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elevado insucesso escolar.</li> </ul>
<b>Corpo docente</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dificuldade em envolver os pais na vida da escola;</li> <li>- Dificuldade em responder adequadamente aos problemas dos alunos;</li> <li>- Burocratização.</li> </ul>
<b>Pais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ausência de motivação/predisposição para participar activamente na vida escolar dos filhos;</li> <li>- Insuficiente acompanhamento/apoio nas actividades escolares dos educandos;</li> <li>- Baixas habilitações académicas;</li> <li>- Pouco envolvimento na organização das actividades extra-curriculares.</li> </ul>

*Quadro de elaboração própria tendo por base o Projecto Educativo do AVEJ*

Quanto aos objectivos prioritários, metas e possíveis estratégias de actuação, estes também fazem parte do Projecto Educativo, sendo os que estão direccionados para a relação família-escola e vice-versa, identificados da seguinte forma:

**Objectivos prioritários:** promoção do sucesso educativo; combater e reduzir o abandono escolar; maior envolvimento dos encarregados de educação na orientação/apoio dos seus educandos; prevenir a indisciplina; e desenvolver o sentido de pertença em toda a comunidade.

**Metas:** desenvolver o sentido de responsabilidade dos alunos com o meio escolar; promover uma educação baseada na exigência; desenvolver

competências; criar clubes; envolver os encarregados de educação na vida da escola, apelando à sua participação e responsabilidade; e aumentar a oferta e divulgação de acções de formação, palestras, cursos dirigidos aos encarregados de educação.

**Estratégias de actuação** – as estratégias são muito abrangentes e englobam toda a Comunidade Educativa, passando pelo corpo docente, corpo discente, AP, pais/EE e a própria comunidade. Assim, para uma melhor compreensão destacamos aquelas que vão de encontro com a temática do trabalho em estudo, designadamente: envolvimento da comunidade educativa na identificação das situações de abandono e exclusão dos alunos; criação de mediadores direccionados para alunos em risco de insucesso e abandono; intervenção personalizada junto dos pais; promoção de actividades pais/filhos; envolvimento dos pais de forma activa e participante; cooperação com as Associações de Pais na organização de iniciativas; dinamização de acções de formação dirigidas aos pais; envolvimento da comunidade na concertação de atitudes e valores; e a criação de condições para o desenvolvimento de um “clima” de amizade e convívio entre a comunidade.

Contudo, foi identificada uma estratégia específica de actuação junto dos pais/EE, dos alunos do 2º/3º Ciclos, que incide no:

*“solicitar um maior envolvimento do EE na vida escolar dos seus educandos, designadamente: demonstrar-lhes interesse pelo trabalho por eles desenvolvido; inculcar-lhes o sentido de responsabilidade; encorajá-los para o cumprimento dos deveres da escola; incentivá-los para a apresentação de dúvidas ao professor”.*<sup>98</sup>

### **3.3. Apresentação e Análise dos Resultados**

#### **3.3.1. Participantes no Estudo - Amostra**

Para a aplicação das entrevistas, seleccionamos cinco elementos representativos da comunidade educativa, conhecedores da realidade e do problema em questão – relação escola-família. Como representante da escola tivemos o subdirector do Agrupamento, quanto às APEE contamos com a colaboração de quatro dirigentes pertencentes aos movimentos associativos.

---

<sup>98</sup> Ibidem, idem, pág. 33;

Dos cinco entrevistados três eram do género masculino e dois do género feminino, com idades díspares, situadas entre os 35 e os 61 anos.

<b>Quadro 4 - Identificação dos participantes no estudo</b>			
<b>Participantes</b>	<b>Profissão</b>	<b>Idade</b>	<b>Género</b>
<b>Representante da Escola</b>			
<b>SD</b> (Subdirector do Agrupamento)	Professor	52	Masculino
<b>Representantes dos pais/famílias</b>			
<b>AC</b> (Presidente APEE “activa”)	Psicóloga	35	Feminino
<b>NS</b> (Presidente APEE “activa”)	Gestor de Clientes	35	Masculino
<b>JS</b> (Vice-presidente APEE “activa”)	Professor	44	Masculino
<b>MN</b> (Ex-presidente APEE “inactiva”)	Reformada (Médica)	61	Feminino

*Quadro de elaboração própria*

Nas palavras de Quivy e Campenhoudt (1998) estes interlocutores são considerados “*testemunhas privilegiadas*”<sup>99</sup>, constituindo fontes de informação de grande utilidade, no âmbito dos interesses e objectivos do estudo. A selecção dos participantes prendeu-se com o facto de serem considerados “*peçoas que, pela sua posição, acção ou responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema*”<sup>100</sup>.

### 3.3.2. Estabelecimento de contacto com os participantes

O subdirector foi contactado e solicitado a participar neste estudo tendo de imediato aceite a cooperar. Após a sua entrevista demonstrou disponibilidade em facultar as moradas de todos os dirigentes associativos, ressaltando que algumas poderiam estar desactualizadas, porque a Direcção da Escola utiliza este meio de comunicação com as AP e muitas vezes “*nem resposta nos dão*”.

Face ao exposto, foi enviada carta registada a cada dirigente<sup>101</sup> a solicitar a sua participação, explicitando a temática e o propósito do estudo, bem como o processo de recolha de dados. Paralelamente foram estabelecidos contactos,

<sup>99</sup> QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1998, pág. 71;

<sup>100</sup> *Ibidem*, pág. 71;

<sup>101</sup> Anexo 3 – Cartas enviadas aos Representantes das APEE;

via telefone e email, com as coordenadoras de escola que demonstraram receptividade e facultaram os contactos telefónicos dos dirigentes e outras que tomaram a iniciativa de articular a informação com os dirigentes e serem meio de informação para o agendamento das entrevistas.

Ressalva-se que nenhum representante das AP tomou a iniciativa de contactar com a equipa de investigação, sendo necessário recorrer aos contactos telefónicos cedidos pelas coordenadoras de escola e contactá-los individualmente. Os dirigentes das AP “activas”, após contacto, de imediato aceitaram cooperar e assim foi combinado o dia, a hora e o local considerado mais apropriado à realização da entrevista. Relativamente aos dirigentes das AP “Inactivas” só obtivemos resposta positiva de uma, sendo necessário articular com a equipa do CLDS, que após solicitar ao representante a sua participação no estudo, demonstrou abertura e aceitou ser membro integrante da investigação.

As entrevistas foram realizadas individualmente com cada participante, excepto com os dirigentes da APEE Touguinha, em que estiveram presentes simultaneamente o Presidente e Vice-presidente. Aquando das entrevistas foi solicitado aos entrevistados autorização para gravação da entrevista, uma vez que se iria proceder à transcrição das mesmas, para efeitos de análise de conteúdo, pelo que se obteve o seu consentimento, tendo sido garantido pela investigadora a confidencialidade, no que diz respeito às respostas e ao anonimato dos participantes no estudo.

A entrevista ao subdirector do Agrupamento decorreu no seu gabinete, mas este não foi o espaço mais apropriado devido às constantes interferências. As entrevistas aos dirigentes associativos foram realizadas em locais considerados adequados, por serem sossegados e sem interferências, a entrevista à APEE Bagunte realizou-se na sala dos professores, a da APEE Touguinha concretizou-se na Junta de Freguesia (espaço onde a AP reúne). À excepção destas, a entrevista à APEE Arcos, realizou-se na residência da ex-dirigente, por lhe ser mais conveniente e assim o desejar.

### 3.3.3. Entrevista

Em investigação qualitativa, a entrevista pode ser utilizada como estratégia. Nas palavras de Bogdan e Biklen (1994) a finalidade da entrevista passa pelo *“recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”*<sup>102</sup>. Os dados descritivos são apresentados em detalhe e permitem ao investigador perceber a maneira como os sujeitos interpretam as questões. Desta forma, *“a recolha de dados é feita através da interação verbal entre entrevistador e entrevistado, possibilitando explorar questões específicas, como se pretendia neste estudo”*<sup>103</sup>.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permitem levantar uma série de temas e oferecer ao sujeito a oportunidade adequar o seu conteúdo, mesmo quando é utilizado um guião. Elas variam quanto ao grau de estruturação, que vai desde a entrevista estruturada até à não estruturada, passando por um grau intermédio de estruturação das questões colocadas. Neste estudo, optou-se pela entrevista semi-estruturada, visto que os dados obtidos a partir de vários sujeitos podem ser comparáveis, *“embora se perca a oportunidade de compreender como é que os próprios sujeitos estruturam o tópico em questão”*<sup>104</sup>.

Deste modo, começou-se por elaborar um guião de entrevista<sup>105</sup> em função das questões estruturantes do estudo, dos objectivos traçados e com algumas referências teóricas decorrentes da revisão de literatura.

A condução da entrevista pressupõe a criação de condições favoráveis ao seu desenvolvimento, baseada num clima propício de confiança e à-vontade, para a captação imediata da informação desejada sobre os mais diversos aspectos, assim, as entrevistas efectuadas foram semelhantes a conversas. Seguidamente procedeu-se à transcrição textual das entrevistas para

---

<sup>102</sup> BODGAN, Robert, BIKLEN, SARI, *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*, Porto Editora, 1994, pág. 18;

<sup>103</sup> LOURENÇO, Livia Patrícia Rodrigues, *Envolvimento dos Encarregados de Educação na Escola: Concepções e Práticas*, obtenção de Mestrado em Educação -Especialização em Administração e Organização Escolar, Lisboa, Universidade de Lisboa Faculdade de Ciências Departamento de Educação, Setembro de 2008;

<sup>104</sup> BODGAN, Robert, BIKLEN, SARI, *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*, Porto Editora, 1994, pág. 135;

<sup>105</sup> Anexo 4 – Guiões das entrevistas

consequente tratamento dos dados e análise. As entrevistas foram transcritas na íntegra e procurou-se reproduzir o mais fielmente possível a versão áudio, nomeadamente no que concerne à pontuação. Completa a transcrição das entrevistas e após algumas correcções, os textos escritos foram enviadas por e-mail aos entrevistados, para que fizessem as alterações que considerassem necessárias. Destaca-se que nenhum dos participantes procedeu a qualquer tipo de alteração.

### 3.3.4. Análise de Conteúdo

#### 3.3.4.1. Entrevista ao Subdirector do Agrupamento (SD) - representante da Escola

A entrevista efectuada a SD decorreu no seu gabinete, na Escola EB 2/3 Dr. Carlos Pinto Ferreira, dia 25 de Fevereiro de 2011, pelas 11h e teve a duração de cerca de 30 minutos. Esta tinha como objectivos: conhecer a perspectiva, do SD, face às APEE; recolher informação sobre as APEE existentes no Agrupamento; compreender as dimensões de actuação aplicadas em prol da relação Associação de Pais e Encarregados de Educação /Família/Escola; e, por último, descobrir as mudanças ocorridas com a presença das APEE desde que SD exerce funções directivas/coordenação no Agrupamento.

Após a transcrição da entrevista<sup>106</sup> procedeu-se à análise de conteúdo<sup>107</sup>, sendo identificadas categorias que “constituem um meio de classificar os dados descritivos [...] de forma a que o material contido num determinado tópico possa ser fisicamente apartado dos outros dados”<sup>108</sup>. Foram identificadas seis categorias: 1- AP; 2- AP no AVEJ; 3- Movimentos Associativos; 4 - Relação com o Agrupamento; 5- Actividades; e 6 – Estratégias de intervenção.

No que respeita à categoria da **AP** foi possível identificar duas subcategorias:

---

<sup>106</sup> Anexo 5 – Transcrição entrevista a “SD” do AVEJ;

<sup>107</sup> Anexo 6 – Análise Conteúdo entrevista “SD” do AVEJ;

<sup>108</sup> BODGAN, Robert, BIKLEN, Sari, *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*, Porto Editora, 1994, pág. 221;

<b>Quadro 5 - Associações de Pais</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Excertos</b>
<b>Função</b>	<i>“Toda a gente sabe que as Associações de Pais e Encarregados de Educação são importantes, até porque educar é cada vez mais uma tarefa difícil e se não nos envolvermos todos na educação não adianta nada [...] realmente, não adianta nada andarmos aqui com regras se os pais e a escola não pautarem a educação também por essas regras”.</i>
<b>Articulação</b>	<i>“é fundamental que os pais e a escola funcionem em conjunto e que puxem todos para o mesmo lado e, infelizmente, aqui não temos tido esse tipo de comportamentos.” Não é que a gente tenha queixa dos pais, não é. Há pais que nos dizem que não se interessam porque não têm problemas, mas o não ter problemas não é resposta nenhuma. Não têm eles, mas têm outros e, como fazemos parte da mesma divisa, todos temos que ajudar. Nesse aspecto, eu acho que os pais são um parceiro fundamental que deveriam ter um papel mais activo do aquele que têm.”</i>

*Quadro de elaboração própria*

Face a estas duas subcategorias depreende-se que as AP assumem um papel e importância preponderantes. A articulação entre pais/família e escola é essencial e necessária, embora os pais devessem ter um papel mais activo e demonstrar mais interesse pela escola. O SD indica que falar de educação implica um envolvimento por parte de todos os que fazem parte da comunidade educativa, logo torna-se fundamental que as regras existentes sejam transversais ao contexto escolar e familiar.

Relativamente à segunda categoria - **AP no AVEJ** esta compreende três subcategorias:

<b>Quadro 6 - Associações de Pais no AVEJ</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Excertos</b>
<b>Existência de APEE</b>	<i>“Existem cinco Associações de Pais. Uma foi formada há pouco tempo (...) é a Associação de Pais de Bagunte. Outra é a de Touquinha, é a semi-activa (...) temos três que estão paradas que são a de Arcos, Rio Mau e a Associação de Pais do Agrupamento, que funcionou enquanto esteve à frente da Associação o Engenheiro, depois foi-se embora e, neste momento, não há meio de a pôr em funcionamento, nem resposta nos dão.”</i>
<b>Motivo da constituição</b>	<i>“As quatro que são de Freguesias diferentes tiveram a ver com rivalidades, nitidamente com rivalidades. Aliás, nós notamos isso em algumas medidas que quisemos impor e vimos a reacção em termos do 1º Ciclo.” “Há uma rivalidade muito grande (...) se bem que a de Touquinha é mais antiga e os pais sempre revelaram, para com o Agrupamento, alguma dinâmica.” “A outra surgiu quando o Agrupamento foi formado com um grupo de pais que achou que deveria haver uma Associação só no Agrupamento todo (...) fizeram um estudo acerca do que os pais</i>

	<i>pensavam da escola e como poderiam envolver-se.”</i>
<b>Constrangimentos</b>	<i>“Touguinha (...) praticamente só se preocupam com o Jardim e a Escola do 1º Ciclo. Enquanto esteve à frente o Sr. Sérgio esse comparecia sempre às reuniões, estava sempre pronto para participar. Desde que ele saiu nunca mais se fizeram representar no Conselho Geral, nem no Conselho Pedagógico. A gente pode convocar, mas nunca aparece ninguém, mas acho que essa proliferação tem a ver com rivalidades entre Freguesias.”</i>

*Quadro de elaboração própria*

Destas subcategorias percebe-se que no AVEJ existem cinco APEE, havendo uma que foi recentemente criada (Bagunte), uma semi-activa (Touguinha) e três inactivas (Arcos, Rio Mau e Agrupamento). SD destaca que têm tentando fomentar a reactivação da APAEJ, mas têm-se revelado um processo difícil.

Segundo SD, constituição das AP baseou-se, essencialmente, em rivalidades, embora a de Touguinha tenha evidenciado sempre alguma dinâmica. Reconhece que APAEJ constituiu-se porque havia um grupo de pais que entendia que só deveria existir uma AP no Agrupamento, tendo os elementos que a integraram realizado um estudo acerca da escola e o envolvimento dos pais.

Indica que ao nível da participação das AP existem alguns constrangimentos, na medida em que existem AP que se preocupam unicamente com o seu espaço escolar, sendo exemplo disso a AP de Touguinha. Ressalva que os elementos desta direcção, além de não comparecerem quando são convocados, também não se fazem representar no Conselho Geral, nem no Pedagógico, como já acontecera anteriormente.

Quanto à terceira categoria – **Movimentos Associativos** esta permitiu detectar se as AP integram ou integraram movimentos associativos concelhios como a Federação Concelhia das Associações de Pais e Encarregados de Educação do Concelho de Vila do Conde - FAPCONDE ou nacionais como a Confederação Nacional das Associações de Pais - CONFAP, sendo referenciado:

*“A Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento estava representada e inscrita. As outras, muito sinceramente, não sabemos. A Associação de Pais do Agrupamento estava, pelo menos era o que o Engenheiro referia no Pedagógico quando dava conhecimento das reuniões.”*

A quarta categoria, **Relação com o Agrupamento**, após a análise dos dados permitiu formar três subcategorias:

<b>Quadro 7 - Relação com o Agrupamento</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Excertos</b>
<b>Relação</b>	<i>“De parceria não é, infelizmente não é. Não sei se lhe hei-de chamar de alheamento. A única coisa que posso constatar é que, mesmo quando os convocamos para reuniões ou para indicarem elementos para representar a comissão com objectivos vários, quer seja do Projecto Educativo, entre outros, nunca nos aparece resposta”.</i> <i>“Ainda esta semana fizemos uma reunião com os representantes dos pais e a verdade é que apareceram bastantes pais, não apareceram todos os representantes (...) e ficamos com a impressão (...) que eles vêm lá falar no que diz respeito aos filhos deles ou às Freguesias e, se isso atinge o Agrupamento então também diz respeito ao Agrupamento, se não, não. O mais engraçado é que nenhum dos pais falou sequer das Associações de Pais. Numa reunião de duas horas e tal ninguém quis saber se eles têm funcionado, se funcionam ou se não funcionam.”</i>
<b>Representatividade APEE</b>	<i>“Não têm voz activa (...) vamos lá ver se esta mais recente, a de Bagunte, consegue mexer-se mais um bocado, mas também fico com a impressão (...) que a ideia é a mesma olhar pelo que diz respeito a Bagunte e não pensar em termos de Agrupamento. Em qualquer uma delas e, mesmo na do Agrupamento, a gente ficava sempre com essa impressão que eles não conseguem pensar no Agrupamento enquanto Agrupamento, querem é proteger o nicho deles e ver o que é que conseguem fazer em favor de.”</i>
<b>Mobilização</b>	<i>“Nós (...) quando há alguma actividade convidámo-los sempre. Geralmente da parte deles só recebemos convites quando fazem alguma Festa de Final de Ano, algum Jantar. (...) Em Touguinha fazem sempre muitas actividades, envolvem os pais (...) e convidamos para assistir às actividades, não é para participar, mas sim para assistir.”</i>

*Quadro de elaboração própria*

Quanto à relação e postura das APEE com o Agrupamento, esta não é identificada como de parceria, mas SD também não sabe se a pode classificar de alheamento. O que têm constatado enquanto Agrupamento é que as AP quando solicitadas ou convocadas não dão resposta, tendo que recorrer aos representantes dos pais nas turmas, que também não questionam sobre as AP, nem evidenciam interesse por saber se estes estão a funcionar.

Salienta que as AP não têm voz activa, nem conseguem agir e actuar pensando na globalidade do Agrupamento, a tendência é para protegerem-se e procurar alcançar objectivos individuais. Perante esta realidade, verbaliza que espera que a AP de Bagunte seja o inverso das restantes, visto ser recente.

No que respeita às estratégias de mobilização, quando as actividades são promovidas pelo Agrupamento convidam sempre as AP. Todavia, quando as AP organizam acções convidam a Direcção do Agrupamento para assistir, mas não para participar.

Relativamente à quinta categoria – **Actividades**, foram constituídas sete subcategorias, que permitiram a obtenção de dados concretos, designadamente:

<b>Quadro 8 - Actividades</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Excertos</b>
<b>Actividades desenvolvidas</b>	<p>“As acções que são feitas têm mais a ver com festas.”</p> <p>“Dia do Agrupamento e o Magusto, Prémios de Mérito Escolar, Acções de Formação, Mesas de Outono e Dia de Vila do Conde.”</p>
<b>Acções de Formação</b>	<p>“Mesmo as acções de formação que a gente tenta promover para os pais, nunca têm muita adesão. Além de que, no ano passado, tivemos uma agradável surpresa (...) a equipa do PES fez uma acção por causa da Educação Sexual e convidamos os representantes das turmas todas e as Associações de Pais (...) apareceram cerca de cento e cinquenta pessoas.”</p> <p>“Há dois anos fizemos uma sobre os perigos da internet e pensávamos que era um tema que interessava a toda a gente, que íamos ter muita gente, de tal maneira que pedimos o auditório em Vila do Conde. Resultado, se não fossem os professores a sala ficava completamente vazia, pais só lá estavam entre três a quatro. Há coisas que realmente não se conseguem explicar.”</p>
<b>Auscultação dos Pais</b>	<p>“com a construção do Projecto Educativo (...) pedimos aos pais que estavam na equipa, que também eram representantes dos pais, temas que gostassem de ver tratados, acções de formação e, portanto, não houve propostas.”</p>
<b>Divulgação</b>	<p>“Eles pensam todos em termo de paróquia. Touguinha faz a festa e é para os de Touguinha e convidam os elementos da Direcção. Não abrem aquilo, é como eu digo, eles não conseguem pensar numa Associação de Pais como uma Associação de todo o Agrupamento.”</p>
<b>Planificação</b>	<p>“Não. Há alturas em que desejam fazer uma Festa de Natal ou como já há a Festa de Natal da Escola eles podem participar e aí vai o Plano a Pedagógico. É um Plano que é apresentado pela Professora da Escola com a colaboração dos pais.”</p> <p>“Em termos de autonomia ao nível dos Planos nunca tivemos nenhum apresentado por eles.”</p>
<b>Participação dos pais</b>	<p>“Touguinha funciona bem e tem sempre muita gente e participam muitos pais.”</p> <p>Acção de Formação sobre Educação Sexual “muita gente, muita para além do que estávamos a contar e, sobretudo os pais mostrarem-se muito interessados.”</p> <p>“No Magusto não aparecem tantos, mas no dia do Agrupamento lá aparecem mais e a actividade é durante o dia todo. Se ao longo do dia vierem cem pais será muito e, se calhar, não vêm de certeza absoluta. Ora no Agrupamento temos cerca de mil e trezentos, mil e quatrocentos alunos, por isso não é nada significativo. Os que vêm são pais dos filhos que se envolvem na actividade.”</p> <p>Entrega “prémios de Mérito Escolar tem-nos acontecido haver alturas</p>

	<p><i>em que estamos a entregar os prémios e os pais não estão presentes.”</i></p> <p><i>“houve uma altura em que a gente tinha uma actividade que, embora fosse feita turma a turma, os responsáveis últimos eram os pais. Eram chamadas de “Mesas de Outono” (...) embora fosse uma actividade que trouxesse os pais à escola, tínhamos que acabar, até porque depois sobrava comida que era uma coisa doída (...) era um desperdício tremendo (...) ali o mais grave era que os pais participavam naquilo com outro intuito – o de vencer.”</i></p> <p><i>“há uma actividade que a Câmara organiza todos os anos que é o Dia de Vila do Conde (...) todas as escolas participam, assim como, cada Agrupamento (...) é em Vila do Conde, é à noite, geralmente a uma sexta-feira ou sábado, pois a maior parte dos pais dos alunos que participam, nem sequer vão ver. Não comparecem e depois nós temos que ter o cuidado de ver se os pais comparecem para os ir buscar ou se temos que os levar a casa.”</i></p>
<b>Comunidade local</b>	<p><i>“Aquilo é um meio pequeno e praticamente todos têm filhos ali na escola, portanto vai quase tudo.”</i></p> <p><i>“São pais, avós, tios e levam as famílias por arrastamento.”</i></p>

*Quadro de elaboração própria*

Os dados indicam que as actividades desenvolvidas estão relacionadas com festividades e momentos significativos - Dia do Agrupamento, Magusto, entrega de Prémios de Mérito Escolar, acções de formação, Mesas de Outono e o Dia de Vila do Conde.

As acções de formação realizadas para os pais debruçaram-se sobre as temáticas da Educação Sexual e os Perigos da Internet. A primeira contou com a presença e receptividade dos pais, tendo comparecido cerca de cem a cento e cinquenta pessoas. A segunda já não teve a mesma adesão (participação de três a quatro pais), ficando aquém das expectativas. Aquando da elaboração do projecto educativo foram questionados os representantes dos pais sobre temáticas do seu interesse, não havendo qualquer tipo de propostas.

Relativamente à divulgação das actividades SD destaca que as actividades desenvolvidas baseiam-se, essencialmente, em festividades. AP de Touguinha, actua em termos locais, não sendo capaz de alargar as actividades a todo o Agrupamento. SD não identificou as estratégias utilizadas para a divulgação das iniciativas.

No que respeita à planificação das acções esta não existe, o que acontece é que quando os pais desejam fazer/participar numa festa o plano vai a Conselho Pedagógico, mas é um Plano apresentado pela professora evidenciando a colaboração dos pais. As AP nunca tiveram um plano apresentado por elas.

Quanto à participação dos pais nas actividades indica que em Touguinha participam muitos pais. Face ao Agrupamento a acção de formação sobre Educação Sexual teve muita adesão e os pais revelaram interesse; Dia do Agrupamento, não aparecem mais de cem pais, e os que participam são os que têm filhos envolvidos nas actividades; entrega Prémios de Mérito Escolar acontece que, por vezes, na entrega dos prémios os pais não estão presentes; mesas de Outono trazia muitos pais à escola, mas teve que terminar devido ao desperdício de comida e ao facto de os pais participarem com o intuito de vencer; Dia de Vila do Conde os pais dos alunos que participam na actividade nem sequer vão assistir, sendo a escola quem se responsabiliza por levar os alunos a casa.

A comunidade local está presente em grande parte das acções e SD considera que esta presença reflecte-se devido aos meios serem pequenos e como a maioria da população tem filhos na escola acabam por envolver-se e, por arrastamento, implicam a família alargada.

A sexta e última categoria – **Estratégias de intervenção**, foram identificadas três subcategorias:

<b>Quadro 9 - Estratégias de intervenção</b>	
<b>Subcategorias</b>	<b>Excertos</b>
<b>Propostas</b>	<i>“ Nós já tentamos tanta coisa que às vezes, a gente, já nem tem ideias para uma resposta a uma pergunta como esta.”</i>
<b>Dificuldades</b>	<i>“Eu acho que eles não se preocupam com a escola, preocupam-se com o que tem a ver com o filho e se o que tem a ver com o filho está relacionado com a escola, aí preocupam-se.”</i>
<b>Envolvimento das AP</b>	<i>“ (...) Acho um disparate haver tantas Associações de Pais no Agrupamento, até porque não é tão grande. Aquilo é para estar no papel (...) a maior parte deles não faz nada. Preferia ter só uma Associação de Pais que fosse activa, dinâmica e que estivesse presente quando a gente precisasse, além de ser capaz de dizer “olhem, cuidado com isto ou com aquilo”, como o que se passou agora com as refeições, mas não temos.”</i>

*Quadro de elaboração própria*

SD revela que é difícil identificar propostas de intervenção, visto que já tentaram desenvolver vários tipos de acções que já não conseguem propor outras iniciativas. Tal facto prende-se com as dificuldades existentes, designadamente o facto dos pais não se preocuparem com a escola e quando o fazem é por motivos que envolvem os filhos.

Destaca que as AP inactivas existem unicamente no papel e que é despropositada a existência de tantas AP num Agrupamento de pequenas dimensões. O fundamental seria a existência de uma APEE que fosse activa, dinâmica e que estivesse presente.

Face a esta categoria, importa salientar que parece não haver estratégias devidamente planificadas e que é tudo bastante vago.

### **3.3.4.2. Entrevistas aos dirigentes associativos das AP, enquanto representantes dos pais/famílias**

As entrevistas semi-directivas efectuadas aos dirigentes associativos tiveram as seguintes características:

- **AC** decorreu dia 4 de Abril de 2011, pelas 17h30 minutos, na sala de professores da EB1/JI de Vilar Bagunte, tendo a duração de 30 minutos;
- **NS** e **JS** ocorreram, em simultâneo, na Junta de Freguesia de Touguinha, dia 6 de Maio de 2011, pelas 17h, com a duração de cerca de 50 minutos;
- **MN** realizou-se a 25 de Maio de 2011, pelas 15h, na residência da entrevistada, contando com a duração de cerca de 70 minutos.

Estas entrevistas tinham como objectivo identificar os principais contributos das AP, conhecendo a perspectiva dos representantes face à existência deste tipo de associações; recolher informação relativa às APEE “activas” e “inactivas” do Agrupamento; compreender as dimensões de actuação aplicadas em prol da relação AP/Família/Escola; e descobrir as mudanças ocorridas com a presença das AP ao nível das Escolas e do próprio Agrupamento.

Após a transcrição das entrevistas<sup>109</sup> procedeu-se à análise de conteúdo<sup>110</sup>, e à identificação das categorias, sendo identificadas oito categorias: 1- AP; 2- AP Bagunte/ AP Touguinha/ AP Arcos 3- Movimentos Associativos; 4 – Relação da AP com a Escola; 5- Actividades; e 6 – Relação entre AP; 7- Propostas de actuação; e 8 – Representação dos pais acerca da escola.

---

<sup>109</sup> Anexo 7 – Transcrição das entrevistas efectuadas aos Representantes das APEE;

<sup>110</sup> Anexo 8 – Análise de Conteúdo das entrevistas efectuadas aos Representantes das APEE;

A primeira categoria **AP** subdivide-se em duas categorias que são a Importância e a Função. Os entrevistados revelaram que as AP têm uma importância e papel significativo num Agrupamento, na medida em que podem contribuir para o sucesso educativo, sendo necessário existir colaboração e articulação. No que respeita aos pais, elas também assumem um papel preponderante contribuindo, muitas vezes, para a resolução/minimização dos problemas que vão surgindo nas famílias, nomeadamente com o prolongamento.

*“considero que é extremamente importante uma Associação de Pais dentro de um órgão, dentro de uma instituição, como um Agrupamento de Escolas. Acho que é muito importante, dependendo também da perspectiva que a Associação tem em colaborar ou não”. (AC)*

*“é extremamente importante para o sucesso educativo dos alunos (...) quando uma Associação de Pais está com uma actividade, com uma forte actividade, consegue uma articulação com o corpo docente e ajuda o corpo docente nos problemas que surgem no dia-a-dia da escola. Desta forma, consegue também resolver muitos problemas que as famílias têm, sobretudo, quando são pais em idade activa e laboral e que, muitas vezes, têm problemas com o transporte da criança, alimentação, apoio no âmbito escolar e extracurricular”. (MN)*

*“Associação que assegura uma pessoa, a quem paga, para fazer aquilo a que chamamos de prolongamento, ou seja, assegurar a segurança e o bem-estar dos alunos na escola enquanto não chegam os Professores e as aulas não começam”. (JS)*

No que respeita à função das AP, ela assenta numa articulação saudável entre os órgãos de gestão, corpo docente e os pais, visto que eles fazem parte da comunidade educativa e a sua presença é fundamental. A AP funciona como uma ponte de ligação e de proximidade entre os agentes educativos, com o intuito de se alcançar o sucesso educativo.

*“é de extrema importância permitir uma articulação saudável entre os órgãos de gestão e os pais que a constituem, os pais também são comunidade educativa”. (AC)*

*“Eu considero que uma Associação de Pais para funcionar bem necessita de ter uma articulação com o corpo docente da escola, pois só assim é que conseguem alcançar o sucesso educativo”. (MN)*

*“funciona (...) como uma ponte entre pais e Professores. (...) funciona também para o lado dos pais, porque qualquer coisa que seja necessário sabem que têm uma Associação que os defende, protege, que intervém junto da Escola, Professores e do Agrupamento em função dos alunos desta Escola”. (JS)*

A segunda categoria **AP Bagunte/ AP Touquinha/ AP Arcos** permitiu ter uma visão global acerca das AP, sendo detectadas as seguintes subcategorias:

tempo de existência, processo de constituição, objectivos, papel dos pais, papel da comunidade, número de associados, tipo de associados, adesão dos pais, renúnciação e constrangimentos.

As AP's são recentes, constituídas no início do ano lectivo 2010-2011, embora a “inactiva” tivesse sido constituída em 1988. O processo de constituição das AP nasce do colmatar necessidades, não é um processo difícil, contudo é preciso ultrapassar resistências e constrangimentos.

*“não considero este tipo de exercício de constituir esta Associação de Pais difícil, mas por ser algo totalmente novo em Bagunte, deparámo-nos com as normais resistências: o que é, para que serve, quem vai representar, dúvidas (...) depois de desmistificadas as dúvidas considero que foi fácil (...) mas confesso que realmente a adesão dos pais tornou tudo mais fácil.” (AC)*

*“Na altura verificou-se que existiam muitas empresas de confecção nesta zona e que os pais para ir trabalhar tinham que se deslocar e as crianças tinham de fazer um percurso enorme para irem almoçar a casa, algumas andavam quilómetros para ir almoçar e voltar para a escola (...) o jardim como era muito pequeno, começou-se a fazer uma sopinha à hora de almoço. Ainda não existia Associação de Pais e já havia uma panelinha onde se fazia a sopa e as crianças já comiam pelo menos uma sopa e entretanto iam embora, uns sozinhos, outros...como a escola era muito longe, os mais velhos levavam os mais pequeninos”. (MN)*

As AP alicerçadas na trilogia aluno-família-escola, têm como objectivos apoiar as famílias e o apostar no desenvolvimento de uma cultura de participação activa, junto da comunidade educativa, apostando numa escola de sucesso. O facto de terem os filhos integrados na escola e quererem acompanhar o seu percurso escolar, foi outro objectivo enunciado.

*“Esta necessidade de apoiar as famílias, o primeiro objectivo foi esse, apoiar as famílias (...) a Associação tinha sobretudo esta trilogia aluno-família-escola. Os principais objectivos foram o apoio nas refeições escolares e nas actividades dos miúdos do jardim-de-infância”. (MN)*

*“o desenvolvimento de uma cultura de participação activa, junto dos elementos que constituem a comunidade educativa, para desta forma contribuir para uma escola de sucesso, dando sentido e significado à expressão comunidade educativa”. (AC)*

*“o facto de terem os filhos integrados na escola, quererem acompanhá-los”. (NS)*

Quanto ao papel dos pais, estes devem ter um papel mais participativo, activo e pró-activo. Com a existência de uma AP os pais sentem-se mais apoiados e preparados para favorecer o desenvolvimento biopsicossocial das crianças. A comunidade também tem um papel de destaque sendo uma referência para as AP, embora, por vezes, as pessoas não estejam motivadas

para integrar/colaborar, porque estão envolvidas e apoiam outras entidades e associações locais.

*“extremamente importante (...) tem sido uma base, uma pedra basilar, na construção desta própria Associação de Pais”. (AC)*

*“o que acontece cá na Freguesia, infelizmente, é que a motivação para qualquer coisa não é muita (...) as mesmas pessoas estão inseridas em tudo o que se faz nesta Freguesia (...) são sempre as mesmas pessoas que estão envolvidas em diversas Entidades e Associações”. (NS)*

Os pais costumam aderir à AP e contribuem porque sentem-se identificados com os seus objectivos, além de serem detectadas situações em que os pais aderem porque precisam da AP, sendo exemplo ao nível da alimentação e do prolongamento.

*“pais reflectiram-se de alguma forma naqueles que foram os nossos objectivos e daí a adesão deles à criação e à constituição desta Associação de Pais”. (AC)*

*“Os pais estavam envolvidos em tudo, nas festas, no melhorar isto, no informar. Havia uma motivação, eu acho que é isso. Os pais precisavam da Associação”. (MN)*

As subcategorias referentes ao número de associados, tipo de associados e existência de situações de renúnciação, os dados recolhidos permitiram compreender que em quase todas as AP o número de associados corresponde ao número de crianças que integra o estabelecimento de ensino, além de que os associados são compostos essencialmente por pais/EE. Quanto à renúnciação houve o caso numa das AP recentemente formada.

*“Tínhamos, tínhamos associados, sócios e beneméritos. Todos aqueles que frequentavam a escola e o jardim eram sócios efectivos”. (MN)*

*“Exclusivamente pais, pais ou então encarregados de educação”. (AC)*

*“Somente os pais”. (NS)*

*“Nós não temos esse tipo de sistema de quotização ou de sócios, mas pelo que se percebe e pela prática cada pai sente-se membro desta Associação”. (JS)*

*“tivemos uma mãe que desistiu. Sentia-se desmotivada (...) é política da nossa Associação de Pais que não é condição obrigatória, está quem quer, estamos para ajudar e se para aquela mãe foi importante desistir naquele momento, teve o nosso apoio, como o terá quando resolver regressar”. (AC)*

A terceira categoria – Movimentos Associativos, permitiu saber se as AP conhecem os movimentos existentes a nível concelhio (FAPCONDE) e nacional (CONFAP) e se estão representadas. No que respeita à AP “inactiva” MN referiu que quando integrava a AP Arcos não estavam inscritos porque não

existia. Os restantes entrevistados conhecem os movimentos mas não estão integrados, embora reconheçam a sua pertinência.

*“nosso objectivo é o de uma vez constituída esta Associação consolidá-la, mas de uma forma segura (...) não há nenhuma razão em especial para não estarmos inscritas na CONFAP ou na Rede Social, mas é algo que vamos e está projectado para fazer”. (AC)*

*Temos conhecimento, mas não estamos inscritos porque não estamos legalizados. A nossa Associação tem os Estatutos, mas não estamos oficialmente legalizados”. (JS)*

*“Não sei se é esse o objectivo da Associação de Pais cá em Touguinha”. (NS)*

A categoria – **Relação da AP com a Escola** permitiu detectar a existência de cinco subcategorias, relação, estratégias, representação nos órgãos de gestão e motivo de inactividade.

Perante os dados recolhidos constatamos que a relação das AP com a escola é de articulação, colaboração, entendimento, parceria e envolvimento, devendo esta relação ser transversal aos órgãos de gestão, coordenadora de escola, quer com os professores.

*“postura é de parceria, de colaboração, de entendimento, de articulação (...) uma Associação de Pais nunca poderá actuar à margem de um Agrupamento de Escolas, portanto é assumido pela nossa Associação uma parceria que seja a mais profícua possível, com todos os elementos, quer sejam os próprios órgãos de gestão, quer seja a Coordenadora de Escola, quer sejam os Professores do estabelecimento de ensino”. (AC)*

*Com o Agrupamento “há mais burocracias (...) nós não somos um órgão legal, mas a nossa função também não é complicar mas sim simplificar (...) estamos aqui para simplificar tudo o que seja Escola/Agrupamento, Escola/Pais, Pais/Agrupamento. O nosso objectivo é ajudar e não estamos cá para complicar nada”. (NS)*

As estratégias de mobilização utilizadas baseiam-se no contacto directo e o trabalho em equipa com os professores e a coordenadora de escola, apostando numa relação de proximidade e complementaridade. Segundo NS e JS os pais costumam recorrer à AP e dão sugestões, são pessoas atentas, activas e dão apoio sempre que necessário.

No que respeita aos órgãos de gestão MN refere que a sua AP quando estava activa tinha representação no Conselho Pedagógico; AC sublinha que a AP que integra já tem um representante no Conselho Pedagógico; NS frisa que têm um membro, no Conselho Geral, mas que pertence à antiga APEE.

Face à última subcategoria, MN ressalva que a inactividade da APEE Arcos prende-se com questões políticas, tendo a sua actividade cessado em Março de 2005.

*“O motivo foi essencialmente político, infelizmente, mas foi. Eu acho que foi em 2005 em Março, isto parou em Março de 2005”. (MN)*

A quinta categoria – **Actividades** facultou dados que permitiram delinear várias subcategorias – acções desenvolvidas, propostas, plano de actividades, divulgação e avaliação.

As acções que as AP implementam baseiam-se na comemoração de datas festivas, sendo as mais comuns Festa de Natal, Festa de Final de Ano, Carnaval e Magusto, por sua vez, existem AP que desenvolvem acção de formação, fomentando a presença de pais e filhos no mesmo espaço. Estas actividades são propostas tanto pelos pais como pelos professores, mas há situações em que elas advêm da comunidade.

*“As decisões são tomadas em Sede de Associação (...) a informação circula, as ideias, nós falamos sobre isto com alguém, alguém sugeriu isto, trás à Assembleia, a Assembleia leva à discussão e acredito que muitas ou algumas até das nossas actividades sejam actividades que foram pensadas por pessoas extra Associação, mas que foram trazidas à discussão por alguém que faz parte da Associação”. (AC)*

Todas as AP têm um Plano de Actividades onde consta as acções que vão ser realizadas ao longo do ano lectivo, mas é um plano de actividades próprio que é dado a conhecer à coordenadora de escola e ao Agrupamento para que conheçam o trabalho a ser realizado.

*“temos um Plano de Actividades Próprio (...) no início de cada ano reunimos os órgãos e definimos as nossas estratégias, aquilo a que nos propomos desenvolver ao longo do ano em diferentes eixos: social, económico, educacional, em diferentes eixos (...) por uma questão de ética, damos conhecimento ao Agrupamento de Escolas da nossa pretensão, mas só para que o Agrupamento conheça o nosso trabalho, aquilo que nós nos propomos fazer num determinado momento da vida dos seus alunos, porque eles podem ser os nossos filhos, mas são alunos de uma Escola (...) é assim que baseamos essa parceria, partilha, pois é de bom senso dar conhecimento ao Agrupamento de Escolas, à Coordenadora do estabelecimento de ensino aquilo que nós nos propomos a fazer ao longo daquele ano lectivo”. (AC)*

A divulgação das actividades assume diferentes formas. Segundo MN os pais eram mobilizados “por correspondência” e a coordenadora de escola “por comunicado e oralmente”. NS indica que “é por entrega na escola de um papel que é dado a cada aluno e que põem na caderneta para entregar aos pais” e

“pôr à entrada da escola”. JS sublinha que “é uma comunicação sempre escrita”, ressaltando que “são sempre actividades direccionadas para a comunidade escolar, seja a comunidade no sentido docente ou discente ou de família, portanto pouco sentido teria divulgar pela comunidade”. AC “através da afixação de cartazes, boca-a-boca, emails (...) nesta primeira fase, estamos a divulgar através de panfletos de folhas A4 imprimidas (...) e a afixar nos diferentes locais (...) edifícios (...) os cafés também são um local de publicidade”.

Relativamente à avaliação os entrevistados destacaram:

*“Fazíamos. Reunia a Direcção e posteriormente fazia-se com o grupo todo, viam-se os pontos positivos e os negativos”. (MN)*

*“fazemos sempre, mas... nunca fazemos. A avaliação vem ter sempre connosco (...) ela é sempre avaliada, mas de fora para dentro e não de dentro para fora. É curioso que após a realização de uma actividade, nós somos contactados pelas diferentes pessoas, intervenientes que tiveram acesso à actividade: “correu muito bem, “têm que repetir”, “foi uma coisa fantástica”, “foi um momento extraordinário”, “têm que fazer mais vezes”, “como é que vocês se lembraram disto?” (AC)*

*“Não temos tempo para isso”. (JS)*

*“Isso vê-se no sorriso das crianças e se eles gostarem dizem que gostam e se não gostarem também dizem que não gostam. Avaliação concreta... não fazemos, não faz sentido fazermos avaliação”.*

A sexta categoria - **Relação entre AP**, deu a conhecer a perspectiva que as AP têm acerca das APEE existentes no Agrupamento e se desenvolvem projectos comuns. Assim, face à existência de outras AP foi possível apurar que AC sabe da existência de outras Associações de Pais e Encarregados de Educação no Agrupamento, mas por ouvir falar. Evidência o nome de algumas Associações, mas revela desconhecimento quanto às que estão activas e às inactivas; NS refere que tem conhecimento da presença de uma AP, mas não indica qual; e JS refere que existe AP em Bagunte e que a Escola Sede também deve ter, sendo notório um certo desconhecimento.

*“sei que existem e conheço de ouvir falar, não que eu tenha intervindo directamente com alguns dos elementos, mas se não estou em erro Rio Mau, Arcos, Touguinha e é só, que eu conheça, que eu ouça falar, não sei... Touguinha esteve... não sei se ainda se mantém activa”. (AC)*

*“Tenho de mais uma”. (NS)*

*“Bagunte, a própria Escola Sede também deve ter”. (JS)*

Face ao desconhecimento JS declara que “nós existimos e sabem da nossa existência, se nós não sabemos dizer de outras é porque nunca nos puseram

*frente a frente ou numa reunião geral. Na minha experiência enquanto professor, na minha escola eu faço ao contrário, eu convido para.”*

Quanto à existência de projectos comuns estes nunca existiram. AC revela que nunca realizou projectos/actividades com outras Associações, porque sente que têm necessidade de se conhecer melhor e de dar a conhecer o seu trabalho. NS confessa que nunca houve projectos em comum, mas admite que a AP que integra pode ser um meio facilitador de aproximação, assim como a Direcção do Agrupamento que poderia promover um intercâmbio entre as AP existentes no Agrupamento da Junqueira.

*“nunca pensamos nisso porque ainda temos que nos conhecer a nós próprios, temos que dar tempo de nos conhecermos, de dar a conhecer o nosso trabalho [...] porque nós para fazermos parcerias também temos que ser bons naquilo que fazemos”. (AC)*

*“Não (...) se calhar poderíamos ser nós a promover isso, mas acho que para além de convidar deveria ser o Agrupamento a promover o intercâmbio entre as várias Associações e se eles dissessem que “estes senhores vêm para nos facilitar e para nos ajudar”... porque deveriam ver-nos como um aliado. A Direcção da Escola deveria ser mais pró-activa”. (JS)*

A sétima categoria - **Propostas de actuação**, os entrevistados apresentaram algumas estratégias e actividades passíveis de concretização envolvendo elementos da comunidade educativa. Os dirigentes da AP Touguinha expressam que *“deveria haver uma interligação mais próxima com o Agrupamento”* (NS) e *“uma grande estratégia seria, por exemplo, promover a partir das diferentes Associações ou das Escolas que não tivessem Associação a Coordenadora de Estabelecimento uma actividade ou um dia de actividades conjunto de Agrupamento na Sede do Agrupamento (...) e com eles realizar um conjunto de actividade (...) desportivas, variadas com os miúdos, acho que seria assinalável e seria um desafio”* (JS).

JS sublinha a necessidade de presença e envolvimento das AP nas acções e a importância de trabalhar em conjunto com vista à unificação, demonstrando que realmente são um Agrupamento.

*“no sentido de unificar pois sabemos que fazemos parte de um Agrupamento e devemos demonstrar que somos realmente um Agrupamento”  
“seria uma forma até das Associações (...) serem convidadas, estarem presentes, participar na organização e nas actividades”.*

A última categoria - **Representação dos pais acerca da escola**, deu a conhecer a perspectiva que os dirigentes associativos têm, enquanto pais, face ao contexto escolar. Deste modo:

AC frisa que os pais vêem a escola como um espaço que serve para educar e que os filhos vão lá para aprender. Mas a escola é mais do que isso e os pais são uma peça fundamental, pois também são educadores.

*“A Escola serve para educar, eles só vão lá para aprender. Os pais viam a Escola como isso, é para aprender, eles vão lá para aprender. Mas a Escola é muito mais do que isso, os pais são muito mais do que pais, os pais também são educadores. Não são só os Professores que são educadores, os pais também têm que ser educadores.”*

NS considera que os pais vêem a escola como um espaço que tem o dever de garantir a educação dos filhos e a obrigação de dar a educação que não têm em casa. Sente que neste momento os pais desejam que a escola seja multifacetada e cumpra a função de ensinar, educar e que faça um pouco de tudo. Destaca o problema da burocratização dentro das escolas.

*“Neste momento eu vejo que os pais querem, nem todos, mas a maior parte dos pais pensam que a escola tem que ser o garante da educação dos filhos e tem que ser a escola a dar a educação que os pais não dão em casa aos filhos.”*  
*“os pais estão mais preocupados com que a escola ensine, eduque, faça de baby sitter, que faça um bocadinho de tudo”.*  
*“a burocracia dentro das escolas também faz com que os Professores se baldem um bocadinho, porque se têm que apresentar/dar um castigo a um aluno na escola tem que haver reuniões, preencher não sei quantos impressos, têm que ser ouvidos, isto tudo só por causa de um castigo.”*

JS salienta que a escola é vista como um espaço de depósito onde as crianças são entregues e que os pais não se preocupam com os filhos a não ser quando acontece alguma coisa. Destaca que a os pais é que são os responsáveis pela educação dos filhos, mas estão sempre à espera que o ensino e a educação sejam assumidos pelos professores e funcionários. Além de que, alguns dos problemas que ocorrem no espaço escolar prende-se com o sistema de ensino e o facto de a educação ser diferente da de outrora.

*“os pais têm a sua profissão, muitas vezes levantam-se cedo, vêm tarde e a Escola funciona como um depósito para os filhos, colocam-nos ali e eles estão ali, estão entregues, sabem que a Escola é vedada e dali não saem e que tem gente a tomar conta deles (...) não procuram saber como está o filho, como vai como é que não vai, excepto se acontecer” alguma coisa.*  
*“Os pais é que devem dar a educação aos filhos, mas estão à espera que sejam os Professores, os funcionários da Escola a fazê-lo, a fazer as duas coisas a ensinar e a educar. Embora não queira dizer que isto não seja também função do Professor, mas há educação que deve ser tida em família pelos pais e família em*

*geral, e há outra que é um bocadinho diferente e que já pressupõe a anterior, a da família, para ser feita na escola.”*  
*“O problema é do sistema e é uma educação diferente”.*

NS considera que os pais não têm opiniões positivas acerca da escola devido aos meios de comunicação social. Hoje exige-se muito da escola e culpabilizámo-la acerca de tudo o que acontece de mal. Fazemos parte de uma sociedade complicada e desestruturada, com pais ausentes e com hábitos de exigência.

*“acho que os pais vêm muito mal a escola por causa da comunicação social (...) a comunicação social mata a escola, mata as famílias, mata tudo. Por outro lado, as famílias (...) exigem tudo da escola, mas não dão à escola.”*  
*“está muito mal e (...) há uma falta de respeito muito grande, hoje com a escola. Até dá impressão que a escola tem culpa e que é a culpada de tudo”.*  
*“os filhos foram criados e habituados a gastar, a esbanjar, mas exigindo. Os pais estiveram muito ausentes, está uma sociedade muito complicada”.*

Face a esta categoria, importa sublinhar que a noção de representação situa-se:

*“numa encruzilhada com múltiplos acessos. As representações sociais apresentam-se sob formas variadas, mais ou menos complexas: imagens, sistemas de referência, categorias, teorias (...) no seu sentido mais lato designa uma forma de pensamento social. As representações sociais são partilhadas pelos membros de uma sociedade ou colectividade”<sup>111</sup>.*

O facto de tentarmos compreender a representação dos pais face à escola, surge neste estudo, de uma forma indirecta, na medida em que tivemos necessidade de perceber como se apresentam no campo educativo. Segundo Gilly (1989, cit. por Neto (1998:486)):

*“o campo educativo aparece como um campo privilegiado para ver como se constroem, evoluem e se transformam representações sociais no seio dos grupos sociais e iluminar-nos sobre o papel destas construções nas relações destes grupos com o objecto da sua representação”<sup>112</sup>.*

As representações sociais não são mais do que a indicação ou orientação de comportamentos. Elas são uma forma de conhecimento, de saber que serve para agir sobre o mundo e sobre o outro, situando o indivíduo no seu meio, marcando as respectivas atitudes e práticas. Tal como refere Denise Jodelet (1990, cit. por Borges, Monteiro Miranda (2009:64)):

*“toda a representação social é representação de qualquer coisa e de alguém. Ela não é nem o duplo do real, nem o duplo do ideal, nem a parte subjectiva do*

---

<sup>111</sup> NETO, Félix, *Psicologia Social – volume I*, Lisboa, Universidade Aberta, 1998, pág. 469;

<sup>112</sup> *Ibidem*, pág. 486;

*objecto, nem a parte objectiva do sujeito. Ela é o processo pelo qual se estabelece a sua relação”<sup>113</sup>.*

Após a análise do conteúdo das entrevistas ressaltam os seguintes aspectos:

- Existe um desconhecimento acerca das AP que fazem parte do AVEJ, desconhecimento esse que engloba as próprias AP e que é alargado ao próprio Agrupamento;
- AP não articulam entre si, não conhecem o trabalho umas das outras, nem evidenciam interesse em sabê-lo;
- AP de Touguinha está activa, mas não está legalizada;
- AP não estão representadas em todos os órgãos de gestão, designadamente Conselho Geral e Conselho Pedagógico, sendo esse papel assumido, muitas vezes, pelos representantes dos pais;
- AP defendem que a relação que têm com a escola baseia-se na parceria e envolvimento, fomentando a colaboração, a articulação e o entendimento, mas esta atitude deveria ser transversal ao Agrupamento, especialmente com a Direcção;
- AP não integram o movimento associativo concelhio – FAPCONDE, embora reconheçam a importância do movimento;
- AP expressaram vontade de vir a ser elementos constitutivos da Rede Social de Vila do Conde;
- Entrevistados consideram que a Avaliação das actividades não é preponderante, debruçando-se esta, unicamente, no feedback dos participantes;
- Pais/famílias participam e envolvem-se nas actividades da escola, mas deveriam ser mais pró-activos;
- Pertinência em desenvolver um estudo aprofundado acerca das representações dos pais face à escola.

---

<sup>113</sup> BORGES, Ana Sofia de Abreu Ferreira, MONTEIRO, Liliana de Jesus Azoia, MIRANDA, Maria de La Salette Carvalho Moreira Ferreira, *Perpectivar a (Re) construção da relação entre Família e Escola: (novos) Saberes, (novas) Competências*, Porto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2009, pág. 64;

### **3.3. Projecto de Intervenção Comunitária - Revitalizar a Associação de Pais do Agrupamento de Escolas da Junqueira – APAEJ**

Sendo o fundamento deste estudo criar condições para a revitalização da APAEJ, após a aplicação das entrevistas os dados<sup>114</sup> foram apresentados, dia 7 de Julho, aos entrevistados e às entidades envolvidas no projecto. Esta reunião decorreu no AVEJ e tinha como objectivos apresentar às APEE “activas” as conclusões das entrevistas efectuadas e identificar acções que as AP pudessem integrar e desenvolver em prol da comunidade educativa do Agrupamento.

Nesta reunião, foram debatidos vários aspectos relacionados com a família e a escola, sendo de realçar o papel dos pais/EE, a pertinência de formar para uma mudança de cultura e atitudes, criar hábitos de presença e desenvolver o sentido de utilidade em oposição ao de inutilidade. Face a estas possíveis mudanças surgiu a seguinte questão: *Que participação é esperada dos pais no Agrupamento?* Os elementos das APEE presentes na reunião destacaram que estavam dispostos a colaborar em algumas acções, mas evocaram que centram a sua intervenção unicamente ao nível das suas escolas e ao meio onde foram constituídas as AP. Foram apresentados alguns exemplos de acções que podem vir a ser desenvolvidas pelos pais/EE, em parceria com as AP, destacando:

- Criação de iniciativas e programas de formação para pais/EE, como por exemplo “Clube de Pais? ...”,
- Actividades, em contexto escolar, que sejam potenciadoras da revalorização das pessoas seus conhecimentos e saberes – tradições culturais;
- “Encontros Familiares” com workshops temáticos que potenciem a relação pais/filhos/escola;
- Actividades desportivas ou outras com grupos formados por pais e alunos.

---

<sup>114</sup> Anexo 9 – Registo de Reunião;

Desta reunião surgiu a necessidade de se promover uma Sessão de Sensibilização para pais/EE sobre *“A Importância da Participação dos Pais na Vida da Escola”*, com o objectivo de revitalizar a Associação de Pais do Agrupamento tornando-a o epicentro da participação dos pais/famílias na escola e promovendo actividades concertadas de envolvimento ao longo de todo o ano.

De modo a iniciar o processo, os pais foram convocados pela responsável do Agrupamento para uma reunião preliminar na escola, com o objectivo de conhecerem os objectivos e importância de uma AP e de a poderem reconstituir<sup>115</sup>. Compareceram à acção, dia 23 de Setembro, cerca de 70 pais, professores e estiveram presentes elementos da CONFAP e FAPCONDE, com intervenções no sentido de motivarem os pais para a constituição da associação. Na sequência desta, marcou-se a reunião seguinte, já com um conjunto de pais com manifestação de interesse em assumirem essa tarefa. Os pais foram acompanhados neste processo pelas diferentes equipas envolvidas no projecto – CLDS e ESEPF, contando com a colaboração da CONFAP e FAPCONDE.

A 25 de Novembro, a APAEJ foi oficialmente constituída, em Assembleia Geral<sup>116</sup>, por lista única, com a presença de quarenta e cinco pais/EE. Os elementos que integram a APAEJ têm representatividade ao nível das freguesias e dos diferentes ciclos, aspecto este que foi ressaltado como positivo pelo Director do Agrupamento.

### **3.4. Articulação dos resultados com as hipóteses formuladas**

No que respeita aos resultados, chegada a esta fase do estudo, pode-se afirmar que as hipóteses teóricas foram um elemento fulcral em todo o processo de estudo, na medida em que induziram o espírito de descoberta e foram um fio condutor no decorrer da investigação.

Perante as duas hipóteses levantadas aquando a construção da pergunta de partida, concluiu-se que:

---

<sup>115</sup> Anexo 10 – Sessão de Sensibilização sobre *“A Importância da Participação dos Pais na Vida da Escola”* – Planificação e Avaliação da Actividade, Cartaz de divulgação, Panfleto, Folha de Avaliação e Ficha para os Pais;

<sup>116</sup> Anexo 11 – Auto de Tomada de Posse da APAEJ;

***O envolvimento parental, no contexto escolar, funciona como um meio facilitador no desenvolvimento de práticas educativas de/para o sucesso,*** isto se família e escola estabelecerem laços de proximidade, onde predomine a comunicação, o envolvimento e a participação. Torna-se fundamental que esta relação esteja alicerçada numa aproximação onde vigore a confiança e um clima de cooperação, para que as interações entre família-escola e escola-família aumentem.

Este estudo permitiu constatar que se os pais percepcionarem a escola e os professores de forma mais positiva e revelarem interesse pelo processo educativo estarão mais predispostos para entender melhor as políticas da escola, a acção dos professores e acompanhar os progressos dos filhos. Mas, para que as relações e o envolvimento sejam sustentáveis é imprescindível que os pais, além de comunicar com a escola, valorizem-na e falem dela aos filhos, que tentem proporcionar momentos de aprendizagem em casa e na comunidade e que participem nas actividades da vida da escola.

Desta hipótese, ficam três ideias centrais:

- Pais devem acompanhar os filhos para conhecer a escola e, assim, defender todas as condições mínimas para um trabalho de qualidade;
- Escola é um espaço para se fazer e colaborar, mas isso depende da cooperação, participação e entrega por parte dos pais, professores e toda a comunidade educativa;
- Envolvimento parental na escola sendo promotor de partilha de saberes e recursos, contribuirá significativamente para uma educação de sucesso, com sucesso, para o sucesso.

***A existência de uma Associação de Pais e Encarregados de Educação activa, na comunidade educativa, desperta os pais e/ou encarregados de educação para a participação e um maior interesse por iniciativas que fomentem a relação família-escola,*** isto se tivermos diante de uma AP que seja dinâmica, mobilizadora (como por exemplo a APEEB) e revele capacidade de reconhecer o papel e a importância que os pais/EE têm na vida da escola.

Este estudo revelou que os pais/EE estão receptivos e evidenciam interesse em participar e colaborar com a AP, mas existe uma necessidade premente que passa pelo:

- saber o que é uma AP, conhecer os objectivos e as metas a que se propõem;

- constatar se têm uma AP activa, dinâmica e mobilizadora que esteja apta a intervir e dialogar com a escola em todos os momentos, quer seja para a resolução de problemas, quer para a concretização de iniciativas. Nesta perspectiva, Andrade (1994), expõe:

*“as associações de pais não são apenas um conjunto de pais e encarregados de educação dos alunos de uma escola, não são um clube privado, não são um grupo de amigos, embora nas associações de pais se privilegie a relação de amizade [...] as associações de pais são muito mais do que isso – é uma forma organizada de os pais e encarregados de educação participarem no sistema educativo, mas participarem no sistema educativo juntamente com os seus pares, com os professores, com os outros agentes de acção educativa [...] há necessidade de participarmos na escola, escola que [...] é uma comunidade educativa, onde tem que haver uma parceria e os pais pretendem estar de corpo inteiro [...] sentimos que temos o direito e sobretudo o dever de participar, de estar presentes, naquilo que nos é mais caro, que é a educação dos nossos filhos”.<sup>117</sup>*

### 3.5. Resposta à Pergunta de Partida

***“A intervenção comunitária constitui uma prática facilitadora na reconstrução e dinamização da APAEJ?”***

Este estudo permitiu concluir que a intervenção comunitária (IC), além de ser uma prática facilitadora na reconstrução e dinamização da APAEJ, ela foi um meio que possibilitou o conhecimento global da realidade, permitiu a integração na comunidade e o trabalho de parceria, tendo culminado com a co-responsabilização dos pais/EE, aquando a constituição da APAEJ.

A IC esteve presente no decorrer de todo o estudo e contribuiu para a criação de condições que possibilitaram aos agentes nele envolvidos, gerar a mudança, reforçando a capacidade de integração e participação social, apostando num trabalho de equipa.

---

<sup>117</sup> ANDRADE, Fernando, Educação, Comunidade e Poder Local – Actas do Seminário realizado em 6 e 7 de Dezembro de 1994, no Auditório do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Lisboa, Conselho Nacional de Educação, 1995, pág. 288;

A motivação e envolvimento, participação e mobilização dos pais/EE foram sem dúvida o resultado que a IC proporcionou junto da comunidade educativa do AVEJ, assumindo expressão na reanimação da APAEJ. Com a revitalização desta AP espera-se que os seus interventores tenham voz activa e uma dinâmica interna própria que aposte em acções que promovam a mudança social, cultural e comunitária. Todavia, para que as suas acções sejam passíveis de concretização, torna-se necessário que exista um grupo de pais mobilizador de boas práticas, que aposte numa dinâmica pró-activa e invista em acções que sejam sustentáveis e com critérios claramente definidos para todos.

Sendo a IC um trabalho social, ela permitiu ajudar a comunidade educativa do AVEJ, principalmente os pais/EE, a compreender o quão importante e fundamental é a sua presença na/para escola, despertou a consciência crítica das pessoas fazendo com se superasse a passividade e se promovesse o associativismo, a descobrir capacidades, além de procurar meios e vontades no sentido da resolução dos problemas/necessidades existentes na comunidade educativa. Ressalva-se que a intervenção desenvolvida partiu sempre de trabalho de parceria e equipa.

Intervir junto da comunidade do AVEJ foi um desafio para todos os interventores sociais que de forma directa ou indirecta foram estabelecendo contacto com os intervenientes, mas houve uma virtualidade que esteve sempre presente – o pressuposto do trabalho comunitário: a inclusão e a afirmação de valores comunitários, assumindo estes um significado especial com o estabelecimento de laços baseados na cooperação, participação, comunicação, envolvimento e parceria.

A mediação foi, sem dúvida, um elemento facilitador na revitalização da APAEJ, na medida em que favoreceu a mudança social e foi geradora de revalorização e reconhecimento dos pais/EE face à escola. Destaca-se que desta mudança adveio a aproximação e o estabelecimento de relações de carácter interpessoal, comunicativo e educativo, dando ênfase e reforço aos laços comunitários.

A IC foi o pilar de todo o trabalho desenvolvido. Com ela foi possível depreender e, ao mesmo tempo, reforçar que a escola tem de ser encarada como uma comunidade educativa, comunidade esta que está inserida num espaço e num tempo em que é elementar a mobilização de diversos agentes e actores em torno de um projecto comum. No entanto, para que este objectivo seja alcançado torna-se fundamental demarcar espaços próprios de acção que visem a clarificação de limites, mas que sejam ao mesmo tempo potenciadores e geradores de uma colaboração efectiva.

Este estudo surgiu de uma necessidade concreta, a de ajudar os pais/EE a tomar consciência dos problemas/necessidades existentes e dos meios que necessitavam para os resolver, contando desde o início com o apoio de um conjunto de entidades e interventores. Assim sendo, podemos afirmar que esta intervenção surgiu das necessidades da comunidade e da consciencialização que os pais/EE, bem como a escola, têm acerca dos problemas que os afectam, contribuindo deste modo para uma efectiva motivação, participação e coesão, tornando-os, assim, interventores no seu próprio processo de mudança desenvolvendo projectos e acções que sejam sustentáveis e duradouros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de intervenção/investigação foi uma mais-valia na medida em que, auxiliado pela intervenção comunitária, tentou perceber a relação existente entre os contextos educativos, designadamente a família e a escola, e demonstrou como o envolvimento parental pode trazer benefícios para o AVEJ, nomeadamente através da participação activa dos pais e com a revitalização da APAEJ.

A intervenção permitiu detectar que *“os pais são um parceiro fundamental”* da escola, embora devessem *“ter um papel mais activo e interventivo”*, assim, baseados numa parceria para aprendizagem, aprendizagem de/para o sucesso, foram envolvidos vários protagonistas da comunidade educativa, dando um destaque aos pais/EE, que enquanto figuras representativas contribuíram para uma melhor compreensão acerca da relação existente entre família, escola e a comunidade, dando expressão ao *“valioso contributo que os outros actores podem dar à escola, em especial os pais”*<sup>118</sup>.

Intervir em prol da revitalização da APAEJ, foi um desafio e uma conquista. Desafio na medida em que foi necessário quebrar preconceitos e demonstrar abertura para perceber as perspectivas e interesses dos pais/EE face à sua participação na vida da escola. Conquista porque os pais/EE mobilizaram-se e encontraram um núcleo de pais/EE interessados em educar, participar e envolver outros agentes educativos na transformação de comportamentos e atitudes face à escola e à família, apostando em acções que promovam a mudança social, cultural e comunitária, mas sobretudo, com vontade de intervir no projecto educativo, questionando, debatendo e apresentando soluções.

A intervenção comunitária foi, sem dúvida, uma prática facilitadora para a revitalização da APAEJ, na medida em que o conhecimento da realidade potenciou a integração e o trabalho em equipa, apostou na parceria, no diálogo aberto, na flexibilidade, na mediação, mas, acima de tudo, numa participação

---

<sup>118</sup> BORGES, Ana Sofia de Abreu Ferreira, MONTEIRO, Liliana de Jesus Azoia, MIRANDA, Maria de La Salette Carvalho Moreira Ferreira, *Perpectivar a (Re) construção da relação entre Família e Escola: (novos) Saberes, (novas) Competências*, Porto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2009, pág. 62.

activa, entre as entidades que integram o projecto e a comunidade educativa do AVEJ, culminando com a co-responsabilização de todos, em especial dos pais/EE, com a efectiva revitalização da APAEJ.

Segundo vários estudos, as práticas de envolvimento parental mais consistentes e mais benéficas são as que apostam na comunicação e este trabalho permitiu constatar mais uma vez essa realidade. Realmente as práticas de comunicação são benéficas e facilitadoras de parcerias, embora a construção de parcerias leve tempo e dificilmente se estabelecem sem a colaboração de especialistas e técnicos de mediação, que acreditem nas pessoas e levem-nos a acreditar em si e nas suas capacidades. A construção de parcerias deve então ser reflexiva mas desenvolver-se com base na confiança, na colaboração e na reciprocidade.

Na educação os pais devem ser vistos como co-construtores juntamente com os professores e, em conjunto, devem desenvolver competências que permitam um melhor e mais adequado desempenho das funções educativas, sendo o diálogo a chave que abre as portas da tão desejada participação e fomentação da relação família-escola/escola-família, através do envolvimento. Segundo Davies (1989):

*“a chave do envolvimento dos pais reside numa boa comunicação. As regras são claras: não se aos pais que se tornem professores, nem aos professores que assumam o papel de pais. Uns e outros têm papéis específicos, mas o desempenho desses papéis é absolutamente necessário para a construção de um programa educativo escolar de qualidade”<sup>119</sup>.*

A participação dos pais na vida da escola é indispensável quer seja intervindo juntamente com outros pais/EE ao nível do processo educativo prestando um apoio activo e participando nas decisões, quer ao nível individual ajudando, motivando e estimulando os seus filhos, com o intuito de dar continuidade ao esforço desenvolvido pelos professores/educadores. Assim, os pais devem ser vistos como educadores, colaboradores e/ou parceiros da escola.

O papel da escola não se restringe unicamente ao apelar os pais/EE para colaborar, engloba também uma visão mais alargada que passa por encará-los

---

<sup>119</sup> DAVIES, Don, *As Escolas e as Famílias em Portugal – realidades e perspectivas*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989, pág. 39;

como parceiros educativos, fazendo com que exista o reconhecimento de algo em comum, logo torna-se fundamental estabelecer compromissos.

A escola é o reflexo da sociedade actual. Ela defronta-se, diariamente, com os mais variados problemas/obstáculos, o que justifica muitas vezes a preocupação constante por parte dos pais/EE, bem como dos professores. Neste sentido, os profissionais/professores/educadores que a representam devem ser capazes de manter o equilíbrio e demonstrar capacidade para saber lidar com as pressões externas, fomentando o respeito pelos valores e a autonomia. Ela deve ser uma organização aberta, um espaço onde predomine a partilhar de saberes e de experiências, sinónimo de uma escola construtiva.

Enquanto sistema a escola deve ser dinâmica e activa, evidenciando abertura ao exterior e a novas atitudes dos agentes educativos. Assim, os professores devem ser os grandes impulsionadores da mudança, em conjunto com os pais/EE, mesmo que a sua participação seja informal.

A colaboração e o envolvimento entre família, escola e comunidade deve ser/estar cada vez mais presente, na medida em que são imprescindíveis, além de vitais para o sucesso do processo educativo. Os pais devem continuar a ter voz activa e estabelecer relações de proximidade e presença com o meio escolar, daí o fundamento da sua participação.

A realização deste trabalho possibilitou o contacto directo com uma realidade que, embora estando sempre presente no nosso quotidiano, nem sempre é valorizada. A comunicação entre ambos os contextos é essencial, mas para que se concretize é necessário que exista uma relação forte e efectiva, onde se coadunem interesses e expectativas e se complementem funções. Esperamos que este projecto inacabado continue a ter sucesso e que percorra um caminho em direcção ao Outro, na medida em que:

*“É preciso, é urgente, afirmar outra lógica de relação.  
O outro não é coisa, alimento ou obra.  
O outro é o próximo – um sujeito capaz de segredo.  
O outro é outra liberdade.”<sup>120</sup>*

---

<sup>120</sup> BAPTISTA, Isabel, “Problemas, Dilemas e Desafios Éticos na Intervenção Sócio-educativa”, in Ana Maria Serapicos, Daniela Gonçalves, Florbela Samagaio Gandra, Gabriela Trevisan, Paula Medeiros (Org.), *Actas do Encontro de Intervenção Social Saberes e Contextos*, Porto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2006, pág. 66.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Madalena, *(des)Equilíbrios Familiares*, Coimbra, Quarteto, 2000;
- ANDER-EGG, Ezequiel, *Metodologia y Practica del Desarrollo Comunitario*, Buenos Aires, Humanitas, 1982;
- ANTUNES, Lara Carmélia de Sousa, *A Família e a Escola – Dissertação de Mestrado em Sociologia da Infância*, Braga, Universidade do Minho, 2009;
- BAPTISTA, Isabel, “Problemas, Dilemas e Desafios Éticos na Intervenção Sócio-educativa”, in Ana Maria Serapicos, Daniela Gonçalves, Florbela Samagaio Gandra, Gabriela Trevisan, Paula Medeiros (Org.), *Actas do Encontro de Intervenção Social Saberes e Contextos*, Porto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2006;
- BARROS, Luísa, PEREIRA, Ana Isabel e GOES, Ana Rita, *Educar com Sucesso – manual para técnicos e pais*, Lisboa, Texto Editores e EPIS – Empresários Pela Inclusão Social, 2008;
- BELL, Judith, *Como Realizar um Projecto de Investigação*, Lisboa, Gradiva, 1993;
- BERTRAND, Yves, VALOIS, Paul, *Paradigmas Educacionais – Escola e Sociedade*, Lisboa, Instituto Piaget, 1994;
- BODGAN, Robert, BIKLEN, Sari, *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*, Porto Editora, 1994;
- BORGES, Ana Sofia de Abreu Ferreira, MONTEIRO, Liliana de Jesus Azoia, MIRANDA, Maria de La Salette Carvalho Moreira Ferreira, *Perpectivar a (Re) construção da relação entre Família e Escola: (novos) Saberes, (novas) Competências*, Porto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2009;
- CANÁRIO, RUI, “Rui Canário fala sobre como a escola deve transformar problemas em soluções”, <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/use-criar-482738.shtml>, Junho de 2009;
- CANAVARRO, José Manuel de Albuquerque Portocarrero, “*Envolvimento Parental na Escola e Ajustamento Emocional e Académico – um estudo longitudinal com crianças do ensino básico*”, Projecto financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian – Projectos de Pesquisa Educativa no País – 2002, <http://www.ese-jdeus.edu.pt/projectoepe/sug/sugestoes.html>, 16 de Junho de 2011;
- CARMO, Hermano, *Problemas Sociais Contemporâneos*, Lisboa, Universidade Aberta, 2001;
- CARMO, Hermano, *Desenvolvimento Comunitário*, Lisboa, Universidade Aberta, 2007;
- CARNEIRO, Roberto (dir.), “Ajudar a Aprender”, *Educar Hoje – Enciclopédia dos Pais*, Volume II, Novembro de 2000;
- CARNEIRO, Roberto (dir.), “Aprender a Participar”, *Educar Hoje – Enciclopédia dos Pais*, Volume III, Janeiro de 2001;

- CARNEIRO, Roberto (dir.), “Viver a Cidadania”, *Educar Hoje – Enciclopédia dos Pais*, Volume VI, Novembro de 2001;
- CARVALHO, Adalberto Dias de, “Prefácio”, in Ana Maria Serapicos, Daniela Gonçalves, Florbela Samagaio Gandra, Gabriela Trevisan, Paula Medeiros (Org.), *Actas do Encontro de Intervenção Social Saberes e Contextos*, Porto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2006;
- CARVALHO, Adalberto Dias (org.), *Relações escola-famílias e construção complexa de identidades: análise de um projecto desenvolvido no âmbito de um Contrato Local de Desenvolvimento Social*, Seminário “Escola, Família, Comunidade”, Lisboa: CNE, 2011;
- COSTA, Ana Maria, MOREIRA, Maria Alfredo, “Falar e escrever de formação e mediação no contexto actual”, in Ana Maria Costa e Silva, Maria Alfredo Moreira, *Formação e Mediação Sócio-Educativa – Perspectivas teóricas e práticas*, Maia, Areal Editores, 2009;
- COSTA, Elisabete Pinto da, “Mediação de Conflitos em Contexto Escolar”, <http://mediadornaescola.wordpress.com>, 11 Novembro de 2007;
- COSTA, Maria Emília, MATOS, Paula Mena, *Abordagem Sistémica do Conflito*, Lisboa, Universidade Aberta, 2007;
- DAVIES, Don, *As Escolas e as Famílias em Portugal – realidades e perspectivas*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989;
- DIOGO, José, *Parceria Escola – Família. A caminho de uma escola participada*, Porto, Porto Editora, 1998;
- FERNÁNDEZ, Xosé Manuel Cid, “Intervenção Comunitária e Práticas de Inclusão”, *Saber & Educar*, N.º14, 2009;
- FORMOSINHO, João, “De serviço do Estado a Comunidade Educativa: uma nova concepção para a Escola Portuguesa”, in Formosinho, João (ed.), *Comunidades Educativas – Novos Desafios à Educação Básica*, Braga, Minho Universitária, 1999;
- GÓMEZ, José António Caride, FREITAS, Orlando Manuel Pereira de, CALLEJAS, Germán Vargas, *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local – Perspectivas Pedagógicas e Sociais de Sustentabilidade*, Maia, Profedições, Outubro 2007;
- GIL, António Carlos, *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, São Paulo, Editora Atlas S.A., 1989;
- GIMENO, Adelina, *A Família – O Desafio da Diversidade*, Lisboa, Instituto Piaget, 2003;
- IDAÑEZ, Maria José Aguilar, ANDER-EGG, Ezequiel, *Diagnóstico Social – Conceitos e metodologias*, Porto, Cadernos REAPN n.º. 12, 2007;
- LOURENÇO, Livia Patrícia Rodrigues, *Envolvimento dos Encarregados de Educação na Escola: Concepções e Práticas*, Lisboa, Universidade de Lisboa - Faculdade de Ciências Departamento de Educação, Setembro de 2008;
- MARQUES, Ramiro, *A Escola e os Pais - como colaborar?*, Lisboa, Texto Editora, 1989;
- MARQUES, Ramiro, *A Escola e os Pais - como colaborar?*, Lisboa, Texto Editora, 1993;

- MARQUES, Ramiro, “Colaboração Família-Escola em Escolas Portuguesas: Um Estudo de Caso”, *Inovação*, Volume 7, Nº. 3, 1994;
- MARUJO, Helena Águeda, NETO, Luís Miguel e PERLOIRO, Maria de Fátima, *A Família e o Sucesso Escolar*, Lisboa, Editorial Presença, 1998;
- MENEZES, Isabel, *Intervenção Comunitária: Uma Perspectiva Psicológica*, Oliveira de Azeméis, Livpsic, 2010;
- NETO, Félix, *Psicologia Social – volume I*, Lisboa, Universidade Aberta, 1998;
- ORNELAS, José, *Psicologia Comunitária*, Lisboa, Fim do Século, 2008;
- PERRENOUD, Philippe, (2001). Entre a Família e a Escola, a Criança Mensageira e Mensagem – O go-between, in Montadon, Cléopâtre & Perrenoud, Philippe. *Entre pais e professores, um diálogo impossível?*, Oeiras, Celta Editora, 2001;
- QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1998;
- RAMOS, Elisabete Gomes, “Mediação sociocultural em contexto escolar”, in Ana Maria Costa e Silva, Maria Alfredo Moreira, *Formação e Mediação Sócio-Educativa – Perspectivas teóricas e práticas*, Maia, Areal Editores, 2009;
- RELVAS, Ana Paula, *O Ciclo da Família – Perspectiva Sistémica*, Porto, Edições Afrontamento, 1996;
- RIBEIRO, Teresa de Jesus Reis Laranja Strecht, *Relação Escola-Família – Uma Comunicação Essencial*, Porto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti Complemento de Formação em Comunicação Educacional e Gestão da Informação, 2003;
- SILVA, Luísa Ferreira da, *Acção Social na Área da Família*, Lisboa, Universidade Aberta, 2001;
- SILVA, Pedro, “Crianças e comunidades como actores sociais: uma reflexão sociológica no âmbito da interacção entre escolas e famílias”, in Teresa Sarmento (org.), *Infância, Família e Comunidade – As crianças como actores sociais*, Porto, Porto Editora, 2009;
- SILVA, Pedro, *Escola-Família, uma Relação Armadilhada – Interculturalidade e Relações de Poder*, Santa Maria da Feira, Edições Afrontamento, 2003;
- VIDAL, Alipio Sánchez, OCHOA, Gonzalo Musitu, *Intervención Comunitaria: Aspectos Científicos, Técnicos e Valorativos*, Barcelona, EUB, 1996;
- Diagnóstico Social de Vila do Conde, Rede Social de Vila do Conde, Junho de 2007;
- Projecto Educativo do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira, “Por uma Cidadania com Sucesso”, Quadriénio 2009-2013;
- Regulamento Interno do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira, 2009-2011;
- <http://www.eb23-junqueira.rcts.pt>;
- <http://www.cm-viladoconde.pt>;
- <http://www.madiviladoconde.org>;
- <http://www.seg-social.pt>;
- [http://www.esepf.pt/a\\_2ciclo/docs\\_intcom/descr\\_int\\_com\\_09\\_v5.pdf](http://www.esepf.pt/a_2ciclo/docs_intcom/descr_int_com_09_v5.pdf), 12 de Janeiro de 2011

<http://www.fpce.up.pt/ciie/obvie/projecto.htm>, 22 de Setembro de 2011;

**Legislação:**

Constituição da República Portuguesa:

- [http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Portugal/SistemaPolitico/Constituicao/Pages/constituicao\\_p07.aspx](http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Portugal/SistemaPolitico/Constituicao/Pages/constituicao_p07.aspx), 17 de Outubro de 2011;

A Lei de Bases do Sistema Educativo:

- Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro;
- Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro;
- Lei n.º 45/2005, de 30 de Agosto);

Estatuto do Aluno:

- A Lei n.º 30/2002, de 20 de Dezembro;
- Lei n.º 3/2008, de 18 de Janeiro;
- Lei n.º 39/2010, de 2 de Setembro.

Lei do Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos Públicos da Educação Pré-escolar e dos Ensinos Básico e Secundário:

- Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril;

Lei sobre Gestão e Autonomia das Escolas – Representantes de Turma:

- Decreto-Lei n.º 115-A/98, de 4 de Maio;
- Lei n.º 24/99, de 22 de Abril;

Lei das Associações de Pais:

- Decreto-lei n.º 372/90, de 27 de Novembro;
- Decreto-Lei n.º 80/99, de 16 de Março
- Lei n.º 29/2006, de 4 de Julho.

**ANEXO 1**  
**FUNÇÕES DA ESCOLA**

# FUNÇÕES DA ESCOLA

<b>Quadro 1 - Funções Sociais do Sistema Educativo</b>	
<b>Cultural</b>	Transmissão de valores, normas, modos de pensar e agir característicos da comunidade social que o sistema serve; a escola, através do currículo, é um veículo de socialização das crianças e jovens, promovendo a sua iniciação em, ou adesão a, normas aceites de comportamento moral e social.
<b>Social</b>	Permitir a selecção e orientação para o desempenho de papéis ou funções sociais de modo competente, fomentando a mobilidade e oportunidades sociais dos indivíduos, na sua adequação aos lugares e funções a exercer na sociedade.
<b>Económica</b>	Preparação dos indivíduos para o exercício de profissões e ocupações sociais, servindo necessidades de desenvolvimento económico/social.
<b>Político-Institucional</b>	Contribuir para a coesão e identidades nacionais assim como para a participação social, cívica e política dos indivíduos nos campos e níveis de actuação em que se inserem.

Fonte: in Antunes (2009:38) - "A Família e a Escola"

<b>Quadro 2 - Funções da Escola</b>	
<b>Técnica</b>	Aquisição de um conjunto de habilidades e competências indispensáveis à aquisição de saberes profissionais e ao desempenho de uma actividade socialmente integrada.
<b>Social</b>	Construção de uma educação para a cidadania e para a participação social. Mais do que aprender e ensinar saberes, o ensino deverá orientar-se para o desenvolvimento da capacidade de manifestar saberes e intervir no espaço social.
<b>Ética</b>	Desenvolvimento de um conjunto de valores cuja expressão mais significativa se manifestava, no passado, na preservação de valores tradicionais e manutenção da ordem. Hoje, centra-se no fenómeno da globalização e diversidade cultural, valorizando a diferença como factor de desenvolvimento pessoal e social.
<b>Estética</b>	Situa-se além da reprodução de conhecimentos, expressões e sensibilidades estéticas, no desenvolvimento de competências críticas e na afirmação de um pensamento criativo, renovador em todas as formas de expressão. No plano pedagógico determina a evolução de um discurso em que o fundamental se situava no professor, para um discurso que promove, nos alunos, a autonomia e a diversidade de expressão.

Fonte: in CARNEIRO (2000) - "Ajudar a Aprender"

**ANEXO 2**  
**DIÁRIO DE BORDO**

## DIÁRIO DE BORDO

O presente diário de bordo, pertence a Cátia Brás e nele estão registados um conjunto de intervenções efectuadas com vista ao desenvolvimento do trabalho de investigação/intervenção.

A temática do trabalho de projecto é “Família, Escola e Comunidade – O Papel das Associações de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento Vertical de Escolas das Junqueira – AVEJ”. Assim, foi criado este diário de bordo com o intuito de o investigador registar o trabalho desenvolvido, constituindo desta forma, um testemunho real do caminho percorrido no decorrer do trabalho de investigação/intervenção.

No presente diário de bordo constam as actividades desenvolvidas, reflexões e comentários sobre o modo como o trabalho individual e em equipa foi sendo processado. Este elemento de apoio permitiu criar o hábito de pensar as práticas e a própria aprendizagem, além de ajudar a reflectir sobre os problemas que vão surgindo, os obstáculos que decorrem do desenvolvimento do trabalho e da forma de os superar.

O presente diário de bordo está organizado por meses, desde Outubro de 2010 a Novembro de 2011, sendo de realçar que os meses referentes ao ano de 2010 foram, essencialmente, para a pesquisa de livros e planificar o projecto de investigação/intervenção, conforme se pode verificar no quadro seguinte:

<b>2010</b>	
<b>Mês</b>	<b>A fazer...</b>
Outubro	Pesquisa de livros, documentos, Internet e outro tipo de fontes bibliográficas
Novembro	Resumo das pesquisas
Dezembro	Planear o projecto de investigação
<b>2011 – Projecto de investigação/intervenção.</b>	

### **Outubro de 2010**

Pesquisa de livros, documentos, Internet e outro tipo de fontes bibliográficas sobre os conceitos de família, escola e comunidade.

### **3 de Outubro de 2010**

Programa RTP1 – Apresentação do “Projecto Sim ou Não”, desenvolvido em Lisboa, por Joana Richard. Este tem por base a educação parental e um trabalho directo com crianças e jovens, um dos 5 aos 13 anos e outro dos 14 aos 18 anos. Contactos – 213637629.

### **4 de Outubro de 2010**

Investigação na internet – Tese de Mestrado de Lara Carmélia de Sousa Antunes, Universidade do Minho, sobre “A Família e a Escola”. Esta aborda a relação entre a família e a escola, designadamente com crianças integradas em jardim-de-infância. Enviar email à autora a solicitar o envio da tese explicando que está relacionado com o tema do meu trabalho de investigação.

### **6 de Outubro de 2010**

Lara Carmélia de Sousa Antunes responde ao email e envia Tese de Mestrado.

Pensar na problemática teórica e na possível pergunta de partida.

### **7 de Outubro de 2010**

Pesquisa na internet sobre Contrato Local de Desenvolvimento Social – CLDS:

- Instituto de Segurança Social, Acção Social – Programa CLDS;
- Portaria nº. 396/2007, de 2 de Abril (cria o programa e aprova o respectivo regulamento);
- Portaria nº. 285/2008, de 10 de Abril (altera a portaria anterior);
- Projecto Redescobrir – CLDS de Vila do Conde.

Pesquisa na internet sobre Projecto Educativo do AVEJ “Por uma Cidadania com Sucesso”, Projecto Curricular do AVEJ, Rede Social de Vila do Conde.

## **Novembro de 2010**

Resumo das pesquisas efectuadas.

Começo a ter dificuldade ao nível da investigação, pois sinto que a gravidez de risco não está a facilitar as pesquisas e, por indicação médica, vou ter que parar por uns tempos.

## **Dezembro de 2010 e Janeiro de 2011**

Planear o projecto de investigação.

## **Janeiro de 2011**

Estou mais motivada para desenvolver o trabalho de investigação/intervenção. Em breve vou iniciar o trabalho com a equipa da ESEPF, em parceria com o CLDS de Vila do Conde e o AVEJ.

## **11 de Janeiro de 2011**

Recepção de email da equipa projecto da ESEPF sobre a integração na Equipa. Este trazia em anexo documentos importantes para análise como elementos de caracterização e de diagnóstico relativos ao Projecto.

Pesquisa na página da Câmara Municipal de Vila do Conde.

## **31 de Janeiro de 2011**

Programa Prós e Contras, na RTP1, sobre “Educação”, com a presença do Presidente da CONFAP – Professor Albino Almeida.

## **8 de Fevereiro de 2011**

Programa Sociedade Civil, na RTP2, sobre “Educação”, com a presença da CONFAP.

## **9 de Fevereiro de 2011**

- Reunião na ESEPF para conhecer os elementos da equipa da ESEPF e expor o que gostava de desenvolver no AVEJ, com os pais/EE.

- Recepção de email da equipa do projecto da ESEPF com uma série de documentos para análise, designadamente as sínteses das entrevistas realizadas às famílias.

- Envio de email para equipa do projecto solicitando que informassem a equipa do CLDS do meu trabalho e informando que necessito de entrar em contacto com eles e com o Subdirector do AVEJ.

- Recepção de email da equipa da ESEPF confirmando a reunião do dia 18 de Fevereiro, pelas 10h30 para produzirmos a síntese/apresentação para a reunião com a Vereadora da Câmara Municipal de Vila do Conde. Este email pedia para eu elaborar uma síntese relativamente à pertinência da revitalização da Associação de Pais do Agrupamento.

### **15 de Fevereiro de 2011**

Envio de email à coordenadora do CLDS, fazendo uma breve apresentação do meu trabalho e solicitando o seu apoio a fim de contactar com o Subdirector do Agrupamento.

### **18 de Fevereiro de 2011**

- Envio de email para todos os elementos da equipa da ESEPF com a Síntese que elaborei sobre a pertinência da Revitalização da Associação de Pais do Agrupamento.

- Reunião na ESEPF com todos os elementos da Equipa do Projecto.

- Recepção de email da equipa da ESEPF com os Guiões das entrevistas e com o Decreto-lei nº 115-A/98 referente ao regime jurídico de autonomia e administração e gestão dos estabelecimentos de educação pré – escolar e dos ensino básico e secundário.

### **22 de Fevereiro de 2011**

Contacto com Subdirector do AVEJ explicitando a temática e o propósito do estudo, bem como solicitar a sua participação. Demonstrou receptividade e focou marcada entrevista para dia 25 de Fevereiro, pelas 11h.

### **24 de Fevereiro de 2011**

Envio de email ao Subdirector do Agrupamento com o Guião de Entrevista e relembrando-o da data e hora da entrevista.

### **25 de Fevereiro de 2011**

Entrevista ao Subdirector do AVEJ, pelas 11h, com a duração de 27m10s. Esta decorreu no seu gabinete, mas este não foi o espaço mais apropriado devido às constantes interferências.

Cedência das moradas das APEE existentes no AVEJ, para contactar os dirigentes associativos informando do estudo e auscultar a sua disponibilidade em colaborar.

Iniciar a transcrição da entrevista e fazer análise de conteúdo.

### **3 de Março de 2011**

Apresentação do Pré-projecto na ESEPF.

### **14 e 15 de Março de 2011**

Estabelecimento de contactos, via telefone e email, com as coordenadoras de escola que demonstraram receptividade e facultaram os contactos telefónicos dos dirigentes e outras que tomaram a iniciativa de articular a informação com os dirigentes e serem meio de informação para o agendamento das entrevistas.

### **21 de Março de 2011**

Envio de carta registada com aviso de recepção a todos as Presidentes das APEE pertencentes ao AVEJ, a solicitar a sua participação, explicitando a temática e o propósito do estudo, bem como o processo de recolha de dados.

### **4 de Abril de 2011**

Entrevista à Presidente da APEEB, pela 17h30, com a duração de 35m06s. Esta decorreu na Sede da APEE Bagunte - EB1/JI de Vilar Bagunte, que é

também a sala dos professores. O local escolhido foi considerado adequado, por ser sossegado e sem interferências.

Iniciar a transcrição da entrevista e fazer análise de conteúdo.

#### **5 de Abril de 2011**

Envio de email ao Presidente da APEET auscultando a sua disponibilidade em colaborar no estudo.

#### **6 de Abril de 2011**

Reunião com os professores na Escola da Junqueira.

#### **11 de Abril de 2011**

Contacto telefónico com o Presidente da APEET.

#### **5 de Maio de 2011**

Recepção de email do Presidente da APEET confirmando a disponibilidade da entrevista para dia 7 de Maio, pelas 17h, na Junta Freguesia Touguinha.

#### **7 de Maio de 2011**

Entrevista ao Presidente da APEET com a presença do Vice-presidente (não era combinado estar presente e participar), pela 17h, com a duração de 50m53s. Esta decorreu na Junta de Freguesia de Touguinha. O local escolhido foi considerado adequado, por ser sossegado e sem interferências.

Iniciar a transcrição da entrevista e fazer análise de conteúdo.

#### **20 de Maio de 2011**

Reunião com a equipa da ESEPF, pelas 10h, para preparação da formação na Junqueira, quer para professores, técnicos e pais/EE (APEE).

Coordenadora do CLDS ficou de articular com a Ex-dirigente da APEEA a fim de auscultar a sua disponibilidade em colaborar no estudo.

## **21 de Maio de 2011**

Pesquisa sobre Legislação relacionada com a participação dos pais na vida da escola, designadamente:

Lei sobre Gestão e Autonomia das Escolas – Representantes de Turma:

- Decreto-Lei n.º 115-A/98, de 4 de Maio;
- Lei n.º 24/99, de 22 de Abril;

Lei das Associações de Pais:

- Decreto-lei n.º 372/90, de 27 de Novembro;
- Decreto-Lei n.º 80/99, de 16 de Março
- Lei n.º 29/2006, de 4 de Julho.

A Lei de Bases do Sistema Educativo:

- Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro;
- Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro;
- Lei n.º 45/2005, de 30 de Agosto);

Estatuto do Aluno:

- A Lei n.º 30/2002, de 20 de Dezembro;
- Lei n.º 3/2008, de 18 de Janeiro;
- Lei n.º 39/2010, de 2 de Setembro.

## **23 de Maio de 2011**

Contacto telefónico com a Ex-dirigente da APEEA, tendo a entrevista ficado marcada para dia 25 de Maio, pelas 15h, na sua residência por ser o local mais favorável.

Contacto telefónico com a Psicóloga escolar do AVEJ, tendo a mesma referido que nunca fez um levantamento das temáticas que os pais/EE consideram pertinentes e que gostassem de ver debatidas. Todavia vai-se apercebendo das situações, mas através dos contactos pontuais que vai tendo com os pais/EE das crianças que acompanha, além das reuniões de turma e de pedagógico em que participa. Tem conhecimento que foi pedido aos Directores de Turma para fazerem esse levantamento, mas o ideal será contactar com o subdirector do Agrupamento.

## **25 de Maio de 2011**

Entrevista com a Ex-dirigente da APEEA, pelas 15h, com a duração de 66m42s. Esta decorreu na residência da entrevistada, em Arcos. O local escolhido foi considerado adequado, por ser sossegado e sem interferências.

Iniciar a transcrição da entrevista e fazer análise de conteúdo.

### **30 de Maio de 2011**

Contacto com o Subdirector do AVEJ sobre as temáticas de interesse para os pais/EE, tendo referenciado que a Equipa de Avaliação da Escola fez esse levantamento, mas que não têm muitos dados, mas que estão disponíveis para deixar analisar o material até então recolhido. Fico a aguardar contacto da colega responsável pela Equipa de Avaliação Escola.

### **31 de Maio de 2011**

Contactada pela colega responsável pela Equipa de Avaliação Escola, tendo ficado marcada reunião para dia 2 de Junho, pelas 15h15.

### **2 de Junho de 2011**

Reunião no AVEJ com a Equipa de E.A.A., tendo recolhido os seguintes dados:

- foi efectuado um inquérito transversal a todos os ciclos e aos pré-escolar;
- pais/EE tinham que entregar os inquéritos até 30 de Maio;
- vão fazer o tratamento dos dados e posteriormente enviam-nos;
- a E.A.A está disponível para actuar em parceria com as APEE

Agrupamento.

Fui convidada a assistir à festa de fim de ano da escola, no antigo cineteatro de Vila do Conde.

### **9 de Junho de 2011**

Festa de fim de ano no antigo cineteatro de Vila do Conde, pelas 21h. Estavam presentes muitos pais/EE, assim como professores e funcionários.

### **28 de Junho de 2011**

Reunião com as APEE no AVEJ, pelas 17h, para apresentação dos dados recolhidos. Esta ficou sem efeito devido à indisponibilidade dos dirigentes da APEET. Ficou marcada nova reunião para dia 7 de Julho, pelas 17h.

### **07 de Julho de 2011**

Reunião para apresentação dos dados recolhidos com as APEE. Esta contou com a presença de, pelo menos, um elemento de cada entidade envolvida no Projecto. Quanto à APEE de Touguinha o Presidente fez-se representar pelo Vice-presidente.

Os assuntos tratados na reunião foram:

- Comunicação dos resultados das entrevistas efectuadas às APEE “activas” e apresentação da questão “O que podemos fazer, enquanto Associações de Pais e Encarregados de Educação, envolvendo a comunidade educativa?”
- Breve exposição sobre o Projecto, as entidades nele envolvidas e dar a conhecer algum do trabalho desenvolvido, até então, com os elementos da comunidade educativa (entrevistas famílias, “focus groups” com professores, educadores, alunos, entre outros).

Ficou combinado na reunião:

- APEE irão abordar com os restantes elementos de cada Associação, nomeadamente aqueles que têm educandos que vão integrar o 2º ciclo, a possibilidade de revitalizarem a APEE Agrupamento, encontrando figuras de liderança;
- Marcar nova reunião no início do próximo ano lectivo, em Setembro;
- Contactar com a APEE de Touguinhó, recentemente criada (informação dada pela Subdirectora do Agrupamento);
- Fazer uma acção para pais/EE, no início do ano lectivo, sobre a importância dos pais na escola, com a participação do Presidente da CONFAP e da FAPCONDE. Esta acção poderá vir a intitular-se de “Os Pais são úteis” ou a “Participação dos Pais na Vida Escolar”.

### **18 de Julho de 2011**

Encontro com a coordenadora do CLDS a fim de analisar a data para a Sessão de Sensibilização sobre “A Importância da Participação dos Pais na Vida da Escola”, pelas 11h30. Ficou combinado ser eu a estabelecer contacto com a CONFAP e a FAPCONDE, a fim de convidar os presidentes a estar presentes na Sessão e assumirem o papel de oradores com temáticas específicas.

### **25 de Julho de 2011**

Reunião com a Co-orientadora para analisar documentos e trabalho desenvolvido. Fiquei de enviar parte teórica do trabalho até Setembro de 2011.

### **Agosto/Setembro de 2011**

Preparação da Sessão de Sensibilização sobre “A Importância da Participação dos Pais na Vida da Escola”, designadamente:

- Cartaz de divulgação;
- Fichas de inscrição para os Pais e Encarregados de Educação da AVEJ;
- Convites para os oradores – via email;
- Convites para as entidades que fazem parte do Projecto – via email;
- Convites para as APEE Agrupamento – via email;
- Convite para a Vereadora da Educação da Câmara Municipal de Vila do Conde;
- Questionário de avaliação para os participantes;
- Ficha para os Pais/Encarregados Educação – auscultação para ser membro da APAEJ.

### **12 de Setembro de 2011**

Reunião com toda a equipa do projecto, na ESEPF, pelas 15h, para preparação da formação na Junqueira.

### **23 de Setembro de 2011**

Sessão de Sensibilização sobre “A Importância da Participação dos Pais na Vida da Escola”, no AVEJ, pelas 18h30, com a presença da CONFAP e FAPCONDE. Estavam presentes cerca de 70 pais/EE.

Preenchida folha de avaliação e passada folha para registo de pais/EE interessados em fazer parte da nova APAEJ.

### **10 de Outubro de 2011**

Coordenadora do CLDS contactou-me referenciando que:

- continua sem conseguir os Estatutos e o Livro de Actas da antiga APAEJ, tendo sido informada que os mesmos se encontram na posse do Ex-presidente, que está ausente do país. Teve conhecimento de uma mãe que fazia parte da antiga Associação e que obteve o mesmo tipo de informação, embora esta destaca-se que não queria envolver-se neste tipo de situações, pois a sua participação na APEE da Junqueira foi pontual não detendo grandes informações. Assim, ficou combinado que eu enviarei emails para a FAPCONDE e a CONFAP solicitando a sua colaboração no que respeita aos documentos da Antiga APEE, nomeadamente Estatutos e informação no Diário da República.

- esteve a conversar com o pai/EE responsável pela dinamização da nova APEE, por causa da Assembleia de Pais do dia 21 de Outubro, tendo o mesmo referenciado que primeiro quer agendar uma reunião com pessoas representativas e, que possivelmente, a data terá que ser alterada (mais uma vez a questão política a ser evidenciada). Informou ainda que, lembrou o Encarregado de Educação que na Assembleia está combinado a presença um elemento da ESEPF e um elemento da FAPCONDE, o que é necessário comunicar as entidades caso surja alguma alteração.

### **14 de Outubro de 2011**

Coordenadora do CLDS contactou-me informando que a Assembleia de Pais, dia 21, ficará adiada. Face ao exposto, a técnica pediu-me para dar conhecimento à FAPCONDE, AVEJ e restante equipa da ESEPF desta alteração, via correio electrónico.

Envio de respectivos emails a comunicar o adiamento da Assembleia de Pais.

## **27 de Outubro de 2011**

Participação no “I Encontro de Intervenção Social da Póvoa de Varzim”, promovido por “A Beneficente”, entidade coordenadora do Contrato Local de Desenvolvimento Social da Póvoa de Varzim.

Temáticas abordadas:

I Mesa - Crescer em Risco: abordagem sobre a gravidez na adolescência e a avaliação de crianças e jovens em risco;

II Mesa – Problemas Sociais Contemporâneos: reflexão sobre maus tratos nos idosos, mediação em famílias multiproblemáticas e o desemprego;

III Mesa – Intervenção em Comportamentos Aditivos: tratou assuntos sobre a toxicodependência e o alcoolismo;

IV Mesa – Reinserção: Um Imperativo de Mudança: intervenção com reclusos e ex-reclusos e violência doméstica.

Encontro abrangente, mas ficou aquém das minhas expectativas, pois pensava que as temáticas evidenciassem alguma novidade no campo da investigação e intervenção o que não se veio a revelar.

Passagem pelo CLDS de Vila do Conde para articular informação sobre a reunião da APEE Junqueira, tendo a coordenadora comunicado que aguarda novo contacto do pais/EE, pois este já teve a reunião com a Vereadora da CMVC, mas ainda vai reunir com o Presidente da CMVC.

Coordenadora do CLDS ficou de pedir as folhas dos pais/EE que na reunião preencheram as folhas indicando que estão interessados em fazer parte da APEE Junqueira, a fim de ficarmos com um registo.

## **5 de Novembro de 2011**

Coordenadora do CDLS contacta-me a comunicar que o pais/EE revela interesse que a reunião da APEE se realize durante este mês, mas que surgiram algumas dúvidas, nomeadamente:

- Na reunião é para definir-se já os Órgãos Sociais da APEEJ?

- Será que não é possível haver uma Comissão Instaladora que, temporariamente, irá desenvolvendo a APEE, enquanto não houver eleições? (pois pode haver pais/EE que faltem à reunião e demonstrem interesse em constituir uma lista e assim dar-se tempo para haver eleições).

Face a estas hesitações a coordenadora do CLDS vai contactar com o Presidente da FAPCONDE.

### **9 de Novembro de 2011**

Envio de email para o CLDS, com o intuito de saber se já articularam a informação com o Presidente da FAPCONDE e se necessitam de algum apoio.

Coordenadora CLDS responde ao email informando que já contactou com o Presidente da FAPCONDE e enviou os esclarecimentos ao pais/EE, estando a aguardar a data da reunião.

### **11 e 12 de Novembro de 2011**

Participação no “IV Encontro sobre Maus tratos, negligência e Risco na Infância e na Adolescência”, organizado pela Associação de Solidariedade e Acção Social de Santo Tirso – ASAS, a decorrer no Fórum da Maia.

### **16 de Novembro de 2011**

Recepção de email da coordenadora do CLDS, informando que está confirmada a Assembleia de Pais, para 25 de Novembro, pelas 21h, no AVEJ. Pede para informar a CONFAP.

### **25 de Novembro de 2011**

Assembleia Geral para constituição da APAEJ, contando com a participação das entidades integrantes do projecto, CONFAP e FAPCONDE. A APAEJ foi oficialmente constituída, em Assembleia Geral, por lista única, com a presença de quarenta e cinco pais/EE. Os elementos que integram a APAEJ têm representatividade ao nível das freguesias e dos diferentes ciclos, aspecto este que foi ressaltado como positivo pelo Director do Agrupamento.

**ANEXO 3**  
**CARTAS ENVIADAS AOS REPRESENTANTES**  
**DAS APEE**

Exmo(a). Senhor(a)  
**Presidente da Associação de Pais e  
Encarregado de Educação de Arcos**  
Rua da Ponte, 25  
4480-025 Arcos  
Vila do Conde

Santo Tirso, 21 de Março de 2011

**Assunto: Marcação de Entrevista**

Vimos por este meio saber junto de Vossa Exa. a possibilidade de marcação de uma entrevista sobre a Associação de Pais e Encarregados de Educação de Arcos.

Tal pedido prende-se com o facto de estarmos a desenvolver um trabalho de investigação, no Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira em parceria com o Contrato Local de Desenvolvimento Social de Vila do Conde, sobre a relação escola-família.

Com esta entrevista pretendemos saber como está organizada a Vossa Associação, motivo que levou à sua constituição, tempo de existência, actividades desenvolvidas, tipo de relação estabelecida com os agentes educativos e a comunidade. Todavia, caso a Vossa Associação não esteja activa pedíamos que fosse receptivo(a) à realização da mesma, pois torna-se pertinente conhecer os motivos que levaram a essa inactividade.

Para contactar-nos poderá fazê-lo por email (cfmbras@gmail.com) ou telemóvel (966503706).

Ao dispor para qualquer esclarecimento, apresentamos os melhores cumprimentos.

Cátia Brás  
*Mestranda da Escola Superior de  
Educação de Paula Frassinetti - ESEPF*

*Nota: A morada indicada foi cedida pelo Subdirector do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira, Professor Domingos Pinto.*

Exmo(a). Senhor(a)  
**Presidente da Associação de Pais e  
Encarregado de Educação de Rio  
Mau**  
Rua Central, 1539  
4480-404 Rio Mau  
Vila do Conde

Santo Tirso, 21 de Março de 2011

**Assunto: Marcação de Entrevista**

Vimos por este meio saber junto de Vossa Exa. a possibilidade de marcação de uma entrevista sobre a Associação de Pais e Encarregados de Educação de Rio Mau.

Tal pedido prende-se com o facto de estarmos a desenvolver um trabalho de investigação, no Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira em parceria com o Contrato Local de Desenvolvimento Social de Vila do Conde, sobre a relação escola-família.

Com esta entrevista pretendemos saber como está organizada a Vossa Associação, motivo que levou à sua constituição, tempo de existência, actividades desenvolvidas, tipo de relação estabelecida com os agentes educativos e a comunidade. Todavia, caso a Vossa Associação não esteja activa pedíamos que fosse receptivo(a) à realização da mesma, pois torna-se pertinente conhecer os motivos que levaram a essa inactividade.

Para contactar-nos poderá fazê-lo por email ([cfmbras@gmail.com](mailto:cfmbras@gmail.com)) ou telemóvel (966503706).

Ao dispor para qualquer esclarecimento, apresentamos os melhores cumprimentos.

Cátia Brás  
*Mestranda da Escola Superior de  
Educação de Paula Frassinetti - ESEPF*

*Nota: A morada indicada foi cedida pelo Subdirector do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira, Professor Domingos Pinto.*

Exmo(a). Senhor(a)  
**Presidente da Associação de Pais e  
Encarregado de Educação da  
Junqueira**  
Rua da Ponte, 202  
4480-020 Arcos  
Vila do Conde

Santo Tirso, 21 de Março de 2011

**Assunto: Marcação de Entrevista**

Vimos por este meio saber junto de Vossa Exa. a possibilidade de marcação de uma entrevista sobre a Associação de Pais e Encarregados de Educação da Junqueira.

Tal pedido prende-se com o facto de estarmos a desenvolver um trabalho de investigação, no Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira em parceria com o Contrato Local de Desenvolvimento Social de Vila do Conde, sobre a relação escola-família.

Com esta entrevista pretendemos saber como está organizada a Vossa Associação, motivo que levou à sua constituição, tempo de existência, actividades desenvolvidas, tipo de relação estabelecida com os agentes educativos e a comunidade. Todavia, caso a Vossa Associação não esteja activa pedíamos que fosse receptivo(a) à realização da mesma, pois torna-se pertinente conhecer os motivos que levaram a essa inactividade.

Para contactar-nos poderá fazê-lo por email ([cfmbras@gmail.com](mailto:cfmbras@gmail.com)) ou telemóvel (966503706).

Ao dispor para qualquer esclarecimento, apresentamos os melhores cumprimentos.

Cátia Brás  
*Mestranda da Escola Superior de  
Educação de Paula Frassinetti - ESEPF*

*Nota: A morada indicada foi cedida pelo Subdirector do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira, Professor Domingos Pinto.*

Exma. Senhora  
**Presidente da Associação de Pais e  
Encarregado de Educação de  
Bagunte**  
Travessa da Aldeia Nova, 19  
4480-243 Bagunte  
Vila do Conde

Santo Tirso, 21 de Março de 2011

**Assunto: Marcação de Entrevista**

Vimos por este meio saber junto de Vossa Exa. a possibilidade de marcação de uma entrevista sobre a Associação de Pais e Encarregados de Educação de Bagunte.

Tal pedido prende-se com o facto de estarmos a desenvolver um trabalho de investigação, no Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira em parceria com o Contrato Local de Desenvolvimento Social de Vila do Conde, sobre a relação escola-família.

Com esta entrevista pretendemos saber como está organizada a Vossa Associação, motivo que levou à sua constituição, tempo de existência, actividades desenvolvidas, tipo de relação estabelecida com os agentes educativos e a comunidade. Todavia, caso a Vossa Associação não esteja activa pedíamos que fosse receptiva à realização da mesma, pois torna-se pertinente conhecer os motivos que levaram a essa inactividade.

Para contactar-nos poderá fazê-lo por email ([cfmbras@gmail.com](mailto:cfmbras@gmail.com)) ou telemóvel (966503706).

Ao dispor para qualquer esclarecimento, apresentamos os melhores cumprimentos.

Cátia Brás  
*Mestranda da Escola Superior de  
Educação de Paula Frassinetti - ESEPF*

*Nota: A morada indicada foi cedida pelo Subdirector do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira, Professor Domingos Pinto.*

Exmo. Senhor Nuno Silva  
**Presidente da Associação de Pais e  
Encarregado de Educação da  
Touguinha**  
Rua Rui Silva Gomes, 84  
4480-513 Touguinha  
Vila do Conde

Santo Tirso, 21 de Março de 2011

**Assunto: Marcação de Entrevista**

Vimos por este meio saber junto de Vossa Exa. a possibilidade de marcação de uma entrevista sobre a Associação de Pais e Encarregados de Educação da Touguinha.

Tal pedido prende-se com o facto de estarmos a desenvolver um trabalho de investigação, no Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira em parceria com o Contrato Local de Desenvolvimento Social de Vila do Conde, sobre a relação escola-família.

Com esta entrevista pretendemos saber como está organizada a Vossa Associação, motivo que levou à sua constituição, tempo de existência, actividades desenvolvidas, tipo de relação estabelecida com os agentes educativos e a comunidade. Todavia, caso a Vossa Associação não esteja activa pedíamos que fosse receptivo à realização da mesma, pois torna-se pertinente conhecer os motivos que levaram a essa inactividade.

Para contactar-nos poderá fazê-lo por email (cfmbras@gmail.com) ou telemóvel (966503706).

Ao dispor para qualquer esclarecimento, apresentamos os melhores cumprimentos.

Cátia Brás  
*Mestranda da Escola Superior de  
Educação de Paula Frassinetti - ESEPF*

*Nota: A morada indicada foi cedida pelo Subdirector do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira, Professor Domingos Pinto.*

**ANEXO 4**  
**GUIÕES DAS ENTREVISTAS**



ESCOLA SUPERIOR DE  
EDUCAÇÃO DE  
PAULA FRASSINETTI

## **GUIÃO ENTREVISTA SUBDIRECTOR DO AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS DA JUNQUEIRA - AVEJ**

O entrevistado será informado dos objectivos da entrevista, propósitos de utilização da informação, permissão para gravação da mesma e garantia de anonimato e confidencialidade das informações recolhidas. Será comunicado, ainda, que não existem respostas “*certas ou erradas*” a nenhuma das questões colocadas.

### ***Objectivos da Entrevista:***

- Conhecer a perspectiva do Subdirector do AVEJ face às Associações de Pais e Encarregados de Educação (APEE);
- Recolher informação sobre as APEE existentes no Agrupamento;
- Compreender as dimensões de actuação aplicadas em prol da relação APEE /Família/Escola;
- Descobrir as mudanças ocorridas com a presença das APEE desde que o Subdirector exerce funções directivas/coordenação no Agrupamento.

## **GUIÃO ENTREVISTA**

### **Dados de caracterização pessoal e profissional do entrevistado**

Idade, habilitações literárias, tempo de serviço como docente, tempo de serviço em funções directivas/coordenação.

### **Dados referentes às APEE**

Qual a importância que atribui às Associações de Pais e Encarregados de Educação?

Na sua opinião qual é o papel estas devem assumir junto da comunidade educativa?

### **Dados referentes às APEE que integram o Agrupamento**

Neste Agrupamento existem Associações de Pais e Encarregados de Educação?

- Se sim, quantas? Qual o tempo de existência e fundamentos da sua constituição?
- Se não, porquê?

Tem conhecimento se as Associações integram a FAPCONDE – Federação das Associações de Pais e Encarregados de Educação do Concelho de Vila do Conde?

Qual a postura que as Associações de Pais e Encarregados de Educação adoptam ou têm vindo adoptar face à Escola?

Que estratégias as Associações aplicam para a mobilização de diferentes agentes da comunidade educativa, nomeadamente: pais, alunos e professores? E com a Direcção da Escola?

Que tipo de actividades desenvolvem?

- Como é feita a divulgação dessas acções?
- Essas actividades constam no Plano de Actividades do Agrupamento?

Alguma vez foram criados projectos em parceria com as Associações de Pais e Encarregados de Educação e a Escola?

- Se sim, quais e que resultados advieram dessas experiências?

- Se não, porquê?

Se pudesse propor/pensar em estratégias de actuação para as Associações de Pais e Encarregados de Educação deste Agrupamento, quais seriam?

Muito obrigado pela colaboração!



ESCOLA SUPERIOR DE  
EDUCAÇÃO DE  
PAULA FRASSINETTI

## **GUIÃO ENTREVISTA PARA OS REPRESENTANTES DAS ASSOCIAÇÕES DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO “ACTIVAS”**

Os entrevistados serão informados dos objectivos da entrevista, propósitos de utilização da informação, permissão para gravação da mesma e garantia de anonimato e confidencialidade das informações recolhidas. Será comunicado, ainda, que não existem respostas “*certas ou erradas*” a nenhuma das questões colocadas.

### ***Objectivos da Entrevista:***

- Identificar os principais contributos das Associações de Pais (AP):
  - Conhecer a perspectiva dos Presidentes das Associações de Pais e Encarregados de Educação (APEE), face à existência deste tipo de Associações;
  - Recolher informação sobre cada uma das APEE existentes no Agrupamento;
  - Compreender as dimensões de actuação aplicadas em prol da relação APEE/Família/Escola;
  - Descobrir as mudanças ocorridas com a presença das APEE ao nível das Escolas e do próprio Agrupamento.

## **GUIÃO ENTREVISTA**

### **Dados de caracterização pessoal e profissional dos entrevistados**

Idade, habilitações literárias, profissão, tempo de serviço em funções de Presidente na Associação de Pais e Encarregados de Educação.

### **Dados referentes à APEE**

Qual a importância que atribui às Associações de Pais e Encarregados de Educação?

Há quanto tempo existe a Associação de Pais e Encarregados de Educação à qual preside?

Quais os fundamentos que estiveram presentes para a constituição desta Associação?

Quantos associados tem a Vossa Associação?

- Os associados são constituídos maioritariamente por pais ou integra outras entidades?
- Quais as razões que levam os Pais ou Encarregados de Educação a aderirem à Associação?
  - Já tiveram situações de renúncia de associados? Qual o motivo dessa renúncia?

Esta Associação integra a FAPCONDE – Federação das Associações de Pais e Encarregados de Educação do Concelho de Vila do Conde ou a CONFAP – Confederação Nacional das Associação de Pais?

- Se sim, há quanto tempo?
- Se não, porquê?

### **Postura APEE face à escola e ao Agrupamento**

Qual a postura que esta Associação de Pais e Encarregados de Educação adota ou têm vindo adoptar face à Escola?

Que estratégias aplicam para a mobilização de diferentes agentes da comunidade educativa, nomeadamente: pais, alunos e professores?

- E com os Órgãos de Gestão, designadamente a Coordenadora de Escola e da Direcção do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira?

Os Pais ou Encarregados de Educação costumam “recorrer” à Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola?

- Se sim, em que situações?
- Se não, porquê?

### **Actividades das APEE**

Que tipo de actividades desenvolvem?

- As actividades são definidas unicamente pelos elementos da Associação ou existem outras pessoas a contribuir com propostas?
- Qual o papel dos Encarregados de Educação face às actividades propostas?
- As actividades vão de encontro com as necessidades reais da Escola?
- Como é feita a divulgação dessas acções?
- As actividades constam no Plano de Actividades do Agrupamento?
- Como costumam avaliar as actividades? Que estratégias utilizam?

### **Projectos comuns entre as AP do Agrupamento**

Alguma vez foram criados projectos em parceria com outras Associações de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento?

- Se sim, quais e que resultados advieram dessas experiências?
- Se não, porquê?

### **Propostas**

Se pudesse propor/pensar em estratégias de actuação para a Vossa Associação de Pais e Encarregados de Educação, quais seriam?

Muito obrigado pela colaboração!



ESCOLA SUPERIOR DE  
EDUCAÇÃO DE  
PAULA FRASSINETTI

## **GUIÃO ENTREVISTA PARA OS REPRESENTANTES DAS ASSOCIAÇÕES DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO “INACTIVAS”**

Os entrevistados serão informados dos objectivos da entrevista, propósitos de utilização da informação, permissão para gravação da mesma e garantia de anonimato e confidencialidade das informações recolhidas. Será comunicado, ainda, que não existem respostas “*certas ou erradas*” a nenhuma das questões colocadas.

### ***Objectivos da Entrevista:***

- Identificar os principais contributos das Associações de Pais (AP):
  - Conhecer a perspectiva dos Presidentes das Associações de Pais e Encarregados de Educação (APEE), face à existência deste tipo de Associações;
  - Recolher informação sobre cada uma das APEE existentes no Agrupamento;
  - Compreender as dimensões de actuação aplicadas em prol da relação APEE/Família/Escola;
  - Descobrir as mudanças ocorridas com a presença das APEE ao nível das Escolas e do próprio Agrupamento.

## **GUIÃO ENTREVISTA**

### **Dados de caracterização pessoal e profissional dos entrevistados**

Idade, habilitações literárias, profissão, tempo de serviço em funções de Presidente na Associação de Pais e Encarregados de Educação.

### **Dados referentes à APEE**

Qual a importância que atribui às Associações de Pais e Encarregados de Educação?

Durante quanto tempo existiu a Associação de Pais e Encarregados de Educação à qual presidiu?

Quais os fundamentos que estiveram presentes na constituição e na desmobilização dessa Associação?

Quantos associados tinha a V. Associação?

- Os associados são constituídos maioritariamente por pais ou integrava outras entidades?
- Quais as razões que levava os Pais ou Encarregados de Educação a aderirem à Associação?
  - Chegaram a ter situações de renúncia de associados? Qual o motivo dessa renúncia?

Esta Associação chegou a integrar a FAPCONDE – Federação das Associações de Pais e Encarregados de Educação do Concelho de Vila do Conde ou a CONFAP – Confederação Nacional das Associação de Pais?

- Se sim, durante quanto tempo?
- Se não, porquê?

### **Postura APEE face à escola e ao Agrupamento**

Qual a postura que a V. Associação de Pais e Encarregados de Educação adoptava face à Escola?

Que estratégias aplicavam para a mobilização de diferentes agentes da comunidade educativa, nomeadamente: pais, alunos e professores?

- E com os Órgãos de Gestão, designadamente a Coordenadora de Escola e da Direcção do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira?

Os Pais ou Encarregados de Educação costumavam “recorrer” à V. Associação de Pais e Encarregados de Educação?

- Se sim, em que situações?
- Se não, porquê?

### **Actividades das APEE**

Que tipo de actividades desenvolviam enquanto Associação?

- As actividades eram definidas unicamente pelos elementos da Associação ou existiam outras pessoas a contribuir com propostas?
- Qual o papel que os Encarregados de Educação assumiam face às actividades?
- As actividades iam de encontro às necessidades reais da Escola?
- Como era feita a divulgação dessas acções?
- As actividades constavam no Plano de Actividades do Agrupamento ou existia um Plano próprio da Associação?
- Como costumavam avaliar as actividades? Que estratégias utilizavam?

Tinha conhecimento da existência de outras Associações de Pais e Encarregados de Educação existentes no Agrupamento?

### **Projectos comuns entre as AP do Agrupamento**

Alguma vez foram criados projectos em parceria com essas Associações de Pais e Encarregados de Educação?

- Se sim, quais e que resultados advieram dessas experiências?
- Se não, porquê?

### **Propostas**

Se pudesse propor/pensar em estratégias de actuação para as Associações de Pais e Encarregados de Educação existentes neste momento, quais seriam?

Muito obrigado pela colaboração!

**ANEXO 4**  
**GUIÕES DAS ENTREVISTAS**



ESCOLA SUPERIOR DE  
EDUCAÇÃO DE  
PAULA FRASSINETTI

## **GUIÃO ENTREVISTA SUBDIRECTOR DO AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS DA JUNQUEIRA - AVEJ**

O entrevistado será informado dos objectivos da entrevista, propósitos de utilização da informação, permissão para gravação da mesma e garantia de anonimato e confidencialidade das informações recolhidas. Será comunicado, ainda, que não existem respostas “*certas ou erradas*” a nenhuma das questões colocadas.

### ***Objectivos da Entrevista:***

- Conhecer a perspectiva do Subdirector do AVEJ face às Associações de Pais e Encarregados de Educação (APEE);
- Recolher informação sobre as APEE existentes no Agrupamento;
- Compreender as dimensões de actuação aplicadas em prol da relação APEE /Família/Escola;
- Descobrir as mudanças ocorridas com a presença das APEE desde que o Subdirector exerce funções directivas/coordenação no Agrupamento.

## **GUIÃO ENTREVISTA**

### **Dados de caracterização pessoal e profissional do entrevistado**

Idade, habilitações literárias, tempo de serviço como docente, tempo de serviço em funções directivas/coordenação.

### **Dados referentes às APEE**

Qual a importância que atribui às Associações de Pais e Encarregados de Educação?

Na sua opinião qual é o papel estas devem assumir junto da comunidade educativa?

### **Dados referentes às APEE que integram o Agrupamento**

Neste Agrupamento existem Associações de Pais e Encarregados de Educação?

- Se sim, quantas? Qual o tempo de existência e fundamentos da sua constituição?
- Se não, porquê?

Tem conhecimento se as Associações integram a FAPCONDE – Federação das Associações de Pais e Encarregados de Educação do Concelho de Vila do Conde?

Qual a postura que as Associações de Pais e Encarregados de Educação adoptam ou têm vindo adoptar face à Escola?

Que estratégias as Associações aplicam para a mobilização de diferentes agentes da comunidade educativa, nomeadamente: pais, alunos e professores? E com a Direcção da Escola?

Que tipo de actividades desenvolvem?

- Como é feita a divulgação dessas acções?
- Essas actividades constam no Plano de Actividades do Agrupamento?

Alguma vez foram criados projectos em parceria com as Associações de Pais e Encarregados de Educação e a Escola?

- Se sim, quais e que resultados advieram dessas experiências?

- Se não, porquê?

Se pudesse propor/pensar em estratégias de actuação para as Associações de Pais e Encarregados de Educação deste Agrupamento, quais seriam?

Muito obrigado pela colaboração!



ESCOLA SUPERIOR DE  
EDUCAÇÃO DE  
PAULA FRASSINETTI

## **GUIÃO ENTREVISTA PARA OS REPRESENTANTES DAS ASSOCIAÇÕES DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO “ACTIVAS”**

Os entrevistados serão informados dos objectivos da entrevista, propósitos de utilização da informação, permissão para gravação da mesma e garantia de anonimato e confidencialidade das informações recolhidas. Será comunicado, ainda, que não existem respostas “*certas ou erradas*” a nenhuma das questões colocadas.

### ***Objectivos da Entrevista:***

- Identificar os principais contributos das Associações de Pais (AP):
  - Conhecer a perspectiva dos Presidentes das Associações de Pais e Encarregados de Educação (APEE), face à existência deste tipo de Associações;
  - Recolher informação sobre cada uma das APEE existentes no Agrupamento;
  - Compreender as dimensões de actuação aplicadas em prol da relação APEE/Família/Escola;
  - Descobrir as mudanças ocorridas com a presença das APEE ao nível das Escolas e do próprio Agrupamento.

## **GUIÃO ENTREVISTA**

### **Dados de caracterização pessoal e profissional dos entrevistados**

Idade, habilitações literárias, profissão, tempo de serviço em funções de Presidente na Associação de Pais e Encarregados de Educação.

### **Dados referentes à APEE**

Qual a importância que atribui às Associações de Pais e Encarregados de Educação?

Há quanto tempo existe a Associação de Pais e Encarregados de Educação à qual preside?

Quais os fundamentos que estiveram presentes para a constituição desta Associação?

Quantos associados tem a Vossa Associação?

- Os associados são constituídos maioritariamente por pais ou integra outras entidades?
- Quais as razões que levam os Pais ou Encarregados de Educação a aderirem à Associação?
  - Já tiveram situações de renúncia de associados? Qual o motivo dessa renúncia?

Esta Associação integra a FAPCONDE – Federação das Associações de Pais e Encarregados de Educação do Concelho de Vila do Conde ou a CONFAP – Confederação Nacional das Associação de Pais?

- Se sim, há quanto tempo?
- Se não, porquê?

### **Postura APEE face à escola e ao Agrupamento**

Qual a postura que esta Associação de Pais e Encarregados de Educação adota ou têm vindo adoptar face à Escola?

Que estratégias aplicam para a mobilização de diferentes agentes da comunidade educativa, nomeadamente: pais, alunos e professores?

- E com os Órgãos de Gestão, designadamente a Coordenadora de Escola e da Direcção do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira?

Os Pais ou Encarregados de Educação costumam “recorrer” à Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola?

- Se sim, em que situações?
- Se não, porquê?

### **Actividades das APEE**

Que tipo de actividades desenvolvem?

- As actividades são definidas unicamente pelos elementos da Associação ou existem outras pessoas a contribuir com propostas?
- Qual o papel dos Encarregados de Educação face às actividades propostas?
- As actividades vão de encontro com as necessidades reais da Escola?
- Como é feita a divulgação dessas acções?
- As actividades constam no Plano de Actividades do Agrupamento?
- Como costumam avaliar as actividades? Que estratégias utilizam?

### **Projectos comuns entre as AP do Agrupamento**

Alguma vez foram criados projectos em parceria com outras Associações de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento?

- Se sim, quais e que resultados advieram dessas experiências?
- Se não, porquê?

### **Propostas**

Se pudesse propor/pensar em estratégias de actuação para a Vossa Associação de Pais e Encarregados de Educação, quais seriam?

Muito obrigado pela colaboração!



ESCOLA SUPERIOR DE  
EDUCAÇÃO DE  
PAULA FRASSINETTI

## **GUIÃO ENTREVISTA PARA OS REPRESENTANTES DAS ASSOCIAÇÕES DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO “INACTIVAS”**

Os entrevistados serão informados dos objectivos da entrevista, propósitos de utilização da informação, permissão para gravação da mesma e garantia de anonimato e confidencialidade das informações recolhidas. Será comunicado, ainda, que não existem respostas “*certas ou erradas*” a nenhuma das questões colocadas.

### ***Objectivos da Entrevista:***

- Identificar os principais contributos das Associações de Pais (AP):
  - Conhecer a perspectiva dos Presidentes das Associações de Pais e Encarregados de Educação (APEE), face à existência deste tipo de Associações;
  - Recolher informação sobre cada uma das APEE existentes no Agrupamento;
  - Compreender as dimensões de actuação aplicadas em prol da relação APEE/Família/Escola;
  - Descobrir as mudanças ocorridas com a presença das APEE ao nível das Escolas e do próprio Agrupamento.

## **GUIÃO ENTREVISTA**

### **Dados de caracterização pessoal e profissional dos entrevistados**

Idade, habilitações literárias, profissão, tempo de serviço em funções de Presidente na Associação de Pais e Encarregados de Educação.

### **Dados referentes à APEE**

Qual a importância que atribui às Associações de Pais e Encarregados de Educação?

Durante quanto tempo existiu a Associação de Pais e Encarregados de Educação à qual presidiu?

Quais os fundamentos que estiveram presentes na constituição e na desmobilização dessa Associação?

Quantos associados tinha a V. Associação?

- Os associados são constituídos maioritariamente por pais ou integrava outras entidades?
- Quais as razões que levava os Pais ou Encarregados de Educação a aderirem à Associação?
  - Chegaram a ter situações de renúncia de associados? Qual o motivo dessa renúncia?

Esta Associação chegou a integrar a FAPCONDE – Federação das Associações de Pais e Encarregados de Educação do Concelho de Vila do Conde ou a CONFAP – Confederação Nacional das Associação de Pais?

- Se sim, durante quanto tempo?
- Se não, porquê?

### **Postura APEE face à escola e ao Agrupamento**

Qual a postura que a V. Associação de Pais e Encarregados de Educação adoptava face à Escola?

Que estratégias aplicavam para a mobilização de diferentes agentes da comunidade educativa, nomeadamente: pais, alunos e professores?

- E com os Órgãos de Gestão, designadamente a Coordenadora de Escola e da Direcção do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira?

Os Pais ou Encarregados de Educação costumavam “recorrer” à V. Associação de Pais e Encarregados de Educação?

- Se sim, em que situações?
- Se não, porquê?

### **Actividades das APEE**

Que tipo de actividades desenvolviam enquanto Associação?

- As actividades eram definidas unicamente pelos elementos da Associação ou existiam outras pessoas a contribuir com propostas?
- Qual o papel que os Encarregados de Educação assumiam face às actividades?
- As actividades iam de encontro às necessidades reais da Escola?
- Como era feita a divulgação dessas acções?
- As actividades constavam no Plano de Actividades do Agrupamento ou existia um Plano próprio da Associação?
- Como costumavam avaliar as actividades? Que estratégias utilizavam?

Tinha conhecimento da existência de outras Associações de Pais e Encarregados de Educação existentes no Agrupamento?

### **Projectos comuns entre as AP do Agrupamento**

Alguma vez foram criados projectos em parceria com essas Associações de Pais e Encarregados de Educação?

- Se sim, quais e que resultados advieram dessas experiências?
- Se não, porquê?

### **Propostas**

Se pudesse propor/pensar em estratégias de actuação para as Associações de Pais e Encarregados de Educação existentes neste momento, quais seriam?

Muito obrigado pela colaboração!

**ANEXO 5**  
**TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A “SD” DO**  
**AVEJ**

## **TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA A “SD” DO AVEJ**

**Data:** 25 de Fevereiro de 2010      **Hora:** 11 h      **Duração:** 27m10s

**Local:** Escola EB 2,3 Dr. Carlos Pinto Ferreira - Junqueira

**Entrevistador(a):** Mestranda da ESEPF

**Entrevistados:** SD - Subdirector do Agrupamento de Escolas da Junqueira

**Entrevistador – Bom dia!**

Subdirector – Bom dia!

**Esta entrevista tem como objectivo tentar perceber e compreender se no Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira (AVEJ) existem Associações de Pais e Encarregados de Educação (APEE), como estão organizadas e o tipo de funcionamento que têm.**

**Para iniciar a entrevista iria começar por o questionar relativamente à sua idade, habilitações literárias e tempo de serviço enquanto docente e com exercício de funções Directivas ou de Coordenação no Agrupamento?**

Idade 52 anos, estou quase nos cinquenta e três (risos). Quanto às habilitações literárias tenho Licenciatura em História, pela Faculdade de Letras do Porto. Tempo de serviço cerca de trinta anos e desses trinta, dezoito foram em órgãos de gestão, sendo que aqui na escola são doze anos, indo a caminho de treze.

**Tendo em consideração o fundamento desta entrevista, gostava de saber qual a importância que atribui às APEE?**

Toda a gente sabe que as Associações de Pais e Encarregados de Educação são importantes, até porque educar é cada vez mais uma tarefa difícil e se não nos envolvermos todos na educação não adianta nada. Há um provérbio índio que me vem sempre à memória quando falo sobre as Associações de Pais, o célebre “para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira” e, realmente, não adianta nada andarmos aqui com regras se os pais e a escola não pautarem a educação também por essas regras. Logo, é

fundamental que os pais e a escola funcionem em conjunto e que puxem todos para o mesmo lado e, infelizmente, aqui não temos tido esse tipo de comportamentos.

Não é que a gente tenha queixa dos pais, não é. Há pais que nos dizem que não se interessam porque não têm problemas, mas o não ter problemas não é resposta nenhuma. Não têm eles, mas têm outros e, como fazemos parte da mesma divisa, todos temos que ajudar. Nesse aspecto, eu acho que os pais são um parceiro fundamental que deveriam ter um papel mais activo do aquele que têm.

**Então considera que elas deveriam assumir um papel mais activo na comunidade educativa?**

Sim.

**Ao nível deste Agrupamento existem APEE?**

Existem cinco Associações de Pais. Uma foi formada há pouco tempo, começou agora a funcionar e é a Associação de Pais de Bagunte. Outra é a de Touguinha, é a semi-activa, mas aquilo funciona por rivalidades, pois organizam-se e trabalham em termos de Jardim e Escola de 1º Ciclo de Touguinha, mas não se envolvem muito com o resto do Agrupamento. Depois temos três que estão paradas que são a de Arcos, Rio Mau e a Associação de Pais do Agrupamento, que funcionou enquanto esteve à frente da Associação o Engenheiro, depois foi-se embora e, neste momento, não há meio de a pôr em funcionamento, nem resposta nos dão.

**Quando as Associações foram criadas sabe o que esteve no cerne da sua constituição? Qual o fundamento principal?**

As quatro que são de Freguesias diferentes tiveram a ver com rivalidades, nitidamente com rivalidades. Aliás, nós notamos isso em algumas medidas que quisemos impor e vimos a reacção em termos do 1º Ciclo, pois achávamos benéfico para os alunos, como há poucos alunos em algumas Freguesias, que as Juntas deslocando-os de umas Freguesias para as outras, de forma a criar turmas de um só ano e, foi o cabo dos trabalhos, porque os de um lado não queriam que os filhos fossem para o outro.

Há uma rivalidade muito grande e acho que essas Associações surgiram um pouco por causa disso, se bem que a de Touguinha é mais antiga e os pais sempre revelaram, para com o Agrupamento, alguma dinâmica. Como eu digo, praticamente só se preocupam com o Jardim e a Escola do 1º Ciclo. Enquanto estive à frente o Sr. Sérgio esse comparecia sempre às reuniões, estava sempre pronto para participar. Desde que ele saiu nunca mais se fizeram representar no Conselho Geral, nem no Conselho Pedagógico. A gente pode convocar, mas nunca aparece ninguém, mas acho que essa proliferação tem a ver com rivalidades entre Freguesias.

A outra surgiu quando o Agrupamento foi formado com um grupo de pais que achou que deveria haver uma Associação só no Agrupamento todo. No primeiro ano, fizeram e, já falei disso até, eles fizeram um estudo acerca do que os pais pensavam da escola e como poderiam envolver-se. Depois convocaram os pais para fazer a apresentação, que foi feita aqui na escola, uma sexta-feira à noite. Resultado estavam mais elementos da Direcção do que pais a assistir, estavam três pais e quatro elementos da Direcção. Foi uma frustração tremenda, mas foi o que aconteceu.

**Recorda-se como foi feito esse estudo?**

Foi por inquérito. Pediram autorização para fazer o inquérito aos pais e foram eles que trataram de tudo.

**Foi um trabalho muito autónomo, por parte da Associação de Pais (AP)?**

Sim foi.

**Tem conhecimento da existência da FAPCONDE e da CONFAP? Sabe se as APEE estão ou estavam inscritas em alguns desses movimentos?**

A Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento estava representada e inscrita. As outras, muito sinceramente, não sabemos. A Associação de Pais do Agrupamento estava, pelo menos era o que o Engenheiro referia no Pedagógico quando dava conhecimento das reuniões. Ainda é possível que esteja, mas como não temos feedback não posso afirmar, mas que fazia parte, isso fazia.

**Neste momento, qual a postura que as AP têm vindo a adoptar ou adoptam face à escola? Acha que é uma postura de parceria ou de alheamento/afastamento?**

De parceria não é, infelizmente não é. Não sei se lhe hei-de chamar de alheamento. A única coisa que posso constatar é que, mesmo quando os convocamos para reuniões ou para indicarem elementos para representar a comissão com objectivos vários, quer seja do Projecto Educativo, entre outros, nunca nos aparece resposta.

Ainda há pouco tivemos a ver o Projecto Educativo e fazer a revisão do Regulamento Interno e socorremo-nos dos representantes dos pais nas turmas, porque das Associações de Pais não veio ninguém.

**Mas porque é que isso acontece?**

(silêncio) Isso gostava de saber, mas para isso a gente teria que ouvir o que eles pensam e isso não é fácil. Ainda esta semana fizemos uma reunião com os representantes dos pais e a verdade é que apareceram bastantes pais, não apareceram todos os representantes, mas apareceram bastantes e ficamos com a impressão, nestas entrevistas, que eles vêm lá falar no que diz respeito aos filhos deles ou às Freguesias e, se isso atinge o Agrupamento então também diz respeito ao Agrupamento, se não, não. O mais engraçado é que nenhum dos pais falou sequer das Associações de Pais. Numa reunião de duas horas e tal ninguém quis saber se eles têm funcionado, se funcionam ou se não funcionam.

**Então podemos dizer que, realmente as AP não têm voz activa, nem sequer apresentam nenhuma representação para os pais?**

É com essa impressão que a gente fica. Vamos lá ver se esta mais recente, a de Bagunte, consegue mexer-se mais um bocado, mas também fico com a impressão, até porque conheço algumas pessoas daqui e que fazem parte da Associação, que a ideia é a mesma... olhar pelo que diz respeito a Bagunte e não pensar em termos de Agrupamento. Em qualquer uma delas e, mesmo na do Agrupamento, a gente ficava sempre com essa impressão que eles não conseguem pensar no Agrupamento enquanto Agrupamento, querem é proteger o nicho deles e ver o que é que conseguem fazer em favor de.

**Tem conhecimento das estratégias que estas Associações têm para mobilizar diferentes agentes, desde pais, alunos, professores e até a própria Direcção da Escola? Quais eram os meios que utilizavam para se aproximar?**

(silêncio) Nós em termos de relação com as Associações quando há alguma actividade convidámo-los sempre. Geralmente da parte deles só recebemos convites quando fazem alguma Festa de Final de Ano, algum Jantar. Nesse aspecto mesmo a Associação do Agrupamento nunca fez muitas actividades, excepto a de Touguinha que sempre foi mais activa. Em Touguinha fazem sempre muitas actividades, envolvem os pais nas actividades e convidam-nos para assistir às actividades, não é para participar, mas sim para assistir.

Mesmo as acções de formação que a gente tenta promover para os pais, nunca têm muita adesão. Além de que, no ano passado, tivemos uma agradável surpresa, porque a equipa do PES fez uma acção por causa da Educação Sexual e convidamos os representantes das turmas todas e as Associações de Pais. Eu estava com medo que acontecesse o de costume, que só aparecessem cerca de vinte pessoas, mas apareceram cerca de cento e cinquenta pessoas. Realmente deixou-me impressionado, porque não contava que aparecesse tanta gente e fiquei surpreendido com isso. Mas, por exemplo, ainda há dois anos fizemos uma sobre os perigos da internet e pensávamos que era um tema que interessava a toda a gente, que íamos ter muita gente, de tal maneira que pedimos o auditório em Vila do Conde. Resultado, se não fossem os professores a sala ficava completamente vazia, pais só lá estavam entre três a quatro. Há coisas que realmente não se conseguem explicar.

**Essa acção que falou sobre a questão da Educação Sexual foi mesmo proposta pela Escola?**

Foi.

**Não foi nenhum pai que apresentou esse tema?**

Não. Foi proposta mesmo pela equipa do PES que achou que devia informar os pais acerca do que se ia tratar ao longo do ano. Fiquei surpreendido quando

vi muita gente, muita para além do que estávamos a contar e, sobretudo os pais mostrarem-se muito interessados.

Há ainda outras coisas... costumamos celebrar o dia do Agrupamento e o Magusto. No Magusto não aparecem tantos, mas no dia do Agrupamento lá aparecem mais e a actividade é durante o dia todo. Se ao longo do dia vierem cem pais será muito e, se calhar, não vêm de certeza absoluta. Ora no Agrupamento temos cerca de mil e trezentos, mil e quatrocentos alunos, por isso não é nada significativo. Os que vêm são pais dos filhos que se envolvem na actividade.

Mas têm acontecido coisas piores. No final do ano entregamos os prémios de Mérito Escolar e tem-nos acontecido haver alturas em que estamos a entregar os prémios e os pais não estão presentes. Isso é frustrante para os miúdos. Não é em todos os casos, mas acontece em alguns.

**Tendo em consideração a questão dos temas das formações, a escola alguma vez fez um levantamento, junto dos pais, sobre as temáticas que são importantes para eles e que gostariam de ver divulgadas e faladas no contexto escolar?**

As únicas hipóteses que formulamos nesse aspecto teve a ver com a construção do Projecto Educativo em que, no ano passado, pedimos aos pais que estavam na equipa, que também eram representantes dos pais, temas que gostassem de ver tratados, acções de formação e, portanto, não houve propostas.

**O que acaba por seu curioso, não é?**

Sim é muito curioso.

**Das acções ou das actividades que as APEE vão tentando promover pontualmente, como é feita a divulgação por parte delas?**

(silêncio) As acções que são feitas têm mais a ver com festas.

**Mas é feita essa divulgação?**

(silêncio) Tem a ver com o que lhe indiquei há um bocado. Eles pensam todos em termo de paróquia. Touguinha faz a festa e é para os de Touguinha e convidam os elementos da Direcção. Não abrem aquilo, é como eu digo, eles

não conseguem pensar numa Associação de Pais como uma Associação de todo o Agrupamento.

**E trabalhar em parceria e equipa, não sentem essa necessidade?**

Não, nada. Mas nesse aspecto tenho de dizer a verdade a Associação de Touguinha até faz um bom trabalho, só que em termos de Agrupamento não fazem nenhum. Só fazem o que diz respeito a Touguinha.

**As actividades estão expressas ou apresentadas em algum documento, como o Plano de Actividades do Agrupamento?**

Não. Há alturas em que desejam fazer uma Festa de Natal ou como já há a Festa de Natal da Escola eles podem participar e aí vai o Plano Pedagógico. É um Plano que é apresentado pela Professora da Escola com a colaboração dos pais.

Em termos de autonomia ao nível dos Planos nunca tivemos nenhum apresentado por eles.

**Dessas actividades ou festas que eles vão fazendo para as suas escolas, as experiências foram positivas ou negativas?**

Uma questão é certa, Touguinha funciona bem e tem sempre muita gente e participam muitos pais.

**Costumam a envolver a comunidade local?**

Aquilo é um meio pequeno e praticamente todos têm filhos ali na escola, portanto vai quase tudo.

**Será que podemos afirmar que a comunidade está mesmo envolvida?**

Sim. São pais, avós, tios e levam as famílias por arrastamento.

**Então podemos dizer que os resultados das actividades acabam por ser positivos?**

Em Touguinha sim.

**Enquanto SD do AVEJ, se pudesse propor ou pensar em estratégias de intervenção para as APEE, quais proporia?**

(silêncio) Nós já tentamos tanta coisa que às vezes, a gente, já nem tem ideias para uma resposta a uma pergunta como esta.

(silêncio) Por exemplo, houve uma altura em que a gente tinha uma actividade que, embora fosse feita turma a turma, os responsáveis últimos

eram os pais. Eram chamadas de “Mesas de Outono”, em que cada turma tinha que montar uma mesa e os pais é que ficavam encarregados por trazer coisas para montar a mesa. Fizemos aquilo duas vezes e tivemos que acabar, porque na última, a gente chegou a um ponto que ficou de boca aberta porque aquilo, quer dizer... traziam rojões, papas, feijoada, mas era às panelas... depois ficavam danados quando não era a sua mesa que ganhava. Criava-se ali um ambiente de cortar à faca. (silêncio)

### **Daí a rivalidade que falava anteriormente?**

(silêncio) Nós chegamos a um ponto que dissemos que o melhor era acabar com aquilo. Embora fosse uma actividade que trouxesse os pais à escola, tínhamos que acabar... (silêncio), até porque depois sobrava comida que era uma coisa doída, as funcionárias diziam que era um desperdício tremendo. Além do desperdício... (silêncio), ali o mais grave era que os pais participavam naquilo com outro intuito – o de vencer. Isso não era um bom exemplo, não era. Depois, ao menos, podiam disfarçar, mas não, no fim ainda demonstravam desagrado e de uma forma, às vezes, um pouso deselegante e com insinuações que não foram muito felizes. O júri tinha um professor, um aluno, um funcionário e um pai e eles é que andavam a correr as mesas todas. Nós não tínhamos nada a ver com aquilo... acho que tem tudo a ver com a história das rivalidades. Essa actividade foi uma das que envolveu os pais, mas não me pareceu ao fim de dois anos que fosse uma actividade que devêssemos continuar. Aliás, no Pedagógico, todos e até o representante da Associação de Pais que lá estava, consideraram que seria melhor não continuar porque o que se passava não era muito bonito.

No dia do Agrupamento, dia trinta de Setembro, mandamos convite para todos. Temos actividades o dia todo, temos venda de produtos hortícolas, trazemos até um senhor, que também tem cá o filho, que tem um forno de lenha e que participa em feiras, que está aí o dia todo a cozer pão, entre outras coisas. Mesmo assim, temos a escola aberta, já chegamos a trazer ranchos e tudo para ver se os trazíamos até aqui, mas a verdade é que nunca temos assim muita adesão, não temos. Já prolongamos as actividades até às 19:30, para ver se eles, pelo menos, vinham ao final da tarde, mas mesmo assim...

Nesse ano tivemos a preocupação de fazer actividades, sobretudo, voltadas para os pais, mas nem a cem chegou, o que no universo de mil e quatrocentos alunos não é nada.

**Mas acha que os pais, em geral, preocupam-se com a escola?**

Eu acho que eles não se preocupam com a escola, preocupam-se com o que tem a ver com o filho e se o que tem a ver com o filho está relacionado com a escola, aí preocupam-se.

Ainda agora estivemos a ver, naquela reunião que tivemos a semana passada, chegamos lá e ficamos a saber que eles estão descontentes com a cantina. A empresa mudou e os filhos chegam a casa a queixarem-se que a comida não presta e que chega fria. Ora, nós é que convocamos a reunião, nunca nenhum pai nos chegou cá a dizer uma coisa dessas. Se não tivéssemos feito aquela reunião, nem sabíamos que eles estavam descontentes com a comida. Nunca nenhum pai, não é, se um filho chega a casa a dizer que se passa isto assim, deve deixar de ir à escola questionar o porquê e dizer que se durante os outros anos eles gostavam da comida agora não gostam o que se está a passar. Se eles estavam descontentes, a obrigação deles era vir à escola e dizer que não estavam a gostar com o que se estava a passar na cantina. Se não tivéssemos feito a reunião, nós nunca saberíamos que estavam descontentes com a cantina.

Isto como eu digo é só um exemplo, mas que se alarga a outras coisas. Há actividades que são feitas, por exemplo, há uma actividade que a Câmara organiza todos os anos que é o Dia de Vila do Conde em que, geralmente, todas as escolas participam, assim como, cada Agrupamento em que tem-se que trabalhar um tema qualquer que englobe alunos, professores e funcionários. Isto é em Vila do Conde, é à noite, geralmente a uma sexta-feira ou sábado, pois a maior parte dos pais dos alunos que participam, nem sequer vão ver. Não comparecem e depois nós temos que ter o cuidado de ver se os pais comparecem para os ir buscar ou se temos que os levar a casa.

**A escola é que tem que se encarregar pelos alunos. É isso?**

Isto não é a totalidade dos pais. Alguns cumprem, mas são uma minoria.

**Voltando ao tema central da nossa entrevista, podemos dizer que algumas das APEE, excepto a de Touguinha e de Bagunte, existem unicamente no papel porque não estão activas?**

Sim, existem no papel porque não estão activas. A de Bagunte já indicou alguém para o Conselho Pedagógico o que não é mau de todo. Esta acabou agora de se formar e como nós não temos lá ninguém a representar nenhuma Associação de Pais, pedimos se podiam indicar alguém.

Touguinha está activa, mas em termos paroquiais, mas as outras não.

**E se tentássemos junto dos representantes das APEE, mesmo das que estão inactivas, procurar perceber o porquê dessa inactividade e o que levou a essa desmobilização, para assim tentarmos reanimar a Associação de Pais do Agrupamento e terem uma AP que se preocupasse e propusesse ideias e actividades. O que acha?**

Eu acho uma excelente ideia. Eu até acho um disparate haver tantas Associações de Pais no Agrupamento, até porque não é tão grande. Aquilo é para estar no papel. Prontos ... a maior parte deles não faz nada. Preferia ter só uma Associação de Pais que fosse activa, dinâmica e que estivesse presente quando a gente precisasse, além de ser capaz de dizer “olhem, cuidado com isto ou com aquilo”, como o que se passou agora com as refeições, mas não temos.

Mesmo a de Touguinha em termos de Agrupamento, se for alguma coisa que diga respeito à Escola da Touguinha, aí eles vêm cá falar com a Direcção, se for um problema que tenha a ver com outra escola já não querem saber.

**Muito obrigado por ter colaborado nesta entrevista, os dados recolhidos serão unicamente para estudo e não serão divulgados.**

De nada e tomara nós arranjar uma solução para isto.

**ANEXO 6**  
**ANÁLISE CONTEÚDO ENTREVISTA A “SD” DO**  
**AVEJ**

## ANÁLISE CONTEÚDO ENTREVISTA A “SD” DO AVEJ

Categories / Dimensões	Análise	Excerto
<b>Categoria - Apresentação</b>		
<b>Identificação</b>	SD tem 52 anos é formado em História. Exerce a actividade de professor acerca de trinta anos, dos quais dezoito foram em órgãos de gestão. No AVEJ desempenha funções directivas há doze anos.	<i>“Idade 52 anos [...] quanto às habilitações literárias tenho Licenciatura em História, pela Faculdade de Letras do Porto. Tempo de serviço cerca de trinta anos e desses trinta, dezoito foram em órgãos de gestão, sendo que aqui na escola são doze anos.”</i>
<b>Categoria - Associação de Pais e Encarregados de Educação</b>		
<b>Utilidade</b>	Considera que as APEE são importantes e que é necessário um envolvimento por parte de todos quando se fala em educação. Destaca a pertinência das regras e que estas devem ser transversais ao contexto escolar e familiar.	<i>“Toda a gente sabe que as Associações de Pais e Encarregados de Educação são importantes, até porque educar é cada vez mais uma tarefa difícil e se não nos envolvermos todos na educação não adianta nada. Há um provérbio índio que me vem sempre à memória quando falo sobre as Associações de Pais, o célebre “para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira” e, realmente, não adianta nada andarmos aqui com regras se os pais e a escola não pautarem a educação também por essas regras.”</i>
<b>Articulação</b>	Sublinha que a articulação entre pais e escola é fundamental, mas que os pais deveriam ter um papel mais activo e demonstrar mais interesse.	<i>“[...] é fundamental que os pais e a escola funcionem em conjunto e que puxem todos para o mesmo lado e, infelizmente, aqui não temos tido esse tipo de comportamentos.” “Não é que a gente tenha queixa dos pais, não é.”</i>

		<i>Há pais que nos dizem que não se interessam porque não têm problemas, mas o não ter problemas não é resposta nenhuma. Não têm eles, mas têm outros e, como fazemos parte da mesma divisa, todos temos que ajudar. Nesse aspecto, eu acho que os pais são um parceiro fundamental que deveriam ter um papel mais activo do aquele que têm.”</i>
<b>Categoria – Associação de Pais e Encarregados de Educação no AVEJ</b>		
<b>Existência de APEE</b>	No Agrupamento de Escolas da Junqueira existem cinco AP. Bagunte foi criada recentemente, Touguinha está semi-activa, Arcos, Rio Mau e a do Agrupamento estão paradas. Destaca que a do Agrupamento funcionou enquanto esteve o Engenheiro, mas que agora é difícil reactivá-la.	<i>“Existem cinco Associações de Pais. Uma foi formada há pouco tempo [...] é a Associação de Pais de Bagunte. Outra é a de Touguinha, é a semi-activa [...] temos três que estão paradas que são a de Arcos, Rio Mau e a Associação de Pais do Agrupamento, que funcionou enquanto esteve à frente da Associação o Engenheiro, depois foi-se embora e, neste momento, não há meio de a pôr em funcionamento, nem resposta nos dão.”</i>
<b>Motivo da Constituição</b>	Quanto ao motivo da constituição das APEE refere que este baseou-se, essencialmente, em rivalidades. Todavia a de Touguinha sempre evidenciou alguma dinâmica. A APAEJ formou-se porque havia um grupo de pais que considerava que deveria existir uma única Associação ao nível do Agrupamento e, chegaram mesmo, a fazer um estudo junto dos pais sobre o que estes pensavam acerca da escola e como poderiam envolver-se.	<i>“As quatro que são de Freguesias diferentes tiveram a ver com rivalidades, nitidamente com rivalidades. Aliás, nós notamos isso em algumas medidas que quisemos impor e vimos a reacção em termos do 1º Ciclo.” “Há uma rivalidade muito grande [...] se bem que a de Touguinha é mais antiga e os pais sempre revelaram, para com o Agrupamento, alguma dinâmica.” “A outra surgiu quando o Agrupamento foi formado com um grupo de pais que achou que deveria haver uma Associação só no Agrupamento todo [...]</i>

		<i>fizeram um estudo acerca do que os pais pensavam da escola e como poderiam envolver-se.”</i>
<b>Constrangimentos</b>	Indica que existem alguns constrangimentos, nomeadamente ao nível da participação das AP, revelando que em Touguinha só se preocupam com o Jardim-de-infância e o 1º Ciclo. Não aparecem quando são convocados, nem se fazem representar no Conselho Geral, nem no Pedagógico, como acontecia com a antiga Direcção.	<i>“Touguinha [...] praticamente só se preocupam com o Jardim e a Escola do 1º Ciclo. Enquanto estive à frente o Sr. Sérgio esse comparecia sempre às reuniões, estava sempre pronto para participar. Desde que ele saiu nunca mais se fizeram representar no Conselho Geral, nem no Conselho Pedagógico. A gente pode convocar, mas nunca aparece ninguém, mas acho que essa proliferação tem a ver com rivalidades entre Freguesias.”</i>
<b>Categoria – Movimentos Associativos</b>		
<b>Movimentos Associativos Locais e Nacionais</b>	Segundo a informação que o Agrupamento tinha nas reuniões do Conselho Pedagógico, a APAEJ estava inscrita e representada em movimentos. Relativamente às outras APEE não detém conhecimento.	<i>“A Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento estava representada e inscrita. As outras, muito sinceramente, não sabemos. A Associação de Pais do Agrupamento estava, pelo menos era o que o Engenheiro referia no Pedagógico quando dava conhecimento das reuniões.”</i>
<b>Categoria – Relação com o Agrupamento</b>		
<b>Relação</b>	Quanto à relação e postura das APEE com o Agrupamento, salienta que esta não é de parceria, mas também não sabe se a pode classificar de alheamento. O que constatam é que quando solicitadas ou convocadas as AP não dão resposta, tendo o Agrupamento que recorrer aos representantes dos pais nas turmas. Por sua vez, estes representantes dos pais nas reuniões também não questionam sobre as APEE, nem	<i>“De parceria não é, infelizmente não é. Não sei se lhe hei-de chamar de alheamento. A única coisa que posso constatar é que, mesmo quando os convocamos para reuniões ou para indicarem elementos para representar a comissão com objectivos vários, quer seja do Projecto Educativo, entre outros, nunca nos aparece resposta. Ainda há pouco tivemos a ver o Projecto Educativo e fazer a revisão do Regulamento Interno e socorremo-nos dos representantes dos pais nas</i>

	<p>evidenciam interesse por saber se estão a funcionar em pleno ou não.</p>	<p><i>turmas, porque das Associações de Pais não veio ninguém.</i></p> <p><i>Ainda esta semana fizemos uma reunião com os representantes dos pais e a verdade é que apareceram bastantes pais, não apareceram todos os representantes [...] e ficamos com a impressão [...] que eles vêm lá falar no que diz respeito aos filhos deles ou às Freguesias e, se isso atinge o Agrupamento então também diz respeito ao Agrupamento, se não, não. O mais engraçado é que nenhum dos pais falou sequer das Associações de Pais. Numa reunião de duas horas e tal ninguém quis saber se eles têm funcionado, se funcionam ou se não funcionam.”</i></p>
<p><b>Representatividade APEE</b></p>	<p>As APEE não têm voz activa. SD considera que as AP não conseguem agir e actuar pensando no conceito de Agrupamento, pois protegem-se e buscam interesses individuais. Espera que a APEE Bagunte, recentemente criada, seja o inverso das restantes.</p>	<p><i>“Não têm voz activa [...] vamos lá ver se esta mais recente, a de Bagunte, consegue mexer-se mais um bocado, mas também fico com a impressão [...] que a ideia é a mesma olhar pelo que diz respeito a Bagunte e não pensar em termos de Agrupamento. Em qualquer uma delas e, mesmo na do Agrupamento, a gente ficava sempre com essa impressão que eles não conseguem pensar no Agrupamento enquanto Agrupamento, querem é proteger o nicho deles e ver o que é que conseguem fazer em favor de.”</i></p>
<p><b>Mobilização</b></p>	<p>As estratégias de mobilização passam por quando há actividades organizadas pelo Agrupamento convidar as APEE. Por sua vez, quando são as APEE a concretizar acções convidam a Direcção do Agrupamento para</p>	<p><i>“Nós [...] quando há alguma actividade convidámo-los sempre. Geralmente da parte deles só recebemos convites quando fazem alguma Festa de Final de Ano, algum Jantar. [...] Em Touguinha fazem sempre muitas actividades, envolvem os pais</i></p>

	assistir, mas não para participar.	<i>[...] e convidam-nos para assistir às actividades, não é para participar, mas sim para assistir.”</i>
<b>Categoria – Actividades</b>		
<b>Actividades desenvolvidas</b>	As actividades desenvolvidas são diversas tendo SD destacado o Dia do Agrupamento, Magusto, entrega de Prémios de Mérito Escolar, acções de formação, Mesas de Outono e o Dia de Vila do Conde.	<i>“As acções que são feitas têm mais a ver com festas.” “Dia do Agrupamento e o Magusto, Prémios de Mérito Escolar, Acções de formação, Mesas de Outono, Dia de Vila do Conde.”</i>
<b>Acções de Formação</b>	As acções de formação desenvolvidas até então foram sobre a Educação Sexual (organizada pelo PES) e os Perigos da Internet. A primeira contou com a presença e receptividade dos pais, tendo comparecido cerca de cem a cento e cinquenta pessoas. A segunda já não teve a mesma receptividade ficando aquém das expectativas, contando com a presença de três a quatro pais.	<i>“Mesmo as acções de formação que a gente tenta promover para os pais, nunca têm muita adesão. Além de que, no ano passado, tivemos uma agradável surpresa [...] a equipa do PES fez uma acção por causa da Educação Sexual e convidamos os representantes das turmas todas e as Associações de Pais [...] apareceram cerca de cento e cinquenta pessoas.” “Há dois anos fizemos uma sobre os perigos da internet e pensávamos que era um tema que interessava a toda a gente, que íamos ter muita gente, de tal maneira que pedimos o auditório em Vila do Conde. Resultado, se não fossem os professores a sala ficava completamente vazia, pais só lá estavam entre três a quatro. Há coisas que realmente não se conseguem explicar.”</i>
<b>Auscultação dos Pais</b>	Quando estavam a elaborar o Projecto Educativo, questionaram os representantes dos pais que faziam parte da Equipa sobre temáticas de interesse, não havendo propostas.	<i>“ [...] com a construção do Projecto Educativo [...] pedimos aos pais que estavam na equipa, que também eram representantes dos pais, temas que gostassem de ver tratados, acções de formação e, portanto, não houve propostas.”</i>
<b>Divulgação</b>	Relativamente à divulgação das actividades	<i>“Eles pensam todos em termo de paróquia.</i>

	SD destaca que as actividades desenvolvidas têm a ver com festas e que as APEE, nomeadamente a de Touguinha, actuam em termos locais, não sendo capazes de alargar as actividades a todo o Agrupamento.	<i>Touguinha faz a festa e é para os de Touguinha e convidam os elementos da Direcção. Não abrem aquilo, é como eu digo, eles não conseguem pensar numa Associação de Pais como uma Associação de todo o Agrupamento.”</i>
<b>Planificação</b>	Planificação não existe. Acontece que quando desejam fazer/participar numa festa o plano vai a Conselho Pedagógico, mas é um plano que é apresentado pela professora evidenciando a colaboração dos pais. Em termos de APEE nunca tiveram um plano apresentado por eles.	<i>“Não. Há alturas em que desejam fazer uma Festa de Natal ou como já há a Festa de Natal da Escola eles podem participar e aí vai o Plano a Pedagógico. É um Plano que é apresentado pela Professora da Escola com a colaboração dos pais.” “Em termos de autonomia ao nível dos Planos nunca tivemos nenhum apresentado por eles.”</i>
<b>Participação dos Pais</b>	Relativamente à adesão dos pais às actividades indica: - Touguinha funciona bem e participam muitos pais; - Acção de formação sobre Educação Sexual tinha muita gente e os pais mostraram-se muito interessados; - Magusto não aparece muitos pais; - Dia do Agrupamento decorre actividades ao longo de todo o dia, mas não aparecem mais de cem pais, e os que participam são aqueles que têm filhos envolvidos nas actividades; - Entrega Prémios de Mérito Escolar acontece que, por vezes, estão a entregar os prémios e os pais não estão presentes; - Mesas de Outono era uma actividade que trazia muitos pais à escola, mas que terminou devido, sobretudo, ao desperdício de comida	<i>“[...] Touguinha funciona bem e tem sempre muita gente e participam muitos pais.” Acção de Formação sobre Educação Sexual “muita gente, muita para além do que estávamos a contar e, sobretudo os pais mostrarem-se muito interessados.” “No Magusto não aparecem tantos, mas no dia do Agrupamento lá aparecem mais e a actividade é durante o dia todo. Se ao longo do dia vierem cem pais será muito e, se calhar, não vêm de certeza absoluta. Ora no Agrupamento temos cerca de mil e trezentos, mil e quatrocentos alunos, por isso não é nada significativo. Os que vêm são pais dos filhos que se envolvem na actividade.” Entrega “prémios de Mérito Escolar tem-nos acontecido haver alturas em que estamos a entregar os prémios e os pais não estão presentes.” “[...] houve uma altura em que a gente tinha uma</i>

	<p>e ao facto de os pais participarem com o intuito de vencer;</p> <p>- Dia de Vila do Conde os pais dos alunos que participam na actividade nem sequer assistem, além de ser os professores que têm que responsabilizar-se por verificar se os pais estão presentes, senão têm que levar os alunos a casa.</p>	<p><i>actividade que, embora fosse feita turma a turma, os responsáveis últimos eram os pais. Eram chamadas de “Mesas de Outono” [...] embora fosse uma actividade que trouxesse os pais à escola, tínhamos que acabar, até porque depois sobrava comida que era uma coisa doída [...] era um desperdício tremendo [...] ali o mais grave era que os pais participavam naquilo com outro intuito – o de vencer.”</i></p> <p><i>“há uma actividade que a Câmara organiza todos os anos que é o Dia de Vila do Conde [...] todas as escolas participam, assim como, cada Agrupamento [...] é em Vila do Conde, é à noite, geralmente a uma sexta-feira ou sábado, pois a maior parte dos pais dos alunos que participam, nem sequer vão ver. Não comparecem e depois nós temos que ter o cuidado de ver se os pais comparecem para os ir buscar ou se temos que os levar a casa.”</i></p>
<b>Comunidade local</b>	<p>A comunidade local está presente em grande parte das acções. Como são meios pequenos e grande parte da população tem filhos na escola acabam por envolver quase todos, mas alguns vão por arrastamento, nomeadamente a família alargada.</p>	<p><i>“Aquilo é um meio pequeno e praticamente todos têm filhos ali na escola, portanto vai quase tudo.”</i></p> <p><i>“São pais, avós, tios e levam as famílias por arrastamento.”</i></p>
<b>Categoria – Estratégias</b>		
<b>Propostas</b>	<p>Subdirector revela que já experimentaram diversas acções que já nem têm mais ideias de propostas de intervenção para as AP.</p>	<p><i>“Nós já tentamos tanta coisa que às vezes, a gente, já nem tem ideias para uma resposta a uma pergunta como esta.”</i></p>
<b>Dificuldades</b>	<p>Refere que existem dificuldades pois os pais não se preocupam com a escola, mas sim</p>	<p><i>“Eu acho que eles não se preocupam com a escola, preocupam-se com o que tem a ver com o filho e se</i></p>

	com tudo o que tenha a ver com o filho e se isso for transversal à escola aí preocupam-se.	<i>o que tem a ver com o filho está relacionado com a escola, aí preocupam-se.”</i>
<b>Envolvimento das APEE</b>	<p>Sublinha que as APEE de Rio Mau, Arcos e a do Agrupamento estão inactivas e que existem no papel. AP de Bagunte já indicou um elemento para o Conselho Pedagógico e a de Touguinha está activa, mas em termos locais.</p> <p>Salienta que é despropositada a existência de tantas APEE num Agrupamento de pequenas dimensões, além de a maior parte delas não fazer nada. Era fundamental a existência de uma APEE que fosse activa, dinâmica e que estivesse presente.</p>	<p>APEE de Rio Mau, Arcos e a do Agrupamento “existem no papel porque não estão activas. A de Bagunte já indicou alguém para o Conselho Pedagógico [...] Touguinha está activa, mas em termos paroquiais, mas as outras não.”</p> <p>“[...] Acho um disparate haver tantas Associações de Pais no Agrupamento, até porque não é tão grande. Aquilo é para estar no papel [...] a maior parte deles não faz nada. Preferia ter só uma Associação de Pais que fosse activa, dinâmica e que estivesse presente quando a gente precisasse, além de ser capaz de dizer “olhem, cuidado com isto ou com aquilo”, como o que se passou agora com as refeições, mas não temos.”</p>

**ANEXO 7**  
**TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS EFECTUADAS**  
**AOS REPRESENTANTES DAS APEE**

# ENTREVISTA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DE BAGUNTE (APEEB)

**Data:** 4 de Abril de 2011

**Hora:** 17h30

**Duração:** 35:06

**Local:** Sede APEE Bagunte - EB1/JI de Vilar Bagunte

**Entrevistador(a):** Mestranda da ESEPF

**Entrevistado(a):** AC - Presidente da APEEB

Boa tarde! Esta entrevista insere-se no âmbito de um trabalho de Mestrado que tem como tema a relação família, escola e comunidade. Irei colocar-lhe várias questões relacionadas sobre a Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola de Bagunte (APEEB). Aqui não há respostas certas nem erradas. Espero que a entrevista corra bem e que estejamos perfeitamente à vontade no decorrer da mesma.

Gostaria de começar por questioná-la sobre a sua idade, habilitações literárias, profissão e o tempo de serviço, enquanto Presidente da Associação de Pais da Escola de Bagunte.

Muito boa tarde! Eu agradeço o convite que me foi feito e espero, à semelhança do que referiu, que a entrevista corra bem para ambas. Vou dar o meu melhor e espero estar dentro das vossas expectativas quanto às questões que me irão ser colocadas.

Eu tenho 35 anos, sou Licenciada em Psicologia, sou Psicóloga de profissão e, enquanto Presidente da Associação de Pais, exerço este cargo desde a sua constituição. É uma Associação recente, portanto desde o dia 23 de Setembro de 2010.

**É uma Associação bastante recente?**

Muito. É muito jovem, ainda está a engatinhar.

**Qual a importância que a AC atribui às Associações de Pais e Encarregados de Educação (APEE) numa escola?**

Tendo sido eu a pioneira da criação/constituição desta Associação de Pais é óbvio que vou referir que considero que é extremamente importante uma Associação de Pais dentro de um órgão, dentro de uma instituição, como um Agrupamento de Escolas. Acho que é muito importante, dependendo também da perspectiva que a Associação tem em colaborar ou não.

No caso da Associação de Pais de Bagunte, que é a que represento, acho que é de extrema importância permitir uma articulação saudável entre os órgãos de gestão e os pais que a constituem, os pais também são comunidade educativa.

**E cada vez mais importantes.**

Eu acho que eles sempre foram muito importantes, nós passámos a dar-lhes um estatuto diferente.

**Há quanto tempo existe a vossa APEE?**

Ela foi criada... as eleições foram a 23 de Setembro de 2010, foi quando eu assumi as minhas funções enquanto Presidente desta Associação de Pais.

**Foi um processo fácil?**

Ora bem, não considero este tipo de exercício de constituir esta Associação de Pais difícil, mas por ser algo totalmente novo em Bagunte, deparámo-nos com as normais resistências: “O que é?”, “Para que serve?”, “Quem vai representar?”, dúvidas. Após essa fase e depois de desmistificadas as dúvidas considero que foi fácil. Acho que sim, foi fácil ter dado continuidade ao processo, mas confesso que realmente a adesão dos pais tornou tudo mais fácil.

**Têm muitos associados na vossa AP?**

Nós neste momento estamos, não lhe sei precisar ao certo quantos, mas sei que rondam entre os 70 e os 75 associados.

**São maioritariamente pais ou existe outro tipo de entidades?**

Exclusivamente pais, pais ou então encarregados de educação, pode haver uma ou outra situação em que ... no caso não existe, o previsto é que sejam os pais ou os encarregados de educação.

**Na sua opinião, quais foram as razões que levaram estes pais a aderir à vossa AP?**

Ora bem, eu penso que na base estão os objectivos a que esta Associação se propôs na altura da sua constituição. Eu acho que estes pais reflectiram-se de alguma forma naqueles que foram os nossos objectivos e daí a sua adesão à criação e à constituição desta Associação de Pais.

**Sendo uma Associação tão recente, já que iniciou só a 23 de Setembro, já tiveram algum tipo, alguma situação de renúnciação?**

Tivemos, quase no início, Setembro, em Dezembro por altura do Novembro/Dezembro tivemos uma mãe que desistiu, sentia-se desmotivada. É política da nossa Associação de Pais que não é condição obrigatória, está quem quer, estamos para ajudar e se para aquela mãe foi importante desistir naquele momento, teve o nosso apoio, como o terá quando resolver regressar, terá sempre todo o nosso apoio.

**Penso que deve ter conhecimento que existe a FAPCONDE e também a CONFAP. A Vossa Associação está inscrita em alguma destas Federações ou Confederações?**

Ainda não. Ainda não.

**Porquê?**

Aliás, nós ainda não estamos até ligados à Rede Social, que considero que é extremamente importante, a Rede Social de Vila do Conde. Como lhe digo, nós estamos ainda a engatinhar, estamos a começar a dar os primeiros passos, mas que leva tempo. Todos nós que fazemos parte dos órgãos da Associação somos profissionais, temos a nossa vida também profissional e familiar, temos responsabilidades. O nosso objectivo é o de uma vez constituída esta Associação consolidá-la, mas de uma forma segura ... um passo de cada vez. Portanto, não há nenhuma razão em especial para não estarmos inscritas na CONFAP ou na Rede Social, mas é algo que vamos e está projectado para fazer.

**Questionando-a sobre a relação face à escola, qual é a postura que a vossa Associação tem vindo a adoptar ou a assumir?**

A nossa postura é de parceria, de colaboração, de entendimento, de articulação, são adjectivos que eu uso para referir-me àquilo que é a nossa postura, a nossa premissa.

É de conhecimento geral que uma Associação de Pais nunca poderá actuar à margem de um Agrupamento de Escolas, portanto é assumido pela nossa Associação uma parceria que seja a mais profícua possível, com todos os elementos, quer seja os próprios órgãos de gestão, quer a Coordenadora de Escola, quer os Professores do estabelecimento de ensino que estejam ligados obviamente às Escolas, aos estabelecimentos de ensino de Bagunte.

**Então podemos dizer que as vossas estratégias baseiam-se, essencialmente, no envolvimento e na parceria?**

Exactamente, não diria melhor.

**Em que tipo de situações é que os pais recorrem à vossa Associação?**

Curiosamente eu acho que ... curiosamente não há. Ainda nenhum pai recorreu à Associação ou a um órgão da Associação para pedir ajuda, para o que for. Não me recordo. Eu penso que nós estamos muito bem representados pela Coordenadora do estabelecimento de ensino, penso que ela tem sido uma peça fundamental, na medida em que consegue resolver as situações naquele imediato e nem as passa para a Associação de Pais.

As dúvidas que eles têm colocam-nas em Assembleia e delineamos sempre estratégias em conjunto. Sempre e sempre passando pela Coordenadora de Escola e pelas Educadoras.

**Que tipo de actividades, até então, desenvolveram?**

As nossas actividades para já foram... nós fizemos, ora deixe-me pensar... envolvemos... a nossa primeira actividade foi lindíssima, já é conhecida pela Barraquinha da APEEB, portanto, nós em parceria com a Junta de Freguesia fizemos parte da desfolhada com uma banquinha onde vendemos produtos hortícolas. Fizemos à nossa responsabilidade o S. Martinho, fizemos um lindíssimo Jantar de Natal, tudo a envolver os pais, sempre. Mais... fizemos agora o Baile de Máscaras do Carnaval.

Todo o dinheiro reverte a favor da Associação de Pais, que tem como principal objectivo depois responder às necessidades dos estabelecimentos de ensino, que correspondem à Freguesia de Bagunte.

As nossas actividades foram um bocadinho também da parte educacional, nós temos uma Professora de Música a dar aulas no pré-escolar. Eu considero

que a música no pré-escolar é extremamente importante, assim como o Inglês no 1º ciclo, eu considero que em termos desenvolvimentais é muito bom para as crianças, na memorização, na descodificação dos sons. Acho que é muito importante e era uma das minhas lutas antes de haver a Associação de Pais e, finalmente, foi conseguido graças, devo dizer, à colaboração e à disponibilidade de uma Professora nossa conhecida que se disponibilizou para estas aulas de Música e tem sido um sucesso. Eu acho que as crianças estão a adorar.

Desenvolvemos também uma Acção de Formação sobre Higiene Oral onde tivemos dois Enfermeiros. Foi-nos disponibilizado o Salão Nobre da Junta onde tivemos dois Enfermeiros a falar sobre a Higiene Oral e acho que também foi bastante interessante tanto para pais como para as crianças. Nós tentamos que todas as nossas actividades sejam destinadas à presença de pais e filhos no mesmo espaço.

**Mas a adesão é grande ou fica aquém das vossas expectativas?**

A única que ficou aquém das nossas expectativas foi a Acção de Sensibilização da Higiene Oral. Foi num dia de inverno, foi em Novembro, estava terrível, o tempo estava terrível, eu reconheço que não fomos felizes na data, mas vamos repetir.

**Todavia, essas actividades são definidas unicamente pelos elementos da Associação ou também têm propostas dos pais ou de outros elementos da comunidade, até da comunidade envolvente ao vosso espaço escolar?**

As decisões são tomadas em Sede de Associação, agora é evidente que existe um..., a informação circula, as ideias, nós falamos sobre isto com alguém, alguém sugeriu isto, trás à Assembleia, a Assembleia leva à discussão e acredito que muitas ou algumas até das nossas actividades sejam actividades que foram pensadas por pessoas extra Associação, mas que foram trazidas à discussão por alguém que faz parte da Associação.

**Essas actividades vão de encontro com as necessidades da escola, dão resposta às necessidades existentes?**

Em primeira mão, numa primeira abordagem, as actividades visam dar resposta à aproximação dos pais aos filhos e vice-versa, que é essa a nossa premissa. É tornar os pais mais presentes na vida dos seus filhos, sem ser dentro de casa, em contexto de casa e na escola. As necessidades da escola é algo que vem depois, ou seja, nós desenvolvemos a actividade envolvendo pais e filhos em simultâneo, o dinheiro que advir dessa actividade é que é convertido para suprir as necessidades reais da Escola.

### **Como é feita a divulgação das vossas actividades?**

Das actividades? É feita através da afixação de cartazes, boca-a-boca, e-mails. Nós estamos a pensar criar uma página na internet, estamos a pensar, já foi decidido, já sabemos quem vai fazer, agora é preciso disponibilidade e tempo para o fazer. Mas nós, nesta primeira fase, estamos a divulgar através de panfletos de folhas A4 imprimidas a divulgar as actividades e a afixar nos diferentes locais que vai desde Corvos à Aldeia Nova, Ponte de Árvore, Santana, na Junta de Freguesia, na Escola, nos próprios edifícios, boca-a-boca... os cafés também são um local de publicidade das nossas actividades.

### **As vossas actividades estão expressas em algum documento próprio, fazem parte do Plano de Actividades do Agrupamento?**

Não, não, não. Nós Associação de Pais de Bagunte temos um Plano de Actividades Próprio, um Plano Anual de Actividades, que no início de cada ano, reunimos os órgãos e definimos as nossas estratégias, aquilo a que nós propomos a desenvolver ao longo do ano em diferentes eixos: social, económico, educacional, em diferentes eixos. Por uma questão de ética, damos conhecimento ao Agrupamento de Escolas da nossa pretensão, mas só para que o Agrupamento conheça o nosso trabalho, aquilo que nós nos propomos fazer num determinado momento da vida dos seus alunos, porque eles podem ser os nossos filhos, mas são alunos de uma Escola, não é? Portanto, eu acho que é ético da nossa parte e é assim que baseamos essa parceria, partilha, pois é de bom senso dar conhecimento ao Agrupamento de Escolas, à Coordenadora do estabelecimento de ensino aquilo que nós nos propomos a fazer ao longo daquele ano lectivo, e é evidente que dessa forma vamos logo passando a palavra e a mensagem de que caso for necessário

iremos pedir autorização. Houve eventos que tivemos que pedir o apoio da Instituição e, caso contrário, também estaremos deste lado para ajudar no que for necessário.

**Têm algum elemento da Associação a representar o Conselho Pedagógico?**

Temos, temos. Na altura da constituição da nossa Associação de Pais reunimos com o Director do Agrupamento que nos solicitou a nomeação de um elemento da Associação de Pais para representar o Conselho Pedagógico, está muito bem representado pela Fátima, que é a nossa associada, que representa a nossa Associação no Conselho Pedagógico do Agrupamento de Escolas da Junqueira.

**Voltando à questão das actividades, costumam fazer avaliação das actividades que realizam ou não?**

É assim, fazemos sempre, mas... nunca fazemos. A avaliação vem ter sempre connosco, portanto, ela é sempre avaliada, mas de fora para dentro e não de dentro para fora. É curioso que após a realização de uma actividade, nós somos contactados pelas diferentes pessoas, intervenientes que tiveram acesso à actividade e dizem: “Correu muito bem!”, “Têm que repetir!”, “Foi uma coisa fantástica!”, “Foi um momento extraordinário!”, “Têm que fazer mais vezes!”, “Como é que se lembraram disto?”. Recordo-me por exemplo, na actividade de Natal, em que trouxemos o Pai Natal a cavalo. A Associação de Pais ofereceu uma prendinha a cada aluno e o Pai Natal veio com um saco, mas veio a cavalo. Foi uma coisa inédita, foi algo que foi delicioso ver o rosto daquelas crianças e daquelas Professoras que ficaram perplexas com esta ideia ... e acredito que esta ideia não partiu de ninguém de dentro da Associação, foi alguém que teve essa ideia e alguém mandou essa ideia para discussão e foi um sucesso. Não se falou noutra coisa durante quinze dias e, portanto, estou bastante satisfeita com a avaliação que tenho, pelo menos o feedback que me tem chegado. Quanto aos aspectos menos bons, que eu tenha conhecimento, ainda não.

**Tem conhecimento se existem mais APEE no Agrupamento?**

Sim, sei que existem e conheço de ouvir falar, não que eu tenha intervindo directamente com alguns dos elementos, mas se não estou em erro Rio Mau, Arcos, Touguinha e é só, que eu conheça, que eu ouça falar, não sei... Touguinha esteve... não se se ainda se mantém activa.

Houve um contacto de uns dos elementos, acho que de Touguinhó, não quero precisar, no sentido de reactivar a Associação, mas até ao momento... eu disponibilizei-me para o que fosse necessário, porque eu acho que a união faz sempre a força e a força é aquilo que nos move, move tudo, move mundos. Portanto, se todos trabalharmos para o mesmo fim, tudo torna-se muito mais fácil.

**Por acaso já surgiu a possibilidade de virem a fazer algum projecto em conjunto entre as AP ou nunca pensaram nessa situação?**

Ainda não está assentada, nunca pensamos nisso porque ainda temos que nos conhecer a nós próprios, temos que dar tempo de nos conhecermos, de dar a conhecer o nosso trabalho e só depois..., porque nós para fazermos parcerias também temos que ser bons naquilo que fazemos, se não, mais vale ficarmos quietos. Portanto, primeiro conhecermos e consolidarmo-nos, depois sim alargar horizontes.

**Enquanto Presidente de uma AP tão recente, mas neste momento tão activa e com diversas acções, já pensou em alguma coisa de diferente a realizar brevemente? Que estratégias de actuação?**

Não, nós temos algumas actividades já planeadas para o final do ano, mas assim de diferente, assim algo que saia do comum não, para já não. Estamos a caminhar lenta, mas seguramente. Quando pensarmos em algo será, acho que será todos em uníssono, que é esse o meu objectivo, todos em uníssono e isso ainda não se propôs, acho que temos que nos conhecer melhor.

**De todos os aspectos que fomos falando, gostaria de acrescentar alguma informação relevante a esta entrevista?**

Sim, há algo que eu gostaria de falar. Apenas desejava referir, porque eu acho que é muito importante, na altura quando me falou dos objectivos, do porquê de constituir uma Associação de Pais, aqui em Bagunte, e eu ter-lhe dito que é algo que é inédito, portanto é algo que nunca se fez.

Tendo em atenção as nossas premissas, aquilo que é a missão a que nós nos propusemos, foram vários os objectivos que estiveram envolvidos na decisão da constituição da Associação de Pais, dos quais se destacam o desenvolvimento de uma cultura de participação activa, junto dos elementos que constituem a comunidade educativa, para desta forma contribuir para uma escola de sucesso, dando sentido e significado à expressão comunidade educativa.

A participação dos pais no percurso dos filhos tem que ser cada vez mais, tem que ser mais activa, mais pró-activa também, no sentido de darmos respostas também aos desafios que a própria Escola e o próprio sistema educativo nos coloca. Desta forma, havendo uma Associação, os pais não se sentem tão perdidos, tão à margem, andam mais organizados e, desta forma, também contribuimos para o desenvolvimento biopsicossocial dos nossos alunos. Portanto, estamos a tentar apostar no desenvolvimento biológico deles, no social e também no psicológico que é extremamente importante, porque as crianças são um todo, são a família, são as suas vivências, são as suas experiências, são a cultura em que estamos desde que nascemos. Por isso, faz parte do sujeito e se nós pudermos envolver tudo, mexer em tudo, em todas as estruturas, será mais fácil fazer com que estas crianças cresçam de uma forma sã e segura.

**E a comunidade envolvente também tem um papel muito importante?**

Muito, extremamente importante, extremamente importante. Acho que tem sido uma base, uma pedra basilar, na construção desta própria Associação de Pais.

**Por curiosidade, tem conhecimento das representações que os pais destes alunos têm acerca da escola?**

São pais bastantes heterogéneos. Há uma grande heterogeneidade no que diz respeito à idade dos pais, às origens, para uns o sistema educativo não é novidade e traquejam... há um grande traquejo, verifico que há pais que lidam com Professores, são pais que são licenciados, tem filhos mais velhos que já lidaram com o sistema de ensino, como é que as coisas funcionam. Há outros que não têm essa experiência, nem sabem a quem recorrer numa situação de

pedido de ajuda ou se realmente as decisões passam só pelo órgão de Direcção ou se eles também tem um papel importante. Muitos deles não tinham noção de qual era o seu verdadeiro papel dentro do sistema educativo. Os pais são extremamente importantes, são uma peça fundamental deste puzzle, são uma peça fundamental.

**Então como é que os pais vêm a escola, a escola serve para quê?**

A Escola serve para educar, eles só vão lá para aprender. Os pais viam a Escola como isso, é para aprender, eles vão lá para aprender. Mas a Escola é muito mais do que isso, os pais são muito mais do que pais, os pais também são educadores. Não são só os Professores que são educadores, os pais também têm que ser educadores.

**E têm de se inteirar da educação da criança a todos os níveis, principalmente ao nível biopsicossocial, como referiu anteriormente?**

Exactamente.

**Agradeço a sua disponibilidade para esta entrevista e o facto de ter colaborado na recolha da informação, que é muito importante para o trabalho de estudo que está a ser efectuado. Toda a informação será confidencial. Se desejar a transcrição da entrevista será facultada. Mais uma vez obrigado pela sua receptividade e disponibilidade.**

Obrigada eu. Espero que tenha contribuído para o vosso trabalho e que a informação seja útil.

**Muito obrigada!**

De nada.

# ENTREVISTA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DE TOUGUINHA (APEET)

**Data:** 7 de Maio de 2011

**Hora:** 17h

**Duração:** 50:53

**Local:** Junta da Freguesia de Touguinha

**Entrevistador(a):** Mestranda da ESEPF

**Entrevistados(as):** NS – Presidente da APEET

JS – Vice-presidente da APEET

**Boa tarde a ambos!**

Boa tarde!

**Agradeço desde já a vossa disponibilidade para esta entrevista, como já referi anteriormente ela está inserida no âmbito de um trabalho de Mestrado que tem como tema a relação família, escola e comunidade. É de salientar que toda a informação divulgada por V. Exas. irá ser utilizada unicamente no âmbito do trabalho de Mestrado/estudo a efectuar e que não existem respostas certas nem erradas.**

**Como estou diante de dois elementos importantes da Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola de Touguinha (APEET) começava por os questionar acerca dos respectivos dados de caracterização de ambos iniciando pela idade, as habilitações literárias, profissão e o tempo de serviço, enquanto elementos que fazem parte da Associação de Pais e Encarregados de Educação (APEE).**

**NS** - 35 anos, casado e com três filhotes (risos)... por isso é que estamos aqui nesta Associação. Tenho Licenciatura em Comércio Internacional, sou Gestor de Clientes e estamos na Associação de Pais acerca de um ano, desde que começou este ano lectivo.

**JS** - 44 anos, dois filhos, Vice-presidente da Associação de Pais da Escola de Medados – Touguinha, casado, dois filhos a frequentar a Escola de

Medados, um no 2º ano e outro no Pré-escolar. Tenho Licenciatura em Teologia e sou Professor.

**De um modo geral, qual a importância que atribuem a uma APEE?**

**NS** - (Silêncio) Acho que se baseia muito no apoio que nós podemos dar como pais para o bom funcionamento da escola. O nosso objectivo, pelo menos o meu e penso que o dos colegas que fazem parte da Associação que é... nós candidatamos para podermos ajudar os nossos filhos naquilo que falte à escola e que não é pouca coisa. Acima de tudo tentar dar o apoio através de coisas práticas que fazemos e que o Joaquim depois pode falar. Isto não só ao nível do apoio financeiro, mas também a outros níveis, por exemplo, o segundo ano ficou sem Professora, esta faltava e a Associação de Pais pôs os pés ao caminho e tentou resolver o problema com o Agrupamento. A nossa ajuda baseia-se muito no apoio que damos à escola e no apoio ao nível monetário.

**JS** – A Associação funciona um bocado como uma ponte entre pais e Professores. Diminui um bocado o trabalho aos professores porque não precisam de estar constantemente a contactar os pais para diversos fins, esse trabalho fica a cargo da Associação e funciona também para o lado dos pais, porque qualquer coisa que seja necessário sabem que têm uma Associação que os defende, protege, que intervém junto da escola, Professores e do Agrupamento em função dos alunos desta escola.

Já tivemos vários exemplos em que realmente demonstramos a nossa importância, a Associação estabelece esta ponte, pois temos muitos pais que saem cedo para o trabalho e não têm onde deixar os filhos, não têm nenhum familiar perto que possa assegurar a entrega dos filhos na escola no começo do tempo lectivo e aí é a Associação que assegura uma pessoa, a quem paga para fazer aquilo a que chamamos de prolongamento, ou seja, assegurar a segurança e o bem-estar dos alunos na escola enquanto não chegam os Professores e as aulas não começam. Este trabalho é desenvolvido pela Associação, pois fomos nós quem arranjou uma pessoa, minimamente qualificada para garantir alguma qualidade daqueles trinta, uma hora ou hora e meia em alguns casos ao início do dia e ao final do dia, porque os pais às vezes não os podem levar às nove horas, também não podem ir buscar às

cinco e meia que é quando termina o horário lectivo e aí é necessário assegurar até ao momento em que os pais possam.

Todo esse trabalho é feito pela Associação e quem diz esse também diz outros no âmbito de questões que vão surgindo ao longo do ano lectivo, nomeadamente este ano, por exemplo, houve a situação de uma Professora que estava a faltar e os pais dessa turma de 2º ano estavam preocupados com isso, pois viam os alunos a “andar para trás” e, nós, agimos dentro do que era possível fazer-se junto do Agrupamento, junto da equipa de apoio à Escola do Agrupamento com quem entrei em contacto também, no sentido de acelerar o mais possível o processo e que, brevemente, tivéssemos uma Professora na escola a desempenhar funções e a garantir o ensino dos nossos educandos. Portanto, a Associação tem este papel.

Nós sabemos que é dito que o ensino público é gratuito, mas não é gratuito. Nós pagamos tudo o que a escola usa. O Agrupamento recebe uma verba da Câmara porque a responsabilidade económica do 1º ciclo é das Câmaras, mas nem sei se essa verba chega à Escola se não.

**NS** - O Agrupamento diz que não tem dinheiro suficiente para cobrir todas as necessidades e quando falamos em necessidades falamos de coisas básicas, pois muitas vezes não há papel higiénico para os alunos, não há lixívia para lavar as casas de banho.

**JS** – Portanto, o nosso suporte vai daí até às fotocópias, materiais que usam no Pré-escolar e no 1º ciclo. Tudo o que possa imaginar, à excepção dos livros escolares, porque isso é da responsabilidade dos pais, tudo o resto é assegurado pela Associação de Pais.

**NS** – Quando dizemos assegurado, dizemos em caso de falha não é constante, são situações pontuais. Temos situações em que a Coordenadora pede dez unidades e mandam-lhe uma, aqui estamos a falar desde clipes a rolos de papel higiénico, englobamos tudo. Já me vieram pedir se podíamos comprar papel higiénico e eu disse: “Porquê? Isso não é o Agrupamento que tem que dar?”

Há coisas que não têm lógica, mas a nossa Associação de Pais ainda bem que é constituída por pais de miúdos que frequentam a escola, porque se fosse

constituída por pessoas que não têm filhos na escola, se calhar, a visão era diferente, e também foi isso que levou a antiga Associação abdicar porque eles já não tinham ligação.

O que estamos a fazer é um serviço público, não é remunerado, mas temos a nossa ligação à escola, pois temos os nossos filhos lá, temos a obrigação de que os nossos e os outros se sintam bem.

**Então os fundamentos e objectivos da constituição da vossa AP mfoi mesmo o facto de terem os vossos filhos integrados nesta escola, quererem acompanhá-los, estar atentos a todos os problemas como aos aspectos positivos que vão acontecendo, ou seja acompanhar a educação dos vossos filhos?**

**JS** – Sem dúvida. Além de não querer que por razões económicas ou que por falta de acompanhamento do Agrupamento ou outras situações, deixassem de fazer determinado tipo de coisas por não terem materiais ou condições e, por isso, abraçamos esta causa em Setembro, no início do ano lectivo.

Isto é difícil. É difícil as pessoas chegarem-se à frente, o mais fácil é as pessoas dizerem que os outros são quem tem mais tempo porque eles têm a vida sempre ocupada. Todos aqueles que fazem parte desta Associação e que têm trabalhado nesse aspecto podemos dizer, que não é só número, mas que são pessoas que quando a gente convoca para esta ou aquela actividade aparecem, estão presentes e trabalham.

**NS** – Todos temos a nossa vida. Uns trabalham mais do que outros, nem sequer é isso que está em causa, mas o que acontece cá na Freguesia, infelizmente, é que a motivação para qualquer coisa não é muita. Eu não sou de cá, o meu cunhado também não é de cá, as nossas esposas é que são e nós é que estamos à frente da Associação de Pais, estamos na Direcção da Associação Cultural, não fazemos parte da Junta, mas apoiamo-la. As mesmas pessoas estão inseridas em tudo o que se faz nesta Freguesia. O Ex-presidente da Associação é o Tesoureiro e Secretário da Junta, ou seja, são sempre as mesmas pessoas que estão envolvidas em diversas Entidades e Associações.

**Tem muitos Associados a vossa AP?**

**NS** – Não tem o número de miúdos que estão nas escolas porque há pais que não pagam e ainda criticam o trabalho que é feito. A Associação cobra cotas e cobra-se do prolongamento, as cotas servem para este apoio que prestamos à Escola e para pequenos materiais que são precisos, mas todos os meses, na última semana de cada mês, estamos aqui dois sábados a receber. Os miúdos recebem uma carta, recebem os meus, os do meu cunhado, aqui todos recebem por igual. Os meus filhos dizem “nós não precisamos pai” e eu digo “você levam na mesma porque você não são diferentes”, porque aqui não há distinção em nada. Mas também temos cá quem não pague.

**JS** – Quando fala em associados fala no sentido oficial? Nós não temos esse tipo de sistema de quotização ou de sócios, mas pelo que se percebe e pela prática cada pai sente-se membro desta Associação. Temos pais que pagam quotas e essas quotas são um meio para podermos ajudar a Escola, aqui todo o dinheiro recebido é investido na Escola, se sobrar de um ano fica para o ano seguinte.

**O valor que os pais dão à Associação é um valor fixo ou dão consoante as suas possibilidades?**

**NS e JS** - É um valor fixo.

**JS** - O sistema de prolongamento é que é à parte, porque é um valor retirado do número de alunos que fazem parte desse prolongamento para pagar à pessoa que fica com eles.

**NS** - Nós dizemos à pessoa que pagamos x por dia e esse x por dia é dividido pelo número de alunos, aqui quantos mais miúdos houver, os pais, menos pagam pelo prolongamento.

**A vossa AP integra alguma entidade extra-escola ou somente pais e encarregados de educação?**

**NS e JS** - Somente os pais.

**Já alguma vez tiveram situações de renúnciação por parte dos pais?**

**NS** – Renúnciação não, mas há pais que não pagam.

**Sendo uma Associação recente têm conhecimento da existência da FAPCONDE e da CONFAP? Estão inscritos em alguma destas Federações ou Confederações?**

**JS** – Temos conhecimento, mas não estamos inscritos porque não estamos legalizados. A nossa Associação tem os Estatutos, mas não estamos oficialmente legalizados. Na última reunião que tivemos ou numa das primeiras até chegamos a pensar se devíamos legalizar-nos ou não, tentamos analisar os prós e os contras, mas ainda estamos em análise.

**NS** – É preciso ainda mais tempo, mais do que aquele que nós temos para tratar da legalização... não temos número de contribuinte, devíamos estar legalizados se calhar na CONFAP, mas para isso é preciso ter mais tempo é preciso alocar mais recursos, até porque se tivéssemos legais poderíamos passar recibo do que recebemos, mas para isso temos que ter número de contribuinte, temos que ter contabilidade e não estou a ver os pais a quererem pagar mais 5€ por mês ou outro valor, só porque a Associação tem que estar legal e tem que pagar os seus recibos. Não sei se é esse o objectivo da Associação de Pais cá em Touguinha.

**Já percebi que enquanto AP vocês têm uma postura de grande proximidade e grande relação com a escola. Neste sentido, gostava de saber quais as estratégias que vocês utilizam para mobilizar diferentes agentes educativos e que fazem parte da comunidade que passam pelos pais, professores e até mesmo os alunos?**

**JS** – Temos o nosso Plano Anual de Actividades onde tem um conjunto de actividades que organizamos ao longo do ano, como a Festa de Natal, Festa de Final do Ano, Carnaval e Magusto. Estas Festas fazem parte do Plano Anual de Actividades porque são feitas em conjunto com os Professores, aliás até são acertadas datas do que se vai fazer, portanto, estamos sempre em contacto directo com os Professores e a Coordenadora do Estabelecimento. Essa é a nossa estratégia o contacto directo.

**NS** – Criamos a proximidade, nós como vamos todos os dias à escola, se não vou eu vai a minha esposa, se não vai o Joaquim vai a minha cunhada... nós estamos perto da escola e precisamos de ter contacto com as pessoas. Muitas vezes, a Professora Julieta, que é Coordenadora, liga-me a dizer que precisa de cartolina porque os miúdos vão fazer uma actividade e não têm

cartolinas na escola e se houver dinheiro a Associação disponibiliza para a aquisição do material.

**JS** – Muitas vezes também acontece o contrário, por exemplo, por vezes somos nós que dizemos que estamos a pensar organizar a Festa de Final de Ano e gostaríamos de saber a data em que a escola termina, qual a melhor data para fazer a festa.

**NS** – Tudo é organizado em conjunto, nunca somos nós que preparamos tudo nem são eles que fazem tudo. Eles treinam com os miúdos e nós preparamos o resto... desde os cenários, falamos com o Padre porque a actividade é aqui no salão, preparamos o lanche, as prendas de Natal para os miúdos, o Pai Natal, ou seja, só com esta relação de proximidade e complementaridade é que é possível.

**Com o Agrupamento, órgão de gestão principal, também existe esta relação de proximidade ou há mais burocracias?**

**NS** – Há mais burocracias, porque já solicitei uma reunião em Dezembro e ainda não me responderam. Entretanto na Festa de Natal fizemos questão de convidar o Professor José Henriques e os restantes membros da Direcção do Agrupamento a virem cá à Festa e, pela primeira vez, acederam, vieram e agradeceram muito. Só que eu acho que havia... nós não somos um órgão legal, mas a nossa função também não é complicar mas sim simplificar. Nós estamos aqui para simplificar tudo o que seja Escola/Agrupamento, Escola/Pais, Pais/Agrupamento. O nosso objectivo é ajudar e não estamos cá para complicar nada. Estamos aqui para ajudar os nossos filhos a terem uma boa escola e para ajudar os pais das crianças que andam na escola a não se preocuparem com nada que tenha a ver com o bom desenvolvimento da escola, mas nós não somos legais, não fazemos parte do Ministério da Educação, não temos que ter ligação sequer com o Agrupamento, teoricamente nós não deveríamos ter ligação com o Agrupamento. A única ligação que nós temos, e temos que ver, é que nós temos um membro da antiga Associação que fazia parte do Conselho Geral e que ainda se mantém, já não faz parte da Associação e ainda se mantém como membro.

**JS** – Neste aspecto tenho uma opinião reservada porque sou Professor também. Nesta questão de Agrupamentos e avançando para os ditos mega-agrupamentos tenho sérias reservas sobre isso. Eu faço parte de um Órgão da Escola, o Conselho Geral do qual eu sou Presidente, portanto, se não fosse o facto de eu ser Presidente do Conselho Geral eu não conhecia as Escolas que fazem parte do meu Agrupamento. Conheço-as porque muitas vezes em função do comprimento do papel que desempenho vou visitá-las e círculo por elas, mas para os colegas ninguém sabe quais são as escolas. Neste Agrupamento é a mesma coisa há esse desfasamento, se formos à Escola Sede da Junqueira e se perguntar se alguém conhece a Escola de Medados, algum Professor inclusive, pessoal de cá que faz parte dos Órgãos de Gestão de lá, Conselho Pedagógico, Conselho Geral, Comissão Executiva (acho difícil algum não conhecer pois seria muito mau), mas a maior parte nem sequer conhece nem sequer saberá onde fica Touguinha. Por isso tenho sérias reservas e acho que não funciona bem.

**Sendo pais preocupados e atentos com o que passa na escola e com a educação dos vossos filhos, sentem que os outros pais também recorrem à AP só quando há problemas ou necessidades? Em que situações é que isso acontece?**

**JS** – Recorrem, como lhe disse naquela situação que lhe contei ainda há pouco sobre a substituição da Professora. Foram inúmeros os pais que sabendo que eu fazia parte da Associação e, tendo o meu filho lá também, me questionavam sobre o que íamos fazer, se podíamos fazer alguma coisa, inclusive davam sugestões, portanto procuram-nos.

**NS** – Há dois anos tivemos uma situação ainda mais complicada ou melhor não era mais complicada queriam tirar uma turma de cá.

**JS** – Era uma questão de organização do Agrupamento. O Agrupamento tinha decidido por ele próprio tirar uma turma daqui e mandá-la para Touguinhó. Não sei se conhece a Escola de Touguinhó, mas é uma Escola mais pequena, com cantina mais limitada e a nossa oferece melhores condições, portanto, os pais do 1º ano e toda a Escola esteve unida nesse sentido de ir contra a mudança dessa turma daqui, inclusive porque o número

de alunos daqui era maior do que o número de alunos que estava lá, portanto tinha mais sentido vir os de lá para cá. Com o empenho da Associação de Pais, não éramos nós, mas sim a Direcção anterior, conseguiu-se manter as quatro turmas a trabalhar e a Escola a funcionar em pleno.

Os pais estão atentos, procuram-nos, são figuras activas e propõem se caso for necessário e se a gente precisar deles dar-nos-ão o seu apoio de certeza.

**Passando para as actividades, embora já fôssemos falando sobre algumas, vocês têm várias acções que vão realizando ao longo do ano que são definidas entre a AP e professores tendo em conta a opinião de cada um e o que é importante para a escola. Todavia não há outras pessoas que dão opiniões de actividades, elas surgem unicamente da AP e dos professores?**

**NS** – Em termos de Festas que já estão pré-programadas parte da Associação e dos Professores. De outras actividades depende um pouco, mas é unicamente a Associação a propor aos Professores ou vice-versa.

**Qual o papel dos restantes pais relativamente às actividades? Eles participam ou não? Acham que as actividades são importantes?**

**NS** – Podemos dar o exemplo da Festa de Natal. Cada miúdo estava convidado a trazer um bolo ou algo para completar uma mesa de lanche para no final da Festa haver um convívio e os pais aderiram. Foi tudo feito sem que a Associação de Pais tivesse que pagar, assim como os pais. No final viam-se pais que não faziam parte da Associação a ajudar a arrumar.

**Então quer dizer que a comunidade também actua e colabora?**

**NS** – Sim, mas quer dizer, são sempre as mesmas pessoas que ajudam.

**JS** – É uma comunidade participativa, eu acho que nessa actividade de Natal cerca de oitenta por cento dos pais contribuíram com alguma coisa para o lanche e estavam lá. Para arrumar foi um grupo que passou além da Associação de Pais.

Relativamente a sugestões de actividades, principalmente actividades inovadoras daquelas que não se costumavam fazer, este ano dentro da própria Associação surgiu uma ideia nova e se tivermos dinheiro vamos tentar realizar no final do ano. Como o quarto ano é uma turma finalista queríamos

proporcionar um passeio, um dia diferente a esses miúdos, não ir muito longe porque são uns miúdos relativamente pequenos, mas passar um dia num espaço que temos aqui perto, o RATES PARK, e passar ali um dia fabuloso com eles, iríamos os elementos da Associação de Pais a representar, os Professores de Turma e a Coordenadora de Escola.

**Então podemos dizer que as actividades realizadas vão de encontro com as necessidades reais da escola?**

**JS** – Sem dúvida e nos momentos marcantes da escola, final de período, Natal, final de ano.

**Como é que fazem a divulgação das acções?**

**NS** – Normalmente é por entrega na Escola de um papel que é dado a cada aluno e que põem na caderneta para entregar aos pais.

**JS** – É uma comunicação sempre escrita.

**Nos locais mais conhecidos da vossa comunidade não costumam fazer a divulgação com cartazes, panfletos?**

**NS** – Não o que fazemos é pôr à entrada da Escola.

**JS** – Também são sempre actividades direccionadas para a comunidade escolar, seja a comunidade no sentido docente ou discente ou de família, portanto pouco sentido teria divulgar pela comunidade.

**Costumam a fazer avaliação das vossas actividades? Como é que ela é feita?**

**NS** – Isso vê-se no sorriso das crianças e se eles gostarem dizem que gostam e se não gostarem também dizem que não gostam. Avaliação concreta... não fazemos, não faz sentido fazermos avaliação. A avaliação é... na Festa de Natal, por exemplo, os miúdos ficaram radiantes com a Festa, os pais gostaram da Festa, demos as prendas, no final apareceu o Pai Natal e a conclusão é que eles adoraram.

**JS** – Não temos tempo para isso.

**Mas, por exemplo, não têm pais que vão ter convosco e dizem determinado tipo de expressões como “a actividade foi excelente, vocês demonstraram ...”?**

**NS** – Dar valor não é muito habitual nesta Freguesia.

**JS** – Sim há. Eu recordo que na Festa de Natal houve pessoas que deram os parabéns e disseram que “eu gostei de terem posto como apresentador por cada ano pais de miúdos daquele ano”. Deram dicas de que as coisas tinham corrido bem, que tinha sido da satisfação deles o que tinham observado, não foi um feedback de oitenta por cento como para a contribuição do lanche, mas houve feedback. Todavia não quer dizer que no final do primeiro ano de mandato não façamos um balanço das actividades e se calhar vamos fazer.

**Reflectindo acerca das AP do Agrupamento, vocês têm conhecimento da existência de mais alguma AP?**

**NS** – Tenho de mais uma.

**JS** – Bagunte, a própria Escola Sede também deve ter.

**Deve ter?**

**NS** - Deve ter já diz tudo, não é?

**Qual o motivo de tal desconhecimento?**

(silêncio)

**JS** - Porquê? É uma boa pergunta? Foi-lhe fácil entrar em contacto connosco?

**Quando efectuei a entrevista a SD, Subdirector do Agrupamento, ele facultou as moradas com a condição de não ter a certeza de estarem correctas ou não, todavia enviei na mesma as cartas com aviso de recepção e fui controlando pelos CTT. Além de ter tomado a iniciativa de contactar as Coordenadoras das Escolas e fui conseguindo os contactos dos representantes, que no caso da APEET consegui o contacto do presidente.**

**NS** – A nossa veio para aqui, porque a nossa morada é Rua Silva Gomes que é a Junta, nós não temos Sede própria e usamos a Junta.

**JS** – Isto para lhe dizer que nós existimos e que sabem da nossa existência, se nós não sabemos dizer de outras é porque nunca nos puseram frente a frente ou numa reunião geral. Na minha experiência enquanto professor, na minha escola eu faço ao contrário, eu convido para.

**NS** – Acho que deveria haver... se calhar poderíamos ser nós a promover isso, mas acho que para além de convidar deveria ser o Agrupamento a

promover o intercâmbio entre as várias Associações e se eles dissessem que “estes senhores vêm para nos facilitar e para nos ajudar”... porque deveriam ver-nos como um aliado. A Direcção da escola deveria ser mais pró-activa.

**Como não existe um grande conhecimento acerca das AP, alguma vez houve a existência de projectos comuns?**

**JS** – Não.

**Agora lançava um desafio, se pudessem propor/pensar em estratégias de actuação para a vossa AP, quais é que seriam?**

**JS** – O que eu vejo como grande desafio, uma grande estratégia seria, por exemplo, promover a partir das diferentes Associações ou das escolas que não tivessem Associação a Coordenadora de Estabelecimento uma actividade ou um dia de actividades conjunto de Agrupamento na Sede do Agrupamento, seria interessante concentrar num dia de Festa, por exemplo Final de Ano ou comemoração de uma data significativa concentrar todos os miúdos do Agrupamento na Escola Sede e com eles realizar um conjunto de actividades... sei lá... desportivas, variadas com os miúdos, acho que seria assinalável e seria um desafio.

Com os pais, não vejo mais o que se poderia fazer, quer dizer poderá haver mais com certeza, mas assim de momento não sei mais o que poderíamos fazer para, não estou a ver.

**O grande desafio seria então uma actividade conjunta com todo o Agrupamento?**

**JS** – Sim, até no sentido de unificar pois sabemos que fazemos parte de um Agrupamento e devemos demonstrar que somos realmente um Agrupamento.

**NS** – Deveria haver uma interligação mais próxima com o Agrupamento.

**JS** – E seria uma forma até das Associações estarem presentes, sem dúvida nenhuma. Serem convidadas, estarem presentes, participar na organização e nas actividades.

**Para terminar gostaria de lançar a última questão. Na vossa opinião quais são as representações que os pais têm acerca da escola? Para que serve a escola? O que é que a escola pode fazer pelos seus filhos?**

**NS** – A resposta vai ser muito condicionada, porque o meu cunhado é Professor e a minha esposa é Professora. Neste momento eu vejo que os pais querem, nem todos, mas a maior parte dos pais pensam que a escola tem que ser o garante da educação dos filhos e tem que ser a escola a dar a educação que os pais não dão em casa aos filhos. Ainda há duas semanas falava sobre isto com uns amigos e chegamos todos à mesma conclusão.

Lembras-te (dirigindo-se para o Vice-presidente) daquela reunião que tive no Agrupamento com os representantes dos pais, mais ao menos dois, três meses... um Professor queixava-se que as notas estavam a baixar muito e a justificação de um pai foi que “eu não consigo que o meu filho estude, porque ele chega a casa...” eu pedi a palavra e só disse uma coisa “eu quando estudava, quando era miúdo... primeiro tinha medo dos professores, segundo tinha medo dos meus pais, ou melhor, primeiro tinha medo dos meus pais e em segundo dos meus professores, terceiro queria e tinha orgulho em ter boas notas”. Os miúdos agora não chegam a casa e... dou o exemplo que a minha esposa tem prático... o miúdo chega a casa e diz ao pai que a Professora lhe tirou o teste e o pai vai à escola pedir satisfações à Professora que era a minha esposa, ela perguntou ao miúdo “queres que vá chamar a tua turma para explicar ao teu pai o que se passou?” e o miúdo olha para o pai e diz “pai a Professora avisou-me três vezes para eu não copiar e à quarta tirou-me o teste”. Os pais tem que dar primeiro educação aos filhos em casa e só depois preocupar-se com a escola, porque a escola serve para ensinar. Neste momento os pais estão mais preocupados com que a escola ensine, eduque, faça de *baby sitter*, que faça um bocadinho de tudo.

**JS** – Nós sabemos que a vida também é complicada, os pais têm a sua profissão, muitas vezes levantam-se cedo, vêm tarde e a escola funciona como um depósito para os filhos, colocam-nos ali e eles estão ali, estão entregues, sabem que a escola é vedada e dali não saem e que tem gente a tomar conta deles... depois não procuram saber como está o filho, como vai como é que não vai, excepto se acontecer uma situação deste género, porque o Professor tocou um bocadinho ao de leve no filho, aí vão logo a correr a tirar satisfações, podem ter andado o ano todo sem saber como é que ele estava do ponto de

vista do aproveitamento, mas por uma questão destas são inúmeros os exemplos em que correram logo a fazer barulho.

(silêncio) É isso, os pais é que devem dar a educação aos filhos, mas estão à espera que sejam os Professores, os funcionários da escola a fazê-lo, a fazer as duas coisas a ensinar e a educar. Embora não queira dizer que isto não seja também função do Professor, mas há educação que deve ser tida em família pelos pais e família em geral, e há outra que é um bocadinho diferente e que já pressupõe a anterior, a da família, para ser feita na escola.

**NS** – Lembro-me perfeitamente que o Presidente do Agrupamento era o Presidente da escola onde eu andava e, tínhamos um medo dele que nos pelávamos, nós não pisávamos o risco na escola e acontece também na Junqueira muito isso. Eu acho que tem de haver um bocadinho isso (silêncio)... um olhar para trás e deixar que os Professores sejam um bocadinho mais ríspidos com os alunos, porque se um Professor diz tu ... no meu tempo... lembro-me de um Professor meu que no 9º ano mandou um cachaço a um aluno, se fosse agora já ia para a televisão, ia preso, já tinha processo. Tudo é um problema, mas no final os paizinhos o que querem é que os filhos sejam educados na Escola, mas se um Professor toma a iniciativa de... se fizeste uma asneira tens de pagar por ela, é o fim do mundo.

**JS** – O problema é do sistema e é uma educação diferente. Não sou apologista de violência. Eu também tinha algum receio dos meus Professores, mas era um receio saudável, no sentido que os respeitava. Antigamente havia medidas, mas tem a ver com a educação em casa, por exemplo antigamente havia a falta a vermelho e quando tínhamos uma falta a vermelho tínhamos receio do Director da Escola ou do Presidente do Conselho Directivo e tínhamos medo de chegar a casa e de dizer que tínhamos uma falta a vermelho. Hoje em dia já nem existem as faltas a vermelho e as faltas que existem os alunos estão a borrar-se para elas, pois não contam para nada, nem para reprovar nem para isto nem para aquilo, só conta para o Professor pensar que fez alguma coisa naquele momento, mas todos os agentes educativos sabem que aquilo não conta para nada, não é. E mais, às vezes ainda vem os pais tentar justificar aquela falta com a ida a uma consulta e a dar

razão ao filho, num momento em que devia ser o contrário e dizer “se tu agiste mal foste castigado pelo Professor e vais ser castigado por mim em casa”, na maneira que ele achasse conveniente, mas não há, não há esse tipo de comunicação.

**NS** – Depois a burocracia dentro das escolas também faz com que os Professores se baldem um bocadinho, porque se têm que apresentar/dar um castigo a um aluno na Escola tem que haver reuniões, preencher não sei quantos impressos, têm que ser ouvidos, isto tudo só por causa de um castigo.

**JS** – Deixa-me reformular, nós não nos baldamos, somos tolerantes até certo ponto e depois a partir daí, independentemente da burocracia e o que isso possa trazer, temos que agir em conformidade, já sabemos é que muitas vezes o facto do aluno... vamos imaginar uma medida mais grave em que o aluno tenha que ir para casa quatro a cinco dias ou seja o que for, que isso para ele vai ser umas férias em casa, porque o pai ou a mãe em vez de dizer “vieste para casa expulso durante estes dias de castigo, agora também vais ficar de castigo em casa”, mas não se calhar o miúdo ainda fica em casa a fazer coisas de que gosta de fazer, então que castigo foi esse? Teve dias de férias, vem todo risonho para a escola, passa pelo professor no corredor nem lhe agradece.

**Então acha que o trabalho comunitário também se deveria aplicar nas escolas?**

**JS** – Por exemplo. Aliás aqui há uns anos houve essa proposta de se fazer trabalhos dentro da escola e, infelizmente, muitos pais foram contra, do género se o seu filho partiu um prato de propósito vai lavar pratos para a cantina ou limpar pratos, recolher a comida para perceber a importância do trabalho... “o meu filho fazer isso nem pensar, vai ser humilhado pelos outros vai ser isto ou aquilo”. Mas o castigo é isso mesmo, passa um bocadinho pela humilhação que o aluno vai ter naquela altura e que vai funcionar de certeza, enfim é um trabalho complicado.

**Agradeço a vossa disponibilidade para esta entrevista, pois contribuíram para a recolha da informação importante para este trabalho que, como enunciei anteriormente, insere-se no âmbito de um trabalho de**

**Mestrado. Posteriormente farei chegar a transcrição da entrevista. Muito obrigada!**

**JS** - De nada. Esperamos ter sido elucidativos e que com este trabalho consigamos conhecer as outras Associações de Pais.

# ENTREVISTA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E ENCARRREGADOS DE EDUCAÇÃO DE ARCOS (APEEA)

**Data:** 25 de Maio de 2011

**Hora:** 15h

**Duração:** 66:42

**Local:** Residência da Ex-presidente da APEE de Arcos

**Entrevistador(a):** Mestranda da ESEPF

**Entrevistado(a):** MN – Ex-presidente da APEEA

**Boa tarde!**

Boa tarde!

**Agradeço a sua disponibilidade para esta entrevista, peço-lhe permissão para gravá-la ficando, desde já, a garantia de anonimato e confidencialidade relativamente às informações que irão ser recolhidas. Esta entrevista não tem respostas certas nem erradas e insere-se no âmbito de um trabalho de mestrado sobre a relação família, escola e comunidade, ou seja um estudo que tem por base as Associações de Pais e Encarregados de Educação (APEE) existentes e/ou inexistentes do Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira (AVEJ).**

**Iria começar por questioná-la acerca da sua idade, habilitações literárias, profissão e gostaria de saber o tempo que esteve ao serviço enquanto Presidente da APEEA?**

A Associação foi constituída como escritura pública por volta do ano 1988 e, desde então, praticamente estive sempre à frente da Associação de Pais até ao ano de 2004/2005.

**Qual é a sua idade?**

Tenho 61 anos.

**Habilitações?**

Licenciada em Medicina, mas reformada neste momento.

**Qual a importância que atribui a uma APEE?**

Eu acho que é extremamente importante para o sucesso educativo dos alunos. Além do mais, quando uma Associação de Pais está com uma actividade, com uma forte actividade, consegue uma articulação com o corpo docente e ajuda o corpo docente nos problemas que surgem no dia-a-dia da escola. Desta forma, consegue também resolver muitos problemas que as famílias têm, sobretudo, quando são pais em idade activa e laboral e que, muitas vezes, têm problemas com o transporte da criança, alimentação, apoio no âmbito escolar e extracurricular.

Eu considero que uma Associação de Pais para funcionar bem necessita de ter uma articulação com o corpo docente da escola, pois só assim é que conseguem alcançar o sucesso educativo.

**Como já referiu esteve como Presidente desta Associação cerca de 16 anos, mas anteriormente já tinha existido alguma Associação de Pais (AP) na escola de Arcos?**

Não. A Associação foi constituída mais ou menos por volta do ano 1988.

**Quais foram os fundamentos que estiveram na constituição dessa AP?**

O jardim-de-infância de Arcos foi dos primeiros, oficiais, do Concelho de Vila do Conde, senão o primeiro em termos de Freguesias. Nós tínhamos estruturas para funcionar e tínhamos um jardim-de-infância adaptado na Junta de Freguesia, mas não era um bom jardim-de-infância em termos de estrutura física, não era. Era uma adaptação num edifício antigo.

Na altura verificou-se que existiam muitas empresas de confecção nesta zona e que os pais para ir trabalhar tinham que se deslocar e as crianças tinham de fazer um percurso enorme para irem almoçar a casa, algumas andavam quilómetros para ir almoçar e voltar para a escola, fizesse chuva ou sol. O jardim como era muito pequeno, começou-se a fazer uma sopinha à hora de almoço. Ainda não existia Associação de Pais e já havia uma panelinha onde se fazia a sopa e as crianças já comiam pelo menos uma sopa e entretanto iam embora, uns sozinhos, outros...como a escola era muito longe, os mais velhos levavam os mais pequeninos.

Esta necessidade de apoiar as famílias, o primeiro objectivo foi esse, apoiar as famílias, não teve nada a ver com o corpo docente da escola, ainda isso era

um sonho no sucesso educativo, ainda isso não se falava. Assim criou-se a Associação de Pais e Encarregados de Educação de Arcos de escritura pública e com estatutos. A Associação tinha sobretudo esta trilogia aluno-família-escola.

Os principais objectivos foram o apoio nas refeições escolares e nas actividades dos miúdos do jardim-de-infância. Começamos por criar uma cozinha com equipamento desde frigorífico, máquina de lavar loiça, arcas frigoríficas e começou-se a servir as refeições aos meninos do jardim-de-infância. Todavia, como a escola primária não tinha esta possibilidade, como era relativamente próxima, uma distância de 300 metros, o que aconteceu foi que começou-se a abrir às crianças da escola primária. Chegamos a ter mais de setenta crianças a almoçar e, isso era possível, através de uma verba mínima, uma coisa insignificante, uma verba simbólica que os pais pagavam, mas tínhamos muitos apoios, de empresas e laboratórios que até davam dinheiro.

As crianças do jardim almoçavam primeiro porque o espaço era reduzido, mas entretanto resolvemos fazer um jardim de raiz que é a actual Junta de Freguesia. Um espaço para as crianças do jardim onde em baixo faziam as suas actividades lectivas e num espaçozinho em cima fazíamos um pequeno dormitório para uma criança que estivesse mais doente ou quisesse descansar, mas tínhamos um problema que era subir umas escadas que eram um perigo, perigo terrível. As crianças ao subirem aquelas escadas obrigavam a uma vigilância maior do pessoal era um desgaste muito grande. Posteriormente passamos esse espaço para baixo, mas entretanto a Autarquia mudou e puseram-nos novamente lá em cima, quiseram a Junta de Freguesia em baixo por causa dos idosos poderem deslocar-se e tivemos que voltar outra vez lá para cima. Outra vez as mal paradas escadas.

Entretanto começaram a surgir os Agrupamentos escolares. A Junta de Freguesia dava o apoio e comprou uma carrinha, o que permitiu que as crianças já não tivessem que se deslocar, pois iam a casa buscá-las. Então nós começamos a receber as crianças das sete e meia às nove e depois das três e meia às seis, quando os pais vinham do trabalho. Havia um período em que

era apoiado pela AP Arcos em colaboração com a Junta de Freguesia, antes da abertura da escola, e as refeições à hora de almoço e o prolongamento até à vinda dos pais.

Houve sempre uma excelente articulação com os professores, nunca houve problemas, nunca. Chegamos a fazer com as escolas passeios lindíssimos, fomos ao jardim zoológico levar os miúdos. Tudo excelente recordação que esta Associação tem, sempre com o apoio da Câmara Municipal de Vila do Conde, na pessoa do Presidente da Câmara que saúdo-o e que é um homem que sempre se dedicou às escolas, sempre investiu nas escolas. Foi preciso um frigorífico e ele ofereceu o frigorífico, foi preciso uma arca e ele ofereceu uma arca e também nos dava uma verba o que permitia com que os pais não pagassem ou pagassem menos, porque tínhamos de ter funcionários das sete e trinta até às nove e das três às seis e tinha de ser pago.

**la falar da questão dos Agrupamentos, quando começaram a surgir os Agrupamentos, ainda dentro desta questão dos objectivos.**

Entretanto surgiram os Agrupamentos e quando surgiram nós tínhamos o problema da cantina das escadas e foi pensado pela Autarquia que existia à data em juntar o jardim no edifício da Escola Primária que tinha espaço e fazer uma cantina de raiz e ficar ali o Agrupamento todo jardim, 1º, 2º, 3º e 4º ano, porque havia condições, fazendo umas obras que não ficaram caras e ficou muito bonito. Entretanto muda a Autarquia e a oposição serviu-se do problema das escadas, que durou anos e anos e que Deus nos segurou e segurou as crianças que nunca houve um acidente grave, apesar de nós termos um seguro altíssimo para época de 100 mil contos. Era um seguro muito alto e que todas as crianças estavam cobertas.

Portanto, muda de Autarquia, o que estava em projecto, a Câmara Municipal cumpriu integralmente fazendo um jardim novo, uma cantina nova anexa à Escola de Arcos e ficou aí o Agrupamento todo.

Como a Autarquia mudou foi proposta da nova Autarquia, eliminar a AP Arcos ou tomar conta da AP Arcos. Na altura ainda estivemos a trabalhar mais ou menos quatro anos com a nova Autarquia, com muitas quezílias, com muitos problemas. Entretanto nessa altura, como eu não tinha nada a ver com

as refeições, começaram a levantar um grande problema à Câmara Municipal de Vila do Conde, porque era ela que geria as refeições. O problema não era comigo, eu não podia estar a envolver-me porque era um assunto entre Autarquias e Junta de Freguesia.

Em 2005/2006 foi inaugurado o tal o Agrupamento Escolas, fazem a transferência para baixo de todo o equipamento da AP Arcos, desde televisões, frigoríficos, varinha mágica, máquinas de lavar, talheres, fogões, copos, levaram tudo, sem darem satisfações a mim, nem à Câmara Municipal. Fiquei muito magoada, porque tinha lá coisas que, não eram minhas, foram para AP Arcos.

Entretanto éramos convocados para as reuniões que havia nas escolas, em que votavam na mesma na AP Arcos nos órgãos porque tinham pais, havia pais, havia pais que pertenciam. Nós fazíamos eleições conforme ia mudando. Era isto, acho que era de três em três ou de quatro em quatro anos. Nas eleições eles escolhiam-me sempre para Presidente, eles queriam que eu fosse sempre a Presidente.

Começamos a ir às reuniões à Junqueira que é o Agrupamento de Escolas. No início, um relacionamento normal, até que aparece o Presidente da Associação de Encarregados de Educação da Escola da Junqueira, que era precisamente o secretário da Junta de Freguesia desta terra o Engenheiro Amaro. Eu fui a três, duas ou três reuniões no Agrupamento.

#### **Tinha muitos associados a vossa Associação?**

Tínhamos, tínhamos associados, sócios e beneméritos. Todos aqueles que frequentavam a escola e o jardim eram sócios efectivos.

#### **Havia outras entidades inscritas como associadas na vossa Associação ou eram só os pais?**

Eram só os pais e encarregados de educação, os sócios beneméritos e os fundadores.

#### **Os pais costumavam recorrer à Associação?**

Sim, mas nós também recorríamos a eles. Exemplo disso era como nós afixávamos a ementa, posteriormente, fazíamos inquéritos sobre o tipo de alimentação para ver o que é que os pais gostavam e se gostavam.

**Quais eram as razões que levavam os pais a aderir à vossa Associação?**

Eram muitos. Havia uma boa articulação com o corpo docente, havia uma boa articulação com os pais. Os pais estavam envolvidos em tudo, nas festas, no melhorar isto, no informar. Havia uma motivação, eu acho que é isso. Os pais precisavam da Associação. Desde o ir buscar as crianças a casa, desde o prolongamento na escola, desde as refeições, tudo. Depois como já não precisavam para a refeição, precisavam só no transporte e nos apoios não lectivos. Nós tínhamos uma componente não lectiva de apoio às famílias das sete e meia da manhã às seis horas da tarde, às vezes até às seis e meia.

**Chegaram a estar integrados na FAPCONDE ou na CONFAP?**

Não. Nunca, não existia.

**Tendo em conta a informação que foi facultando podemos dizer que a postura que a vossa Associação tinha, para com a escola, era de parceria e envolvimento?**

Tudo, tudo.

**Como é que costumavam mobilizar os pais, por exemplo para as acções?**

Por correspondência.

**E com a Coordenadora da Escola?**

Por comunicado e oralmente.

**Como era a relação com o Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira?**

Antes disso, deixe-me dizer-lhe porque é que esta Associação se tornou inactiva, pois esta é que é a pergunta sagrada, porque isto tem a ver um pouco com esta pergunta.

O relacionamento com as escolas da Junqueira foi sempre excelente com o Professor Domingos, o Professor José Henriques, com os funcionários, com toda a gente, foi sempre excelente. O que me levou a ter um afastamento com o Agrupamento de Escolas que a AP Arcos estava representada no Conselho Pedagógico, foi porque o senhor Engenheiro Amaro que era Presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola da Junqueira,

começou a ter atitudes menos correctas para com a AP Arcos, menos correctas, fica por aí. As pessoas começaram-se a substituir e eu fiz-me substituir, tenho aqui provas disso. Comecei-me a fazer substituir no Conselho Pedagógico, comecei-me a fazer substituir nas reuniões da Associação em que ele era o Presidente e em que nós também lá estávamos, estava lá Touguinha, acho que era Touguinha e Rio Mau. Acontece que os meus colaboradores começaram-me a dizer: “Doutora não vou mais para o Pedagógico, eu não estou para aturar aquilo”, mas não estavam para aturar, não era o Conselho Pedagógico, era o senhor Engenheiro Amaro, porque ele era secretário da Junta e aqui houve um bocado de política.

**Então podemos dizer que o motivo é essencialmente político?**

O motivo foi essencialmente político, infelizmente, mas foi.

Eu acho que foi em 2005 em Março, isto parou em Março de 2005.

**Falando agora sobre as actividades, que tipo de actividades desenvolviam?**

Fazíamos festas de Natal que era um espectáculo. Era um verdadeiro espectáculo, para os pais, para os avós, para os amigos. O salão super cheio. Eram os pais que faziam a festa para os seus filhos. Os seus filhos, os meninos apenas eram autores numa pecinha para os pais. Senão eram os pais que faziam tudo, durante anos e anos.

As actividades da AP Arcos eram conhecidas e era uma coisa impressionante, como havia uma grande adesão as pessoas não se importavam de pagar para ir à festa. E este pagar era porque havia um grande lanche também.

Fazíamos também o cortejo de Carnaval com idas a Vila do Conde aos cortejos e que a AP Arcos estava sempre presente. Era uma dinâmica. Era muito, era tudo muito....há filmes, gravávamos filmes. As pessoas recordam, os pais a fazerem aqueles filmes, olhar aqueles filmes e ver aqueles avós que hoje são pais. Hoje já são pais, com vinte e tal anos, pois a nossa Associação ia fazer agora 25 anos.

**Já percebi que faziam várias festas e que eram sempre os pais que organizavam essas actividades em parceria com a Associação. Mas elas**

**eram definidas por quem? Era a escola que definia, era a Associação que definia, eram os pais que diziam que era necessário, como é que surgiam essas actividades?**

Era a articulação entre todos pais, escola e corpo docente existente.

**Então podemos dizer que essas actividades iam de encontro às necessidades reais da escola?**

Sim, mas não interferíamos muito na actividade lectiva e nas actividades organizadas pela própria escola, mas colaborávamos sempre que a escola precisasse. Recorda-me que muitas vezes era preciso dar uma lembrancinha à Educadora e a AP Arcos participava e estava sempre presente.

**Quando tinham as actividades como é que faziam a divulgação?**

Era muito simples. Fazíamos uma reunião pelo mês de Outubro e fazíamos a programação com plano de actividades. Também ajudávamos e poderíamos integrar ou não as actividades, por exemplo a Festa de Final de Ano era a escola que assegurava e a AP Arcos não interferia.

Na Festa de Natal, constituíamos um grupo de teatro, os pais iam ensaiar para a Sede da Junta. Começavam ali pelo mês de Novembro, os ensaios do teatro de Natal e começava-se a pensar no que era preciso para a ementa. Depois um dava isto outro dava aquilo, era uma partilha, os avós levavam os bolos.

**A comunidade envolvente também estava presente nestas acções?**

Sim, mas só pagavam os convidados, os que eram convidados desde que não fossem pais, irmãos e avós. Pagavam uma coisa simbólica.

**Não precisavam da participação de outras entidades?**

Não podíamos misturar contas da AP Arcos com uma coisa que é uma festa ou um passeio. Não misturávamos as coisas. Eram separadas, embora às vezes, sobrava dinheiro que revertia a favor das necessidades da AP Arcos. Os tesoureiros sempre sérios, sempre. Nunca quis nada com dinheiros. Sempre gente que poupava um cêntimo, um escudo naquela altura.

**Faziam a avaliação dessas actividades?**

Fazíamos, fazíamos.

**Como é que era feita essa avaliação?**

Reunia a Direcção e posteriormente fazia-se com o grupo todo, viam-se os pontos positivos e os negativos.

**Pelo que percebi, anteriormente referiu que também passavam inquéritos aos pais relativos às ementas, não era?**

Passávamos. Começou-se a fazer porque eu estava na saúde escolar e tinha uma nutricionista comigo, a Dra. Isabel Paiva que é hoje nutricionista na ARS Norte, era um privilégio.

**Deixando a questão das actividades, gostava de saber se haviam outras AP ou a Vossa foi a primeira?**

A nossa foi a primeira das Freguesias de Vila do Conde, não estou a falar na sede.

**Chegaram a ter algumas actividades em conjunto com outras Associações de Pais?**

Não.

**Mas, nunca o fizeram porquê?**

Porque elas nem existiam. As actividades que fazíamos eram para as crianças, para os pais das crianças, para as famílias das crianças e integrávamos as actividades quando solicitadas por entidades.

**Enquanto Ex-presidente de uma AP, se pudesse propor ou pensar em estratégias de actuação para as APEE “activas” o que diria ou proporia?**

Estratégias? Eu acho que os pais e as Associações têm muita dificuldade, eu teria a mesma dificuldade se fosse hoje, à frente da Associação de Pais em desenvolver muitas estratégias individualmente.

Eu acho que cada Associação de Pais é uma realidade local. Arcos só tem uma escola, tem um Agrupamento de escolinhas, é tudo, ali tudo juntinho. É uma coisa muito pequenina e onde seria muito fácil desenvolver actividades, porque é tudo muito concentradinho, mas só seria fácil se a política não se metesse e seria um trabalho bonito e interessante.

Cada Associação é uma realidade e existindo devia realmente pertencer à FAPCONDE, para posteriormente partilharem com as outras Associações, as suas próprias actividades, porque há coisas que nós fazemos em que....que às vezes o individualismo não leva a lado nenhum. É muito mais rentável o

trabalho em equipa, pois este desenvolve-se melhor, mas atendendo à realidade de cada um, sem dúvida nenhuma. A realidade de saúde de uma população não é igual em todo o país, o que não significa que não tenhamos que ter regras e seguir as orientações superiores. Tem que haver uma espinha dorsal, porque senão isto abandalha.

**Gostava de lançar uma última questão. Enquanto pessoa que trabalhou na área da saúde e que também já trabalhou na parte escolar, quais são as representações que considera que os pais têm acerca da escola? Como é que os pais vêm a escola, hoje em dia?**

Olhe, eu acho que os pais vêm muito mal a escola por causa da comunicação social. Acho que há outros aspectos, mas a comunicação social mata a escola, mata as famílias, mata tudo. Por outro lado, as famílias viveram a época das “vacas gordas” e exigem tudo da escola, mas não dão à escola.

**Aqui há uma outra questão, a referente aos direitos e deveres, não é? Porque querem ter direitos, mas cumprir com os deveres é difícil.**

Acho que está muito mal e que há uma falta de respeito muito grande, hoje com a escola. Até dá impressão que a escola tem culpa e que é a culpada de tudo.

Esta nova geração foi uma geração que não teve problemas. Estes pais foram os pais do 25 de Abril em que tudo lhes foi dado, tiveram empregos. Os avós tiveram empregos, os avós tiveram Segurança Social, os avós tiveram regalias sociais, os avós tiveram saúde de graça, os avós tiveram tudo e mais alguma coisa. Os filhos beneficiaram de toda a Segurança Social dos avós. E agora, os filhos foram criados e habituados a gastar, a esbanjar, mas exigindo. Os pais estiveram muito ausentes, está uma sociedade muito complicada.

**Mais uma vez agradeço a sua disponibilidade para colaborar nesta entrevista e, posteriormente, enviar-lhe-ei a transcrição da mesma.**

De nada.

**ANEXO 8**  
**ANÁLISE CONTEÚDO ENTREVISTAS**  
**EFECTUADAS AOS REPRESENTANTES APEE**

## ANÁLISE CONTEÚDO ENTREVISTA REALIZADA A “AC” DA APEEB

Categorias / Dimensões	Análise	Excerto
<b>Identificação</b>	AC exerce o cargo de Presidente desde a constituição da Associação, tem 35 anos, formação em Psicologia e é psicóloga.	“tenho 35 anos, sou Licenciada em Psicologia, sou Psicóloga de profissão e enquanto Presidente da Associação de Pais, eu exerço este cargo desde a sua constituição.”
<b>Categoria - Apresentação</b>		
<b>Definição</b>	----- Considera a que as AP são importantes e têm um papel significativo num Agrupamento, mas esse papel depende do que as APEE entendem por colaboração.	----- “considero que é extremamente importante uma Associação de Pais dentro de um órgão, dentro de uma instituição, como um Agrupamento de Escolas. Acho que é muito importante, dependendo também da perspectiva que a Associação tem em colaborar ou não.”
<b>Função</b>	A função da AP passa por fomentar uma articulação saudável entre os órgãos de gestão e os pais, pois os pais também são comunidade educativa e a sua presença é fundamental.	“é de extrema importância permitir uma articulação saudável entre os órgãos de gestão e os pais que a constituem, os pais também são comunidade educativa.” “eles foram sempre importantes, nós passámos a dar-lhes um estatuto diferente.”
<b>Categoria – AP Bagunte</b>		
<b>Tempo de existência</b>	AP recente, criada em 23 de Setembro de 2010.	“23 de Setembro de 2010.”
<b>Processo de Constituição</b>	O processo de constituição da Associação não foi difícil e a adesão dos pais contribuiu	“não considero este tipo de exercício de constituir esta Associação de Pais difícil, mas por ser algo

	para o processo, no entanto tiveram de ultrapassar algumas resistências.	totalmente novo em Bagunte, deparámo-nos com as normais resistências: o que é, para que serve, quem vai representar, dúvidas [...] depois de desmistificadas as dúvidas considero que foi fácil [...] mas confesso que realmente a adesão dos pais tornou tudo mais fácil.”
<b>Objectivos</b>	Os objectivos da Associação apostam no desenvolvimento de uma cultura de participação activa junto da comunidade educativa, apostando numa escola de sucesso.	“Tendo em atenção as nossas premissas, aquilo que é a missão a que nós nos propusemos, foram vários os objectivos que estiveram envolvidos na decisão da constituição da Associação de Pais, dos quais se destacam o desenvolvimento de uma cultura de participação activa, junto dos elementos que constituem a comunidade educativa, para desta forma contribuir para uma escola de sucesso, dando sentido e significado à expressão comunidade educativa.”
<b>Papel dos pais</b>	Os pais devem ter um papel mais participativo, activo e pró-activo. Com a existência de uma APEE estes sentem-se mais apoiados e preparados para favorecer o desenvolvimento biopsicossocial das crianças.	“A participação dos pais no percurso dos filhos tem que ser cada vez mais, tem que ser mais activa, mais pró-activa também, no sentido de darmos respostas também aos desafios que a própria Escola e o próprio sistema educativo nos coloca [...] havendo uma Associação, os pais não se sentem tão perdidos, tão à margem, andam mais organizados e, desta forma, também contribuimos para o desenvolvimento biopsicossocial dos nossos alunos.”
<b>Papel da comunidade</b>	Comunidade é importante e tem sido uma referência para a Associação.	“extremamente importante [...] tem sido uma base, uma pedra basilar, na construção desta própria Associação de Pais.”
<b>Número de</b>	AC referiu que são entre os 70 /75 o número	“rondam entre os 70 e os 75 associados”.

<b>Associados</b>	de associados da APEEB.		
<b>Tipo de Associados</b>	Os associados são compostos por pais ou encarregados de educação.		“Exclusivamente pais, pais ou então encarregados de educação.”
<b>Adesão dos Pais</b>	Pais sentem-se identificados com os objectivos da APEE, daí a sua adesão e contribuição para a constituição da AP.		“na base estão os objectivos que esta Associação se propôs na altura da sua constituição [...] pais reflectiram-se de alguma forma naqueles que foram os nossos objectivos e daí a adesão deles à criação e à constituição desta Associação de Pais.”
<b>Renúnciação</b>	A Associação já teve uma situação de renúnciação, tem como premissa que não é condição obrigatória pertencer à Associação dando liberdade de escolha e opção.		“Tivemos, quase no início [...] uma mãe que desistiu. Sentia-se desmotivada [...] é política da nossa Associação de Pais que não é condição obrigatória, está quem quer, estamos para ajudar e se para aquela mãe foi importante desistir naquele momento, teve o nosso apoio, como o terá quando resolver regressar”.
<b>Categoria – Movimentos Associativos</b>			
<b>Inscrição</b>	A Associação de Pais e Encarregados de Educação de Bagunte não está inscrita no FAPCONDE nem na CONFAP, todavia a Presidente sublinha a importância de integrarem a Rede Social de Vila do Conde.		“Ainda não [...] nós ainda não estamos até ligados à Rede Social, que considero que é extremamente importante, a Rede Social de Vila do Conde...” “...nosso objectivo é o de uma vez constituída esta Associação consolidá-la, mas de uma forma segura [...] não há nenhuma razão em especial para não estarmos inscritas na CONFAP ou na Rede Social, mas é algo que vamos e está projectado para fazer.”
<b>Categoria – Relação da AP com a Escola</b>			
<b>Relação</b>	A atitude que a Associação apresenta para com a escola e o Agrupamento baseia-se numa relação de parceria, colaboração, entendimento e articulação.		“postura é de parceria, de colaboração, de entendimento, de articulação.” “uma Associação de Pais nunca poderá actuar à margem de um Agrupamento de Escolas, portanto é assumido pela nossa Associação uma parceria que

		<p><i>seja a mais proficua possível, com todos os elementos, quer sejam os próprios órgãos de gestão, quer seja a Coordenadora de Escola, quer sejam os Professores do estabelecimento de ensino.”</i></p> <p><i>“baseiam-se essencialmente no envolvimento e na parceria”</i></p> <p><i>“ainda nenhum pai recorreu à Associação ou a um órgão da Associação para pedir ajuda [...] estamos muito bem representados pela Coordenadora do estabelecimento de ensino, penso que ela tem sido uma peça fundamental, na medida em que consegue resolver as situações naquele imediato e nem as passa para a Associação de Pais. As dúvidas que eles têm colocam-nas em Assembleia e delinearos sempre estratégias em conjunto.”</i></p> <p><i>“Temos [...] na altura da constituição da nossa Associação de Pais reunimos com o Director do Agrupamento que nos solicitou a nomeação de um elemento da Associação de Pais para representar o Conselho Pedagógico.”</i></p>
<b>Estratégias</b>	<p>As estratégias abarcam o envolvimento e a parceria.</p> <p>Os pais não recorrem à APEEB para encontrar soluções aos problemas que vão surgindo, fazem-no através da Coordenadora de Estabelecimento. Todavia, quando têm dúvidas colocam-nas em Assembleia onde, posteriormente são traçadas estratégias de actuação.</p>	
<b>Apelo dos pais</b>		
<b>Representação nos órgãos de gestão</b>	<p>A Associação tem um representante no Conselho Pedagógico, que foi solicitado pelo Director do Agrupamento.</p>	
<b>Categoria - Actividades</b>		
<b>Actividades desenvolvidas</b>	<p>Das actividades desenvolvidas destacam-se a Barraquinha da APEEB, S. Martinho, Jantar de Natal, Baile de Máscaras e Acção de Formação sobre a Higiene Oral.</p> <p>A Associação tem uma Professora de Música a leccionar no Pré-escolar, pois considera que em termos desenvolvimentais é bom para as crianças.</p> <p>As acções fomentam a presença de pais e</p>	<p><i>“Barraquinha da APEEB [...] em parceria com a Junta de Freguesia, fizemos parte da desfolhada com uma banquinha onde vendemos produtos hortícolas. Fizemos à nossa responsabilidade o S. Martinho, fizemos um lindíssimo Jantar de Natal [...] Baile de Máscaras do Carnaval.</i></p> <p><i>“temos uma Professora de Música a dar aulas no pré-escolar [...] considero que a música no pré-escolar é extremamente importante, assim como o</i></p>

	filhos no mesmo espaço.	<p>Inglês no 1º ciclo [...] em termos desenvolvimentais é muito bom para as crianças, na memorização, na descodificação dos sons.”</p> <p>“Desenvolvemos também uma Acção de Formação sobre Higiene Oral onde tivemos dois Enfermeiros.”</p> <p>“Nós tentamos que todas as nossas actividades sejam destinadas à presença de pais e filhos no mesmo espaço.”</p>
<b>Fundos</b>	Os fundos revertem a favor da Associação que, posteriormente, os utiliza em prol das necessidades dos estabelecimentos de ensino de Bagunte.	“Todo o dinheiro reverte a favor da Associação de Pais, que tem como principal objectivo depois responder às necessidades dos estabelecimentos de ensino, que correspondem à Freguesia de Bagunte.”
<b>Adesão</b>	A adesão é boa, sendo que a Acção de Sensibilização sobre a Higiene Oral foi a única de ficou aquém das expectativas devido ao mau tempo.	“A única que ficou aquém das nossas expectativas foi a Acção de Sensibilização da Higiene Oral. Foi num dia de inverno, foi em Novembro [...] o tempo estava terrível [...] mas vamos repetir.”
<b>Propostas</b>	Quanto às propostas de actividades, AC destaca que muitas são pensadas extra Associação, mas que são analisadas em Assembleia por elementos que fazem parte da Associação. Todas as decisões são tomadas em Sede de Associação.	“As decisões são tomadas em Sede de Associação [...] a informação circula, as ideias, nós falamos sobre isto com alguém, alguém sugeriu isto, trás à Assembleia, a Assembleia leva à discussão e acredito que muitas ou algumas até das nossas actividades sejam actividades que foram pensadas por pessoas extra Associação, mas que foram trazidas à discussão por alguém que faz parte da Associação.”
<b>Necessidades da escola</b>	Suprir as necessidades da escola é algo fundamental, todavia as actividades apostam, em primeiro lugar, na aproximação entre pais e filhos.	“as actividades visam dar resposta à aproximação dos pais aos filhos e vice-versa, que é essa a nossa premissa. [...] as necessidades da Escola é algo que vem depois, ou seja, nós desenvolvemos a actividade envolvendo pais e filhos em simultâneo, o

		<p>dinheiro que advir dessa actividade é que é convertido para suprir as necessidades reais da Escola.”</p>
<p><b>Divulgação</b></p>	<p>A divulgação das acções é feita oralmente ou através da afixação de cartazes por diversos espaços públicos da localidade (Juntas de Freguesia e escola) e locais de passagem (cafés). Os emails também são uma ferramenta de comunicação e estão a pensar criar uma página na internet.</p>	<p>“através da afixação de cartazes, boca-a-boca, emails. Nós estamos a pensar criar uma página na internet, estamos a pensar, já foi decidido, já sabemos quem vai fazer, agora é preciso disponibilidade e tempo para o fazer [...] nesta primeira fase, estamos a divulgar através de panfletos de folhas A4 imprimidas a divulgar as actividades e a afixar nos diferentes locais que vai desde Corvos à Aldeia Nova, Ponte de Árvore, Santana, na Junta de Freguesia, na Escola, nos próprios edifícios [...] os cafés também são um local de publicidade”.</p>
<p><b>Plano de Actividades</b></p>	<p>A Associação tem um Plano de Actividades próprio que actua em diferentes eixos: social, económico e educacional. Este é dado a conhecer à Coordenadora de Escola e ao Agrupamento para que conheçam o trabalho a ser realizado.</p>	<p>“temos um Plano de Actividades Próprio [...] no início de cada ano reunimos os órgãos e definimos as nossas estratégias, aquilo a que nos propomos desenvolver ao longo do ano em diferentes eixos: social, económico, educacional, em diferentes eixos [...] por uma questão de ética, damos conhecimento ao Agrupamento de Escolas da nossa pretensão, mas só para que o Agrupamento conheça o nosso trabalho, aquilo que nós nos propomos fazer num determinado momento da vida dos seus alunos, porque eles podem ser os nossos filhos, mas são alunos de uma Escola [...] é assim que baseamos essa parceria, partilha, pois é de bom senso dar conhecimento ao Agrupamento de Escolas, à Coordenadora do estabelecimento de ensino aquilo</p>

		<p>que nós nos propomos a fazer ao longo daquele ano lectivo.”</p> <p>“fazemos sempre, mas... nunca fazemos. A avaliação vem ter sempre connosco [...] ela é sempre avaliada, mas de fora para dentro e não de dentro para fora. É curioso que após a realização de uma actividade, nós somos contactados pelas diferentes pessoas, intervenientes que tiveram acesso à actividade: “correu muito bem, “têm que repetir”, “foi uma coisa fantástica”, “foi um momento extraordinário”, “têm que fazer mais vezes”, “como é que vocês se lembraram disto?”</p> <p>“estou bastante satisfeita com a avaliação que tenho, pelo menos o feedback que me tem chegado. Quanto aos aspectos menos bons, que eu tenha conhecimento, ainda não.”</p>
<b>Categoria – Relação entre as AP</b>		
<p><b>Existência de outras APEE</b></p>	<p>AC sabe da existência de outras APEE no Agrupamento, mas por ouvir falar. Evidência o nome de algumas Associações, mas revela desconhecimento quanto às que estão activas e às inactivas.</p>	<p>“sei que existem e conheço de ouvir falar, não que eu tenha intervindo directamente com alguns dos elementos, mas se não estou em erro Rio Mau, Arcos, Touguinha e é só, que eu conheça, que eu ouça falar, não sei... Touguinha esteve... não sei se ainda se mantém activa.”</p>
<p><b>Projectos em comum</b></p>	<p>A Associação nunca realizou projectos/actividades com outras Associações, porque tem necessidade de se conhecer melhor e de dar a conhecer o seu trabalho.</p>	<p>“nunca pensamos nisso porque ainda temos que nos conhecer a nós próprios, temos que dar tempo de nos conhecermos, de dar a conhecer o nosso trabalho [...] porque nós para fazermos parcerias também temos que ser bons naquilo que fazemos”.</p>
<b>Categoria – Propostas de Actuação</b>		
<p><b>Actividades</b></p>	<p>Têm as actividades planeadas e não prevêem</p>	<p>“nós temos algumas actividades já planeadas para o</p>

	<p>realizar algo de diferente. Refere que estão a caminhar lentamente e que têm que se conhecer melhor, para que, posteriormente, possam vir a efectuar acções conjuntas com as outras AP.</p>	<p><i>final do ano, mas assim de diferente, assim algo que saia do comum não, para já não. Estamos a caminhar lenta, mas seguramente. Quando pensarmos em algo será, acho que será todos em unísono, que é esse o meu objectivo, todos em unísono e isso ainda não se propôs, acho que temos que nos conhecer melhor.”</i></p>
<p><b>Perspectiva dos pais</b></p>	<p><b>Categoria – Representação dos Pais acerca da Escola</b></p> <p>Refere que são pais bastante heterogéneos, uns revelam traquejo para lidar com o sistema educativo, outros nem sabem a quem recorrer, nem qual é o seu papel enquanto pais e encarregados de educação. Sublinha que os pais vêem a escola como um espaço que serve para educar e que os filhos vão lá para aprender. Mas a escola é mais do que isso e os pais são uma peça fundamental, pois também são educadores.</p>	<p>“São pais bastantes heterogéneos. Há uma grande heterogeneidade no que diz respeito à idade dos pais, às origens, para uns o sistema educativo não é novidade e traquejam... há um grande traquejo, verifico que há pais que lidam com Professores, são pais que são licenciados, tem filhos mais velhos que já lidaram com o sistema de ensino, como é que as coisas funcionam. Há outros que não têm essa experiência, nem sabem a quem recorrer numa situação de pedido de ajuda ou se realmente as decisões passam só pelo órgão de Direcção ou se eles também tem um papel importante. Muitos deles não tinham noção de qual era o seu verdadeiro papel dentro do sistema educativo. Os pais são extremamente importantes, são uma peça fundamental deste puzzle, são uma peça fundamental.”</p> <p>“A escola serve para educar, eles só vão lá para aprender. Os pais viam a Escola como isso, é para aprender, eles vão lá para aprender. Mas a Escola é muito mais do que isso, os pais são muito mais do que pais, os pais também são educadores. Não são</p>

*só os Professores que são educadores, os pais também têm que ser educadores."*

## ANÁLISE CONTEÚDO ENTREVISTA REALIZADA A “NS” DA APEET

Categorias / Dimensões	Análise	Excerto
<b>Identificação</b>	<p>NS tem 35 anos é casado e tem três filhos. Possui Licenciatura em Comércio Internacional e exerce actividade profissional de Gestor de Clientes.</p> <p style="text-align: center;"><b>Categoria - Apresentação</b></p>	<p>“35 anos, casado e com três filhotes [...] tenho Licenciatura em Comércio Internacional, sou Gestor de Clientes.”</p>
<b>Definição</b>	<b>Categoria - AP</b>	-----
<b>Utilidade</b>	<p>Segundo NS a importância de uma APEE está relacionada com o apoio que os pais podem dar para o bom funcionamento da escola. Ressalta que o facto de as APEE serem constituídas por pais de crianças que frequentam o estabelecimento de ensino é uma mais-valia, na medida em que têm uma visão do que é feito e das necessidades existentes.</p>	<p>“baseia-se muito no apoio que nós possamos dar como pais para o bom funcionamento da escola.”</p> <p>“a nossa Associação de Pais ainda bem que é constituída por pais de miúdos que frequentam a escola, porque se fosse constituída por pessoas que não têm filhos na escola, se calhar, a visão era diferente, e também foi isso que levou a antiga Associação abdicar porque eles já não tinham ligação.”</p>
<b>Função</b>	<p>A função de uma APEE assenta no apoio que esta possa dar à escola através de coisas práticas. O apoio financeiro assume um papel de destaque, na medida em que, por vezes são necessários detergentes e é a APEET que colabora devido à insuficiente capacidade do Agrupamento fazer face a todas as despesas.</p>	<p>“Acima de tudo tentar dar o apoio através de coisas práticas que fazemos [...] isto não só ao nível do apoio financeiro, mas também a outros níveis, por exemplo, o segundo ano ficou sem Professora (...) e a Associação de Pais pôs os pés ao caminho e tentou resolver o problema com o Agrupamento. A nossa ajuda baseia-se muito no apoio que damos à Escola e no apoio ao nível monetário.”</p>

	<p>Ressalva que o trabalho que estão a fazer é de serviço público, logo têm a obrigação de fazer com que os seus filhos e os restantes alunos se sintam bem no espaço escolar.</p>	<p>“O Agrupamento diz que não tem dinheiro suficiente para cobrir todas as necessidades e quando falamos em necessidades falamos de coisas básicas, pois muitas vezes não há papel higiénico para os alunos, não há lixívia para lavar as casas de banho.”</p> <p>“O que estamos a fazer é um serviço público, não é remunerado, mas temos a nossa ligação à Escola, pois temos os nossos filhos lá, temos a obrigação de que os nossos e os outros se sintam bem.”</p>
<b>Categoria – AP Touguinha</b>		
<b>Tempo de existência</b>	<p>Associação de Pais com cerca de um ano, começando a sua actividade no início do ano lectivo.</p>	<p>“cerca de um ano, desde que começou este ano lectivo.”</p>
<b>Objectivos</b>	<p>Os objectivos da APEET passam pelo facto de terem os filhos integrados na escola e querer acompanhar o seu percurso escolar, além de apoiar e contribuir com coisas práticas com vista a colmatar necessidades existentes.</p>	<p>“o facto de terem os filhos integrados na escola, quererem acompanhá-los, estar atentos a todos os problemas como aos aspectos positivos que vão acontecendo, ou seja acompanhar a educação dos filhos [...] nós candidatamos para podermos ajudar os nossos filhos naquilo que falte à Escola e que não é pouca coisa. Acima de tudo tentar dar o apoio através de coisas práticas [...]”</p>
<b>Papel dos pais</b>		
<b>Papel da comunidade</b>	<p>Relativamente ao papel da comunidade indica que na Freguesia as pessoas não estão muito motivadas e que são sempre as mesmas que estão envolvidas e apoiam as Entidades e Associações locais, sendo exemplo deste tipo de situações o Presidente, Vice-presidente e Ex-presidente da APEET.</p>	<p>“o que acontece cá na Freguesia, infelizmente, é que a motivação para qualquer coisa não é muita. Eu não sou de cá, o meu cunhado também não é de cá, as nossas esposas é que são e nós é que estamos à frente da Associação de Pais, estamos na Direcção da Associação Cultural, não fazemos parte da Junta, mas apoiamo-la. As mesmas pessoas estão inseridas em tudo o que se faz nesta Freguesia. O</p>

			<i>Ex-presidente da Associação é o Tesoureiro e Secretário da Junta, ou seja, são sempre as mesmas pessoas que estão envolvidas em diversas Entidades e Associações.</i>
<b>Número de Associados</b>	Quanto ao número de associados refere que este não corresponde ao número de crianças que fazem parte dos estabelecimentos de ensino, porque há pais que não pagam e ainda criticam o trabalho que é feito.		<i>"Não tem o número de miúdos que estão nas escolas porque há pais que não pagam e ainda criticam o trabalho que é feito."</i>
<b>Tipo de Associados</b>	Os membros da Associação são compostos somente pelos pais.		<i>"Somente os pais."</i>
<b>Quotas</b>	As quotas são um valor fixo e servem para a aquisição de materiais que vão sendo necessários. Todavia os pais também pagam o prolongamento, sendo este valor definido tendo em consideração as crianças que beneficiarem deste serviço, ou seja, quantos mais alunos participarem mais económico fica.		<i>"Associação cobra quotas e cobra-se do prolongamento, as quotas servem para este apoio que prestamos à Escola e para pequenos materiais que são precisos, mas todos os meses, na última semana de cada mês, estamos aqui dois sábados a receber [...] mas também temos cá quem não pague." "É um valor fixo." "aqui quantos mais miúdos houver, os pais, menos pagam pelo prolongamento."</i>
<b>Adesão dos Pais</b>			-----
<b>Renúnciação</b>	A APEET nunca teve situações de renúnciação, embora tenha pais que não pagam.		<i>"Renúnciação não, mas há pais que não pagam."</i>
<b>Categoria – Movimentos Associativos</b>			
<b>Inscrição</b>	O Presidente indica que para se tratar de uma legalização é necessário dedicar mais tempo e alocar mais recursos. Reconhece que se tivessem legalizados poderiam passar		<i>"É preciso ainda mais tempo, mais do que aquele que nós temos para tratar da legalização... não temos número de contribuinte, devíamos estar legalizados se calhar na CONFAP, mas para isso é</i>

	<p>recibos, mas para isso seria necessário ter número de contribuinte, contabilidade organizada e os pais teriam que pagar mais pelas quotas, perante estes factos indica que não é esse o objectivo da existência da APEET.</p>	<p>preciso ter mais tempo é preciso alocar mais recursos [...] se tivéssemos legais poderíamos passar recibo do que recebemos, mas para isso temos que ter número de contribuinte, temos que ter contabilidade e não estou a ver os pais a quererem pagar mais 5€ por mês ou outro valor, só porque a Associação tem que estar legal e tem que pagar os seus recibos. Não sei se é esse o objectivo da Associação de Pais cá em Touguinha.”</p>
<p><b>Categoria – Relação da AP com a Escola</b></p>		
<p><b>Relação</b></p>	<p>A relação que a APEET tem com a escola é de proximidade, pois vão lá todos os dias e necessitam de manter o contacto com as pessoas.</p> <p>No que diz respeito ao Agrupamento, sublinha que existe mais burocracias e que a APEET não tem o intuito de complicar, mas sim de simplificar tudo o que envolva Escola/Agrupamento, Escola/Pais e Pais/Agrupamento. Todavia refere ainda que mesmo a APEET não sendo um órgão legal não tem que ter sequer ligação com o Agrupamento.</p>	<p>“Criamos a proximidade, nós como vamos todos os dias à escola [...] estamos perto da escola e precisamos de ter contacto com as pessoas.”</p> <p>Com o Agrupamento “há mais burocracias [...] nós não somos um órgão legal, mas a nossa função também não é complicar mas sim simplificar [...] estamos aqui para simplificar tudo o que seja Escola/Agrupamento, Escola/Pais, Pais/Agrupamento. O nosso objectivo é ajudar e não estamos cá para complicar nada. Estamos aqui para ajudar os nossos filhos a terem uma boa escola e para ajudar os pais das crianças que andam na escola a não se preocuparem com nada que tenha a ver com o bom desenvolvimento da escola, mas nós não somos legais, não fazemos parte do Ministério da Educação, não temos que ter ligação sequer com o Agrupamento, teoricamente nós não deveríamos ter ligação com o Agrupamento.”</p>
<p><b>Estratégias</b></p>	<p>As estratégias englobam um trabalho em equipa que é organizado e realizado em</p>	<p>“Tudo é organizado em conjunto, nunca somos nós que preparamos tudo nem são eles que fazem tudo.</p>

	conjunto, baseando-se na relação de proximidade e complementaridade.	<i>Eles treinam com os miúdos e nós preparamos o resto... desde os cenários, falamos com o Padre porque a actividade é aqui no salão, preparamos o lanche, as prendas de Natal para os miúdos, o Pai Natal, ou seja, só com esta relação de proximidade e complementaridade é que é possível.”</i>
<b>Apelo dos Pais</b>	Os pais procuram a APEET, tendo dado o exemplo da situação de à dois anos atrás quando quiseram tirar uma turma da escola.	<i>“Há dois anos tivemos uma situação ainda mais complicada ou melhor não era mais complicada queriam tirar uma turma de cá.”</i>
<b>Representação nos órgãos de gestão</b>	Têm um membro, no Conselho Geral, que pertence à antiga APEET.	<i>“temos um membro da antiga Associação que fazia parte do Conselho Geral e que ainda se mantém, já não faz parte da Associação e ainda se mantém como membro.”</i>
<b>Categoria - Actividades</b>		
<b>Actividades desenvolvidas</b>	Relativamente às actividades referiu a Festa de Natal, as restantes foram apresentadas pelo Vice-presidente.	<i>“Festa de Natal.”</i>
<b>Fundos</b>		-----
<b>Propostas</b>	As actividades já estão pré-programadas e surgem tanto dos professores como da APEET.	<i>“Em termos de Festas que já estão pré-programadas parte da Associação e dos Professores. De outras actividades depende um pouco, mas é unicamente a Associação a propor aos Professores ou vice-versa.”</i>
<b>Necessidades da escola</b>		-----
<b>Divulgação</b>	A divulgação das acções é feita através da entrega de um papel a cada aluno que é colocada na caderneta e, posteriormente, entregue aos pais. Por sua vez, a entrada da escola também é usada como meio privilegiado de divulgação.	<i>“Normalmente é por entrega na escola de um papel que é dado a cada aluno e que põem na caderneta para entregar aos pais.” “pôr à entrada da escola.”</i>

<b>Envolvimento dos Pais</b>	Os pais envolvem-se nas actividades, sendo exemplo a Festa de Natal em que os pais aderiram ao convívio, participaram com alimentos para o lanche e no final ajudaram a arrumar.	“exemplo da Festa de Natal, cada miúdo estava convidado a trazer um bolo ou algo para completar uma mesa de lanche para no final da Festa haver um convívio e os pais aderiram. Foi tudo feito sem que a Associação de Pais tivesse que pagar, assim como os pais. No final viam-se pais que não faziam parte da Associação a ajudar a arrumar.”
<b>Participação da Comunidade</b>	A comunidade participa, mas são sempre as mesmas pessoas que ajudam.	“Sim, mas quer dizer, são sempre as mesmas pessoas que ajudam.”
<b>Plano de Actividades</b>	-----	-----
<b>Avaliação</b>	Quanto à avaliação, o entrevistado refere que avaliação concreta a APEET não faz e que nem faz sentido fazê-la, pois isso pode ser verificável através do sorriso das crianças.	“Isso vê-se no sorriso das crianças e se eles gostarem dizem que gostam e se não gostarem também dizem que não gostam. Avaliação concreta... não fazemos, não faz sentido fazermos avaliação. A avaliação é... na Festa de Natal, por exemplo, os miúdos ficaram radiantes com a Festa, os pais gostaram da Festa, demos as prendas, no final apareceu o Pai Natal e a conclusão é que eles adoraram.” “Dar valor não é muito habitual nesta Freguesia.”
<b>Categoria – Relação entre AP</b>		
<b>Existência de outras APEE</b>	O Presidente da APEET refere que tem conhecimento da existência de uma APEE, mas não indica qual.	“Tenho de mais uma.”
<b>Projectos em comum</b>	Nunca houve projectos em comum com outras APEE do Agrupamento, mas admite poder ser a APEET um meio facilitador de aproximação, bem como a Direcção do Agrupamento que poderia promover um	“Não [...] se calhar poderíamos ser nós a promover isso, mas acho que para além de convidar deveria ser o Agrupamento a promover o intercâmbio entre as várias Associações e se eles dissessem que “estes senhores vêm para nos facilitar e para nos

	intercâmbio com as APEE existentes no Agrupamento da Junqueira. Porém ressalva que a Direcção deveria ser mais pró-activa.	<i>ajudar” ... porque deveriam ver-nos como um aliado. A Direcção da Escola deveria ser mais pró-activa.”</i>
<b>Categoria – Propostas de actuação</b>		
<b>Actividades</b>	Quanto a propostas de actividades destaca a existência de uma interligação mais forte e próxima com o Agrupamento.	<i>“Deveria haver uma interligação mais próxima com o Agrupamento.”</i>
<b>Categoria – Representação dos Pais acerca da Escola</b>		
<b>Perspectiva dos pais</b>	<p>O Presidente da APEET considera que os pais vêem a escola como um espaço que tem o dever de garantir a educação dos filhos e a obrigação de dar a educação que não têm em casa. Sente que neste momento os pais desejam que a escola seja multifacetada e cumpra a função de ensinar, educar e que faça um pouco de tudo.</p> <p>Perspectiva ainda que os alunos de hoje não têm medo dos pais nem dos professores e nem sequer têm orgulho em tirar boas notas, como acontecia consigo nos tempos de aluno.</p> <p>O problema da burocratização dentro das escolas é um dos aspectos a salientar, visto que quando se quer aplicar um castigo é necessário cumprir com uma série de parâmetros, nomeadamente reuniões, preenchimento de impressos entre outros aspectos.</p>	<p><i>“Neste momento eu vejo que os pais querem, nem todos, mas a maior parte dos pais pensam que a escola tem que ser o garante da educação dos filhos e tem que ser a escola a dar a educação que os pais não dão em casa aos filhos.”</i></p> <p><i>“reunião que tive no Agrupamento com os representantes dos pais, mais ao menos dois, três meses... um Professor queixava-se que as notas estavam a baixar muito e a justificação de um pai foi que “eu não consigo que o meu filho estude, porque ele chega a casa...” eu pedi a palavra e só disse uma coisa “eu quando estudava, quando era miúdo [...] primeiro tinha medo dos meus pais e em segundo dos meus professores, terceiro queria e tinha orgulho em ter boas notas.”</i></p> <p><i>“Os pais tem que dar primeiro educação aos filhos em casa e só depois preocupar-se com a escola, porque a escola serve para ensinar. Neste momento os pais estão mais preocupados com que a escola ensine, eduque, faça de baby sitter, que faça um bocadinho de tudo.”</i></p>

*“Depois a burocracia dentro das escolas também faz com que os Professores se baldem um bocadinho, porque se têm que apresentar/dar um castigo a um aluno na escola tem que haver reuniões, preencher não sei quantos impressos, têm que ser ouvidos, isto tudo só por causa de um castigo.”*

## ANÁLISE CONTEÚDO ENTREVISTA REALIZADA A “JS” DA APEET

Categorias / Dimensões	Análise	Excerto
<b>Identificação</b>	<p>JS tem 44 anos, dois filhos a frequentar a Escola de Medados, um no 2º ano e outro no pré-escolar. A sua formação académica é em Teologia e desempenha a actividade de Professor.</p> <p style="text-align: center;"><b>Categoria - Apresentação</b></p>	<p>“44 anos, dois filhos, Vice-presidente da Associação de Pais da Escola de Medados – Touguinha, casado, dois filhos a frequentar a Escola de Medados, um no 2º ano e outro no Pré-escolar. Tenho Licenciatura em Teologia e sou Professor.”</p>
<b>Definição</b>	<b>Categoria - AP</b>	
<b>Utilidade</b>	<p>Segundo JS a APEET têm vários exemplos onde demonstra a sua importância, designadamente no estabelecimento de uma ponte entre os pais e a escola, sendo exemplo o prolongamento e a funcionária que têm a prestar o serviço e a salvaguardar a segurança e bem-estar dos alunos e o facto de tentarem colaborar na resolução da situação que a escola teve com a turma do 2º no.</p> <p>Ressalva que a APEET funciona como um suporte para a escola ao nível de aquisição de materiais, com a excepção dos livros escolares que é responsabilidade dos pais e ou encarregados de educação.</p>	<p>“Já tivemos vários exemplos em que realmente demonstramos a nossa importância, a Associação estabelece esta ponte, pois temos muitos pais que saem cedo para o trabalho e não têm onde deixar os filhos [...] e aí é a Associação que assegura uma pessoa, a quem paga para fazer aquilo a que chamamos de prolongamento, ou seja, assegurar a segurança e o bem-estar dos alunos na escola enquanto não chegam os Professores e as aulas não começam. [...] Todo esse trabalho é feito pela Associação e quem diz esse também diz outros no âmbito de questões que vão surgindo ao longo do ano lectivo [...] este ano, por exemplo, houve a situação de uma Professora que estava a faltar e os pais do 2º ano estavam preocupados com isso, pois viam os alunos a “andar para trás” e, nós, agimos</p>

		<p><i>dentro do que era possível fazer-se junto do Agrupamento, junto da equipa de apoio à Escola do Agrupamento [...] no sentido de acelerar [...] o processo e que, brevemente, tivéssemos uma Professora na Escola a desempenhar funções e a garantir o ensino dos nossos educandos.”</i></p> <p><i>“o nosso suporte vai daí até às fotocópias, materiais que usam no Pré-escolar e no 1º ciclo. Tudo o que possa imaginar, à excepção dos livros escolares, porque isso é da responsabilidade dos pais, tudo o resto é assegurado pela Associação de Pais.”</i></p>
<p><b>Função</b></p>	<p>A APEET funciona como uma ponte entre pais e professores estabelecendo uma ligação de proximidade entre os agentes educativos.</p>	<p><i>“funciona [...] como uma ponte entre pais e Professores. Diminui [...] o trabalho aos professores porque não precisam de estar constantemente a contactar os pais para diversos fins, esse trabalho fica a cargo da Associação e funciona também para o lado dos pais, porque qualquer coisa que seja necessário sabem que têm uma Associação que os defende, protege, que intervém junto da Escola, Professores e do Agrupamento em função dos alunos desta Escola.”</i></p>
<p><b>Categoria – AP Touguinha</b></p>		
<p><b>Tempo de existência</b></p>	<p>Associação de Pais eleita em Setembro, no início do ano lectivo.</p>	<p><i>“abraçamos esta causa em Setembro, no início do ano lectivo.”</i></p>
<p><b>Objectivos</b></p>	<p>Os objectivos da APEET passam pelo facto de terem os filhos integrados na escola e quererem acompanhar o seu percurso escolar, bem como estar atentos às necessidades que vão surgindo e não quererem que sejam vedadas oportunidades</p>	<p><i>“o facto de terem os filhos integrados na escola, quererem acompanhá-los, estar atentos a todos os problemas como aos aspectos positivos que vão acontecendo, ou seja acompanhar a educação dos filhos [...] além de não querer que por razões económicas ou que por falta de acompanhamento do</i></p>

	por ausência de materiais ou condições.	Agrupamento ou outras situações, deixassem de fazer determinado tipo de coisas por não terem materiais ou condições.”
<b>Participação dos Pais</b>	Quanto à participação dos pais refere que são pessoas que quando convocadas aparecem, estão presentes e trabalham.	“Todos aqueles que fazem parte desta Associação e que têm trabalhado nesse aspecto podemos dizer, que não é só número, mas que são pessoas que quando a gente convoca para esta ou aquela actividade aparecem, estão presentes e trabalham.”
<b>Participação da Comunidade</b>	A comunidade é uma comunidade participativa, sendo essa atitude notória em algumas actividades como o Natal em que contribuíram com o lanche e colaboraram na arrumação. Destaca-se que o entrevistado perspectivou comunidade como comunidade educativa, em vez de, a comunidade do meio local.	“É uma comunidade participativa na actividade de Natal cerca de oitenta por cento dos pais contribuíram com alguma coisa para o lanche e estavam lá. Para arrumar foi um grupo que passou além da Associação de Pais.”
<b>Número de Associados</b>	A APEET não é uma Associação oficial e não têm um sistema de quotização ou de sócios. No entanto, refere que cada pai sente-se membro da Associação.	“Quando fala em associados fala no sentido oficial? Nós não temos esse tipo de sistema de quotização ou de sócios, mas pelo que se percebe e pela prática cada pai sente-se membro desta Associação.”
<b>Tipo de Associados</b>	Os membros da Associação são compostos somente pelos pais.	“Somente os pais.”
<b>Quotas</b>	As quotas são um meio para conseguirem dinheiro para ajudarem a escola e está estabelecido um valor fixo. Todavia o custo do prolongamento é efectuado à parte, porque corresponde ao número de alunos que estiveram presentes.	“Temos pais que pagam quotas e essas quotas são um meio para podermos ajudar a Escola.” “É um valor fixo. O sistema de prolongamento é que é à parte, porque é um valor retirado do número de alunos que fazem parte desse prolongamento para pagar à pessoa que fica com eles.”
<b>Adesão dos Pais</b>	-----	-----

<b>Renúncia</b>	<b>Categoria – Movimentos Associativos</b>	
<b>Inscrição</b>	<p>Refere que têm conhecimento da existência da CONFAP e da FAPCONDE, mas não estão inscritos porque não estão legalizados. A APEET tem Estatutos e numa das reuniões os membros analisaram os prós e contras da legalização, mas ainda não chegaram a nenhuma conclusão.</p>	<p>“Temos conhecimento, mas não estamos inscritos porque não estamos legalizados. A nossa Associação tem os Estatutos, mas não estamos oficialmente legalizados. Na última reunião que tivemos ou numa das primeiras até chegamos a pensar se devíamos legalizar-nos ou não, tentamos analisar os prós e os contras, mas ainda estamos em análise.”</p>
<b>Relação</b>	<p>JS apresenta uma opinião um pouco reservada sobre a relação entre a Associação e a Escola, nomeadamente com o Agrupamento, pois considera que não existe proximidade e é notório um desfasamento ao nível do conhecimento do estabelecimento de ensino. Ressalva que tem esta opinião, porque faz parte do Conselho Geral da Escola onde lecciona e que, enquanto Presidente, sente necessidade de visitar as escolas e de circular por elas.</p>	<p>“tenho uma opinião reservada porque, eu sou Professor também [...] faço parte de um Órgão da Escola, o Conselho Geral do qual eu sou Presidente, portanto, se não fosse o facto de eu ser Presidente do Conselho Geral eu não conhecia as Escolas que fazem parte do meu Agrupamento. Conheço-as porque muitas vezes em função do comprimento do papel que desempenho vou visitá-las e circular por elas, mas para os colegas ninguém sabe quais são as escolas. Neste Agrupamento é a mesma coisa há esse desfasamento, se fomos à Escola Sede da Junqueira e se perguntar se alguém conhece a Escola de Medados [...] a maior parte nem sequer conhece nem sequer saberá onde fica Touguinha. Por isso tenho sérias reservas e acho que não funciona bem.”</p>
<b>Estratégias</b>	<p>As estratégias de mobilização utilizadas baseiam-se no contacto directo com os Professores e a Coordenadora de Escola.</p>	<p>“contacto directo com os Professores e a Coordenadora do Estabelecimento. Essa é a nossa estratégia o contacto directo.”</p>

<b>Apelo dos Pais</b>	Os pais costumam recorrer à Associação de Pais e dão sugestões. São pessoas atentas, activas e dão apoio sempre que necessário.	<p><i>“Recorrem, como lhe disse naquela situação que lhe contei ainda há pouco sobre a substituição da Professora. Foram inúmeros os pais que sabendo que eu fazia parte da Associação e, tendo o meu filho lá também, me questionavam sobre o que íamos fazer, se podíamos fazer alguma coisa, inclusive davam sugestões, portanto procuram-nos.”</i></p> <p><i>“Os pais estão atentos, procuram-nos, são figuras activas e propõem se caso for necessário e se a gente precisar deles dar-nos-ão o seu apoio de certeza.”</i></p>
<b>Representação nos órgãos de gestão</b>	-----	-----
<b>Categoria - Actividades</b>		
<b>Actividades desenvolvidas</b>	As actividades desenvolvidas ao longo do ano são as comuns, designadamente, Festa de Natal, Festa de Final de Ano, Carnaval e Magusto.	“Festa de Natal, Festa de Final do Ano, Carnaval e Magusto.”
<b>Fundos</b>	Os fundos angariados são investidos na escola e o que sobrar fica para o ano seguinte.	“todo o dinheiro recebido é investido na escola, se sobrar de um ano fica para o ano seguinte.”
<b>Propostas</b>	As actividades são propostas em conjunto com os professores. De inovação pretendem este ano realizar uma acção com a turma do 4º ano RATES PARK onde estejam presentes alunos, professores, Coordenadora de Escola e os elementos da APEET.	<p><i>“são feitas em conjunto com os Professores, aliás até são acertadas datas do que se vai fazer.”</i></p> <p><i>“sugestões de actividades, principalmente actividades inovadoras daquelas que não se costumavam fazer, este ano dentro da própria Associação surgiu uma ideia nova e se tivermos dinheiro vamos tentar realizar no final do ano. Como o 4º ano é uma turma finalista queríamos</i></p>

		<p><i>proporcionar um passeio, um dia diferente [...] passar um dia [...] no RATES PARK, e passar ali um dia fabuloso com eles, iríamos os elementos da Associação de Pais a representar, os Professores de Turma e a Coordenadora de Escola.”</i></p> <p><i>Sem dúvida e nos momentos marcantes da Escola, Final de Período, Natal, Final de Ano.</i></p>
<b>Necessidades da escola</b>	<p>As acções pretendem dar resposta às necessidades reais da escola, principalmente nos momentos mais marcantes como Natal, Páscoa e Final de Ano.</p>	
<b>Divulgação</b>	<p>A divulgação das acções é feita por comunicação escrita, não sendo feita publicitação pelo meio local, visto que as actividades são unicamente para a comunidade escolar.</p>	<p><i>“É uma comunicação sempre escrita.”</i></p> <p><i>“[...] são sempre actividades direccionadas para a comunidade escolar, seja a comunidade no sentido docente ou discente ou de família, portanto pouco sentido teria divulgar pela comunidade.”</i></p>
<b>Participação da Comunidade</b>	<p>A comunidade costuma ser participativa e deu o exemplo da actividade de Natal em que participaram cerca de oitenta por cento dos pais.</p>	<p><i>“É uma comunidade participativa, eu acho que nessa actividade de Natal cerca de oitenta por cento dos pais contribuíram com alguma coisa para o lanche e estavam lá. Para arrumar foi um grupo que passou além da Associação de Pais.”</i></p>
<b>Plano de Actividades</b>	<p>A APEE tem um Plano Anual de Actividades onde constam as acções que serão efectuadas ao longo do ano lectivo.</p>	<p><i>“Temos o nosso Plano Anual de Actividades onde tem um conjunto de actividades que organizamos ao longo do ano.”</i></p>
<b>Avaliação</b>	<p>A avaliação não é um elemento significativo pois não têm tempo para a fazer. No entanto, em algumas das acções desenvolvidas é evidente a existência de feedback.</p> <p>O Vice-presidente ressalva que no final do primeiro ano de mandato poderão vir a fazer uma avaliação das actividades.</p>	<p><i>“Não temos tempo para isso.”</i></p> <p><i>“[...] recordo que na Festa de Natal houve pessoas que deram os parabéns e disseram que “eu gostei de terem posto como apresentador por cada ano pais de miúdos daquele ano”. Deram dicas de que as coisas tinham corrido bem, que tinha sido da satisfação deles o que tinham observado, não foi um feedback de oitenta por cento como para a</i></p>

		<p><i>contribuição do lanche, mas houve feedback. Todavia não quer dizer que no final do primeiro ano de mandato não façamos um balanço das actividades e se calhar vamos fazer.”</i></p>
<b>Categoria – Relação entre AP</b>		
<b>Existência de outras APEE</b>	<p>Relativamente à existência de outras APEE no Agrupamento da Junqueira refere que existe APEE em Bagunte e que a Escola Sede também deve ter, sendo notório um certo desconhecimento.</p>	<p>“Bagunte, a própria Escola Sede também deve ter.”</p>
<b>Desconhecimento</b>	<p>Face ao desconhecimento questiona JS se foi fácil contactar com a APEET e finaliza indicando que se foi um processo fácil é sinal que sabem da sua existência, todavia se não conhecem as restantes é porque nunca estiveram juntos nem foi proporcionado esse tipo de acontecimentos.</p>	<p>“Porquê? É uma boa pergunta? Foi-lhe fácil entrar em contacto connosco?”</p> <p>“nós existimos e que sabem da nossa existência, se nós não sabemos dizer de outras é porque nunca nos puseram frente a frente ou numa reunião geral. Na minha experiência enquanto professor, na minha escola eu faço ao contrário, eu convido para.”</p> <p>“Não.”</p>
<b>Projectos em comum</b>	<p>Nunca houve projectos em comum com outras APEE do Agrupamento.</p>	
<b>Categoria – Propostas de Actuação</b>		
<b>Actividades</b>	<p>Quanto a propostas de actividades indica o promover um dia de actividades conjuntas a partir das diferentes APEE ou das Escolas, na Escola Sede do Agrupamento.</p> <p>Sublinha a necessidade de presença e envolvimento das APEE nas acções e a importância de se trabalhar em conjunto com vista à unificação e de demonstrar que realmente são um Agrupamento.</p>	<p>“O que eu vejo como grande desafio, uma grande estratégia seria, por exemplo, promover a partir das diferentes Associações ou das Escolas que não tivessem Associação a Coordenadora de Estabelecimento uma actividade ou um dia de actividades conjunto de Agrupamento na Sede do Agrupamento [...] e com eles realizar um conjunto de actividade [...] desportivas, variadas com os miúdos, acho que seria assinalável e seria um desafio. Com os pais, não vejo mais o que se poderia fazer, quer</p>

		<p>dizer poderá haver mais com certeza, mas assim de momento não sei mais o que poderíamos fazer para, não estou a ver.”</p> <p>“no sentido de unificar pois sabemos que fazemos parte de um Agrupamento e devemos demonstrar que somos realmente um Agrupamento.”</p> <p>“seria uma forma até das Associações [...] serem convidadas, estarem presentes, participar na organização e nas actividades.”</p>
<b>Categoria – Representação dos Pais acerca da Escola</b>		
<p><b>Perspectiva dos pais</b></p>	<p>A escola é vista como um espaço de depósito onde as crianças são entregues e que não saem porque está vedada e tem funcionários a tomar conta delas. Os pais não se preocupam com os filhos a não ser quando acontece alguma coisa.</p> <p>Destaca que a os pais é que são os responsáveis pela educação dos filhos, mas estão sempre à espera que o ensino e a educação sejam assumidos pelos professores e funcionários.</p> <p>Alguns dos problemas que ocorrem no espaço escolar prende-se com o sistema de ensino e o facto de a educação ser diferente da de outrora, daí o exemplo das faltas a vermelho. Perante estas dificuldades há uns anos pensou-se em fazer trabalhos comunitários dentro da escola, mas muitos pais foram contra devido à humilhação.</p>	<p>“os pais têm a sua profissão, muitas vezes levantam-se cedo, vêm tarde e a Escola funciona como um depósito para os filhos, colocam-nos ali e eles estão ali, estão entregues, sabem que a Escola é vedada e dali não saem e que tem gente a tomar conta deles [...] não procuram saber como está o filho, como vai como é que não vai, excepto se acontecer” alguma coisa.</p> <p>“Os pais é que devem dar a educação aos filhos, mas estão à espera que sejam os Professores, os funcionários da Escola a fazê-lo, a fazer as duas coisas a ensinar e a educar. Embora não queira dizer que isto não seja também função do Professor, mas há educação que deve ser tida em família pelos pais e família em geral, e há outra que é um bocadinho diferente e que já pressupõe a anterior, a da família, para ser feita na escola.”</p> <p>“O problema é do sistema e é uma educação diferente. Não sou apologista de violência. [...] Hoje em dia já nem existem as faltas a vermelho e as</p>

*faltas que existem os alunos estão a borrifar-se para elas, pois não contam para nada, nem para reprovar nem para isto nem para aquilo, só conta para o Professor pensar que fez alguma coisa naquele momento, mas todos os agentes educativos sabem que aquilo não conta para nada.”*

*“há uns anos houve essa proposta de se fazer trabalhos dentro da Escola e, infelizmente, muitos pais foram contra [...] mas o castigo é isso mesmo, passa um bocadinho pela humilhação que o aluno vai ter naquela altura e que vai funcionar de certeza, enfim é um trabalho complicado.”*

## ANÁLISE CONTEÚDO ENTREVISTA REALIZADA A “MN” DA APEEA

Categorias / Dimensões	Análise	Excerto
<b>Identificação</b>	<p>MN tem 61 anos, possui formação em Medicina, mas neste momento está reformada. Exerceu a função de Presidente da APEEA cerca de 16 anos, entre os anos de 1988 a 2004/2005.</p> <p style="text-align: center;"><b>Categoria - Apresentação</b></p>	<p>“A Associação foi constituída como escritura pública por volta do ano 1988 e, desde então, eu praticamente estive sempre à frente da Associação de Pais até ao ano de 2004/2005. Tenho 61 anos. Licenciada em Medicina, mas reformada.”</p>
<b>Utilidade</b>	<p style="text-align: center;"><b>Categoria – AP</b></p> <p>Refere que as APEE são importantes e que podem contribuir para o sucesso educativo, principalmente quando são Associações com uma forte actividade e que em articulação com o corpo docente tentam resolver os problemas que vão surgindo diariamente. Por sua vez, estas Associações também têm um papel significativo no que respeita aos pais, pois são elas que muitas vezes que ajudam na resolução/minimização dos problemas que vão surgindo nas famílias, nomeadamente os de índole alimentar, transporte das crianças e apoio ao nível escolar e extracurricular.</p>	<p>“é extremamente importante para o sucesso educativo dos alunos (...) quando uma Associação de Pais está com uma actividade, com uma forte actividade, consegue uma articulação com o corpo docente e ajuda o corpo docente nos problemas que surgem no dia-a-dia da escola. Desta forma, consegue também resolver muitos problemas que as famílias têm, sobretudo, quando são pais em idade activa e laboral e que, muitas vezes, têm problemas com o transporte da criança, alimentação, apoio no âmbito escolar e extracurricular.”</p>
<b>Função</b>	<p>As APEE têm uma função, em que a base assenta numa articulação com o corpo docente, a fim de se alcançar o sucesso educativo.</p>	<p>“Eu considero que uma Associação de Pais para funcionar bem necessita de ter uma articulação com o corpo docente da escola, pois só assim é que conseguem alcançar o sucesso educativo.”</p>

<b>Categoria – AP Arcos</b>	
<b>Constituição da AP</b>	<p>A APEEA não tem historial de APEE antecessoras, sendo a primeira constituída em 1988.</p> <p>Os fundamentos que levaram ao aparecimento da APEEA basearam-se no facto de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- o jardim-de-infância de Arcos ser dos primeiros a surgir em Vila do Conde e ser um espaço que não tinha uma boa estrutura física;</li> <li>- zona de Vila do Conde ser um meio com várias empresas de confecção onde trabalhavam grande parte dos pais das crianças que frequentavam o jardim-de-infância. Perante este facto a APEEA deparou que a frequente mobilidade levava a que os pais tivessem pouco tempo para estar com os filhos e de os levar à escola, além de as crianças terem que fazer várias deslocações, muitas vezes sozinhas ou acompanhados pelos pais crescidos, entre o espaço familiar e o escolar para efectuar a refeição. </li></ul>
<b>Processo de Constituição</b>	<p>“O jardim-de-infância de Arcos foi dos primeiros, oficiais, do Concelho de Vila do Conde (...) tinhamos estruturas para funcionar e tinhamos um jardim-de-infância adaptado na Junta de Freguesia, mas não era um bom jardim-de-infância em termos de estrutura física, não era. (...) Na altura verificou-se que existiam muitas empresas de confecção nesta zona e que os pais para ir trabalhar tinham que se deslocar e as crianças tinham de fazer um percurso enorme para irem almoçar a casa, algumas andavam quilómetros para ir almoçar e voltar para a escola (...) o jardim como era muito pequeno, começou-se a fazer uma sopinha à hora de almoço. Ainda não existia Associação de Pais e já havia uma panelinha onde se fazia a sopa e as crianças já comiam pelo menos uma sopa e entretanto iam embora, uns sozinhos, outros...como a escola era muito longe, os pais velhos levavam os pais pequeninos.”</p>
<b>Objectivos</b>	<p>“Esta necessidade de apoiar as famílias, o primeiro objectivo foi esse, apoiar as famílias (...) a Associação tinha sobretudo esta trilogia aluno-família-escola. Os principais objectivos foram o apoio nas refeições escolares e nas actividades dos miúdos do jardim-de-infância.”</p>
<b>Constrangimentos</b>	<p>“Como a Autarquia mudou foi proposta da nova</p>

	<p>constrangimentos, sendo de assinalar dois grandes momentos. O primeiro foi quando mudou a Autarquia e esta tinha como pretensão eliminar a AP ou tomar conta desta. No entanto trabalharam em conjunto cerca de quatro anos, mas com muitas quezílias e problemas. O segundo estava relacionado com as reuniões que tinham na Escola da Junqueira, em que inicialmente tudo estava bem, até à presença do Presidente da APEE Agrupamento, que por sua vez era o secretário da Junta de Freguesia de Arcos e que não tinha um bom relacionamento com a APEEA.</p>	<p><i>Autarquia, eliminar a AP Arcos ou tomar conta da AP Arcos. Na altura ainda estivemos a trabalhar mais ou menos quatro anos com a nova Autarquia, com muitas quezílias, com muitos problemas. Entretanto nessa altura, como eu não tinha nada a ver com as refeições, começaram a levantar um grande problema à Câmara Municipal de Vila do Conde, porque era ela que geria as refeições. O problema não era comigo, eu não podia estar a envolver-me porque era um assunto entre Autarquias e Junta de Freguesia.”</i></p> <p><i>“Começamos a ir às reuniões à Junqueira que é o Agrupamento de Escolas. No início, um relacionamento normal, até que aparece o Presidente da Associação de Encarregados de Educação da Escola da Junqueira, que era precisamente o secretário da Junta de Freguesia desta terra o Engenheiro Amaro. Eu fui a três, duas ou três reuniões no Agrupamento.”</i></p>
<p><b>Papel da comunidade</b></p>	<p>A comunidade local sempre teve um papel significativo para a APEEA, principalmente a Junta de Freguesia que após a aquisição de uma carrinha começou a fazer o transporte das crianças. Este trabalho de articulação permitiu que as crianças comessem a passar mais tempo na escola e que tivessem um funcionário que assegurava o período das sete e meia às nove, a hora do almoço e o prolongamento até às dezoito horas.</p> <p>A Câmara Municipal também foi uma entidade</p>	<p><i>“A Junta de Freguesia dava o apoio e comprou uma carrinha, o que permitiu que as crianças já não tivessem que se deslocar, pois iam a casa buscá-las (...) começamos a receber as crianças das sete e meia às nove e depois das três e meia às seis, quando os pais vinham do trabalho. Havia um período em que era apoiado pela AP Arcos em colaboração com a Junta de Freguesia, antes da abertura da escola, e as refeições à hora de almoço e o prolongamento até à vinda dos pais.”</i></p> <p><i>“sempre com o apoio da Câmara Municipal de Vila</i></p>

	que investiu na escola, ofereceu alguns bens e contribuía com uma verba que permitia que os pais não pagassem ou pagassem menos pelo prolongamento.	do Conde, na pessoa do Presidente da Câmara que (...) é um homem que sempre se dedicou às escolas, sempre investiu nas escolas. Foi preciso um frigorífico e ele ofereceu o frigorífico, foi preciso uma arca e ele ofereceu uma arca e também nos dava uma verba o que permitia com que os pais não pagassem ou pagassem menos, porque tínhamos de ter funcionários das sete e trinta até às nove e das três às seis e tinha de ser pago.”
<b>Número de Associados</b>	Relativamente ao número de associados da APEEA não foi indicado um número concreto, mas foi possível perceber que de todos os alunos que estavam inscritos no jardim e na escola os pais eram sócios efectivos.	“Tínhamos, tínhamos associados, sócios e beneméritos. Todos aqueles que frequentavam a escola e o jardim eram sócios efectivos.”
<b>Tipo de Associados</b>	O tipo de associados era constituído por pais e encarregados de educação, os sócios beneméritos e os fundadores.	“Eram só os pais e encarregados de educação, os sócios beneméritos e os fundadores.”
<b>Pagamento verbas</b>	Os pais pagavam uma verba simbólica, porque diariamente havia setenta crianças a almoçar na cantina. Por sua vez, também beneficiavam do apoio de empresas e laboratórios.	“Chegamos a ter mais de setenta crianças a almoçar e, isso era possível, através de uma verba mínima, uma coisa insignificante, uma verba simbólica que os pais pagavam, mas tínhamos muitos apoios, de empresas e laboratórios que até davam dinheiro.”
<b>Solicitação de apoio pelos Pais</b>	Os pais pediam apoio à APEEA e a Associação também recorria a eles quando era necessário. Um exemplo nítido dessa solicitação estava no preenchimento de inquéritos de satisfação face à alimentação das crianças.	“Sim, mas nós também recorriamos a eles. Exemplo disso era como nós afixávamos a ementa, posteriormente, fazíamos inquéritos sobre o tipo de alimentação para ver o que é que os pais gostavam e se gostavam.”
<b>Adesão dos Pais</b>	Os pais tinham uma boa adesão e havia sempre uma boa articulação entre todos -	“Eram muitos. Havia uma boa articulação com o corpo docente, havia uma boa articulação com os

	<p>APEEA, corpo docente e pais. Os pais estavam envolvidos e motivados e segundo a ex-presidente, essa entrega estava relacionada com o facto de eles precisarem da Associação, nomeadamente ao nível do transporte, alimentação e do prolongamento.</p>	<p>pais. Os pais estavam envolvidos em tudo, nas festas, no melhor isto, no informar. Havia uma motivação, eu acho que é isso. Os pais precisavam da Associação. Desde o ir buscar as crianças a casa, desde o prolongamento na escola, desde as refeições, tudo. Depois como já não precisavam para a refeição, precisavam só no transporte e nos apoios não lectivos. Nós tínhamos uma componente não lectiva de apoio às famílias das sete e meia da manhã às seis horas da tarde, às vezes até às seis e meia.”</p>
<b>Categoria – Movimentos Associativos</b>		
<b>Inscritos</b>	<p>Nunca estiveram inscritos porque na época não existia a FAPCONDE nem a CONFAP.</p>	
<b>Categoria – Relação da AP com a Escola</b>		
<b>Relação</b>	<p>A relação com a escola foi sempre boa e esta baseava-se na articulação. A postura que a Associação tinha com a escola era de parceria e envolvimento. Relativamente às Escolas da Junqueira o relacionamento também era bom para com a Direcção como para com os funcionários.</p>	
<b>Representação nos órgãos de gestão</b>	<p>A APEEA tinha representação no Conselho Pedagógico.</p>	
<b>Motivo inactividade</b>	<p>A inactividade desta Associação prende-se com questões políticas, tendo a sua actividade cessado em Março de 2005. Segundo a ex-presidente os motivos da</p>	
<p>“Houve sempre uma excelente articulação com os professores, nunca houve problemas, nunca (...) a postura que a Associação tinha para com a escola era de parceria e envolvimento.”  “O relacionamento com as escolas da Junqueira foi sempre excelente com o Professor Domingos, o Professor José Henriques, com os funcionários, com toda a gente, foi sempre excelente.”  “AP Arcos estava representada no Conselho Pedagógico.”</p>		
<p>“O que me levou a ter um afastamento com o Agrupamento de Escolas (...) foi porque o senhor Engenheiro Amaro que era Presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação da</p>		

	<p>inactividade estavam relacionados com o Presidente da APEE da Escola da Junqueira (Engenheiro Amaro), que era também o secretário da Junta de Freguesia de Arcos, que teve atitudes pouco correctas com a APA, por sua vez estes comportamentos despoletou e ausência dos elementos da AP Arcos no Conselho Pedagógico.</p>	<p><i>Escola da Junqueira, começou a ter atitudes menos correctas para com a AP Arcos, menos correctas, fica por aí. As pessoas começaram-se a substituir e eu fiz-me substituir (...) comecei-me a fazer substituir no Conselho Pedagógico (...) nas reuniões da Associação em que ele era o Presidente e em que nós também lá estávamos, estava lá Touguinha, acho que era Touguinha e Rio Mau. Acontece que os meus colaboradores começaram-me a dizer: "Doutora não vou mais para o Pedagógico, eu não estou para aturar aquilo", mas não estavam para aturar, não era o Conselho Pedagógico, era o senhor Engenheiro Amaro, porque ele era secretário da Junta e aqui houve um bocado de política."</i></p> <p><i>"O motivo foi essencialmente político, infelizmente, mas foi. Eu acho que foi em 2005 em Março, isto parou em Março de 2005."</i></p>
<b>Categoria - Actividades</b>		
<p><b>Actividades desenvolvidas</b></p>	<p>As actividades desenvolvidas baseavam-se nos passeios, festa de Natal com presença de toda a comunidade escolar e aberta à comunidade local, além do cortejo de carnaval.</p>	<p><i>"Chegamos a fazer com as escolas passeios lindíssimos, fomos ao jardim zoológico levar os miúdos."</i></p> <p><i>"Fazíamos festas de Natal que era um espectáculo. Era um verdadeiro espectáculo, para os pais, para os avós, para os amigos. (...) Fazíamos também o cortejo de Carnaval com idas a Vila do Conde aos cortejos e que a AP Arcos estava sempre presente. Era uma dinâmica."</i></p>
<p><b>Propostas</b></p>	<p>As actividades eram apresentadas pelos pais, escola e corpo docente, mas havia articulação entre todos.</p>	<p><i>"Era a articulação entre todos pais, escola e corpo docente existente."</i></p>

<p><b>Necessidades da escola</b></p>	<p>As actividades iam de encontro às necessidades da escola, mas a APA não interferia nas actividades lectivas nem nas organizadas pela própria escola. Todavia estavam presentes para colaborar e participar com o que fosse necessário.</p>	<p>“Sim, mas não interferíamos muito na actividade lectiva e nas actividades organizadas pela própria escola, mas colaborávamos sempre que a escola precisasse (...) muitas vezes era preciso dar uma lembrança à Educadora e a AP Arcos participava e estava sempre presente.”</p>
<p><b>Divulgação</b></p>	<p>No início do ano lectivo a APA reunia e fazia a programação e o plano de actividades. A divulgação era feita de duas formas, aos pais através de correspondência e à coordenadora de escola por comunicado ou oralmente.</p>	<p>“Era muito simples. Fazíamos uma reunião pelo mês de Outubro e fazíamos a programação com plano de actividades. Também ajudávamos e poderíamos integrar ou não as actividades, por exemplo a Festa de Final de Ano era a escola que assegurava e a AP Arcos não interferia.”</p> <p>Os pais eram mobilizados “por correspondência”. A Coordenadora de Escola “por comunicado e oralmente.”</p>
<p><b>Participação da Comunidade Local</b></p>	<p>A comunidade local participava e havia adesão. Quando havia festas, os participantes pagavam um valor simbólico para ajudar, mas caso fossem familiares directos dos alunos o pagamento não se aplicava.</p>	<p>“Sim, mas só pagavam os convidados, os que eram convidados desde que não fossem pais, irmãos e avós. Pagavam uma coisa simbólica.”</p> <p>“As actividades da AP Arcos eram conhecidas e era uma coisa impressionante, como havia uma grande adesão. As pessoas não se importavam de pagar para ir à festa. E este pagar era porque havia um grande lanche também.”</p>
<p><b>Comparticipação de entidades</b></p>	<p>Havia participações, mas a APA tinha o cuidado com as despesas das actividades. Quando havia lucros o dinheiro era usado para colmatar necessidades.</p>	<p>“Não podíamos misturar contas da AP Arcos com uma coisa que é uma festa ou um passeio. Não misturávamos as coisas. Eram separadas, embora às vezes, sobrava dinheiro que revertia a favor das necessidades da AP Arcos.”</p>
<p><b>Participação dos Pais</b></p>	<p>Os pais participavam na festa de Natal eram eles que preparavam a festa para os filhos.</p>	<p>Festa de Natal “ (...) eram os pais que faziam a festa para os seus filhos. Os seus filhos, os meninos</p>

		apenas eram autores numa pecinha para os pais. Senão eram os pais que faziam tudo, durante anos e anos.”
<b>Avaliação</b>	Avaliação feita em reuniões com a direcção e com todo o grupo onde eram analisados os aspectos positivos e negativos.	“Fazíamos. Reunia a Direcção e posteriormente fazia-se com o grupo todo, viam-se os pontos positivos e os negativos.”
<b>Categoria – Relação entre as AP</b>		
<b>Existência de outras APEE</b>	Não, pois a AP Arcos foi a primeira a surgir em Vila do Conde.	“A nossa foi a primeira das Freguesias de Vila do Conde.”
<b>Projectos em comum</b>	Nunca houve projecto em comum porque não existiam outras APEE. As acções que desenvolviam era para as crianças e famílias e só integravam as de outras entidades quando solicitados.	“Não. Porque elas nem existiam. As actividades que fazíamos eram para as crianças, para os pais das crianças, para as famílias das crianças e integrávamos as actividades quando solicitadas por entidades.”
<b>Categoria – Propostas de Actuação</b>		
<b>Actividades</b>	Refere que as APEE têm dificuldades, mas que cada associação é uma realidade. Em Arcos seria fácil desenvolver actividades desde que não houvesse questões políticas. Seria importante que as APEE pertencessem à FAPCONDE e partilhassem as suas actividades, na medida em que o trabalho em equipa é mais benéfico.	“os pais e as Associações têm muita dificuldade, eu teria a mesma dificuldade se fosse hoje, à frente da Associação de Pais em desenvolver muitas estratégias individualmente (...) cada Associação de Pais é uma realidade local. Arcos só tem uma escola (...) é uma coisa muito pequenina e onde seria muito fácil desenvolver actividades (...) mas só seria fácil se a política não se metesse e seria um trabalho bonito e interessante.” “Cada Associação é uma realidade e existindo devia realmente pertencer à FAPCONDE, para posteriormente partilharem com as outras Associações, as suas próprias actividades, porque (...) é muito mais rentável o trabalho em equipa, pois este desenvolve-se melhor, mas atendendo à

		<p>realidade de cada um.”</p>
<p><b>Perspectiva dos pais</b></p>	<p><b>Categoria – Representação dos Pais acerca da Escola</b></p> <p>Considera que os pais não têm opiniões positivas acerca da escola devido aos meios de comunicação social. Hoje exige-se muito da escola e culpabilizámo-la acerca de tudo o que acontece de mal.  Fazemos parte de uma sociedade complicada e desestruturada, com pais ausentes e com hábitos de exigência.</p>	<p>“eu acho que os pais vêm muito mal a escola por causa da comunicação social (...) a comunicação social mata a escola, mata as famílias, mata tudo. Por outro lado, as famílias viveram a época das “vacas gordas” e exigem tudo da escola, mas não dão à escola.”</p> <p>“está muito mal e (...) há uma falta de respeito muito grande, hoje com a escola. Até dá impressão que a escola tem culpa e que é a culpada de tudo.”</p> <p>“Esta nova geração foi uma geração que não teve problemas. Estes pais foram os pais do 25 de Abril em que tudo lhes foi dado, tiveram empregos. Os avós tiveram empregos, os avós tiveram Segurança Social, os avós tiveram regalias sociais, os avós tiveram saúde de graça, os avós tiveram tudo e mais alguma coisa. Os filhos beneficiaram de toda a Segurança Social dos avós. E agora, os filhos foram criados e habituados a gastar, a esbanjar, mas exigindo. Os pais estiveram muito ausentes, está uma sociedade muito complicada.”</p>